

VIDAS DOS SANTOS

Padre Rohrbacher



AVISO AO LEITOR:

Os nomes de Santos acompanhados do sinal (*) indicam biografias compiladas por Jannart Moutinho Ribeiro, as quais constituem acrescentamento necessário à obra do Padre Rohrbacher.

PADRE ROHRBACHER

VIDAS
DOS
SANTOS

EDIÇÃO ATUALIZADA POR
JANNART MOUTINHO RIBEIRO

SOB A SUPERVISÃO DO
PROF. A. DELLA NINA

(BACHAREL EM FILOSOFIA)

VOLUME III

EDITORA DAS AMÉRICAS

Rua Visconde de Taunay, 866 — Telefone: 51-0988

Caixa Postal 4468

SÃO PAULO

NIHIL OBSTAT

Padre Antônio Charbel. S. D. B.

IMPRIMATUR

São Paulo, 10 de Julho de 1959

† **PAULO ROLIM LOUREIRO**

Bispo Auxiliar e Vigário Geral

Propriedade literária e artística da
EDITORA DAS AMERICAS

Vidas dos Santos

Vida dos Santos

Fevereiro

0131853 P

5.º DIA DE FEVEREIRO

SANTA ÁGUEDA

Virgem e mártir

De casa nobre e rica da Sicília, havia-se Águeda consagrado a Deus, desde a infância. O governador da ilha, tendo ouvido falar da sua beleza e bens, considerou-a objeto próprio para lhe satisfazer a impudícia e avareza, e tudo envidou para dela se apossar. Valendo-se dos editos de perseguição, ordenou a prendessem. A santa fêz, então, esta prece: "Jesus Cristo, soberano senhor de tôdas as coisas, sabeis qual é o meu desejo; sêde o único possuidor de tudo quanto sou, e conservai-me contra o tirano. Sou a vossa ovelha, tornai-me digna de vencer o demônio." O governador pô-la, durante um mês entre as mãos de uma péssima mulher, para que esta a desviasse; mas tudo foi inútil. Obrigou-a, então, pessoalmente, a um interrogatório no qual, tendo-lhe falado da sua nobreza, respondeu-lhe ela que a nobreza mais ilustre e a mais verdadeira liberdade consistem em servir a Jesus Cristo. Falando-lhe êle da adoração devida aos deuses, perguntou-lhe Santa Águeda se concordaria em ver sua própria espôsa como Vênus, e êle como Júpiter. O governador, não podendo

admitir tal idéia, mandou que a batessem no rosto e a conduzissem para a masmorra. Quando, no dia seguinte, lhe perguntou se havia pensado na maneira de salvar a vida, respondeu-lhe a santa: "Jesus Cristo é que é a minha vida e salvação". O governador ordenou que a torturassem; Santa Águeda padeceu



Décio, Imperador romano.

a tortura não somente com paciência, senão também com júbilo. Cada vez mais enfurecido, ordenou lhe torturassem os seios durante longo tempo, e depois lhos cortassem. "Tirano cruel e ímpio, disse-lhe ela, então, não vos envergonhais desta injúria, vós que sugastes o seio de vossa mãe?" Mandou êle que a reconduzissem à prisão, proibindo lhe ministrassem qualquer alívio e lhe dessem qualquer comida; mas pelo meio da noite, São Pedro lhe apareceu, curou-a e consolou-a. Quatro dias mais tarde, tendo de novo sofrido tormentos, Santa Águeda entregou a alma a Deus. "Senhor meu Deus, sempre me protegestes desde o berço. Fôstes vós que me desarraigastes do coração o amor do mundo e me destes a paciência necessária para sofrer. Recebei, agora, minha alma." O nome de Santa Águeda foi colocado no cânone da missa.

* * *

SANTO AVITO

Bispo de Vienne na França

Contemporâneo dos papas São Símaco e Santo Hormisda, bem como de São Remi, bispo de Reims, que batizou Clóvis, primeiro rei cristão da França, Santo Avito, oriundo de Auvergne, pertencia à primeira nobreza de Roma, era neto do imperador Avito e filho do senador Hesíquio, o qual, tendo abraçado a continência, com sua espôsa, sucedera a São Marmerto na sé de Vienne. Tendo-lhe morrido o pai em 490, foi Avito escolhido como seu sucessor; o irmão mais velho, Apolinário, tornou-se bispo de Valência. Ao nascimento ilustre, acrescentou Avito as virtudes e as qualidades. Distinguiu-se particularmente como poeta, e dêle temos seis poemas notáveis; 1.º sôbre a criação; 2.º sôbre a queda do homem; 3.º sôbre a sua expulsão do paraíso; 4.º sôbre o dilúvio; 5.º sôbre a passagem do mar Vermelho; 6.º sôbre o elogio da virgindade. Os três primeiros, a criação, o pecado do homem, o juízo de Deus, constituem uma espécie de todo, e podem ser considerados três cantos do mesmo poema, ao qual se pode chamar o *Paraíso perdido*.

Tendo sido o rei Clóvis batizado no natal de 496, santo Avito, embora pertencente a outro reino,

lhe escreveu uma carta para congratular-se com êle da conversão e rejubilar-se com todos os católicos.

No ano de 501, tendo sido o papa São Símaco acusado de alguns crimes pelos inimigos, pediu pessoalmente ao rei Teodorico fôsse a acusação examinada num concílio de bispos, que reconheceu não ter a acusação provas, e ser, por conseguinte, uma calúnia. Entretanto, quando se soube nas Gálias que um concílio da Itália tomara a si tarefa de julgar, todos os bispos ficaram alarmados, e incumbiram santo Avito de escrever sôbre o assunto, em nome de todos. Dirigiu êle as suas cartas aos dois primeiros do senado romano, ao qual também pertencia, e dizia: "Estávamos grandemente alarmados e dominados por cruel inquietação, no tocante à questão da Igreja romana, compreendendo muito bem que o nosso próprio estado, o bispado, vacila quando o chefe é atacado, e que a própria acusação, se tivesse abatido o estado do príncipe, a todos nós houvera abatido. Estávamos ansiosos, quando recebemos da Itália o decreto trazido pelos bispos italianos reunidos em Roma para a questão do papa Símaco. Embora um numeroso concílio torne tal decreto respeitável, compreendemos que o santo papa Símaco, se foi acusado antes, na presença do século, devera ter encontrado nos colegas consoladores e não juizes. Porque se o arbitrio do céu nos ordena sermos submissos às fôrças da terra, predizendo-nos que compareceremos perante os reis e os príncipes em qualquer espécie de acusação, não é fácil conceber por que motivo, ou em virtude de que lei, o superior é julgado pelos inferiores. Com efeito, tendo-nos o Apóstolo preceituado que não recebêssemos acusação contra um simples sacerdote, com que direito se pôde receber uma acusa-

ção contra o principado da Igreja universal? O próprio concílio bem o entreviu no seu louvável decreto, ao reservar para o juízo de Deus uma causa que (seja dito sem ofensa) havia consentido, quase temerariamente, em examinar, e quando, entretanto, deu testemunho, em poucas palavras, que nem êle nem o rei Teodorico não tinham encontrado prova dos crimes de que era acusado o papa.

“Eis porque, na qualidade de senador romano e bispo cristão, vos suplico não tenhais menos interesse pela glória da Igreja do que pela da república, empregueis por nós o poder que Deus vos concedeu, e não ameis menos na Igreja romana o trono de Pedro, que Roma, por vós considerada capital do mundo. Se nisso pensardes com a profundez que vos é peculiar, não vereis apenas a questão atual de Roma. Nos demais pontífices, se alguma coisa vacila, é possível reformá-la; mas se se duvida do papa de Roma, já não é mais um bispo, o próprio episcopado é que veremos vacilar. Não ignorais no meio de que tormentas das heresias conduzimos o barco da fé; se conosco temerdes tais perigos, será mister trabalheis conosco para defender o pilôto. Quando os nautas se rebelam ao que sustenta o leme, seria prudente ceder à fúria dêles, expondo-os também ao perigo, para puni-los? Quem se encontra à testa do rebanho do Senhor, dará contas da maneira pela qual o conduz. Não cabe, porém, ao rebanho exigir tais contas do pastor, e sim ao juiz (1)”.

Tão magnífica missiva é ainda menos honrosa para o papa Símaco que para os bispos das Gálias,

(1) Labbe, t. IV, 1362.

em nome dos quais foi escrita. É o mais belo monumento da igreja galicana.

Vienne fazia parte do reino da Borgonha, cujo rei era Gondebaud, Santo Avito, a quem Gondebaud dava provas de confiança, esforçava-se por conduzi-lo ao cristianismo. Um dia, instou tão vivamente com êle, que o rei ariano, não mais resistindo à evidência da verdade, lhe rogou o reconciliasse secretamente mediante a unção do santo crisma. Respondeu-lhe, todavia, Santo Avito: "Se verdadeiramente acreditais, por que temeis confessar a Jesus Cristo diante dos homens, como êle nos ordenou? O temor de uma sedição dos vossos súditos vos detém, quando se trata de obedecer ao Criador de tôdas as coisas! Sois rei, e temeis os súditos! Não sabeis que mais cabe a êles seguir-vos que vós conformar-vos à fraqueza dêles? Vós é que sois chefe do povo, e não o povo o vosso chefe. Quando partis para a guerra, sois o primeiro em marchar, e os soldados vos seguem. Fazei a mesma coisa no caminho da verdade; mostrai-a aos súditos entrando nêle, primeiro, e não os seguindo nas estradas do êrro" (1).

Era imperativo o discurso. Gondebaud não teve coragem para submeter-se. Mas, em 514, seu filho, o príncipe Sigismundo, abjurou públicamente a heresia de Ário, e se reuniu à Igreja católica. Sigerico, seu filho, neto de Gondebaud, não tardou em imitar o exemplo, e Santo Avito proferiu ao povo uma homilia sobre a questão. O título que nos resta nos diz que uma princesa, filha de Sigismundo, se havia reconciliado com a Igreja no dia precedente; trata-se,

(1) Greg. Tur., 1. II, n. 34.

aparentemente, da que foi casada com Thierri, rei da Austrásia. Mal Sigismundo abjurou a heresia, empreendeu a viagem de Roma, para reverenciar os túmulos dos santos apóstolos e apresentar os seus respeitos ao chefe visível da Igreja, à qual tivera a honra de se reunir. O papa Simaco recebeu o príncipe com honras proporcionadas ao júbilo que lhe causava a conversão. Deu-lhe várias relíquias, e, falando-lhe com a bondade e autoridade de um pai, lhe ministrou salutareos conselhos, tão bem recebidos quanto os presentes. Sigismundo, no regresso, testemunhou o reconhecimento numa carta ao papa, ditada por Santo Avito, e levada pelo diácono Juliano. Nela chama a Simaco prelado da Igreja universal; atribui a sua conversão às preces do santo pontífice, agradece-lhe os conselhos paternais, e roga-lhe que lhe envie relíquias de São Pedro, pois não havia podido recusar a diversas igrejas uma boa parte das que levava de Roma (1). Embora Gondebaud permanecesse na sua heresia, não parece ter desaprovado a conversão do filho; pelo menos, não o impediu ela de associar o filho ao reino. Sigismundo mantinha a sua côrte em Genebra. Dedicou os primeiros cuidados a purificar a cidade, que desde então era uma espécie de asilo, não sòmente para os arianos, senão também para os demais hereges e cismáticos, como vemos numa carta de Santo Avito. São Máximo, bispo de Genebra, animou e sustentou o zêlo do príncipe; aconselhou-lhe fazer reconstruir e aumentar o mosteiro de Agaune em honra dos santos mártires da legião tebana.

(1) Inter Avit., epíst. XXVII.

Em 517, Santo Avito escreveu ao papa Santo Hormisda no tocante ao regresso dos cismáticos do Oriente à unidade da Igreja romana. Segundo as exortações do próprio papa, os bispos de Borgonha realizaram, no mesmo ano, um concílio em Epaona. Santo Avito presidiu a êle, com o amigo São Viventiole, bispo de Lião. Morreu em 525, famoso tanto pela ciência como pela piedade.

* * *

OS MÁRTIRES DO JAPÃO

Tendo sido o cristianismo introduzido no Japão, no ano de 1549, por São Francisco Xavier, realizou maravilhosos progressos mesmo depois da morte do santo.

Em 1596, em seguida a revoluções políticas, iniciou-se uma perseguição, sob o imperador Taicosama, o qual se fazia adorar como deus. Um navio espanhol, rumando das Filipinas à Nova Espanha, e ricamente carregado, foi batido por violenta tempestade nas costas do Japão. O rei ou governador japonês de Tosa convidou o capitão do navio a refugiar-se no seu pôrto, onde o navio entrou e foi confiscado em proveito do imperador Taicosama. O piloto do navio quis amedrontar os japoneses com o poderio do rei da Espanha. Tendo notado um mapa do mundo, mostrou-lhes tôdas as regiões de um e de outro hemisfério que obedeciam aos espanhóis. Os presentes pareceram extremamente surpreendidos com o fato de um só homem ser amo de quase a metade do mundo, e um ministro do imperador perguntou ao piloto de que meios se haviam os espanhóis servido para formar tão enorme monarquia. "Nadá mais fácil, retrucou o infeliz; os nossos reis começam por enviar ao país religiosos que levam o povo a abraçar a nossa religião, e quando os progressos já se tornaram consideráveis, enviam-se tropas que se

unem aos novos cristãos e pouco trabalho têm para terminar a obra."

Diante daquela narrativa, falsa e imprudente, Taicosama enfureceu-se. Em 9 de dezembro de 1596, novos religiosos de Mecaco e Osaka foram detidos. Tratava-se de três jesuítas e seis franciscanos. Os primeiros, japoneses de nascimento, chamavam-se Paulo Miki, filho de um senhor da cõrte de Nobununga, e que pregava com grandes frutos, havia vários anos. João Soan ou de Gotto, nascido no ano de 1578, de pais cristãos, vivia com os jesuítas de Osaka, quando lhe foram dados tutores; dependia exclusivamente d'ele retirar-se; pelo contrário, pediu que o acolhessem na companhia, o que lhe foi concedido. Diego ou Tiago Kisai era um bom artesão, que recebera o batismo na mocidade, e se retirara para o seio dos jesuítas, onde exercia as funções de catequizador.

Os padres de São Francisco encontraram-se, em número de seis, nas cidades de Osaka e de Meaco, a saber: três sacerdotes, um clérigo e dois leigos. Os três sacerdotes eram os padres Pedro Batista, Martin d'Aguires ou da Ascensão, e Francisco Blanco. O clérigo chamava-se Filipe de las Casas ou de Jesus. Os dois leigos eram Francisco de Parilha ou de São Miguel, e Gonzales Garcia.

O padre Pedro Batista vinha de Castel-San-Stephano, na diocese de Ávila; jovem, entrou na religião e após nela ter desempenhado vários cargos, foi enviado às Filipinas; a princípio, fizeram-no custódio em Manilha, depois comissário. Demitiu-se algum tempo depois do cargo, para dedicar-se à contemplação, na soledade; mas levaram-no a assumi-lo de novo, a fim de o exercer no Japão. Entre várias

coisas maravilhosas que se narram do grande religioso, assegura-se que um dia de Pentecostes, curou uma jovem japonêsa inteiramente coberta de lepra, e que, ao mesmo tempo, surgiu uma espécie de línguas de fogo sôbre a cabeça de quantos presenciavam o milagre, e cuja maiôria teve, em seguida, a honra de confessar a Jesus Cristo, uns mediante a perda dos bens ou da pátria, outros mediante a perda da vida.

O padre da Ascensão era oriundo, segundo uns, de Vergara, na província de Guipúzcoa; segundo outros, provinha de Varenquela, na Biscaia. Conhecia muito bem a língua do Japão e pregava com grande zêlo e bastante fruto. O padre Blanco era de Monterey, na Galícia. Ambos muito jovens, embora o primeiro tivesse ensinado teologia antes de se transferir para o Japão.

Filipe de Jesus nascera no México, de pais espanhóis; o seu comportamento, durante os primeiros anos de mocidade, não dava nenhuma esperança de que, um dia, seria santo. Transcorreu-os em tão grande libertinagem, que atraiu o ódio da família. O jovem voltou à lucidez, mudou de vida e vestiu o hábito de São Francisco. Não o usou por longo tempo, e voltou ao século. Os pais, para não terem perante os olhos criatura que lhes causava tantos desgostos, mandaram-no traficar na China; mas Filipe, mal se viu entregue a si próprio, num país em que lhe era dado satisfazer, à vontade, os pendores, assustou-se com o perigo que corria. Ao mesmo tempo, lembrou os grandes exemplos de virtude que tantas vêzes havia testemunhado no claustro; tudo aquilo lhe causou tão grande impressão, que resolveu retomar o santo hábito covardemente pôsto de lado.

Para tanto, viu-se obrigado a transportar-se para Manilha, por alguns negócios que diziam aparentemente respeito ao seu comércio, e, mal os terminou, entrou no mosteiro dos Anjos, ocupado pelos franciscanos reformados de São Pedro d'Alcântara. A nova chegou ao México. Os pais de Filipe, radiantes, rogaram com insistência ao comissário geral da congregação, então na Nova Espanha, lhes proporcionasse o consôlo de ver o filho, uma vez que havia retomado o caminho da santidade, que era tudo quanto desejavam para êle. Filipe recebeu, portanto, a ordem de regressar na primeira oportunidade ao México; para isso, achava-se no galeão espanhol confiscado num pôrto do Japão. Filipe foi enviado a Meaco, e lá se encontrava no momento em que os guardas se incumbiram de vigiar o convento da ordem.

Nascera Gonzales Garcia em Bazain, nas Índias orientais, de pais portugueses; havia por longo tempo comerciado no Japão. Numa viagem às Filipinas, tendo sabido dos franciscanos reformados, concebeu tão grande desdém pelos bens da terra, que renunciou à maior riqueza por êle próprio amontoada, e abraçou a pobreza evangélica. Sustentou a resolução com tal firmeza, que o padre Batista o escolheu para acompanhá-lo ao Japão, onde Deus lhe preparava algo de mais precioso. Diz-se que Taicosama ficou extremamente edificado ao saber que o pobre religioso fôra um riquíssimo comerciante. Afeiçoando-se-lhe, era com prazer que o via.

Francisco de São Miguel era castelhano, de Padilha, na diocese de Valência. A princípio, entrou para a ordem dos franciscanos, entre os quais viveu algum tempo gozando de grande reputação de santi-

dade; em seguida, o desejo de maior perfeição o fêz ir para uma província na qual se observavam estritamente as regras. Ao cabo de alguns anos, foi enviado às Filipinas, onde Deus lhe recompensou a eminente virtude com o dom dos milagres. Um dia, deparou-se-lhe uma mulher indiana a ponto de expirar, e que já tinha perdido a palavra; o santo nada mais fêz senão o sinal da cruz sôbre a bôca da enferma, e no mesmo instante recobrou ela a palavra; a primeira coisa que fêz foi pedir o batismo, que lhe foi concedido. Um indiano fôra mordido na perna por uma serpente, cuja mordida era considerada incurável; o santo religioso fêz o sinal da cruz sôbre o ferimento, e a perna já excessivamente inchada, voltou ao estado natural. Deus ainda favorecera o seu servidor com uma oração contínua e um ardentíssimo zêlo pela salvação das almas (1).

Eis quem eram os nove religiosos detidos por ordem de Taicosama. Havia, mais, êsse príncipe ordenado se fizesse uma lista de todos os cristãos que freqüentavam as igrejas de Meaco e Osaka, e o número se elevou a tal ponto que o ministro incumbido da questão ficou terrificado. Assim, mandou suprimir a ordem, dizendo que a intenção do imperador não era despovoar o império, causando a morte de todos os cristãos, mas sòmente punir os religiosos vindos das Filipinas, que, abertamente, lhe desobedeciam as ordens. Não deixou de se alastrar por tôda parte a nova de que iriam ser presos todos os cristãos que fôssem encontrados nas igrejas ou com um missionário, e ela despertou no coração de todos

(1) Hist. do Japão, t. IV, 1. X.

os fiéis tamanho júbilo e desejo de martírio que provocaram a admiração dos idólatras.

O primeiro em dar tão maravilhoso exemplo foi um general de exército, Justo Ucondono, filho de Tacaiama. Alguns meses antes, vira seu ilustre pai morrer-lhe entre os braços louvando o Senhor até o derradeiro suspiro e agradecendo-lhe por havê-lo julgado digno de morrer confessando a Jesus Cristo. Ucondono estava em casa de seu amigo, o rei de Canga, quando, à notícia da perseguição, rumou para Meaco, em casa do padre Gniecchi, jesuíta, a fim de morrer com o religioso, cuja virtude tanto respeitava. Enquanto lá se encontrava, viu chegar, com o mesmo intuito, os dois filhos do vice-rei de Tensa, grão-mestre da casa do imperador.

Um senhor muito rico e poderoso, mas batizado havia pouco, mandou publicar, nas suas terras, que puniria severamente quem quer que, interrogado por ordem do imperador se o amo era cristão, dissimulasse a verdade. Outro, sabendo que não ousavam ir buscá-lo pessoalmente, foi com a espôsa, conduzindo êle um menino de dez anos, e ela uma criancinha ao colo, apresentar-se a um dos que comandavam Meaco. Um parente de Taicosama, a quem o príncipe dera três reinos, foi encerrar-se com alguns jesuítas, para não perder a ocasião de com êles morrer. Um dia, viu-se a ilustre rainha de Tango, que recebera no batismo o nome de Graça, trabalhar com as filhas na feitura de magníficas vestes, para surgir com mais pompa no dia do triunfo, como costumava dizer. Por tôda parte, só se viam pessoas de tôdas as classes, exclusivamente interessadas em não deixar escapar o momento favorável de confessar a Jesus Cristo perante os representantes

do imperador. As mulheres de categoria reuniam-se nas casas em que julgavam poder ser facilmente descobertas, e houve em Meaco uma jovem que rogou às amigas, no caso de a virem tremer ou recuar, a arrastassem à fôrça para o lugar de suplício. Numa palavra, os meios de obter a honra do martírio constituíam a grande ocupação dos fiéis de tôdas as idades, dos dois sexos e de qualquer condição social.

Ongasaiara, gentil-homem do Bungo, sabendo que se estavam organizando listas de cristãos, declarou públicamente que ninguém lhe podia disputar a honra de nelas estar inscrito entre os primeiros. Fizeram o que desejava, e êle, em seguida, tratou de conquistar para sua família a ventura que julgava ter assegurado a si próprio. Contudo, no caso do velho pai, com oitenta anos e batizado havia apenas seis meses, houve por bem rogar-lhe se retirasse para uma casa de campo, onde ninguém iria procurá-lo. Não obstante os rogos, não quis o ancião ouvir falar de fuga, pretendendo morrer por Deus, mas de armas na mão, como convinha a um velho soldado. Entra, pois, comovido, no aposento da nora e a vê entretida em fazer para si própria vestes adequadas; ao mesmo tempo, vê os criados, e até os meninos, preparar, êste um relicário, aquêle um rosário, outros um crucifixo; pergunta qual a causa de todo aquêle movimento, e respondem-lhe que se preparam para o combate. "Que armas, e que espécie de combate! exclama. — Aproxima-se da jovem nora. Que estais fazendo, minha filha? indaga-lhe. — Preparando as minhas vestes, responde ela, para apresentar-me com mais decência, quando me crucificarem, pois, segundo se afirma, serão crucificados todos os cristãos." Fala com tal doçura, tranqüilidade e contentamento, que

deixa o sogro atônito. Êste, calado, fitou-a durante algum tempo; depois, como que voltando de profunda letargia, abandona as armas, tira o rosário e, segurando-o entre as mãos: "Pronto, diz, eu também serei crucificado convosco."

Os primeiros mártires da perseguição foram duas jovens escravas mortas pelos amos, por ódio ao cristianismo. A mais tenra idade deu exemplos da mais heróica valentia. Um menino de dez anos era filho de um pai que, após haver covardemente abjurado a fé, quis convencer o filho a abraçar a apostasia. Encontrou uma resistência inesperada; mais surpreso ainda ficou quando o menino, cansado de palavras, lhe respondeu: "O pai, que seja homem de honra, só deve ter um interêsse: o de levar os filhos à prática da virtude. Ê pasmoso, meu caro pai, que depois de haverdes, por covardia, renunciado ao culto do verdadeiro Deus, queirais tornar vosso filho cúmplice de tão grande infidelidade. Deverieis, pelo contrário, tratar de voltar ao seio da Igreja e não arrancar-me dêle. Quanto a vós, porém, fareis o que mais vos aprouver: não há lei que ordene a um filho imitar a perfídia do pai, e espero que Deus me conceda a graça de lhe ser fiel até o fim, apesar de todos os vossos esforços." A declaração irritou extremamente o pai apóstata o qual, no primeiro instante de cólera, expulsou o filho de casa. O menino saiu contentíssimo e, considerando-se órfão, sem nenhum auxílio da parte dos que lhe tinham dado a vida, lançou-se entre os braços da Igreja, que lhe serviu de mãe, incumbindo-se dêle um missionário. Outros inúmeros meninos demonstraram a mesma firmeza, e um ardor, para serem inscritos nas listas, que por tôda parte espalhou a mais profunda admiração.

Todavia, graças a vários incidentes, apaziguou-se o grande movimento. O número de presos se reduziu a quinze, sendo, posteriormente, levado a dezessete: cinco religiosos de São Francisco e doze leigos, a maioria criados ou catequistas dos padres. Sendo êstes chamados pelos nomes, verificou-se que um dêles, Matias, fôra fazer compras para a casa. Um bom artesão da vizinhança ouvindo gritar "Onde está Matias? aproximou-se e disse: Chamo-me Matias; não sou, aparentemente, quem procurais, mas sou cristão como êle e disposto a morrer pelo Deus que adoro. — É o bastante, retrucou o oficial; pouco me importa, contanto que a minha lista fique completa." O mártir Matias foi, portanto, acrescentado aos dezesseis, como foi o apóstolo São Matias acrescentado aos onze. Em 31 de dezembro, acrescentaram-se-lhes outros sete; os três jesuítas, um religioso de São Francisco e três seculares, o que elevava o número a vinte e quatro.

Entre os cristãos condenados à morte, havia três meninos, cujo fervor e constância maravilharam os infiéis e ao grupo inteiro atraíram a piedade da multidão. Chamava-se um dêles Luís e tinha apenas doze anos; os outros dois eram conhecidos por Antônio e Tomás, e não iam além dos quinze anos de idade; serviam ao altar com os padres de São Francisco e tinham sido os primeiros incluídos na lista. Dêles apenas é que havia dependido não figurar nelas; a princípio, havia sido até recusado o nome do pequeno Luís; mas foram tais os seus rogos e lágrimas, que lhe deram a satisfação almejada. Recusou êle, posteriormente, um meio que lhe sugeriram de se evadir, e os três sustentaram até o fim a coragem inicial.

No terceiro dia de janeiro de 1597, numa praça de Meaco, deviam ser cortados o nariz e as orelhas dos mártires. O governador, homem humano, mandou lhes cortassem apenas uma parte da orelha esquerda. Em seguida, exibiram-nos, em passeio, cobertos de sangue, sôbre carroças, de cidade em cidade, até Nagasaki, onde seriam crucificados. O objetivo era intimidar os cristãos, mas o efeito foi o contrário; o espetáculo dos três meninos comoveu até os infiéis, vários dos quais se converteram. Dois cristãos, Pedro Cosaqui e Francisco Dauto, que sempre levavam comida aos mártires, foram postos no meio dêles pelos guardas, o que lhes elevou o número para vinte e seis. O martírio verificou-se em Nagasaki, em 5 de fevereiro de 1597. Antes, puderam todos confessar-se. Quando lhes disseram que o comandante os aguardava sôbre a colina onde se lhes consumaria o sacrifício, para lá rumaram imediatamente, seguidos de grande multidão. Os cristãos, à passagem dêles, prosternavam-se e, com os olhos molhados de lágrimas, se recomendavam às suas preces. Chegaram, finalmente, ao pé da colina; mal viram as cruzes, correram a abraçá-las, o que provocou novo assombro nos infiéis.

As cruzes do Japão têm, na parte inferior, uma trave sôbre a qual os pacientes pousam os pés, e no meio uma espécie de barrote sôbre o qual se sentam. Prendem-nos por cordas, pelos braços, pelo meio do corpo, pelas coxas e pelos pés, um pouco afastados. No caso dos mártires de que falamos, acrescentou-se uma coleira de ferro em volta do pescoço. Quando as vítimas estão amarradas, levanta-se a cruz e coloca-se no buraco. Em seguida, o verdugo pega uma

lança e de tal maneira fura o crucificado que a faz entrar pelo lado e sair pelo ombro; algumas vêzes, isso se faz em ambos os lados e se o paciente ainda respira, redobram-se os golpes imediatamente, de modo que ninguém languescer em tal suplicio.

Ia ser iniciada a execução, quando o jesuíta João de Gotto notou seu pai, que fôra dizer-lhe o derradeiro adeus. “Vêdes, meu caro pai, disse-lhe o santo noviço, que não há nada que não devemos sacrificar pela salvação. — Sei, meu filho, respondeu o virtuoso pai. Agradeço a Deus a graça que vos concedeu, e de todo o coração lhe suplico continue em vós, até o fim, êsse sentimento tão digno do vosso estado. Persuadi-vos de que vossa mãe e eu estamos dispostíssimos a vos imitar o exemplo, e praza ao céu que tenhamos tal oportunidade!” Prenderam o mártir à cruz, ao pé da qual, mal foi erguida, teve o pai a coragem de se manter. Recebeu uma parte do sangue do filho, e só se retirou quando o viu expirar, dando a conhecer pelo júbilo que lhe iluminava o rosto que se sentia muito mais feliz por ter um filho mártir do que se o tivesse visto aureolado pela mais brilhante sorte.

Quase todos estavam amarrados às cruces e prestes a ser feridos do golpe mortal, quando o padre franciscano Batista, que se encontrava situado no meio do grupo alinhado, entoou o cântico de Zacarias, terminado pelos outros com uma coragem e uma piedade tais que inspiraram os cristãos e enterneceram os infiéis. Quando o padre terminou, o pequeno Antônio, que estava ao lado do pai, o convidou a cantar, com êle, o salmo: *Laudate pueri Dominum*. O santo religioso, absorto em profunda contempla-

ção, nada lhe respondeu, e o menino iniciou o salmo; tendo, porém, alguns instantes depois, recebido o golpe mortal, foi terminá-lo no céu com os anjos. O primeiro em morrer foi Filipe de Jesus, sendo o padre Batista o último. Paulo Miki, do cimo da cruz, pregou com divina eloquência, e terminou por uma fervorosa oração pelos verdugos. Todos fizeram fulgir o zelo e o júbilo, e aquêles grandes exemplos excitaram no coração dos fiéis, testemunhas da cena, um maravilhoso ardor pelo martírio.

Quando todos morreram, os guardas não mais conseguiram dominar, e, embora a princípio tentassem afastar a multidão a bordoadas, viram-se obrigados a ceder por algum tempo e a se retirarem. Deixaram, pois, que os cristãos manifestassem livremente a devoção e recolhessem a maior parte possível do sangue de que estava tinta a terra. Os próprios idólatras testemunharam grande estima por uma religião capaz de inspirar tanta alegria aos que dela eram vítimas, e tão sagrado ciúme aos espectadores. Pelo anoitecer, o bispo do Japão, a quem o comandante não quisera permitir desse assistência aos mártires agonizantes, foi, com todos os jesuítas de Nagasaki, prostrar-se ao pé das cruzes. A santa colina tornou-se lugar de peregrinação, onde os cristãos não cessavam de afluir de tôdas as províncias. Realizou-se grande número de milagres, juridicamente comprovados. Urbano VIII concedeu as honras de santos mártires àqueles vinte e seis cristãos do Japão e, à espera de uma canonização mais solene, permitiu se lhes celebrasse o ofício em tôdas as igrejas da companhia de Jesus para os três jesuítas, e, para os vinte e três restantes, nas da ordem de

São Francisco, por pertencerem os seculares à ordem terceira (1).

Taicosama, soldado chegado ao império, morreu no ano seguinte, 1598. A sua morte foi seguida de dezessete anos de guerras civis. Nesse período, houve perseguições contra os cristãos em várias províncias, e as coisas iam tomando o rumo de uma perseguição geral. A tal era levado o imperador do Japão por alguns recém-vindos. Os protestantes da Holanda e da Inglaterra, os quais tinham renegado, na pátria, a fé dos antepassados para apoderar-se dos bens das igrejas, continuavam o comércio de Judas por todo o mundo. A fim de melhor suplantarem os portugueses e espanhóis católicos, nas suas relações comerciais com os japoneses, instigaram estes a declarar uma guerra de extermínio a todos os cristãos do império.

Por conseguinte, em 1613, reuniu o imperador catorze senhores cristãos da côrte, e deu-lhes a compreender que deviam renunciar ao cristianismo, e adorar as divindades imperiais. Responderam êles que não podiam reconhecer deuses que, muito bem o sabiam, tinham sido homens, e às vêzes homens corruptos. Sempre tinham fielmente servido o imperador, mas o primeiro amo era Deus. Foram exilados e despojados. Dois pajens cristãos, notando que não tinham sido incluídos no número dêles, reclamaram a honra do exílio. Todos, com suas mulheres e filhos erraram pelos bosques e desertos, sem outro recurso que não a Providência. Tamanha coragem foi imitada por várias damas da côrte, e sobretudo por Júlia Ota. Era Júlia Ota coreana, ilustre pelo nascimento,

(1) Hist. do Japão, t. IV, 1. X.

notável pelo merecimento e estimadíssima pelo cubosama, o qual havia decidido fazer dela o partido mais importante da côrte. A valorosa jovem, mal viu que a tormenta estava prestes a se desencadear, fêz voto de castidade perpétua, para atrair as graças do Senhor. Tornando, por êsse laço sagrado, espôsa de Jesus Cristo, sentiu-se tomada de uma força divina, e nada foi capaz de a abalar. O príncipe, não logrando resignar-se a ser vencido por uma jovem e por uma forasteira, a quem tinha cumulado de bens, submeteu-a aos mais duros ataques, os quais, no entanto, só valeram para dar maior relêvo à sua glória. Finalmente, deixou-a entre as mãos de uma companhia de soldados, que a levaram de ilha em ilha, com as duas companheiras Lúcia e Clara, e a largaram, sòzinha, numa onde só havia alguns pobres pescadores alojados em míseras choupanas. Mal conseguiu arranjar um lugar que a abrigasse, lá viveu durante quarenta anos, sem nenhuma consolação por parte dos homens, mas cumulada de favores do céu, os quais lhe permitiram descobrir um verdadeiro paraíso no deserto. A princípio, entristeceu-se por não ter sido, dizia, julgada digna de dar o sangue pela fé; mas o padre Pasio, jesuíta, a quem escreveu sôbre o assunto, respondeu-lhe que a Igreja reconhecia como mártires vários santos que só tinham padecido o exílio. Daí por diante, a santa pôs de lado aquêle pesar (1).

Houve mártires no reino de Arima. Dois irmãos, Tomás e Matias; Marta, mãe de ambos; os filhos dêles, Tiago e Justo, decapitados em 28 de janeiro de 1613. Em 27 de abril, dois jovens irmãos do rei

(1) Hist. do Japão, 1. XIII.

foram mortos no leito por ordem dêle. Em 5 de outubro, o mesmo rei condenou ao fogo três senhores cristãos com suas famílias, no todo oito pessoas. Chamavam-se Adriano Tacafati Mondo; Joana, sua mulher; a filha Maria Madalena, que fizera voto de virgindade, e Tiago, filho, com cêrca de doze anos de idade; Leão Faiuxida Luguemon, e sua mulher Marta; finalmente, Leão Taquendoni Cuniemon, e seu filho Paulo, de vinte e sete anos de idade. Quando a notícia chegou aos campos, rumaram para a cidade aproximadamente vinte mil cristãos decididos ao martírio, com êles. Foi tão maravilhoso o efeito, que os cortesãos que tinham dissimulado ou renegado a fé, para serem agradáveis ao príncipe, fizeram penitência pública do êrro, pediram que os incluíssem entre os mártires e, diante da recusa, exilaram-se espontâneamente, accompanhados das respectivas famílias.

Em sete de outubro, de manhã, os confessores de Jesus Cristo souberam que a ordem de condenação fôra assinada, e pouco tempo depois lhe ouviram a leitura. Grande foi o júbilo; faltava, porém, alguma coisa, a ventura de comungar antes. Foi-lhes concedida tal ventura. Finalmente, aproximando-se o momento do sacrifício, viu-se começar uma espécie de triunfo que talvez não tenha tido paralelo, desde o nascimento da Igreja.

Os vinte mil cristãos dos campos, ao receberem o sinal, entraram na cidade em belíssima ordem, de cabeça coroada de grinaldas e segurando na mão o rosário. Os da cidade, em número aproximadamente igual, também com grinaldas e segurando na mão um círio, os aguardavam; no instante em que surgiram os confessores, todos se puseram em marcha na fileira

destinada a cada um. No meio, seguiam os oito mártires. Não estavam amarrados, mas os verdugos os seguiam com uma companhia de soldados, débil defesa contra quarenta mil homens, mas inútil precaução contra quarenta mil cristãos, cujo único pesar era não poderem morrer com os que iam acompanhando ao lugar de suplício. Os que mais perto estavam dos prisioneiros ocupavam-se apenas de com êles se rejubilarem pela ventura que tinham de dar o sangue por Jesus Cristo. Outros levantavam as mãos para o céu, suplicando para êles a graça da perseverança; a maioria entoava louvores ao Senhor, e os campos lhes ecoavam os cantos de alegria.

Quando se atingiu o lugar em que seria levada a efeito a execução, cada um tomou o seu lugar sem confusão, e com uma rapidez que se houvera admirado nas tropas mais bem disciplinadas. Quanto aos mártires, mal perceberam as colunas correram a abraçá-las. Eram oito colunas que sustentavam um telhado de madeira. Aquela espécie de construção se erguia no meio de um grande espaço vazio, sob as janelas do palácio. Enquanto todos se preparavam para o derradeiro ato de tão sangrenta tragédia, Leão Cunie-mon galgou o telhado suportado pelas colunas, e que não era muito alto, e impondo silêncio com um gesto da mão, disse: "Meus irmãos, admirai a fôrça da fé em débeis criaturas; os preparativos de um medonho suplício, como vêdes, só nos inspiram júbilo, e espero que tal júbilo redobre no meio das chamas. Deixo aos infiéis a conclusão de quais devem ser a santidade e superioridade de uma religião que tanto nos eleva acima da humanidade. Quanto a vós, meus irmãos em Jesus Cristo, não vos espantem estas fogueiras, pois a intensidade delas não fará mais do que apres-

sar a nossa vitória, ou antes a da graça que nos faz lutar, e alguns momentos de dor nos proporcionarão um imenso pêso de glória duradouro como a eternidade." Àquelas palavras, foi interrompido pelos aplausos dos fiéis. O mártir, notando que já ninguém o ouvia, desceu e foi para a sua coluna, onde o amarraram.

Já estavam amarrados os outros. Imediatamente, ateou-se fogo à lenha, afastada três pés dos mártires. Um cristão que se postara propositadamente o mais perto possível da fogueira, fêz-lhes, então, uma breve, mas patética, exortação, e erguendo um estandarte no qual se via a imagem do Salvador, prêso como êles à coluna, aconselhou-lhes lançassem freqüentemente os olhos sôbre o divino modelo, e se lembrassem de que um Deus fôra o primeiro em fazer por êles o que êles iam fazer naquele instante. De súbito, cobriram-se as chamas com uma fumaça tão espessa que, por algum tempo, nada se viu. Dissipou-se, finalmente, e o espetáculo dos ilustres agonizantes de tal modo atraiu a atenção da grande multidão, que o silêncio se tornou impressionante. Os mártires deram até o fim mostras de constância verdadeiramente heróica, não demonstrando nenhum dêles o menor sinal de fraqueza. Quando a maioria já estava morta, ou prestes a expirar, sucederam duas coisas que causaram fortê admiração.

Os laços que prendiam o filho de Adriano Mondo, o pequeno Tiago, arderam, e parecia que o fogo não havia ainda atingido o menino, quando o viram correr através das chamas e do braseiro. Julgaram, a princípio, que, não podendo mais suportar o ardor da horrível fornalha, estava tentando escapar; e gritaram-lhe que tivesse coragem. Mas dei-

xaram de temer, quando o viram voltar-se para o lado em que se encontrava sua mãe e, após atingi-la a manter estreitamente apertada, como que desejoso de morrer entre os seus braços. A santa mulher, que havia algum tempo não dava mais sinal de vida, pareceu despertar naquele momento; esquecida das próprias dores, foi como se cuidasse exclusivamente de exortar o filho a terminar o sacrifício com o mesmo ânimo apresentado até então. O menino, finalmente, caiu-lhe aos pés; um segundo depois, ela tombou sobre êle, e os dois expiraram quase ao mesmo tempo.

A filha de tão heróica mãe, irmã do jovem mártir, a virgem Maria Madalena, com dezenove anos de idade, ofereceu, por sua vez, um espetáculo ainda mais assombroso. A única ainda de pé, envolta em chamas, parecia cheia de vida e de vigor. Vendo-a imóvel, de olhos docemente erguidos para o céu, dir-se-ia que estava inteiramente insensível ou imersa numa profunda contemplação que lhe causava completo êxtase, quando, repentinamente, a viram colhêr carvões ardentes e com êles coroar a cabeça. Com certeza, sentindo a aproximação do fim, pretendia ornar-se para comparecer na presença do celeste espôso. Entretanto, ia cedendo, pouco a pouco; à medida que o corpo se lhe enfraquecia, parecia o fervor crescer-lhe, e não cessou de louvar as misericórdias do Senhor, senão quando deslizou suavemente ao longo da coluna, para deitar-se sobre os carvões ardentes, com tranqüilidade, como se estivesse num leito, e exalar o derradeiro suspiro.

Então os soldados, que mantinham uma espécie de barreira feita em volta das fogueiras, não mais conseguiram conservar o domínio, e os cristãos, sem que lhes fôsse anteposta nenhuma resistência, levaram

os corpos dos mártires, ainda inteiros e sem cheiro. Levaram até os carvões sôbre os quais estavam estendidos os sagrados restos e as colunas a que tinham sido amarradas as vítimas. O corpo da ilustre Maria Madalena foi, a princípio, levado a Conzura pelos habitantes dessa localidade, os quais tinham presenciado a execução; mas fôram obrigados a restituí-los, e os restos ficaram depositados em caixas de preciosa madeira, guarnecidas de veludo internamente, e transportados para Nagasaki, onde os apresentaram ao bispo do Japão com os atos do martírio, assinados por grande número de testemunhas oculares. O prelado examinou-os cuidadosamente, ouviu de novo as testemunhas, redigiu um processo verbal de tôdas as formalidades prescritas pela Igreja, e declarou que aquelas oito pessoas eram verdadeiramente mártires de Jesus Cristo. Por conseguinte, mandou se prestassem aos sagrados corpos tôdas as honras devidas. Em seguida, enviou para Roma as peças do processo, e o próprio processo com os restos dos novos mártires.

O papa Urbano VIII, na época da beatificação de Santa Maria Madalena de Pazzi, enviou uma cruz aos carmelitas de Florença. O presente estava acompanhado de um breve, no qual o pontífice declara que pôs no tôpo da cruz uma partezinha da verdadeira cruz de Nosso Senhor; no braço direito restos de Santa Maria Madalena, a apaixonada de Jesus Cristo, que lhe haviam sido enviados da Provença; e no braço esquerdo "alguns ossos da mão da bem-aventurada Maria Madalena, virgem japonêsa, que sofreu o martírio do fogo pela fé de Jesus Cristo, e que, enquanto as chamas a devoravam, pegando uns carvões ardentes e pondo-os sôbre a cabeça, de olhos

erguidos para o céu, não tardou em entregar a alma a Deus (1).” Nessas palavras de Urbano VIII, há uma espécie de beatificação da virgem japonesa.

Encontrar-se-á na *História Universal da Igreja Católica* um sem-número de outros mártires do Japão. Aqui mencionamos apenas aquêles sôbre os quais a Santa Sé se pronunciou de qualquer maneira.

* * *

(1) *Hist. do Japão*, t. IV, p. 334.

JACÓ, O PATRIARCA (*)

Jacó, filho de Isaac e de Rebeca (Antigo Testamento) foi objeto das preferências divinas, e, segundo a Lei nova, um dos grandes patriarcas em que Deus nos mostra glória e poder: *Os seus netos são uma santa herança, a sua posteridade manteve-se fiel na aliança de Deus. É por causa deles que os seus filhos permanecem para sempre. Nem a sua raça nem a sua glória terão fim* (1).

Jacó, que quer dizer segurar o calcanhar, ou seja suplantar, *yag agob*, do verbo *agab*, hebraico, lutava com o irmão no ventre mesmo da mãe. Perturbada, Rebeca pensava: "Se as crianças já assim lutam, que não acontecerá no futuro?" Recorreu, então, à oração, consultando o Senhor.

"— Duas nações estão no teu ventre, disse-lhe Êle, dois povos ao sair do teu ventre se dividirão, e um povo vencerá o outro, e o mais velho servirá ao mais novo".

Quando chegou o tempo de dar à luz, foram achados dois gêmeos no ventre de Rebeca.

O que saiu primeiro era ruivo e todo peludo, como uma peliça e foi-lhe pôsto o nome de Esaú. Imediatamente, saiu o outro, que agarrava com a mão

(1) Eclo 44, 12, 13.

o pé de Esaú, e por isso a mãe chamou-o Jacó. Era Isaac sexagenário quando os meninos lhe nasceram.

Tendo crescido, Esaú tornou-se perito caçador e homem do campo. Jacó, homem simples, habitava nas tendas. Isaac amava Esaú, porque comia de suas caçadas. Rebeca amava Jacó. Ora, tendo Jacó feito um cozinhado, chegou Esaú do campo, muito cansado, e disse a Jacó:

“— Dá-me dêsse cozido vermelho, porque estou muito cansado”.

Por esta razão, puseram-lhe o nome de Edom (2).

Jacó disse-lhe:

“— Vende-me o teu direito de primogenitura”.

Êle respondeu:

“— Eis que vou morrer: de que me aproveitará o direito de primogenitura?”

Jacó disse:

“— Jura-mo, pois”.

Esaú jurou-lho e vendeu o direito de primogenitura. E assim, recebido o pão e o cozido de lentilhas, comeu, bebeu e foi-se embora, dando-se-lhe pouco de ter vendido o direito (3).

Com uma consideração tão superficial, Esaú preferiu satisfazer o presente, satisfazer a gula, deixando em segundo lugar o mais importante, os privilégios de primogênito, coisa que os Padres da Igreja declaram verdadeiramente misteriosa.

Esaú, tendo quarenta anos, tomou por mulheres Judite, filha de Beerí Heteu, e Basemat, filha de Elon.

(2) Vermelho. Mesmo porque já era ruivo.

(3) Gên. 25, 22. 34.

Ora, Isaac envelheceu, a vista escureceu-se-lhe e não podia ver. Chamou Esaú, o filho mais velho, e disse-lhe:

“— Meu filho!”

Ele respondeu:

“— Aqui estou”.

O pai disse-lhe:

“— Tu vês que estou velho e que ignoro o dia da minha morte. Toma as armas, a aljava e o arco, e sai ao campo. Quando tiveres caçado alguma coisa, faze-me um guizado como sabes que eu gosto, traze-mo para eu comer, e para que a minha alma te abençoe antes de eu expirar”.

Rebeca ouviu isto, e tendo Esaú ido para o campo cumprir o mandato do pai, disse a seu filho Jacó:

“— Ouvi teu pai falar com Esaú, teu irmão, e dizer-lhe: *Traze-me da tua caça, e faze-me um guizado para eu comer e para que te abençoe na presença do Senhor antes de morrer.* Agora pois, meu filho, segue os meus conselhos. Vai ao rebanho, traze-me os dois melhores cabritos, para que eu faça dêles a teu pai um daqueles pratos, de que êle come com vontade, a fim de que, quando lho apresentar e êle tiver comido, abençoe-te antes de morrer” (4).

Esaú casara-se com mulheres cananéias, que eram idólatras. Tornara-se, pois, indigno das bênçãos e promessas messiânicas, desgostando os pais.

Jacó respondeu à mãe:

“— Tu sabes que Esaú, meu irmão, é homem peludo, e eu não. Se meu pai me apalpar e me reconhecer, temo que êle julgue que eu o quis enganar,

(4) Gên. 26, 34. 35 e 27, 1. 10.

e que assim eu atraia sôbre mim a maldição em lugar da bênção”.

Disse-lhe a mãe:

“— Sôbre mim caia essa maldição, meu filho. Ouve sômente a minha voz, e, partindo, traze o que eu te disse”.

Êle foi, trouxe os cabritos que Rebeca lhe pedira e deu-os à mãe. Ela preparou o guizado, como sabia ser do gôsto do pai dêle. Vestiu Jacó com a melhor roupa de Esaú, que tinha junto de si, em casa. Com as peles dos cabritos envolveu-lhe as mãos, e cobriu a parte nua do pescoço. Deu-lhe o guizado, e entregou-lhe os pães que havia cozido.

Jacó, tendo levado tudo a Isaac, disse-lhe:

“— Meu pai!”

Êle respondeu:

“— Aqui estou. Quem és tu, meu filho?”

Jacó disse:

“— Sou teu filho primogênito, Esaú. Fiz como me ordenaste. Levanta-te, senta-te e come da minha caçada, a fim de que tua alma me abençoe.”

Isaac disse outra vez ao filho:

“— Como pudeste encontrar tão depressa, meu filho?”

Êle respondeu:

“— Foi vontade de Deus que depressa se me apresentasse o que eu queria”.

Isaac disse:

“— Chega-te aqui, meu filho, para que eu te apalpe e reconheça se és meu filho Esaú, ou não”.

Jacó aproximou-se do pai que, tendo-o apalpado, disse:

“— A voz, verdadeiramente, é a voz de Jacó, mas as mãos são as mãos de Esaú”.

E não o conheceu, porque as mãos peludas eram semelhantes às do irmão mais velho. Portanto, abençoando-o, disse:

“— Tu és meu filho Esaú?”

Jacó respondeu:

“— Sou-o”.

Isaac disse:

“— Serve-me os quizados de tua caçada, meu filho, para que a minha alma te abençoe”.

Jacó serviu-lhos, e, depois de êle comer, ofereceu-lhe também vinho, bebido o qual, o pai lhe disse:

“— Aproxima-te de mim, e dá-me um beijo, meu filho”.

Aproximou-se e beijou-o.

Logo que Isaac sentiu a fragrância de seus vestidos, abençoando-o, disse:

“— Eis que o perfume de meu filho é como o perfume de um campo florido que o Senhor abençoou”.

E acrescentou:

“— Deus te dê do orvalho do céu, da fertilidade da terra, e abundância de trigo e de vinho! Que os povos te sirvam, e as nações te reverenciem! Sê o senhor de teus irmãos, e inclinem-se diante de ti os filhos de tua mãe! Aquêles que te amaldiçoar seja amaldiçoado, e o que te abençoar seja cumulado de bênçãos!” (5).

Eis aí que Jacó mentiu, enganou o pai. A mentira, então, não era pecado, era lícita? Não, era pecado, era ilícita. Diz o Padre Matos Scares, comentando esta passagem: “Jacó, instigado por Rebeca, mentiu a seu pai Isaac, não só com palavras,

(5) Gên 27, 10. 29.

mas também com ações, fazendo com que êle julgasse que era Esaú. Ora, a mentira, por sua natureza, é sempre ilícita e pecado. Todavia, pode ser que, tanto Rebeca como Jacó, pensassem, embora errôneamente, que, neste caso, a mentira era lícita, visto ser empregada para alcançar os direitos de primogenitura, que Esaú já havia vendido por um prato de lentilhas. Houve grandes Padres da Igreja que julgaram êste proceder isento de culpa. Não admira, pois, que Jacó e Rebeca errôneamente o considerassem lícito" (6).

Apenas Isaac havia acabado de dar a bênção, e Jacó havia saído, chegou Esaú. Levou ao pai os guizados preparados da sua caçada, dizendo:

"— Levanta-te, meu pai, e come da caça de teu filho, para que a tua alma me abençoe".

Isaac disse-lhe:

"— Mas quem és tu?"

Êle respondeu:

"— Sou teu filho primogênito, Esaú".

Isaac, possuído de violenta emoção, disse:

"— Quem é, pois, aquêle que há pouco me trouxe a caça que apanhou? Comi de tudo antes que tu viesses, abençoei-o, e êle será bendito".

Esaú, ouvidas as palavras do pai, gritou com grande clamor, e, consternado, disse:

"— Dá-me também a mim a bênção, meu pai!"

Disse o pai:

"— Teu irmão veio fraudulentamente e recebeu a tua bênção".

(6) Bíblia Sagrada, versão e notas pelo Pe. Manuel Matos Soares, sexta edição, segundo os textos originais, Pôrto.

Esaú prosseguiu:

“— Com razão lhe foi pôsto o nome de Jacó, porque, pela segunda vez, me suplantou. Primeiro, tirou-me o direito da primogenitura, e, agora, novamente, roubou-me a bênção”.

E acrescentou, perguntando ao pai:

“— Porventura não reservaste uma bênção também para mim?”

Isaac respondeu:

“— Eu o constituí teu senhor, e sujeitei à sua servidão todos os seus irmãos. Estabeleci-o na posse do trigo e do vinho. Depois disso, meu filho, que te posso fazer?”

Esaú disse-lhe:

“— Porventura, ó pai, tens uma só bênção? Rogo-te que abençoes também a mim”.

E, como rompesse num grande pranto, Isaac, comovido, disse-lhe:

“— Sem a abundância da terra, e sem o orvalho do alto do céu será a tua bênção. Viverás da espada, e servirás a teu irmão. Tempo, porém, virá em que sacudas e desates o seu jugo da tua cerviz”.

Por isso Esaú odiou Jacó por causa da bênção com que o pai o abençoara, e disse no seu coração: *Virão os dias do luto por meu pai, e eu matarei Jacó, meu irmão.*

Estas coisas foram referidas a Rebeca, a qual, mandando chamar o filho Jacó, disse:

“— Eis que Esaú, teu irmão, ameaça que te há de matar. Agora, pois, meu filho, ouve a minha voz, e fuge ligeiro para a casa de Labão, meu irmão, em Haran. Habitarás com êle algum tempo, até que se aplaque o furor de teu irmão, cesse a sua cólera e se

esqueça do que lhe fizeste. Depois mandarei lá alguém, e te farei conduzir de lá para aqui. Por que hei de perder ambos os meus filhos num só dia? (7).

Começa, assim, nova fase da vida de Jacó.

Isaac, então, chamando o filho, deu-lhe ordem de partir para o tio. Abençoou-o, disse-lhe que se casasse na casa de Batuel, pai de Rebeca, e acrescentou:

“— Deus onipotente te abençoe, faça-te crescer e multiplique-te, para que sejas pai de uma multidão de povos. Êle te dê a ti e à tua posteridade, depois de ti, as bênçãos de Abraão para que possuas a terra onde vives como peregrino, a qual êle prometeu a teu avô”.

E, tendo-o Isaac despedido, Jacó partiu e dirigiu-se para a Mesopotâmia da Síria, para a casa de Labão, filho de Batuel Siro, irmão de Rebeca, sua mãe (8).

Jacó, pois, tendo partido, rumou para Haran.

Tendo chegado a certo lugar e querendo nêle descansar porque o sol estava no ocaso, tomou uma das pedras que ali estavam, e, pondo-a debaixo da cabeça, dormiu naquele mesmo sítio. Viu, então, em sonhos uma escada posta sôbre a terra, cujo cimo tocava o céu, e os anjos de Deus subindo e descendo por ela, e o Senhor apoiado na escada, que lhe dizia: “Eu sou o Senhor Deus de Abraão, teu pai e o Deus de Isaac. Darei a ti e à tua descendência a terra em que dormes. A tua posteridade será como o pó da terra. Dilatar-te-ás para o ocidente, para o oriente, para o setentrião e para o meio-dia, e serão aben-

(7) Gên 27, 30, 45.

(8) Gên 28, 1. 5.

çoadas em ti e na tua geração tôdas as tribos da terra. Eu serei o teu protetor, para onde quer que fores, e te reconduzirei a esta terra, e não te abandonarei sem cumprir tudo o que te disse”.

Que significava aquêlê sonho? Diz o Pe. Soares: “A escada, vista em sonhos por Jacó, é um símbolo das consoladoras relações do céu com a terra. Os anjos, como mensageiros de Deus, sobem para lhe levar as orações e necessidades dos homens, e descem trazendo os seus auxílios e consolações”.

Tendo Jacó despertado do sono, sentiu-se apavorado, dizendo consigo mesmo: “Na verdade o Senhor está neste lugar e eu não o sabia. Quão terrível é êste lugar!”

Tendo novamente partido, dirigiu-se para o país do oriente. E, chegando a Haran, estava conversando com uns pastôres, a pedir informações, quando Raquel, uma das filhas de Labão, apareceu com as ovelhas do pai. Jacó, tendo-a visto, e sabendo que era sua prima, disse-lhe que era filho de Rebeca, irmã de Labão. Ela, correndo, foi avisar o pai. Labão abraçou-o e beijou-o muitas vêzes. E, ouvidos os motivos da vinda, aceitou-o em sua casa.

Durante a estada em Haran, Jacó casou-se com as duas filhas de Labão, Lia e Raquel, as quais, com mais as duas escravas que as serviam, deram-lhe onze filhos e uma filha, tornando-se extraordinariamente rico, senhor de muitos rebanhos, de muitos escravos e escravas, camelos e jumentos. Ora, Labão, enciumado, já não o tratava como antigamente. Assim, porque Deus lhe dera ordens para que saísse dali, deixou o patriarca a Mesopotâmia, e fugiu, perseguido pelo sogro. E, sabendo que Esaú, por seu

lado, lhe vinha ao encontro, com quatrocentos homens, sentiu grande medo. Apareceu-lhe, então, um anjo, sob a aparência humana, com o qual lutou. Deus, porém, não quis que Jacó fôsse vencido: queria dar-lhe esperanças de que, com maior facilidade, poderia vencer o irmão, porque dissera:

“— Ó Deus de meu pai Abraão, Deus de meu pai Isaac! Ó Senhor, que me disseste: “Volta para a tua terra, para o lugar do teu nascimento e eu te beneficiarei”. Sou indigno de tôdas as tuas misericórdias e da fidelidade que tiveste com o teu servo. Passei êste rio Jordão só com o meu cajado e agora volto com duas partidas. Livra-me das mãos de meu irmão Esaú, porque o temo muito, não suceda que, chegando êle, mate a mãe com os filhos! Tu disseste que me beneficiarias e dilatarias a minha descendência como a areia do mar, a qual, pela sua multidão, não se pode contar”.

Assim, cheio de medo do irmão, temeroso de perder a *mãe com os filhos*, isto é, tôda a família, Jacó separou, das coisas que trazia, presentes para Esaú. Apartou duzentas cabras, vinte bodes, duzentas ovelhas, vinte carneiros, trinta camelas com as crias, quarenta vacas, vinte touros, vinte jumentas e dez das suas crias. E mandou, pelas mãos dos servos, cada um dêstes rebanhos, separadamente, dizendo:

“— Ide adiante de mim, e haja um intervalo entre rebanho e rebanho”.

E, ao primeiro servo, ordenou:

“— Se te encontrares com meu irmão Esaú, e êle te perguntar: “De quem és?” ou “Para onde vais?” ou, “De quem são êstes animais que conduzes?” responderás: “São de teu servo Jacó, que os mandou

de presente ao meu senhor Esaú. Êle mesmo vem atrás de nós”.

As mesmas ordens deu ao segundo, ao terceiro e a todos os que conduziam os rebanhos, dizendo:

“— Por estas mesmas palavras falai a Esaú, quando o encontrardes”.

E Jacó ficou pensando: “Eu o aplacarei com presentes que vão adiante, e depois o verei. Talvez me seja propício”. E, acampando, ficou à espera do dia seguinte.

Tendo-se levantado muito cedo, tomou as suas duas mulheres, e as duas escravas com os filhos, e passou o vau de Jacó. Depois de passar tudo o que lhe pertencia, ficou só, e um homem lutou com êle até de manhã. Êsse homem, vendo que o não podia vencer, tocou a articulação da sua coxa, e logo esta se deslocou. E disse a Jacó:

“— Larga-me, porque já vem vindo a aurora”.

Jacó respondeu:

“— Não te largarei, se não me abençoares”.

Disse-lhe, pois, aquêlê homem:

“— Qual é o teu nome?”

Respondeu:

“— Jacó”.

Tornou o homem:

“— De nenhuma sorte te chamarás Jacó, mas Israel, porque lutastes com Deus e com os homens e foste vitorioso”.

Perguntou-lhe Jacó:

“— Dize-me, como te chamas?”

Respondeu:

“— Por que me perguntas o nome?”

E abençoou-o no mesmo lugar.

Jacó pôs àquele lugar o nome de Fanuel, dizendo:

“— Vi a Deus face a face, e a minha alma foi salva.”

Quer dizer, foi salva a vida.

E logo o scl lhe nasceu, depois que ultrapassou Fanuel. Êle, porém, coxeava de um pé. Por essa razão, os filhos de Israel até o dia de hoje não comem o nervo da articulação da coxa, porque o anjo havia tocado nesse nervo (9).

O encontro de Jacó com o irmão Esaú foi cordial. Esaú, que viera com os quatrocentos homens, correu ao encontro do irmão, abraçando-o, beijando e chorando. E, levantando os olhos, viu as mulheres e os filhos do irmão, e perguntou:

“— Quem são êstes? Porventura te pertencem?”

Jacó respondeu:

“— São os filhos que Deus deu a mim, teu servo”.

Aproximando-se as escravas e os seus filhos, inclinaram-se profundamente. Chegou também Lia com seus filhos, que se inclinaram do mesmo modo. E, em último lugar, inclinaram-se Raquel e o filho, José.

Esaú disse:

“— Que significam estas partidas que encontrarei?”

Jacó, respondendo, disse:

“— Enviei-as para achar graça diante do meu senhor”.

Esaú, porém, disse:

(9) Gên 29 a 32.

“— Tenho muitos bens, meu irmão. ‘Guarda para ti o que é teu’”.

Jacó:

“— Não procedas assim, peço-te, mas, se achei graça diante de teus olhos, recebe das minhas mãos esta pequena dádiva, porque vi a tua face, como se visse o rosto de Deus”.

Ou seja, cheia de bondade. E continuou:

“— Sê-me propício, e aceita a bênção que eu te trouxe e que me deu Deus, o qual dá tôdas as coisas”.

Forçado pelo irmão, Esaú aceitou com dificuldade, e disse:

“— Caminhemos juntamente, e eu serei companheiro na tua viagem”.

Jacó respondeu:

“— Tu vês, meu senhor, que tenho comigo meninos tenros, ovelhas e vacas prenhes. Se eu os cansar, fazendo-os andar mais, morrerão num dia todos os rebanhos. Vá o meu senhor adiante do seu servo. Eu seguirei, pouco a pouco, os seus passos, como vir que os meus meninos podem, até chegar à casa de meu senhor, em Seir”.

Esaú respondeu:

“— Peço-te que, do povo que está comigo, fique ao menos quem te acompanhe na viagem”.

Jacó:

“— Não é necessário. De uma única coisa necessito, meu senhor, e é achar graça em tua presença”.

Voltou, portanto, Esaú naquele dia para Seir, pelo caminho por onde havia vindo.

Jacó foi para Socoth, onde, tendo edificado uma casa, e levantado as tendas, pôs àquele lugar o nome de Socoth, isto é, tendas.

E, depois que voltou da Mesopotâmia à Síria, passou para Salém, cidade dos siquimitas, a qual está na terra de Canaã, e habitou junto da cidade. Comprou parte do campo, onde havia levantado as tendas, dos filhos de Hemor, pai de Siquém, por cem cordeiros e, tendo levantado um altar, invocou sôbre êle o Deus fortissimo de Israel.

Jacó, depois de vários sucessos, foi ter com o pai Isaac. Estava, então, numa nova fase a sua vida. Passava para o segundo plano, enquanto tudo iria girar em tórno de José, filho de Raquel, a espôsa que morrera e fôra sepultada na estrada que conduzia a Efrata. Jacó levantara-lhe um monumento sôbre o sepulcro, e, saindo dali, erguera a tenda noutras bandas.

Jacó ainda alcançou seu pai Isaac com vida. E, com Esaú, sepultou-o (10).

Nosso Senhor distinguiu a beatitude do patriarca. Diz Êle por um dos evangelistas: *Digo-vos que virão muitos do Oriente e do Ocidente, e que se sentarão com Abraão, Isaac e Jacó, no reino dos céus* (11).

Provações não faltaram ao grande patriarca. Viu dissensões na família, crimes de muitos filhos, a perda do predileto, vendido como escravo pelos irmãos de José, ao qual julgara morto, morto *aquêle que era o rebento de uma árvore fértil, o rebento*

(10) Gên 33 e segts.

(11) Mt. 8, 11.

de uma árvore fértil perto de uma fonte, cujos ramos passam por cima do muro (12). É, depois de abençoar os filhos todos, chefes das tribos de Israel, tendo adotado dois do predileto, que recuperara, Manassés e Efraim, morreu, dizendo:

“ — Vou unir-me ao meu povo. Sepultai-me com meus pais na caverna que está no campo de Efrom, o Heteu, em frente de Mambré na terra de Canaã, e que Abraão comprou a Efrom, o Heteu, com o campo onde ela está para ter um sepulcro. Ali sepultaram Abraão e Sara, sua mulher. Ali foi sepultado Isaac com sua mulher Rebeca. Ali jaz também sepultada Lia” (13).

Estendido no leito, com a tranqüilidade de um justo, a Deus entregou o espírito.

* * *

No mesmo dia, em Soissons, São Voel, solitário, também apreciado com o nome de Vodoaldo. Originário da Escócia, passou à Gália. Acompanhado de um servidor chamado Magneberto, percorreu diversas regiões como missionário, sendo recebido no mosteiro de Soissons. Da abadessa, conseguiu a concessão de um pequeno refúgio, onde passou a viver recluso. Morto em 720, foi enterrado no cemitério das religiosas. O mosteiro de Nossa Senhora de Soissons viveu repleto de lembranças dos milagres obtidos pela intercessão de São Voel.

Em Colônia, Santa Adelaide de Gueldre, virgem, filha do conde de Gueldre Megengaud e de

(12) Gên 49, 22.

(13) Gên 49, 29, 31.

Gerberga. Os pais, tendo perdido um dos filhos na guerra, consagraram a Deus a parte da herança que lhe ia caber e construíram a abadia de Villich, perto de Bonn. A filha, designada para ser a primeira abadessa, antes estêve no mosteiro de Nossa Senhora do Capitólio, em Colônia. Governando por muitos anos a comunidade de Villich, foi caridosa, humilde e dotada de grande espírito de penitência. Operou milagres durante a vida e depois da morte, que ocorreu em 1015.

Em Arbeles, na Pérsia, Santo Abraão, bispo e mártir, uma das vítimas da perseguição de Sapor II. Recusando-se, diante dos magos de Adiabenes, a renegar Jesus Cristo, foi condenado à decapitação.

Em Anazarbe, na Cilícia, Santa Teódula, com os santos Boécio, Evagro, Macário e outros, sob os imperadores Diocleciano e Maximiano. Depois de variados suplícios, que não lhe causaram qualquer mal, Teódula foi atirada a um braseiro, onde, com os demais cristãos, pereceu no ano de 304.

Na Bélgica, São Bertulfo, abade, nascido na Alemanha, quando do reinado de São Sigisberto, rei da Austrásia. Filho de pais ainda pagãos, resolveu deixar tudo o que fôsse do mundo, e passou à França, onde Santo Omer, apóstolo daquele país, ainda vivia. Batizado, recebeu a tonsura clerical. A reputação do conde Wamberto e da espôsa o levou às terras de Renty, tornando-se intendente da casa daqueles benfeitores. Morto Wamberto, herdou-lhe Bertulfo as terras de Renty, onde erigiu um mosteiro. Modelo do religioso, morreu em 705, como abade, edificando todos os membros da comunidade.

Na Inglaterra, Santo Indracto, de família real irlandesa, que, com a irmã, Domingas, e outros, foi massacrado e atirado a um profundo fôso. Uma coluna de fumaça permitiu descobrir-lhes os corpos, que foram enterrados em Glastonbury. Numerosíssimos milagres foram, então, operados à beira do túmulo, nascendo daí o culto que se lhes rende (708).

Em Tongres, Santo Agrícola, bispo e confessor do fim do século IV, décimo-primeiro bispo daquela cidade, sucessor de São Servais, ao qual dedicou um oratório que construiu.

Na Catalunha, Santa Calamanda, virgem e mártir do V século, possivelmente uma das companheiras de Santa Úrsula. Santa Calamanda é invocada, principalmente, em épocas de sêca, para que se obtenham chuvas que salvem colheitas ameaçadas.

Na Coríntia, os bem-aventurados Domiciano e Maria, aquêlê duque, esta sua espôsa, os quais contribuíram grandemente para a conversão dos pagãos da região. Dedicando ao culto dos santos um templo de ídolos, em Milstadt, depois de falecidos, realizaram-se numerosíssimos milagres à beira da tumba.

Na Coríntia ainda, Santa Ágata Hildegarda, viúva, desaparecida em 1024. Casada com um conde, chamado Paulo, foi acusada falsamente de infidelidade. O marido, furioso, atirou-a pela janela de uma alta torre, mas Ágata, milagrosamente, chegou sã e salva ao solo. O conde, diante daquele prodígio, detestando-se sobremodo, passou a fazer penitência. No lugar onde a espôsa caíra, erigiu uma igreja, a de São Paulo de Mochlingen, depois do que, partiu em peregrinação, estando ausente por sete anos. À volta, quase às portas do castelo, sentindo-se mal.

sentou-se à sombra de uma árvore, para um descanso. Aos sinos da igreja, bimbando, faleceu. Ágata, que lhe sobreviveu, e por muitos anos, ao morrer, foi confirmada na santidade, uma vez que Deus muitos milagres operou por aquela serva fiel e caridosa.

Na Coréia, os bem-aventurados Paulo Ni e André Kim, mártires em 1798.

No mesmo dia, na província do Ponto, a memória de vários mártires que, durante a perseguição de Maximiano, foram uns cobertos de chumbo derretido, tendo outros sofrido a introdução, debaixo das unhas, de caniços agudíssimos. Após vários tormentos horríveis freqüentemente reiterados, todos mereceram, mediante uma gloriosa morte, receber de Deus a coroa da glória. — Em Alexandria, Santo Isidoro, mártir, que durante a perseguição de Décio, teve a cabeça cortada pela fé de Jesus Cristo, por ordem de Numeriano, general. — Em Seben, na Vindelícia São Genuino; em Brixen, Santo Alboino, cuja vida foi esplêndida pelos milagres.

6.º DIA DE FEVEREIRO
SANTO VEDAST OU VAAST

Bispo de Arras

Não cessava a rainha Clotilde de exortar o rei Clóvis a abandonar os ídolos e reconhecer o verdadeiro Deus. Mas não conseguiu persuadi-lo. O resultado foi uma luta que se feriu contra os alemães, em 496, nas planícies de Tolbiac, hoje Zulpich, na região de Juliers. Clóvis começou por invocar os seus deuses. Mas o seu aliado Sigeberto, rei dos francos de Colônia foi ferido no joelho, e as suas tropas fugiram; quanto às de Clóvis começaram a ceder; os alemães tinham a certeza da vitória. Em tal extremo, lembrou-se Clóvis das lições de Clotilde, ergueu as mãos para o céu, e disse, chorando: "Jesus Cristo, vós que Clotilde assegura serdes Filho do Deus vivo, se, como se afirma, socorrei os desgraçados e dai a vitória aos que em vós esperam, imploro-vos o auxílio. Se me fizerdes triunfar dos inimigos, creerei em vós e me farei batizar em vosso nome. Em vão invoquei os meus deuses; não devem ter poder nenhum, uma vez que não ajudam aos que os adoram. Assim, invoco-vos, e desejo acreditar em vós, mas livrai-me dos inimigos". Mal terminou a prece, começaram os alemães a fugir; pouco depois, vendo o seu

rei morto, rendem-se a Clóvis, dizendo: "Cessai de mandar matar esta gente, porque a partir de agora vos pertencemos!" Clóvis fêz cessar a luta, reuniu os dois povos e voltou em paz (1).

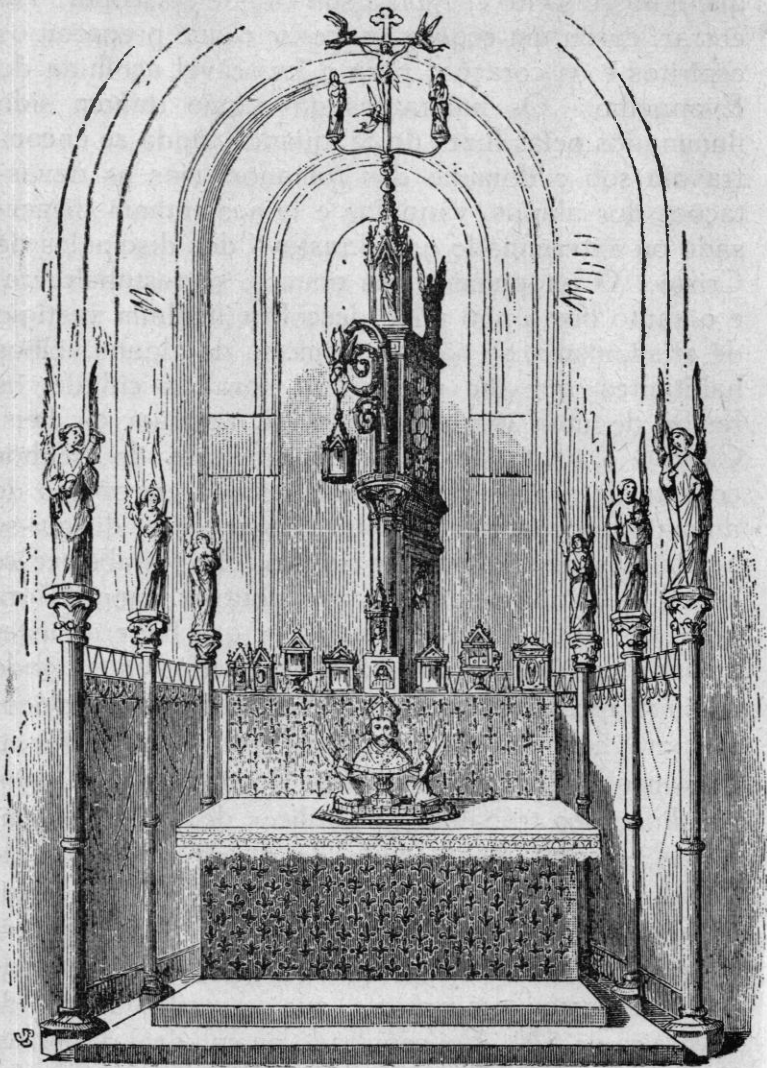
Fiel ao seu voto de abraçar a religião cristã, cuidou imediatamente de se fazer instruir, mesmo durante a marcha, a fim de estar pronto mais depressa para o batismo. Para tanto, ao passar por Toul, fêz-se acompanhar de um santo padre chamado Vedast ou Vaast, que lá vivia em retiro e gozando de grande fama de virtude. O santo varão o confirmou melhor ainda na fé pelos milagres do que pelos ensinamentos. Passando com o rei pelo país de Vuzi, sôbre a ponte do rio Aisne, um cego, ao senti-lo exclamou: "Homem de Deus, apiedai-vos de mim; não peço ouro nem prata, peço-vos apenas a vista". O homem de Deus, sentindo-se apoiado pelo Supremo, não sômente pela saúde do infeliz, senão também pela de todo o povo presente, pôs-se a orar e fêz o sinal da cruz sôbre os olhos do cego, dizendo: "Jesus, vós que sois a verdadeira luz, vós que abristes os olhos do cegado, abri também os olhos dêste, para que o povo aqui presente verifique que sois o único Deus realizador de prodígios no céu e na terra". No mesmo instante, o cego recobrou a vista; e, para conservar a lembrança do milagre, construiu-se uma igreja no lugar (2).

São Remi, bispo de Reims, que batizou Clóvis, sagrou Vedast bispo de Arras, para que pudesse esforçar-se no sentido de restabelecer a fé num país em que estava quase totalmente extinta. Foi em 499

(1) Greg. Tur., I, II, n. 30

(2) Acta SS., 6 de fev.

que o nosso santo chegou à sua cidade episcopal. Ao entrar, curou um cego e um coxo, o que preparou os espíritos e os corações para a favorável acolhida do Evangelho. Os habitantes da região tinham sido iluminados pelas luzes da fé, quando ainda se encontravam sob o domínio dos romanos; mas as devastações dos alanos, vândalos e hunos tinham dispersado ou exterminado o que restava dos discípulos de Cristo. O paganismo, aos poucos, se restabelecera, e o santo bispo não pôde descobrir nenhum vestígio de cristianismo, se não na memória de alguns velhos habitantes, que lhe mostraram, fora da cidade, os restos de uma igreja na qual se reuniam os fiéis. Chorou o santo ao ver a antiga casa do Senhor coberta de espinheiros e transformada em abrigo de animais ferozes; por uma fervorosa prece, dirigiu-se ao Pai das misericórdias, e suplicou-lhe restabelecesse o seu culto num país em que noutros tempos fôra adorado. Não tardou em verificar que lhe era mister ensinar um povo grosseiro e obstinadamente ligado às superstições; entretanto, não desanimou, e pacientemente, com doçura e caridade, conseguiu impor as máximas de Jesus Cristo. São Remi, para dar maior amplidão aos trabalhos apostólicos de Vaast, incumbiu-o, em 510, do cuidado de dirigir a diocese de Cambrai, na época bastante grande. Nada mais sabemos do nosso santo, senão que fêz florescer a igreja, e prestou dignamente todos os deveres de um bom pastor, até a morte, que se verificou em 6 de fevereiro de 539. Foi sepultado na catedral de Arras, dedicada sob a invocação da santa Virgem. Lá ficou o seu corpo até a época de Santo Alberto, que foi o sétimo bispo de Arras e de Cambrai, depois



Relicário de São Vaast, sôbre o altar da antiga catedral de Arras, hoje destruído.

dêle. O santo prelado transportou-o solenemente, em 667, para uma capelinha construída por São Vaast em honra de São Pedro. Transformou a capelinha numa igreja que tomou o nome do nosso santo, e lançou as bases de um famoso mosteiro, terminado por Vindiciano seu sucessor. O famoso Alcuíno nos legou um monumento autêntico da sua devoção por São Vaast em lhe escrevendo a vida, e compondo um ofício particular e uma missa em sua honra; chama-lhe protetor, na carta que escreveu em 769 aos monges de São Vaast de Arras.

* * *

SANTO AMANDO

Bispo de Maestricht

Nasceu Santo Amando por volta de 594, em Herbauges, perto de Nantes. Seu pai, Sereno, e sua mãe, Amântia, eram de ilustre condição. Amando, porém, renunciando a tais vantagens, abandonou a casa paterna desde a mocidade, e retirou-se para uma ilha perto de la Rochelle, onde abraçou a vida religiosa num mosteiro que, então, lá se erguia. Seu pai, não tendo para êle outros objetivos senão mundanos, foi procurá-lo e ameaçou deserdá-lo, se não retomassem as vestes do século. Respondeu o filho: "Meu pai, nada espero da vossa herança; tudo quanto vos solicito é que me deixeis servir a Jesus Cristo, que é a minha herança". Numa peregrinação ao túmulo de São Martinho de Tours, suplicou a Deus, com lágrimas, nunca mais rever a pátria, e passar a vida inteira a mudar de país, como estrangeiro. Cortou os cabelos e foi recebido no clero de tal igreja. Depois, com a bênção do abade e dos irmãos, foi a Bourges, onde Santo Austregésilo, que era o bispo, e São Sulpício, então arqui-diácono, o receberam favoravelmente e lhe deram ordem de construir uma cela perto da igreja. Lá ficou, encerrado, cêrca de quinze anos, coberto de um cilício e de cinzas, jejuando e vivendo apenas de pão e água.

Ao cabo dêsse tempo, sentiu-se inspirado a fazer a peregrinação a Roma, a fim de visitar os túmulos dos santos apóstolos. Uma noite, estava orando com fervor à porta da basílica de São Pedro, por lhe não terem dado licença de a transcorrer na igreja, quando o príncipe dos apóstolos, aparecendo-lhe, lhe ordenou voltasse às Gálias para lá anunciar aos povos as verdades da salvação. Obedeceu e, algum tempo depois, pelo ano de 626, o rei Clotário II e os bispos o obrigaram a aceitar o episcopado, sem residência determinada, porém. Entre outras boas obras, resgatava na medida do possível jovens cativos, ministrava-lhes o batismo, fazia-os instruir nas letras e, dando-lhes a liberdade, os distribuía por diversas igrejas, onde vários dentre êles se tornaram, posteriormente, abades ou bispos.

Até então, ninguém cusara pregar no país de Gand, tanto por causa da esterilidade da terra como por causa da selvageria dos habitantes. O santo foi visitar Achário, bispo de Noyon e de Tournai, em cuja diocese se encontrava então Gand, e rogou-lhe obtivesse do rei Dagoberto cartas para obrigar os idólatras a receber os ensinamentos do cristianismo. Apesar de tais cartas do rei e da bênção do bispo, não deixou de padecer em Gand incriveis penas. Frequentemente o repeliam mulheres ou camponeses; frequentemente o espancavam ou lançavam ao rio. Até os que o tinham acompanhado o abandonaram, em virtude da esterilidade do lugar; mas êle continuava a orar, vivendo do trabalho manual. Um milagre tornou mais tratáveis aquêles bárbaros.

Estava Santo Amando em Tournai, quando soube que um conde dos francos, chamado Dotton, acabava de condenar à morte um ladrão. Imediata-

mente foi solicitar o perdão do condenado, mas não logrou obtê-lo, e o infeliz foi executado. Amando foi apoderar-se do corpo, e mandando que o transportassem para sua casa, passou a noite em preces. No dia seguinte, chamou os criados e lhes ordenou trouxessem água. Julgaram que seria para lavar o corpo, segundo o costume, antes do sepultamento. Mas fortemente surpreendidos ficaram quando, entrando no aposento, lá encontraram o que haviam deixado morto cheio de vida e conversando com o bispo. Trazia ainda as cicatrizes que lhe tinham sido feitas mas que desapareceram, mal Amando as lavou com a água pedida. O historiador que narra tal fato afirma tê-lo ouvido da boca de um sacerdote testemunha. A nova do milagre se alastrou, e os habitantes acudiram em multidão, rogando humildemente ao santo bispo que os fizesse cristãos. Destruíram os templos e os ídolos, com as suas próprias mãos, e, para substituí-los, mandava Santo Amando erguer igrejas e mosteiros, mediante o auxílio do rei e de pessoas piedosas.

O santo bispo, vendo que a fé começava a se estabelecer naqueles páramos, foi pregar aos escravos, os quais, novamente chegados do norte, faziam grandes progressos na Germânia. Passando o Danúbio, anunciou o Evangelho aos bárbaros, esperando conquistar a coroa do martírio. Mas, vendo que os resultados eram escassos, voltou para o seu rebanho. Os bárbaros levaram a efeito freqüentes incursões pelas terras dos francos; mais tarde, porém, quase todos foram reduzidos à servidão, de modo que o nome de escravo ou de escravo e o de servo passaram a ser sinônimos.

O rei Dagoberto, filho de Clotário II, deixando a Austrásia para reinar na Nêustria, começou a se afastar da justiça observada até então, apoderando-se dos bens dos súditos, e até das igrejas, para encher os seus tesouros. Entregou-se, sem medida, ao amor das mulheres. Santo Amando, mais ousado que os demais bispos, censurou-o por tais crimes, e foi expulso do reino. O santo bispo rumou para as regiões afastadas com o objetivo de pregar a fé aos infiéis. Entretanto, não tinha o rei nenhum filho de tantas mulheres, e rogava por êle a Deus, quando soube, com extremo júbilo, que de Ragnetrude lhe nascera um. Refletindo por quem o mandaria batizar, mandou procurar o mesmo Santo Amando. Ao vê-lo, lançou-se-lhe aos pés, pediu-lhe perdão, rogou-lhe batizasse o filho e o tomasse como filho espiritual. Amando, a princípio, recusou; finalmente, cedeu às instâncias do rei, por intermédio de Dadon e Elói, dois senhores da côrte, dotados de grande piedade. Disseram ambos ao santo bispo que aquela afinidade espiritual com o rei lhe proporcionaria mais liberdade para pregar por todo o reino e converter maior número de infiéis. O batismo realizou-se em Orleans, para onde rumou Ariberto ou Chariberto, irmão do rei, que reinava sobre uma parte da Aquitânia, e foi padrinho do menino. Santo Amando, pegando a criança ao colo, deu-lhe a bênção para torná-lo catecúmeno; como ninguém respondesse, o menino, que ainda não contava quarenta dias, respondeu distintamente: amém. Imediatamente foi batizado com o nome de Sigeberto, e, em seguida, tornou-se mais ilustre pela santidade do que pelo nascimento. Era o ano de 630.

Em 647, o rei São Sigisberto da Austrásia obrigou Santo Amando, a quem amava como pai, a aceitar o bispado de Maestricht, após a morte de São João, cognominado o Cordeiro, bispo da cidade, para onde fôra transferida a sé de Tongres. Vendo que o êxito não correspondia ao seu zêlo, solicitou Santo Amando do papa São Martinho permissão para deixar a sua diocese e retomar o curso das suas missões apostólicas, estabelecendo, ao mesmo tempo, novos mosteiros. O papa, a princípio, o dissuadiu; mas por volta do ano de 650, encontrando-se Santo Amando em Roma — era a sua terceira peregrinação para a cidade santa — o papa São Martinho lhe aprovou as razões. Deixou, portanto, a sé de Maestricht, após havê-la ocupado por cêrca de três anos. São Remaclo, então abade de Stavelo, foi o seu sucessor. Amando visitou os mosteiros da Bélgica, e foi pregar a fé aos bascos ou gascões, ainda, na maicria, idólatras. De lá voltou a Flandres onde, em 652 mais ou menos, com Santo Auberto, bispo de Cambrai, dedicou a igreja do mosteiro de São Guislain.

Santo Amando retirou-se, nos derradeiros anos de vida, para o mosteiro de Elnon, e lá morreu aos noventa anos de idade, por volta de 679. Alguns anos antes, dedicara, com grande solenidade, a igreja por êle mandada construir em Elnon, em honra de São Pedro e São Paulo. São Réolo de Reims, sucessor de São Nivardo, São Mommolin de Noyon, São Vindiciano de Arras e de Cambrai, sucessor de Santo Auberto, assistiram à cerimônia com três abades, São Bertinho de Sithiu, Adalberto

de São Bavon, e João de Blandin. A sua vida foi escrita por Baudemond, um dos seus discípulos (1).

Deixou Santo Amando uma posteridade de santos nos seus diversos mosteiros. Fundara dois no território de Gand, dedicados em honra de São Pedro: um na cidade, que tomou o nome de São Bavon; outro perto da cidade, na montanha Blandin, chamada por isso Bandinberg. Construíra outro a três léguas de Tournai, à margem do riozinho de Elnon, onde morreu. Êste último tomou, mais tarde, o nome de Santo Amando.

* * *

(1) Hist. da igreja galicana, 1. X. Acta SS., 6 fev.

SANTA DOROTÉIA (*)

Virgem e Mártir

E

SANTO TEÓFILO (*)

Mártir

“Nós ordenamos que Dorotéia, jovem cheia de orgulho, que se recusou a sacrificar aos deuses imortais e conservar a vida, querendo, dêste modo, absolutamente, morrer por não sei que homem chamado Jesus Cristo, seja morta pela espada”.

Esta foi a sentença que Saprício, o governador enviado a Cesaréia para aplicar os editos de Diocleciano, ditou contra Santa Dorotéia.

Dorotéia, virgem da Capadócia, cujos pais haviam sido, por Jesus Cristo, martirizados, vivia na oração, no jejum, admirada de todos os que lhe conheciam o valor, a resignação, a humildade e a doçura. Acusada por pagãos, foi prêsã e conduzida à presença de Saprício, homem violento, sem entranhas nem escrúpulos.

— Não conheces, porventura, perguntou-lhe êle, os editos dos imperadores?

— Só conheço a Jesus Cristo, que amo e sirvo acima de tôdas as coisas, respondeu Dorotéia, com firmeza.

Irritado com tal resposta, gritou:

— Deves sacrificar aos deuses, já!

— Impossível! tornou a santa virgem com calma fora do comum.

— Ah! exclamou Saprício. Tu te insurges contra os príncipes poderosos?

Virou-se para os homens que lhe aguardavam as ordens, e ordenou:

— Ao cavalete com ela! Quando estiver em meio dos tormentos, terrificada, sacrificará!

— É inútil, avançou Dorotéia. Mata-me logo, que tenho pressa de chegar a Jesus Cristo, o qual me chama para o seio de seus santos!

Foi, então, a sentença de morte.

Levada à cela que lhe coubera, passou ao pé de um homem, que lhe disse, olhando-a cheia de admiração:

— Dorotéia, espôsa do Cristo, envia-me, do jardim do teu espôso, frutas ou rosas.

A jovem entreparou. Olhou-o com seriedade, perscrutando-o com atenção, procurando descobrir o sarcasmo no rosto de quem lhe dirigira a palavra, mas não o encontrou. Aquilo lhe fôra dito com a maior sinceridade. Olhando-o nos olhos, perguntou-lhe:

— Quem és?

— Sou Teófilo, o advogado.

— Tu crês de todo o coração em Deus, pelo qual estou a passar por tormentos, que me levarão a Êle?

— Creio, respondeu Teófilo, prontamente.

— Terás, então, o que me pediste.

No dia seguinte, levada ao lugar da execução, rogou a virgem ao carrasco:

— Deixa-me, por um instante, antes que morra, render graças a meu Deus, que se dignou enviar-me a glória de sofrer por Êle.

Passando os olhos pela calada multidão que assistia à cena, deu com um menino que a observava de olhos arregalados. Chamou-o e disse, estendendo-lhe o *orarium* (1) com o qual enxugara o rosto:

— Toma êste lenço, vai à casa do governador e pede para falar ao advogado Teófilo. A êle, dá-lhe o que tens em mãos, dizendo: “Dorotéia, a serva de Deus, envia-te frutos do jardim do Cristo, seu espôso e filho de Deus, conforme lhe pediste”.

O pequeno, de olhos arregalados, deixou-a e foi cumprir o mandato. E, diante de Teófilo, disse:

— Senhor, a santa filha de Deus, a virgem Dorotéia, que deve estar sendo decapitada neste instante, lembrou-se de tua solicitação. Pediu-me que te entregasse em mãos êste lenço que contém frutos do jardim de seu espôso Jesus.

De longe, vieram cantos de júbilo. Dorotéia, morta, era conduzida pelos cristãos que lhe haviam recolhido os preciosos restos à última morada.

Teófilo, comovido, tocado, apertando calorosamente o *orarium* da santa virgem, caiu de joelhos, rendendo graças ao verdadeiro Deus.

Acusado pelos colegas, Saprício ordenou que o levassem ao pretório. E, ao vê-lo, com um sorriso, perguntou:

(1) Antigamente, lenço para limpar o rosto (N. do T.).

— Então? Que tolice é essa que ouço correr por aí, de ti?

Teófilo não respondeu. Saprício continuou:

— Tu, um dos mais ardentes dos nossos, bandeaste-te para Jesus?

— Dizes a verdade, respondeu o advogado, simplesmente.

— És, então, cristão?

— Sou-o, respondeu o advogado.

— Desde quando? Que paixão é essa que te devora? Nossos deuses deixaram de ser deuses?

— Dizes a verdade, limitou-se Teófilo a repetir.

Saprício, que até ali sorria, passou das perguntas brincalhonas à seriedade. Exclamou:

— Estou vendo que vais morrer! Tu nos insultas com as insanidades que proferes!

— Morrer? fêz o advogado. Morrer por Jesus Cristo? Chamas a isto morrer? Morto estive eu todo êste tempo! Morto, viverei para sempre!

Saprício, diante daquele ardor, ordenou que o ligassem ao cavalete. E, sem proferir uma queixa, um gemido, perseverando, foi Teófilo pouco depois, desligado do instrumento de suplício para ouvir a sentença: ia morrer pelo gládio. Ia ter cortada a cabeça.

Alegremente, Teófilo marchou para a morte, para a vida eterna, e, com grande heroísmo, recebeu a palma do martírio, naqueles longínquos fins do III século.



Neste mesmo dia, São Tito, bispo de Creta, confessor, falecido aos 4 de janeiro.

Na Irlanda, os Santos Mel, Melchior, Múnio e Rioch, quatro irmãos irlandeses, confessores, que, querem alguns, foram sobrinhos de São Patrício, o imenso apóstolo da Irlanda. Mel, favorecido com o dom da profecia, predisse a grandeza e a santidade de Santa Brígida, a de Kildare. Melchior viveu sempre ao lado de Mel. Múnio foi bispo de Forgney e Rioch abade de Inisbofinde, no condado de Longford. (Fins do século V).

Em Nápoles, o bem-aventurado Ângelo de Furci, confessor. Confiado pelos pais aos beneditinos, sob êstes religiosos fêz os estudos. À morte do pai, que desejava vê-lo na vida religiosa, ficou sabendo que nascera devido à intercessão de dois poderosos no céu, São Miguel, o Arcanjo, e Santo Agostinho. Dando-se aos ermitães dêste último santo, passou a Nápoles, onde terminou os estudos e ensinou teologia. Provincial de sua ordem, morreu santamente em 1327. Escreveu comentários sôbre o evangelho de São Mateus e operou milagres.

Em Esmirna, São Búcolo, bispo e confessor nos fins do primeiro século, a quem São Policarpo sucedeu.

Em Alexandria, outra Santa Dorotéia, virgem como a de Cesaréia da Capadócia, desaparecida em 320.

Na diocese de Tournai, Santo André, abade e confessor, discípulo de Santo Amando. Administrou a abadia de Elnone. Em 693 faleceu em paz.

Na Inglaterra, Santo Ina, rei e confessor. Filho de Cenred, ocupou o trono dos saxões ocidentais em 688. Guerreiro ilustre. sábio legislador. grande

benfeitor da Igreja e restaurador de mosteiros, foi protetor de eruditos e de santos. Criador do bispado de Sherborne, do qual Aldhelm foi o primeiro titular, depois de um reinado de trinta e sete anos, abdicou. Era em 725. Com a espôsa, Etelburga, passou para Roma, onde viveu vida modesta e retirada, falecendo tranqüilamente em 730. Em Roma, diz-se, fundou uma hospedaria para acolher peregrinos vindos da Inglaterra. Foi enterrado sob o pórtico de São Pedro, segundo alguns, ou no interior da igreja do Santo Espírito, em Sásmia, segundo outros.

Na diocese de Chartres, o bem-aventurado Ernouo, abade e confessor, também conhecido pelo nome de Arnaldo. Religioso em Marmoutier, abade de Bonneval, foi amigo de São Bernardo. Faleceu em 1156.

Na diocese de Colônia, Santo Aldrico ou Elrico, confessor. De família real, exerceu as mais humildes funções nos norbertinos de Fussenich, inclusive a de porqueiro. Conta-se dêle que, certa vez, devorado por alta febre, fêz surgir uma fonte, cujas águas curaram a asma e as febres de centenas de pessoas que as buscavam. Falecido em 1200, operou milagres.

Na Suécia, São Brinolfo, bispo e confessor, filho de ilustríssima família, estudou na universidade de Paris. Feito padre, tornou à pátria, sendo, sucessivamente, cônego, depois bispo de Skara. Sua santidade foi manifestada a Santa Brígida. Faleceu em 1317, e em 1416, no concílio de Constantinopla, foi canonizado.

Na Marca de Ancona, o bem-aventurado Antônio de Mândola, confessor. Notável pela paciência

e pela caridade para com os pobres, faleceu entre os eremitães de Santo Agostinho com a idade de noventa e cinco anos, em 1350.

Em Gúbbio, onde São Francisco enfrentou o famoso lobo terrível com grande sucesso, a bem-aventurada Francisca, terciária franciscana, célebre pela extrema abstinência. Morta em 1360, operou numerosíssimos milagres.

No mesmo dia, os santos mártires Saturnino, Teófilo e Revocata. — Em Émeso, na Fenícia, São Silvano, bispo que, após dirigir por quarenta anos a igreja, foi, sob o imperador Maximiano exposto às feras com outros dois cristãos, teve todos os membros dilacerados e recebeu, assim, a palma do martírio. — Em Clermont, Auvergne, Santo Antoliano, mártir. — Em Bolonha, São Guarino, cardeal, bispo de Palestrina, notável pela santidade de vida.

7.º DIA DE FEVEREIRO

SÃO ROMUALDO

Abade, fundador da ordem dos camáldulos

Nasceu Romualdo em Ravena, da ilustre família dos duques, e na primeira mocidade, cedendo aos pendores dos anos e abusando da comodidade da riqueza, se entregou à impureza. Todavia, temeroso de Deus, esforçava-se freqüentemente por se erguer, propondo-se a realização de algo de muito grande. Nas caçadas, se se lhe deparasse, no bosque, um lugar agradável, dizia entre si: Como estariam bem aqui alguns ermitães! Como estariam em paz e ao abrigo das agitações do século! Seu pai, Sérgio, era homem do mundo, fortemente prêso aos interesses. Disputava com um dos parentes um prado. Vendo que o filho Romualdo cedia na questão e tinha extremo horror de fazer morrer o parente, ameaçou deserdá-lo. Finalmente, a questão chegou ao auge, e o parente foi morto pelas mãos de Sérgio. Embora Romualdo não tivesse desempenhado outro papel senão o de estar presente, quis penitenciar-se durante quarenta dias, e, para tanto, retirou-se ao mosteiro de Santo Apolinário de Classe.

Lá, impressionado pelas exortações de um irmão converso, resolveu dar-se inteiramente a Deus e

pediu o hábito monástico. Mas os monges, temendo a dureza do pai, não ousaram conceder-lho. Romualdo dirigiu-se, então, a Honesto, arcebispo de Ravena, que fôra abade de Classe. O prelado o exortou a seguir o santo desejo, e ordenou aos monges o recebessem sem hesitação, o que êles fizeram, apoiados em tal autoridade. Tinha Romualdo vinte e quatro anos, e Honesto entrara na sé de Ravena em 971, donde se segue Romualdo não podia ter nascido antes de por volta de 952. Ficou cêrca de três anos no mosteiro de Classe; mas vendo que a observância estava desleixada, começou a repreender severamente os monges, colocando-lhe os regulamentos diante dos olhos. Indignados com a ousadia do jovem, resolveram matá-lo, e visto que se levantava de noite antes dos outros, para orar, pretenderam atirá-lo de um terraco. Romualdo, advertido por um dos cúmplices, evitou o perigo.

Progredindo cada vez mais no desejo da perfeição, soube que havia perto de Veneza um ermitão chamado Marinho, dotado de elevada espiritualidade. Pedindo, então, consentimento ao abade e aos monges de Classe, o que lhe foi fàcilmente concedido, embarcou para visitá-lo, e colocou-se sob a sua guia. Marinho era homem de grande simplicidade e grande pureza, mas não tivera mestre na vida solitária. Recitava todos os dias o saltério; e não sabendo Romualdo nada, quando abandonara o mundo, mal podia ler naquele tempo. Marinho golpeava-o com uma varinha na cabeça, do lado esquerdo, para o corrigir; e Romualdo, após suportar por longo tempo aquilo, disse-lhe finalmente: "Meu mestre, batei-me, se assim vos apraz, do lado direito, pois já quase nada

mais ouço do lado esquerdo". Marinho, admirado com tamanha paciência, suavizou a indiscreta severidade.

Pedro Urseolo, então duque ou doge de Veneza, subira a tal dignidade pelo crime. Vital Candidiano, seu predecessor, tornara-se suspeito aos venezianos que, conspirando contra êle, resolveram atacá-lo no seu palácio e matá-lo, com tôda a família; como, porém, se mantivesse de sobreaviso, os venezianos decidiram queimar a casa de Pedro Urseolo, contígua ao palácio, e a êste conseguiram induzir mediante a promessa de o escolherem para doge. Pedro, após satisfazer a ambição, corroído pelos remorsos, pediu conselho a um abade chamado Guerino, que chegara das Gálias, rumando para diversos lugares em peregrinações de devoção. Consultou também Marinho e Romualdo, e os três o convenceram a renunciar não sòmente à dignidade mal adquirida, senão também ao mundo, abraçando a vida monástica. Pedro furtou-se secretamente à mulher e à família, com um de seus amigos chamado João Gradenico; os dois foram unir-se aos outros três, e embarcando todos, chegaram às Gálias, ao mosteiro de São Miguel de Cusano, governado por Guerino desde o ano de 973. Pedro Urseolo e Gradenico tornaram-se monges; mas Marinho e Romualdo permaneceram perto do mosteiro, continuando na vida de ermitão à qual estavam acostumados, e ao cabo de um ano os outros dois foram ter com êles.

Como outrora Santo Antônio, teve Romualdo de enfrentar numerosos ataques da parte dos espíritos malignos; mas, como Antônio, venceu-os pela fé, humildade e confiança em Deus. Distinguiu-se de tal

modo entre os companheiros pelo zêlo, que não tardou em se lhes tornar mestre, submetendo-se o próprio Marinho à sua guia. Durante um ano, Romualdo, por nutrição, diàriamente, tomou apenas um punhado de ervilhas; e durante três anos, êle e Gradenico viveram do trigo que colhiam lavrando a terra manualmente, redobrando dessarte, pelo trabalho, o rigor do jejum. Romualdo, tendo lido a vida dos Padres soube que alguns jejuavam tôda a semana, com exceção do sábadó e do domingo, e resolveu imitá-los, vivendo dêsse modo mais de quinze anos. Depois, transferiu para as quintas-feiras o alívio que tomava nos sábados, tanto para se conformar ao uso da Igreja romana, como para tornar mais suportável o jejum. Estabeleceu, então, a regra dos ermitães pela qual deviam jejuar todos os dias, exceto as quintas-feiras e os domingos, dias em que podiam comer verduras e valer-se de tôda espécie de bebida; porém, durante as duas quaresmas do ano, jejuavam tôda a semana. Proibia aos outros passar um dia inteiro sem comer, embora êle próprio o fizesse frequentemente, e dizia que quem aspira à perfeição deve comer todos os dias, de tal modo que tenha fome todos os dias.

O conde Oliban, a quem havia pertencido o mosteiro de Cusano, era um senhor das Gálias, coberto de graves pecados. Um dia, visitou São Romualdo e contou-lhe tôda a vida, como em confissão. O santo varão respondeu-lhe que só poderia salvar-se abraçando a vida monástica. O conde surpreendeu-se, e retrucou que os homens espirituais aos quais já se havia confessado jamais lhe tinham aconselhado tão rude penitência. Mandou chamar uns bispos e

abades que o tinham acompanhado e, após deliberarem todos juntos, concordaram com o parecer de Romualdo, confessando que o temor os havia impedido, até então, de dar ao conde o mesmo conselho. Oliban combinou com Romualdo ir ao monte Cassino, a pretexto de peregrinação, e lá abraçar a vida monástica.

Entretanto, Sérgio, pai de Romualdo, também impressionado pela graça de Deus e pelo exemplo do filho, fêz-se monge no mosteiro de São Severo, perto de Ravena; mas, algum tempo depois, arrependeu-se e quis voltar ao mundo. Os monges avisaram imediatamente Romualdo, que resolveu ir em auxílio do pai, e incumbiu o abade Guerino e João Gradenico de conduzir o conde Oliban ao monte Cassino. Os habitantes dessa parte das Gálias habitada por Romualdo e seus companheiros, e que se situava provavelmente nas fronteiras da Espanha, sabendo que o santo varão pensava em lhes abandonar o país, ficaram extremamente aflitos; e, após terem buscado um meio qualquer de prevenir tão grave perda, nada mais seguro acharam do que mandar que alguns homens o matassem, para terem, pelo menos, as suas relíquias em proveito do país. Romualdo, advertido, rapou inteiramente a cabeça; e quando os assassinos se aproximaram da cela, pôs-se a comer de manhã, como que por gulodice. Julgaram êles que o santo tivesse perdido a razão, e retiraram-se sem lhe fazer qualquer mal. Tendo assim escapado a tão brutal devoção, partiu do fundo das Gálias, de pés nus, com um bordão, e chegou a Ravena, onde, encontrando o pai resolvido a voltar ao século, colocou-lhe os pés nas peias, carregou-o de ferros e o bateu rude-

mente até que, maltratando-lhe o corpo, lhe curou a alma e o fêz regressar à primeira resolução, na qual perseverou, morrendo santamente algum tempo depois.

Quanto ao conde Oliban, legando as terras ao filho, partiu para a Itália com o abade Guerino, João Gradenico e Marinho. Pedro Urseolo, outrora doge de Veneza, morreu, e santamente, sendo-lhe o nome inscrito no Martirológio romano pelo papa Bento XIV, em 10 de janeiro. Conduzia Oliban consigo quinze burricos carregados do seu tesouro; chegado, porém, ao Monte Cassino, despediu os homens que o acompanhavam e que ficaram surpreendidos e aflitos. Marinho, pouco tempo depois, foi à Apúlia, e lá viveu na solidão, sendo finalmente morto por ladrões árabes. O abade Guerino, acostumado às peregrinações, resolveu ir a Jerusalém, indo João Gradenico com êle; mas Oliban, sabendo da novidade, lhes rogou, com lágrimas, o não abandonassem, visto que Romualdo o recomendara a êles. Partiram, todavia; porém, mal tinham pisado a planície, o cavalo de Guerino quebrou a perna de Gradenico, que se viu, desarte, obrigado a voltar ao monte Cassino, e, mandando construir uma cela perto do mosteiro, nela viveu quase trinta anos, terminando santamente a vida.

São Romualdo, depois da morte do pai, retirou-se para os brejos de Classe, encerrando-se numa cela afastada. Seguiu-o o demônio, como já fizera com Santo Antônio, e submeteu-o a novos ataques. Tentou vencê-lo pela melancolia, e certo dia chegou a batê-lo cruelmente. Romualdo, cheio de confiança naquele que a todos nós salvou, exclamou no meio

dos tormentos: "Ó meu doce Jesus! Por que me abandonastes? Entregastes-me, pois, inteiramente à força dos meus inimigos?" Mal proferiu tais palavras, os demônios desapareceram. O santo não somente recobrou a primitiva tranqüilidade, como também desfrutou das delícias e dos consolos que o arrebataram. Unido a Deus pelo mais terno amor, desafiava os espíritos das trevas que lhe surgiam sob variadas formas de animais: "Eis-me aqui, dizia-lhes, estou pronto; vinde, vejamos se tendes algum poder. Como! Já terminastes? Já estais vencidos? Não tendes mais recursos contra um pobre servidor de Deus?" Os demônios, postos em fuga, ergueram contra êle os próprios discípulos. Tendo construído em Sarsina um mosteiro em honra de São Miguel, vivia lá perto, numa cela. Os monges do novo mosteiro não eram muito obedientes aos seus conselhos. Um dia, o marquês Hugo enviou ao santo sete libras de prata. Romualdo mandou sessenta moedas a um mosteiro que acabava de sofrer um incêndio, e reservou o resto para semelhantes ocasiões. Os seus próprios monges de São Miguel acharam mau que êle assim desse aos outros, em vez de reservar tudo a êles.

Irritados, aliás, pelas censuras que lhes dirigia, foram à sua cela, armados de varas, moeram-no de pancadas, pegaram-lhe tudo quanto possuía e expulsaram-no do território. O demônio, não conseguindo impedi-lo de cuidar da salvação, pretendeu, ao menos, impedi-lo de cuidar da salvação dos outros. E com efeito, Romualdo chegou a pensar em ocupar-se de si próprio exclusivamente; mas a idéia o mergulhou em tamanha perturbação, que houvera morrido se a não

tivesse repellido. Por sua vez, os maus monges não tardaram em sentir a punição do céu. Para celebrarem a vergonhosa vitória, quiseram fazer um festim. Um dêles, o que mais violento se havia mostrado, foi comprar um pouco de mel destinado à feitura de uma das mais delicadas iguarias; ao passar, todavia, por uma ponte de pranchas, caiu ao rio e afogou-se. Quanto aos demais estavam dormindo em plena noite, como habitualmente, quando tombou tão grande quantidade de neve, que afundou o teto, fazendo desabar a casa sôbre êles, matando-os ou estropiando-os. Estava-se pelo ano de 995. Foi assim que Deus preparou o seu servo para tornar-se pai de vários santos e de uma congregação útil à Igreja, a qual produziu, ainda nos nossos dias, sábias e grandes personagens, como o cardeal Zurla e o papa Gregório XVI. Temos a vida de São Romualdo muito bem escrita por outro santo do seu tempo e do seu país, São Pedro Damiano. O século décimo, que tão mal julgado tem sido, não produziu apenas santos em grande número, senão também homens capazes de lhes escrever a vida em estilo conveniente (1).

Querendo o imperador Otão III reformar a abadia de Classe, deu aos monges a escolha do abade que mais lhes aprouvesse; escolheram simultaneamente Romualdo; e o imperador, temendo que o santo varão não quisesse comparecer na côrte, foi visitá-lo pessoalmente, deitou-se-lhe no leito e, no dia seguinte, o levou ao palácio, onde instou para que aceitasse a abadia. O santo dedicou-se a restabelecer no mosteiro a exata observância da regra, sem dar nenhu-

(1) Acta SS., 7 fev. Act. Bened., Secç. V.

ma dispensa em favor da nobreza ou da doutrina. Aquela severidade levou muitos monges a se arrependem da escolha. Começaram, portanto, a murmurar fortemente contra êle de sorte que, vendo Romualdo que não lograva convertê-los, e sentindo que êle próprio decaía da perfeição, foi visitar o imperador em Tibur, e na presença dêle e do arcebispo de Ravena, deixou o bastão pastoral e renunciou à abadia.

Parecia que a Providência o tivesse enviado para salvar os habitantes de Tibur, os quais se haviam revoltado contra o imperador e matado Mazolino, duque. Romualdo conseguiu levá-los a render-se ao imperador, fazendo abater uma parte das suas muralhas, dando reféns, e a entregar o assassino do duque a sua mãe, que êle obrigou a lhe perdoar. Foi também em Tibur que converteu Tama, o qual iludira Crescêncio. Pintou-lhe com côres tão fortes a enormidade da sua superstição e do seu perjúrio, que o persuadiu a abandonar o mundo. E o imperador, que apreciava a ordem monástica, de boa vontade lhe concedeu permissão.

O próprio imperador, tendo confessado o crime a São Romualdo, realizou de pés descalços, por penitência, a peregrinação de Roma a São Miguel do monte Gárgano. Permaneceu no mosteiro de Classe durante tôda a quaresma seguinte do ano de 999, jejuando e salmodiando o mais que podia, usando um cilício sôbre a carne, embora por cima estivesse coberto de ouro e púrpura. Para dormir, valia-se de uma simples esteira. Finalmente, prometeu a São Romualdo abandonar o império e vestir o hábito monástico. Mas não cumpriu a promessa (1).

(1) Vit. S. Romuald. Act. Bened., secç. VI Acta SS., 7 fever.

No ano 1000, venceu o imperador Otão III os Alpes e demorou-se algum tempo em Pavia. A conselho de São Romualdo, fundou perto de Ravena um mosteiro em honra de Santo Adalberto de Praga. E visto que São Romualdo o instava a abraçar a vida monástica, de acôrdo com a promessa que lhe fizera na outra jornada, o imperador assegurou-lhe que o faria, mal submetesse Roma revoltada contra êle, e regressasse vitorioso a Ravena. Mas retrucou-lhe Romualdo: "Se fordes a Roma, nunca mais voltaeis a Ravena". Declarou-lhe francamente que a morte estava próxima, e, não logrando afastá-lo do empreendimento, retirou-se para Parenzo, cidade situada numa península da Ístria, e lá ficou durante três anos; no primeiro, fundou um mosteiro, nos outros dois ficou enclausurado. Deus o elevou a tão sublime perfeição, que o santo conhecia o futuro e penetrava vários mistérios do Velho e do Novo Testamento. De súbito, recebeu o dom das lágrimas, às quais, antes, inútilmente procurava chegar. E aquêle dom lhe durou o resto da vida.

Saiu do retiro, cedendo aos rogos dos irmãos dos seus outros mosteiros; mas o bispo de Parenzo, sabendo daquilo, de tal modo se afligiu, que mandou anunciar que quem desse uma barca a Romualdo para voltar à Itália, nunca mais tornaria a entrar em Parenzo. De fora chegaram duas barcas, cujos tripulantes acolheram o santo com júbilo, julgando-se felizes por transportar tão grande tesouro; mas, durante a passagem, sobreveio tão furiosa tempestade, que todos se julgaram prestes a morrer. Uns se despiam para nadar, outros tratavam de agarrar-se

a pranchas. Romualdo, após abaixar o capuz e pôr a cabeça entre os joelhos, rezou algum tempo em silêncio; depois, disse ao padre Anson, que perto dêle se encontrava, que declarasse aos marinheiros não haver motivo para temor. E pouco tempo depois, chegaram todos felizmente a Caarla.

Romualdo rumou para o seu mosteiro de Bifolco, onde se lhe depararam celas demasiadamente magníficas. Êle só quis alojar-se numa, a qual não contava mais do que quatro côvados. Não lhe tendo sido possível persuadir os monges a submeter-se à guia de um abade, abandonou-os e mandou pedir asilo aos condes de Camerino. Ofereceram-lhe êstes, com enorme contentamento, tôdas as terras dos seus estados, desertas ou cultivadas; e o santo escolheu um lugar chamado Val de Castro, planície fértil e bem regada, rodeada de montanhas e bosques. Já havia lá uma igrejinha e uma comunidade de penitentes, que lhe cederam o lugar. Romualdo começou, pois, a construir celas e a viver lá com os seus discípulos, sendo incríveis os frutos colhidos. De todos os lados acorria gente em busca de penitência; uns davam os seus bens aos pobres, outros deixavam o mundo de uma vez e abraçavam a vida monástica. O santo varão era como que um serafim, de tal modo inflamado do amor de Deus, que o punha no coração de quantos o ouviam.

Os que com mais severidade repreendia eram os clérigos seculares ordenados por simonia, declarando-lhes que estavam perdidos, se não renunciassem voluntariamente às funções das suas ordens. Tais palavras tão novas se lhes afiguraram, que pretenderam matá-lo. De fato, achava-se a simonia tão fir-

mada em tôda a região que, até o tempo de Romualdo, mal havia quem soubesse que aquilo era pecado. Disse-lhes êle: "Trazei-me os livros dos cânones e vêde se vos digo a verdade". Após examiná-los, reconheceram êles o crime cometido e o deploraram. O santo varão persuadiu vários cônegos e outros clérigos que viviam como leigos, a obedecerem a superiores e a viverem em comunidade, o que parece ser o comêço dos cônegos regulares que veremos a seguir. Alguns bispos que tinham subido ao trono através da simonia, foram consultá-lo, e, pondo-se debaixo da guia dêle, prometeram deixar o bispado e abraçar a vida monástica.

São Romualdo abandonou Val de Castro e, deixando alguns dos seus discípulos na localidade, transferiu-se para Orvieto, onde ergueu um mosteiro mediante, sobretudo, o auxílio do conde Farulfo. Não logrando satisfazer o zêlo, concebia continuamente novos planos; parecia desejar mudar o mundo inteiro em deserto e arrastar todos os homens à vida monástica. Subtraiu ao século grande número dêles, perto de Orvieto, e disseminou-os por vários mosteiros. Vários filhos de nobres deixaram os pais para unir-se ao santo varão. Entre êles, figurou o filho do conde Guido, o qual abraçou a vida monástica e morreu santamente, quando era ainda muito jovem.

Sabendo do martírio de São Bonifácio, seu discípulo, morto pelos russos em 1009, sentiu Romualdo um desejo tão grande de derramar o sangue por Jesus Cristo, que imediatamente resolveu rumar para a Hungria. Obtendo, mais tarde, a permissão da Santa Sé, partiu com vinte e quatro discípulos, dois

dos quais haviam sido sagrados arcebispos para tal missão. Era tão intenso o zêlo de todos pela salvação do próximo, que o santo não podia conduzir menor número. Mas quando entraram na Panônia, que é a atual Hungria, foi Romualdo atacado de uma enfermidade que lhe impediu prosseguir. Foi longa a enfermidade, e quando Romualdo já resolvera refazer o caminho de volta, melhorou; contudo, ao pretender continuar, inchou-se-lhe o rosto e o estômago se recusou a suportar qualquer alimento. Reuniu, pois, os discípulos e disse-lhes: vejo que Deus não quer que eu vá adiante; como, porém, não desconheço o vosso desejo, não obrigo ninguém a regressar, e deixo a todos a mais ampla liberdade. Sei que nenhum dos que ficarem sofrerá o martírio. Com efeito, dentre quinze que penetraram na Hungria, alguns foram fustigados, vários vendidos e reduzidos à escravidão, mas nenhum chegou ao martírio.

Voltou Romualdo ao seu mosteiro de Orvieto, onde verificou que o abade não lhe seguia os ensinamentos. Queria o santo que o abade, sendo verdadeiramente monge, amasse a extrema abjeção, não tivesse nenhum afeto pelas coisas temporais e empregasse os bens do mosteiro em coisas úteis aos irmãos, sem fazer despesa nenhuma por vaidade. Não sendo ouvido, deixou o mosteiro e foi alojar-se com os discípulos perto do castelo de Ranieri, mais tarde marquês da Toscana. Ranieri que abandonara a mulher, sob o pretexto de parentesco, desposara a viúva de um dos seus parentes. Assim, não quis Romualdo ficar naquelas terras, para não parecer que aprovava tal comportamento. Pagava-lhe uma moeda de ouro pela água, e outra pela lenha, e obrigava-o a recebê-

los, sob a ameaça de se retirarem. Dizia Ranieri: “Não há nem imperador, nem homem vivo que me incuta tanto medo quanto o rosto de Romualdo. Não sei o que dizer diante d’ele e não encontro desculpa para defender-me”. Com efeito, o santo varão recebera de Deus o dom mediante o qual todos os pecadores, principalmente os grandes do século, tremiam na sua frente, como se estivessem na frente da divina majestade.

Por outras vêzes mudou de alojamento, dando frutos em tôda parte e convertendo vários pecadores; o que o obrigava a mudar-se tão freqüentemente era o fato de, onde quer que parasse, ir procurá-lo incalculável multidão. Assim, quando acabava de lotar um mosteiro, designava um superior e tratava de ir fundar outro. Entre outros mosteiros, foi habitar a montanha de Sítria na Úmbria, onde sofreu uma calúnia atroz da parte de um dos seus monges, chamado Romano. Desejando corrigi-lo das impurezas, não somente com repreensões, se não também com rudes disciplinas, acusou-o o monge de crime do mesmo gênero. E embora a sua idade decrépita e o corpo extenuado o tornassem incapaz daquilo, a calúnia encontrou bons ouvidos e os discípulos do santo varão impuseram-lhe penitência e proibiram-lhe celebrar os santos mistérios. Submeteu-se São Romualdo e, por cêrca de seis meses, ficou sem se aproximar do altar. Finalmente, Deus lhe ordenou, sob pena de perder a graça, que abandonasse aquela simplicidade indiscreta e celebrasse ousadamente a missa. Fê-lo no dia seguinte, e, durante a missa, ficou longamente arrebatado em êxtase e recebeu

ordem de fazer uma exposição dos salmos, que ainda se conserva em Camaldulo, escrita pela sua mão.

Estando em Sítria, passou sete anos enfêrmo, mantendo continuamente o silêncio, e todavia nunca realizou mais conversões e abrangeu maior número de penitentes. Na velhice, não abandonou em nada a austeridade de vida. Durante uma quaresma, viveu exclusivamente de sopa feita com um pouco de farinha, e algumas verduras. Fazia várias experiências para provar as fôrças. Durante o verão, de duas semanas, passava uma jejuando, a pão e água; na outra, acrescentava algo de cozido na quinta-feira. Quando se sentia tentado a comer iguarias mais do seu gôsto, fazia-as preparar cuidadosamente, aproximava-as do nariz e da bôca, e dizia: gulodice! gulodice! Como te causariam prazer estas iguarias! Mas ai de ti! Não as provarás! e mandava as levassem de volta. Tais austeridades não lhe impediam apresentar um rosto sereno e constante alegria. Realizou várias curas milagrosas, mas evitando, o mais possível, lhes fôsem atribuídas. Quando enviava os discípulos a alguma parte, dava-lhes um pão, uma fruta ou outra coisa qualquer abençoada; e os discípulos curavam vários enfermos fazendo com que êstes os comessem.

Viviam os monges de Sítria em grande perfeição. Todos caminhavam de pés descalços, pálidos, descuidados, e todavia contentes naquela extrema indigência. Alguns ficavam encerrados nas celas como se estivessem em sepulcros. Ninguém jamais experimentava vinho. Não sòmente os monges, senão também os servos e os que guardavam o gado, jejuavam, observavam o silêncio, impunham disciplina um

ao outro, e exigiam penitência pelas menores palavras ociosas. Quando Romualdo lá viu tão grande número de monges, que mal podiam viver juntos, deu-lhes um abade e retirou-se para Bifolco, conservando estreitamente o silêncio.

Entretanto, o imperador Santo Henrique, chegando à Itália, rogou, por um emissário, a São Romualdo que fôsse visitá-lo, prometendo fazer tudo quanto lhe ordenasse. O santo varão recusava-se a ir e romper o silêncio. Mas disseram-lhe os discípulos: “Lembra-vos de que é tão grande aqui o nosso número que nem mais podemos instalar-nos cômodamente. Pedi, ao imperador, um mosteiro bem grande”. O santo escreveu-lhes: “Sabei que o imperador vos dará o mosteiro do monte Amiat; vêde bem que abade ireis escolher”. Foi, então, visitar o imperador, que imediatamente se levantou e disse com grande afeto: Prouvera a Deus que minha alma estivesse no vosso corpo! Rogou-lhe que falasse, mas naquele dia não conseguiu levá-lo a romper o silêncio. No dia seguinte, quando Romualdo chegou ao palácio, os alemães, aos grupos, o saudaram abaixando a cabeça, e apressando-se em arrancar-lhe os pelos da pele para os levar de volta ao país de origem como relíquia. Afligiu-se tanto São Romualdo que, não fôsem os discípulos, houvera imediatamente regressado à cela. Diante do imperador, falou-lhe muito da restituição dos direitos das igrejas, da violência dos poderosos e da opressão dos pobres. Finalmente, pediu um mosteiro para os seus discípulos, e o imperador deu-lhe o monte Amiat, do qual expulsou um abade culpado de vários crimes. O mosteiro, situado na Toscana, no território de Clúcio,

fôra fundado pelo ano de 743, por Rachis, rei dos lombardos.

Uma das últimas fundações de São Romualdo, e que posteriormente se tornou a mais célebre, foi a de Camaldulo. O lugar, chamado então Campo Malduli, situa-se no meio das mais rudes montanhas dos Apeninos, na diocese de Arezzo; trata-se, porém, de agradável planície, regada por sete fontes. São Romualdo escolheu-o por adequado aos discípulos, e lá construiu uma igreja do Santo Salvador e cinco celas separadas, para outros tantos ermitães, a quem deu por superior o venerável Pedro. Foi dêsse mosteiro que os religiosos de São Romualdo tomaram o nome de Camaldulenses.

Sentindo São Romualdo que o fim se aproximava, voltou ao mosteiro de Val de Castro, e, certo de que morreria em breve, mandou lhe construísem uma cela com um oratório, para lá encerrar-se e manter-se em silêncio até a morte. Vinte anos antes, predissera aos discípulos que morreria naquele mosteiro, sem que ninguém presenciasse a sua morte. Feita a cela de reclusão, sentiu o santo que lhe cresciam as enfermidades, principalmente uma dor no peito, que havia seis meses o oprimia. Contudo, não quis deitar-se num leito, nem atenuar o rigor do jejum. Um dia, estando a enfraquecer pouco a pouco, e enquanto o sol descambava, ordenou a dois monges, que se encontravam perto, saíssem e fechassem, por fora, a porta da cela, voltando, depois, ao nascer do dia, para dizerem ao seu lado as matinas. Saíram os dois a contragosto e, em vez de deitar-se, ficaram perto da cela; algum tempo depois, escutando com atenção, e não ouvindo nem movimento nem voz, impeliram a

porta e, à luz do archote, viram o santo morto, deitado de costas. Viveu São Romualdo cento e vinte anos, vinte dos quais passou no mundo, três no mosteiro, noventa e três na vida de ermitão. É o que lemos em sua vida, escrita, quinze anos depois, por São Pedro Damiano. Morreu no ano de 1027, em 19 de junho, e a Igreja lhe honra a memória no mesmo dia; em Roma, porém, a festa foi fixada no dia 7 de fevereiro, dia da segunda trasladação. Imediatamente após a sua morte, realizou-se grande número de milagres no seu túmulo, o que fez com que, cinco anos mais tarde, os monges obtivessem da Santa Sé permissão para erguer um altar sobre o seu corpo. Era, então, uma das maneiras de canonizar os santos (1).

A ordem de São Romualdo, ou seja dos camaldulenses, ainda subsiste com honra. Encerra os três gêneros de vida, cenobitas, ermitães e reclusos. A regra é a de São Bento, com algumas observâncias particulares. A ordem de São Bento e a de São Romualdo deram, nos nossos dias, dois grandes papas: a primeira deu Pio VII, de gloriosa memória; a segunda Gregório XVI.

* * *

(1) Acta SS., 7 fev., Act. Bened., secc. 6, parte 1.

O BEM-AVENTURADO ANTÔNIO DE STROCONIO

Franciscano

O bem-aventurado Antônio de Stroconio, assim chamado da aldeia em que nasceu, na Úmbria, desejou, desde a idade de doze anos, entrar na ordem de São Francisco. O superior do convento ao qual se apresentou, assombrando com a sua extrema mocidade, negou-se a conferir-lhe o hábito. Mas o fervor do suplicante substituiu a fraqueza da idade, e o superior o admitiu ao noviciado e, em seguida, à profissão. Quando proferiu os votos, foi Antônio colocado sob a direção do bem-aventurado Tomás Bellaccio, o qual, conservando-o vários anos ao seu lado, o enviou depois à Córsega, onde Antônio estabeleceu vários conventos da observância. De regresso à Itália, passou algum tempo na Toscana, donde voltou ao país natal, que habitou até o fim da vida. Viviu nas casas mais solitárias, nutrindo-se apenas de pão, água e absinto. Confessou que lhe tinham sido necessários catorze anos para habituar-se ao amargor daquela planta. Eram de assombrar as suas austeridades; contudo, atingiu a idade de oitenta anos. Quis, então, o Senhor recompensar a vida ao mesmo tempo pura e mortificada do servo. Antônio faleceu

em 1471, no convento de São Damiano, perto de Assis. Em 1769, a congregação dos ritos publicou a aprovação do culto público do bem-aventurado Antônio, dada em 1687 pelo papa Alexandre VII. A festa se celebra no dia 7 de fevereiro.

* * *

SÃO TEODORO DE HERACLÉIA (*)

Mártir

Teodoro era natural do Oriente. Querem alguns que de Euchaita, outros de Heracléia. Militar, pertencia a uma das legiões que acampavam em Heracléia, quando do imperador Maximiano.

Cristão, não se atemorizava de tal dizer-se, segundo nos deixou patente São Gregório de Nissa.

Quando se iniciaram as perseguições que tiveram lugar no princípio do IV século, viu-se acusado de ser partidário de Jesus Cristo. Foi, então, prêso e levado à presença de dois dos seus oficiais.

— És, então, da fé daquele a quem chamam Jesus Cristo? perguntaram-lhe.

— Sim, respondeu o bravo soldado, com desenvoltura. Eu o sou, senhores. Sou do Cristo, Filho único de Deus vivo e verdadeiro.

— Não sabes que poderás passar por tormentos, para renunciarest a essa loucura, e mesmo morrer, se persistires?

Teodoro, prontamente, respondeu:

— Por Deus, senhores, estou pronto a suportar quaisquer tormentos. Morrer será doce para mim.

— Estás louco, homem! riu um dos oficiais. Vamos, reflete. Pensa com scssêgo na questão.

Deixado livre, por uns tempos, para pensar, porque os cristãos, naqueles idos eram considerados dementes, Teodoro valeu-se da oportunidade que se lhe deparava, e correu a atear fogo ao templo dedicado à mãe dos deuses.

Nectório culpado do sinistro, o soldado de Jesus Cristo viu-se, dessa vez, diante dos juizes. Acusado, confirmou o que lhe imputavam. Foi, então, atirado aos algozes e teve o corpo rasgado em mil e uma partes. Enquanto era supliciado, como se nada fôra, cantava, bem alto, salmos sôbre salmos, diante dos admirados pagãos que não podiam compreender como um ser suportasse assim a dor, vencendo-a tão facilmente.

Levado à prisão, Teodoro lá ficou, estirado, a descansar. E, à noite, despertando o carcereiro por maviosos cantos que vinham da cela do novo prêso, correu a ver o que aquilo significava. Eram cantos celestes aquêles, não da terra, pois jamais, em tôda a vida, os ouvira semelhantes. Logo um clarão vivísimo lhe feriu os olhos. Vinha, como o doce cantar embriagador, do cubículo do jovem prisioneiro torturado naquele dia mesmo. E, boquiaberto, aproximando-se, com o cérebro num turbilhão, nada viu — apenas o supliciado deitado num canto, a repousar tranqüilamente.

No dia seguinte, Teodoro, mantendo-se firme na fé, ouviu a sentença que lhe proferiram: morreria queimado vivo. Assim foi e recebeu a gloriosa coroa do martírio.

* * *

SÃO PARTÊNIO (*)

Bispo e Confessor

São Partênio, filho de um bom homem chamado Cristódulo, era originário de Melitópolis. Pouco conhecedor das letras humanas, era, em compensação, versadíssimo nas Escrituras santas.

Condoído com a sorte dos pobres, moço, fêz-se pescador; tôdas as tardes, religiosamente, era visto pela cidade a vender o produto do trabalho diário, cujo apurado, totalmente, distribuía à pobreza.

Deus principiou a operar milagres por intermédio daquela santa alma, quando Partênio completou dezoito anos. Livrando do espírito impuro muitos possuídos do demônio, Partênio foi chamado pelo bispo de Melitópolis e feito sacerdote. Ordenado padre, ficou encarregado de visitar as ovelhas do rebanho do bom bispo. Foi numa dessas visitas que, encontrando-se com um cão raivoso, o matou tão-sòmente, fazendo o sinal da cruz, diante do animal que lhe saltava ao pescoço, selvagememente.

O bispo de Cízica, Áscolo, fê-lo bispo de Lâmp-saco, lugar em que a população era quase totalmente pagã. Pelas orações e instruções, principalmente pelos milagres ali operados, o santo converteu a cidade inteira.

Um dia, determinando usar uma grande pedra que pertencera a um dos templos idólatras de Lâmp-saco, ordenou a transportassem para a igreja que fervorosamente levantava na cidade. Entre os homens que se incumbiram da remoção da enorme peça estava um operário chamado Eutiquiano. Esse Eutiquiano, posta a pedra no carro, foi, em dado momento, escorregando, pôr-se debaixo das rodas. Amassado, morreu na hora. Quando Partênio soube do sucedido, ficou emocionadíssimo, e, atribuindo-o a uma investida do demônio, correu ao local do acidente, encontrando o homem morto. Ajoelhando-se-lhe ao lado, ergueu os olhos para o céu e dirigiu, a chorar, uma fervente prece ao Senhor.

Terminada a oração, Eutiquiano voltou à vida. Sentado, olhava para um e para outro, sem saber o que lhe havia sucedido.

Conta-se também de São Partênio que, em Heracléia, metrópole da Trácia, ao visitar o bispo Hipatiano, encontrou-o gravemente doente. No mesmo instante, por revelação divina, descobriu a causa do mal do prelado: a avareza.

— Tua doença, disse a Hipatiano, não te vem do corpo, mas da alma.

— Da alma? fêz o prelado dêbilmente. Mas como?

— Sim, confirmou Partênio. É a avareza que ta corrói, pouco a pouco. E, se quiseses recuperar a saúde, tôda ela, restitui a Deus todos os bens dos pobres, que conservas.

O bispo, chamando o ecônomo, deu-lhe ordens para distribuir à pobreza tudo o que ferrenhamente guardava.

— Não, tornou o Santo. Tu mesmo é que deverás fazê-lo.

— Mas, tornou o doente prelado, sinto-me sem fôrças. Como deixarei êste leito, tão fraco estou?

— Não te sentirás fraco amanhã, sentenciou São Partênio convictamente. Manda que, amanhã de manhã, tôda a pobreza se reúna na igreja de Santa Glicéria e vai cumprir o dever.

Hipatiano, no dia seguinte, fêz-se transportar para a igreja. E, à medida que se livrava dos bens que conservara, ia recuperando, milagrosamente, as fôrças que o haviam abandonado.

Três dias depois, estava em tôda a saúde de outrora. Quando São Partênio morreu, aquêle bispo, em companhia doutros prelados, prestou-lhe os últimos deveres.

* * *

No mesmo dia, no Egito, São Moisés, venerável bispo, que passou os últimos dias da vida na solidão. Sarraceno de origem, nasceu na época em que Constantino vinha trazer paz à Igreja. Converteu inúmeros compatriotas. Ignora-se o bispado que lhe coube. Falecido em 389, não deve ser confundido com Moisés, o Etíope, festejado aos 28 de agosto.

Na Toscana, festa de São Ricardo, rei da Inglaterra, pai de três santos: Vinebaldo, Vilibaldo e Valburga. Casado com uma parenta de São Bonifácio, contemporâneo do rei Ina, seguiu o exemplo daquele príncipe, deixando-se seduzir pelas peregrinações de devoção. Morrendo súbitamente na Itália (722), foi enterrado na igreja de São Fridiano, onde se deram numerosos milagres.

Festa de São Lucas, chamado o Jovem e também o Taumaturgo. Natural de Castorium, na Tessália, praticou austeridades extraordinárias. Pastor no início da vida, era generosíssimo com os pobres. Deixando a casa paterna, desejoso de levar vida monástica, passou a Atenas, onde, num mosteiro, recebeu o hábito de noviço. Obtida permissão para levar vida solitária, retirou-se para o Monte Joannitzis, onde passava as noites a orar. Ilustre pelos méritos, virtudes e milagres que operou, faleceu em 946.

Em Londres, o bem-aventurado Tomás Sherwood, mártir. Nascido naquela grande metrópole, foi educado na religião católica. Em Douai, estudou com os padres jesuítas e, querendo ser um deles, tornou a Londres para rever o pai e conseguir-lhe a permissão. Reconhecido por um tal Georges Martin como amigo de padres, viu-se denunciado e prêso. Levado ao tribunal, declarou que tinha a rainha Isabel como excomungada. Inculpado de alta traição, foi trancafiado na famosa Tôrre de Londres, onde, por três meses, experimentou torturas inomináveis, torturas que suportou com o heroísmo dos primeiros mártires que engrandeceram a religião católica. Foi executado em Tyburn, em 1578. Arrastado pelas ruas, ainda em vida, teve a cabeça cortada e o corpo partido em quatro partes. Beatificado por Leão XIII em 1886.

Em Merida, na Espanha, São Fidelis, bispo, desaparecido em 570. Originário do Oriente, aportou na Espanha com mercadores gregos. Achegando-se ao bispo Paulo, foi admitido ao clero, sendo, anos mais tarde, feito bispo de Merida.

Na Irlanda, São Meldan, bispo e confessor, discípulo de São Fursy. Morreu em 580, quando levava vida de anacoreta.

Em Aubenas, diocese de Viviers, os bem-aventurados Guilherme Saultemouche e Tiago Salès, jesuítas, mártires em 1593, quando dos huguenotes.

Em Flandres, São Crisólio, mártir, originário da Armênia. Escapando da perseguição de Diocleciano, passou a Roma, onde o papa São Marcelo, recebendo-o, o incumbiu da evangelização da Gália. Em Flandres, fixou-se em Comines. Pregando perto de um templo de ídolos, foi prêso, esbordado e chicoteado, falecendo em seguida (ano 303).

Em Lobbes, Santo Amulwino, confessor, falecido entre os anos 750 e 760.

Na Grécia, São Teopempto, mártir.

Em Avenay, diocese de Reims, São Tresan, confessor, ou Tresano, irlandês de origem, que, com os irmãos, três moças e seis rapazes, passou à França. Viveu santamente e operou conversões e milagres (IV século).

Em Siponto, na Apúlia, São Lourenço, bispo e confessor (século VI), era aparentado com o imperador Zeno. Sob seu episcopado teve lugar a aparição de São Miguel Arcanjo sobre o Monte Gargan, onde, então, o santo bispo erigiu um santuário. Deus concedeu-lhe o dom da profecia.

No mesmo dia, em Londres, na Inglaterra, a festa de Santo Áugulo, bispo, o qual, tendo terminado o curso dos anos pelo martírio, mereceu receber a recompensa eterna. — Na Frígia, Santo Aduco, que, pertencendo a uma ilustre família da Itália, foi pelos

imperadores elevado a quase tôdas as dignidades do império, e ainda exercia as funções de questor, quando, em defesa da fé, foi honrado com a coroa do martírio. — No mesmo lugar, vários cristãos, habitantes de uma cidade de que era governador o próprio Aduco, os quais, persistindo constantemente na confissão da fé, foram queimados por ordem do imperador Galero-Maximiano. — Em Bolonha, Santa Juliana, viúva.

8.º DIA DE FEVEREIRO

SÃO JOÃO DE MATA

*Fundador da ordem dos trinitários para a redenção
dos cativos*

João de Mata nasceu pela metade do século doze, em Faucon, nas fronteiras da Provença, e recebeu o nome de João, no batismo. Os pais que lhe deram vida distinguiam-se pela nobreza e piedade. A mãe consagrou-o ao Senhor, desde o nascimento, por uma promessa. O pai, chamado Eufêmio, cuidou particularmente da sua educação e o enviou à cidade de Aix, a fim de que lá realizasse os seus estudos e aprendesse tudo quanto deve saber um jovem de estirpe. João envidava todos os esforços para valer-se das aulas dos diferentes mestres; mas dispunha de outro ardor, inteiramente diverso, para aperfeiçoar-se na prática das virtudes cristãs. Era senhor de extraordinária caridade para com os pobres, e empregava no alívio da miséria d'elles parte considerável do dinheiro recebido da família. Tôdas as sextas-feiras, ia regularmente ao hospital, onde servia os enfermos, lhes pensava as chagas e lhes proporcionava todos os auxílios possíveis.

De regresso à casa do pai, pediu-lhe licença para continuar os piedosos exercícios, e, após a obter, retirou-se para uma pequena ermida pouco distante de Faucon. O seu plano era viver lá seqüestrado do comércio do mundo, para só falar com Deus. Não encontrou, contudo, a solidão que anelava. As frequentes visitas dos amigos causavam-lhe contínuas distrações, e êle houve por bem abandonar a cela; indo, pois, visitar o pai, rogou-lhe o mandasse a Paris, para estudar teologia. Eufêmio aprovou o plano do filho, e de boa vontade lhe permitiu rumar para a capital. João fêz com grande êxito o curso, tomou os graus comuns, e finalmente o de doutor, embora a modéstia lhe inspirasse aversão por aquela honra. Sendo ordenado sacerdote, algum tempo depois, celebrou a primeira missa na capela do bispado de Paris. Maurício de Sully, que então ocupava o trono da capital, os abades de São Vítor e Santa Genoveva, e o reitor da universidade quiseram assistir a ela. Foi-lhes fácil julgar, pelo angélico fervor com o qual o santo celebrava o augusto sacrificio, que o espírito de Deus residia nêle com a plenitude das suas graças.

Foi no mesmo dia em que rezou a primeira missa que o nosso santo, por especial inspiração do céu, formou a generosa resolução de tratar de resgatar os infortunados cristãos que gemiam na escravidão, entre os povos infiéis. Visava a duas coisas naquela boa obra, a libertação do corpo e a salvação da alma, que correm os maiores riscos entre os bárbaros. Não quis, entretanto, nada empreender antes de consultar, de maneira especial, o Senhor. Foi o que o determinou a retirar-se para um lugar solitário, a fim de atrair

sôbre si as luzes do Espírito Santo, mediante fervorosa prece e todos os exercícios da penitência.

No mesmo tempo vivia na solidão São Félix de Valois, assim chamado, ou por ter nascido na província de tal nome, ou por pertencer ao ramo real dos Valois, como pensam vários críticos. Veio ao mundo em 1127; abandonou a Sicília, onde possuía consideráveis bens, e retirou-se para uma floresta na diocese de Meaux. Escolheu tal solidão com o intuito de viver desconhecido dos homens, de pensar exclusivamente em Deus e de se ocupar unicamente da sua santificação. Unia à prece e à contemplação as mais rigorosas austeridades da penitência.

João de Mata, ouvindo falar dêle, foi imediatamente visitá-lo, e rogou-lhe o acolhesse na sua ermida e o encaminhasse na senda da perfeição. Félix descobriu fâcilmente que não estava absolutamente lidando com um noviço na vida espiritual; por conseguinte, considerava-o mais companheiro enviado por Deus que discípulo. Seria impossível exprimir até que ponto levaram os nossos dois ermitães o espírito de oração e com que zêlo abraçaram as mais rigorosas austeridades. Eram longas as vigílias e quase constantes os jejuns. O que mais os entretinha era a contemplação, e não tinham outro alvo, em tôdas as conversações, se não o de inflamar cada vez mais o coração com o sagrado fogo do amor divino.

Um dia em que estavam juntos à beira de uma fonte, João confessou a Félix a idéia que certa vez tivera, e precisamente, por ocasião da primeira missa, de se consagrar à libertação dos cristãos cativos entre os maometanos. Falou do fim e da utilidade de tal empreendimento de maneira tão viva e comovente,

que Félix não duvidou absolutamente de vir tal projeto de Deus; louvou-lhe, pois, a execução e até se ofereceu para colaborar no que lhe fôsse possível. Os dois santos só estavam embaraçados quanto à escolha dos meios necessários para a realização do nobre desejo que lhes fôra inspirado pela caridade. Recomendaram-se a Deus e redobram as mortificações e preces, com o intuito de lograrem novas luzes sôbre o futuro comportamento. Alguns dias depois, puseram-se a caminho, para Roma. Partiram pelo fim do ano de 1197, sem que os pudessem deter os incômodos de uma estação rigorosa. Chegando a Roma, encontraram Inocêncio III no trono de São Pedro. O soberano pontífice, tendo sido informado da santidade de ambos e do seu piedoso intento, mediante missivas de recomendação, a êle apresentadas por parte do bispo de Paris, os acolheu como dois anjos enviados do céu, mandou se alojassem no palácio e lhes concedeu várias audiências particulares, para que lhe explicassem, com todos os pormenores, as medidas e a natureza do projeto. Reuniu, então, os cardeais e alguns bispos no palácio de São João de Latrão, para que o aconselhassem sôbre questão de tão elevada importância. Após as deliberações, ficaram estipulados um jejum e preces particulares, para se conseguir que Deus manifestasse a sua vontade. Por fim, certo de que os dois ermitães franceses eram realmente guiados pelo espírito de Deus, e considerando a utilidade que à Igreja adviria da instituição por êles projetada, acolheu-o e formou uma nova ordem religiosa da qual foi João declarado primeiro ministro geral. O bispo de Paris e o abade de São Vítor ficaram incumbidos de preparar as

regras, e o papa as aprovou mediante uma bula publicada em 1198. O soberano pontífice quis que os novos religiosos trouxessem o hábito branco, com uma cruz vermelha e azul sôbre o peito, e assumissem o nome de irmãos da ordem da Santa Trindade (1).

Tendo os dois santos alcançado em Roma o que almejavam, regressaram à França. Foram secundados no piedoso empreendimento pelo rei Filipe Augusto. Um senhor de Châtillon cedeu-lhes um lugar para a construção de um convento, mas a casa ficou demasiadamente pequena para conter quantos desejavam entrar na nova ordem. O mesmo senhor cedeu, então, o lugar chamado *Cerfroid*, o mesmo em que São João de Mata discutira com Félix de Valois o primeiro plano da instituição. Lançaram lá as fundações de um mosteiro que sempre passou pela sede da ordem dos trinitários. João e Félix construíram, ainda, vários outros mosteiros na França, tal o ardor que se tinha para ampliar uma congregação religiosa fundada na mais pura caridade. Mandaram alguns dos discípulos aos condes de Flandres e de Bois, e a outros senhores cruzados que se preparavam para rumar para a Palestina. A ocupação dos religiosos consistiria em ensinar os soldados, cuidar dos enfermos, e tratar do resgate dos cativos. O papa escreveu ao rei de Marrocos, para lhos recomendar. A carta produziu venturoso efeito, pois tendo o santo enviado dois dos seus discípulos ao reino dêsse príncipe em 1201, resgataram êles cento e oitenta e seis escravos cristãos. No ano seguinte, foi êle pessoalmente a Túnis, onde libertou mais de cento e dez. Em seguida,

(1) Acta S. e Godescardo, 8 de fev. e 20 de nov.

partiu para a Provença, e lá reuniu consideráveis quantias, que lhe serviram para conquistar a liberdade de grande número de infelizes que gemiam sob os ferros dos mouros da Espanha. Tantas boas obras realizadas por João de Mata e pelos discípulos atraíram grande reputação à nova ordem, e mais tarde inspiraram a São Pedro Nolasco o desejo de fundar outra, mais ou menos no mesmo plano.

Realizou o nosso santo uma segunda viagem a Túnis, em 1210. Muito sofreu com os maometanos, irritados com o ardor pelo qual exortava os cativos a suportar os males com paciência, e a morrer de preferência a renunciar à fé. O fato seguinte dará uma idéia da barbaridade dos infiéis. Quando viram o santo embarcar com os cento e vinte escravos resgatados, tiraram-lhe do barco o leme, e rasgaram-lhe as velas, para que percesse no meio das ondas. João, cheio de confiança em Deus, não perdeu absolutamente o ânimo; rogou ao céu que se incumbisse de conduzir o navio; depois, estendendo os mantos dos companheiros em forma de velas, ajoelhou-se, de crucifixo na mão, cantando salmos durante todo o trajeto. A navegação foi felicíssima, e o navio, em poucos dias chegou ao pôrto de Óstia, na Itália. Visto que a saúde do nosso santo piorava sensivelmente, e as forças o abandonavam de dia para dia, viu-se obrigado a passar em Roma o pouco tempo que lhe restava para viver.

Viveu ainda dois anos, entretido unicamente com exercer obras de misericórdia, e pregar a necessidade da penitência. Dava Deus tamanha eficácia às suas palavras, que os pecadores mais endurecidos volta-

vam a si. Sucumbiu, finalmente, sob o pêso dos trabalhos e das austeridades, e morreu em 21 de dezembro de 1213, aos sessenta e um anos de idade. O papa Inocência XI fixou-lhe a festa em 8 de fevereiro.

* * *

SANTO ESTÊVÃO

Fundador da ordem de Grandmont

Nasceu Santo Estêvão de Muret em Thiers, Auvergne, numa família que se distinguia pela nobreza. Tendo os pais conduzido o menino em peregrinação à Itália, lá tombou êle perigosamente enfêrmo, e o pai o deixou com Milon, mais tarde arcebispo de Benevento, que era seu conhecido e do mesmo país. Milon cuidou muito do jovem Estêvão, e, após curá-lo, fê-lo estudar as letras e a prática das virtudes cristãs. Realizou Estêvão grandes progressos tanto numas como noutras, nos doze anos em que permaneceu com Milon. Em seguida, rumou para Roma, onde ficou quatro anos na côrte de Alexandre II. No primeiro ano de pontificado de São Gregório VII, obteve dêsse papa licença para estabelecer na França uma congregação, mais ou menos no modêlo da dos ermitães por êle vistos na Calábria. Voltou, então, a Thiers; mas enquanto a família se rejubilava por revê-lo após tão longa ausência, abandonou secretamente a casa paterna, sem levar outra coisa que o desejo de servir a Deus e uma viva confiança na Divina Providência.

Santo Estêvão, passando por Limousin, lá se deteve algum tempo com São Gaucher, que dirigia

um mosteiro do Limousin, em lugar chamado São João d'Aureil. Mas como Gaucher havia erguido um mosteiro de religiosos perto do seu, Estêvão receou que aquela vizinhança o expusesse a perigos. Assim, separou-se do santo abade e retirou-se para uma colina coberta de bosques, perto de Limoges, chamada Muret. Chegou a ela em 1076, quando contava trinta anos de idade.

Ergueu uma pequena cela com troncos de árvores, e nela passou cêrca de cinqüenta anos no meio de tôdas as durezas da penitência e da mortificação cristãs. Durante os primeiros trinta anos, só comeu pão e bebeu água pura; contudo, após trinta anos de tal penitência, deixou-se persuadir a beber um pouco de vinho, em virtude da fraqueza do estômago. Durante vários anos usou uma couraça de ferro sôbre a carne nua, para melhor a castigar. Algumas pranchas sem palha, e em formato de túmulo, lhe serviam de leito, e assim mesmo lá se deitava com a couraça. A prece era a sua única ocupação; além do ofício do dia, do da Virgem e do dos Mortos, recitava diâriamente o ofício da Santa Trindade. Mantinha-se tão longamente de joelhos, ou prostrado de rosto contra o chão, que os joelhos estavam cobertos de calos, e o nariz quase esmagado.

A humildade, o amor da castidade e a caridade foram as principais virtudes de Santo Estêvão. Enquanto os irmãos comiam no refeitório, sentava-se êle sôbre o chão, e lia-lhes. Confessou que não experimentava absolutamente as rebeldias da carne, o que não é de surpreender, diante da maneira pela qual a tratava. Demonstrava grande bondade para com os pecadores e tratava de lhes inspirar uma grande con-

fiança. “Não temais, dizia-lhes, não temais; nunca podereis cometer tantos pecados, que vo-los não possa Deus perdoar”: Para manter-se nos exercícios da penitência, tinha sempre a mente voltada para a morte.

Faleceu em 8 de fevereiro de 1124. Os discípulos, importunados sobre a posse do deserto de Muret, retiraram-se para o de Grandmont, a uma légua de distância, levando os restos do santo fundador. Foi daí que lhes adveio o nome de grandmontinos. Foi Santo Estêvão canonizado pelo papa Clemente III, em 1189.

* * *

SÃO PAULO, DE VERDUN (*)

Bispo e Confessor

Paulo, nascido de importante família, educado na religião cristã, foi, enquanto se ocupava, na cõrte de Clotário II, de empregos civis, amigo de Elói, futuro bispo de Nayon, de Amaldo, depois bispo de Metz, e de outros mais. Resolvido a deixar o século, que lhe não apresentava qualquer atrativo, afastou-se da família, saiu do país e foi procurar refúgio numa montanha que ficava perto de Trèves, montanha que, anos depois, iria receber-lhe o nome: *Montanha de Paulo*.

Ali, todo dado à solidão, orava, jejuava e se dedicava à contemplação. Logo, atraída pela reputação daquele solitário, muita gente passou a procurá-lo. E Paulo, que desejava viver apagado, desconhecido de todos, abandonou o êrmo, em demanda de outro mais afastado e deserto. Dirigindo-se para Vosges, foi surpreendido pela noite. E, tendo vislumbrado ao longe uma grande massa escura, que se esbatia no estrelado céu da noite, alcançou-a e viu que se tratava de um mosteiro. Era a abadia de Tholey.

Recebido com grande carinho, ali ficou por uns tempos. E, quando referiu que ia deixar a aconche-

gante comunidade, o abade, instando com o Santo para que ficasse, conseguiu persuadi-lo.

Com a estada de São Paulo de Verdun em Tholey, a abadia ganhou um renome até então desconhecido. E quando Deus começou a obrar prodígios por intermédio daquele servo, as atenções tôdas se voltaram para aquêl centro. Jovens das mais importantes e nobres famílias, desejosos de servir a Deus, desagradados do mundo, principiaram a aparecer, consagrando-se à vida religiosa.

Conta-se que aquêl afluxo foi devido ao seguinte milagre que se espalhou ràpidamente. Certo dia, Paulo ocupava-se da padaria do mosteiro, porque o Santo desejava fazer os serviços mais humildes. Aproximava-se a hora do almôço, e o forno nem sequer môrno estava. Que fazer? Como que inspirado, varreu do forno os carvões todos, e acomodou os pães. Passado o tempo necessário para o cozimento, com o suficiente calor para tal, o que não acontecia naquele dia, São Paulo tirou os pães. E — oh, maravilha! — estavam perfeitamente cozidos, belamente corados.

Um dos frades de Tholey, doente havia já algum tempo, assim que acabou de comer daqueles pães, sentiu-se diferente. E, ràpidamente, recuperou a saúde.

Celebrado, São Paulo, morto o bispo de Verdun em 630, foi escolhido para ocupar a vaga deixada. Estava naquele tempo em estado deplorável a Igreja da cidade. E o novo bispo, com grande dinamismo, reergueu-a vagarosamente, mas sem esmorecimento, e com grande êxito.

Considerado restaurador de sua Igreja, a santificação do domingo foi um dos resultados do imenso zêlo daquele grande bispo incansável.

Em 469, falecendo santamente, foi enterrado na igreja dedicada a São Saturnino de Toulouse, que construiu. As relíquias do Santo repousaram, depois, na catedral de Verdun.

* * *

BEM-AVENTURADO PEDRO ÍGNEO (*)

Cardeal-bispo e Confessor

Era no tempo em que a simonia campeava e destroçava o clero, e os monges do mosteiro da abadia de Valombrosa vinham de acusar o arcebispo Pedro, o de Pavia. Ora, os fiéis de Florença, num grande movimento, obrigaram aquêles monges a se submeterem à prova do fogo, a fim de que se estabelecesse a verdade.

Duas enormes montanhas de lenha, ao lado uma da outra, com uma estreita ruazinha a separá-las, foram arranjadas em frente da abadia. Os monges, na igreja, suplicando ao Senhor que os protegesse, aguardavam o abade, que era quem ia escolher qual dêles se desincumbiria da terrível prova.

Pedro Aldobrandini, um dêles, foi o eleito, e, dita a santa missa, tomando da cruz, saiu da igreja e foi observar o arranjo que se fizera para as fogueiras.

O povo, comprimindo-se a uma distância razoável, aguardava, aos murmúrios.

Ateado o fogo, fêz-se silêncio, e Pedro, ajoelhando-se, pôs-se a orar, contritamente. Quando as chamas, crepitando e lançando fagulhas que se adoi-

davam no ar tremelicante, chegaram ao auge, levantou-se e disse, solene, em voz alta:

— Que Nosso Senhor Jesus Cristo permita que eu passe pelas chamas e saia ileso, são e salvo, se o arcebispo Pedro de Pavia fôr realmente culpado do que se lhe acusa!

O povo, calado e expectante, rompeu o silêncio por um só instante, engrolando:

— Assim seja!

Fitando as labaredas que dançavam loucamente em meio à fumarada que se enovelava, negra e basta, Pedro Aldobrandini fêz o sinal da cruz, e calmamente avançou para o fogaréu das duas montanhas. Alçado o crucifixo na mão direita, serenamente, atravessou a ardente ruazinha que se achava sob uma rubra abóboda.

O povo, embasbacado, esperava-o na outra extremidade. Pedro, tão sereno como entrara, assim saíra, sem um chamusco, sem uma fagulhazinha sequer a lhe inflamar o hábito que, apenas, tresandava a fumaça. Todos, caindo de joelhos, povo e monges, louvaram a Deus.

Grande foi a disputa entre a gente, querendo cada qual ser o primeiro a se atirar aos pés do Santo para lhe beijar devotamente a fímbria do hábito.

Sabedor do sucesso, Alexandre II, o papa que então se sentava na cátedra imorredoura de São Pedro, depôs o arcebispo de Pavia.

Pedro Aldobrandini, cognominado o Ígneo, mais tarde, pelo Santo Padre Gregório, o Sétimo, foi feito cardeal e bispo de Albano. Santa e tranqüilamente, faleceu em 1089.

* * *

Ainda neste mesmo dia, na Bretanha, São Jacut, abade e confessor do VI século, filho de Fracano, primo de Catoni, rei bretão, e de Guen, mulher piedosa e altamente cristã. Irmão gêmeo de Guethnoc. Em 460, quando da invasão saxônica, fugiu a família para a paz da Armórica, onde nasceu o terceiro filho do casal, Guennol. Os dois gêmeos, confiados a São Rudoc, que os colocou na abadia de Lacré, ali se deram ambos à oração e à penitência. Mais tarde, transferindo-se para Landoac, erigiram um eremitério e se consagraram ao trabalho manual durante o dia, e à oração durante à noite. Convertendo a população da região, reuniu-se em torno dos dois irmãos certo número de discípulos. Foi como surgiu a abadia de São Jacut.

Na Inglaterra, Santa Elfleda, abadessa e virgem, filha do rei Oswi, da Northúmbria. Confiada a Hilda, ainda juvenzinha, sucedeu-lhe como abadessa de Whitby. Beda, o Venerável, chamou-a "a piedosa mestra na vida espiritual". Faleceu em 716.

Na Inglaterra mesma, São Cuthman, confessor, anglo-saxão de origem. Pastor, aproveitando-se da solidão dos campos, passava o dia em oração. Doce, simples e humilde, à morte do pai entrou a cuidar da mãe, velha e doente. Chegando a mendigar, tal a extrema apertura em que viviam, conseguiu, com esforço, levantar uma cabana em Steninges, para onde se transferiram. Ajudado pelos habitantes da região, erigiu uma igreja, quando, então, principiou a operar milagres. Faleceu em paz em 889.

Na Bélgica, São Mengold, mártir, educado na corte do rei Arnulfo, seu tio pelo lado materno. Casado com uma filha do conde Guilherme, foi morto

por velhos inimigos da família em 892, quando se preparava para entrar em Huy e levar vida religiosa.

Na Polônia, o bem-aventurado Isaías Boner, confessor, nascido em Cracóvia. Doutor em teologia, passou a professar nos ermitães de Santo Agostinho, onde ensinava os jovens professos. Tentado violentamente pelo demônio, entregou-se todo à Virgem Maria. Tal confiança lhe valeu, à hora da morte, uma aparição da Mãe de Deus. Morto em paz (1471), muitos milagres foram operados à beira de seu último repouso, na igreja de Santa Catarina.

Em Roma, finalmente, a bem-aventurada Jaqueline de Septisoles, viúva, dama romana muito ilustre pelo nascimento e não menos pela piedade. Benfeitora dos irmãos menores, tocada das instruções do Poverello de Assis, que teve ocasião de ouvir em Roma em 1219, dedicou-se ao serviço de seus religiosos. Depois dos funerais de São Francisco, aos quais assistiu, passou a viver exclusivamente na oração e na penitência, vindo a falecer, após cumpridas muitas obras de caridade, em 1239.

No mesmo dia, em Roma, os santos mártires Paulo, Lúcio e Ciriaco. Na baixa Armênia, a festa dos Santos Mártires Dionísio, Emiliano e Sebastião. — Em Alexandria, sob o imperador Décio, Santa Cointa, mártir: os pagãos, após a prenderem, conduziram-na à presença dos ídolos para que ela os adorasse; mas a corajosa mulher recusou-se a tal, e êles amarrando-lhe os pés, a arrastaram pelas ruas da cidade, e a despedaçaram com o horrível suplício. — Em Constantinopla, os santos mártires, religiosos do mosteiro de Dio, cruelmente mortos por defenderem a fé católica, pois se verificou que traziam cartas do

papa Félix III contra o herege Acácio. — Na Pérsia, a memória de vários santos mártires, que o rei Cábade fêz morrer mediante diversos gêneros de suplicios, por ódio à fé católica. — Em Pavia, São Juvêncio, bispo, que trabalhou zelosamente no ministério evangélico. — Em Milão, Santo Honorato, bispo e confessor.

9.º DIA DE FEVEREIRO

SANTA APOLÔNIA

Virgem, e várias outras mártires de Alexandria

Em 249, uma revolta popular foi como que o prelúdio da grande perseguição de Décio em Alexandria. Sublevado por um poeta que fazia o papel de adivinho, o povo pagão da cidade ergueu-se, súbitamente, contra os cristãos. Segurando, a princípio, um ancião chamado Metras, ordenaram-lhe que proferisse blasfêmias; diante da recusa dêle, esbordaram-no a valer, vararam-lhe os olhos e o rosto inteiro e, finalmente, arrastando-o, o apedrejaram. Depois, atacaram uma mulher, Quinta ou Cointa, que já mencionamos, levaram-na para o templo do seu ídolo, e lá lhe ordenaram o adorasse. Recusando-se ela, horrorizada, amarraram-na pelos pés, arrastaram-na por tôda a cidade sôbre pavimentos grosseiros, despedaçaram-na contra enormes pedras, e finalmente a conduziram ao mesmo lugar que o primeiro, e fize-



Filipe I, Imperador romano.

ram-na padecer o mesmo gênero de morte. Animados pelas primeiras violências, atiraram-se todos ao mesmo tempo contra as casas dos fiéis; cada um pilhava os que conhecia na vizinhança, tirando das casas o que de mais precioso havia, e lançando o resto pelas janelas, para ser incendiado no meio das ruas. Dir-se-ia uma cidade tomada pelo inimigo. Os fiéis ocultavam-se e retiravam-se, sofrendo com júbilo a perda dos bens. Os pagãos apoderaram-se de Apolônia, virgem de muita idade e admirável virtude. Golpeando-lhe os maxilares, com fúria, arrancaram-lhe todos os dentes. Em seguida, levaram-na para fora da cidade, acenderam uma grande fogueira e ameaçaram queimá-la viva, se não proferisse, com êles, palavras ímpias. Por gestos, deu ela a entender que desejava algum tempo; quando a deixaram sôzinha, impelida indubitavelmente por uma especial inspiração, atirou-se à fogueira, onde morreu. Um tal Serapião foi prêso em sua casa e torturado tão cruelmente, que lhe quebraram tôdas as articulações; depois, atiraram-no do alto de um aposento, e terminaram-no no piso. Não havia rua, nem caminho, nem recanto da cidade onde um cristão pudesse viver, nem de dia, nem de noite. Por tôda parte, os infiéis bradavam incessantemente que quem não proferisse palavras ímpias seria imediatamente arrastado e queimado. Os males duraram muito tempo; finalmente, a guerra civil, sobrevinda, voltou o furor dos pagãos contra si próprios, e deixou que os cristãos respirassem um pouco (1).

* * *

(1) Euseb., 1. VI, c. XLI, Acta SS., 9 de fever.

SANTO ANSBERTO

Bispo de Ruão

Nasceu Santo Ansberto no Vexino, de família nobre; seu pai o obrigara a prometer que desposaria Angadrema, filha de Roberto, chanceler do rei Clotário III. Mas a jovem, desejando consagrar-se a Deus, alcançou, mediante preces, a graça de ter o rosto coberto de lepra. Quando sarou, tanto os pais como o noivo permitiram que seguisse a vocação. Recebeu o véu das mãos de Santo Ouen, foi mais tarde abadessa de Loroer, perto de Beauvais, e é honrada em 14 de outubro, como padroeira dessa cidade. Santo Ansberto sucedeu a Roberto no cargo de chanceler, e progrediu sempre na piedade, em plena côrte. Finalmente, deixou-a secretamente e rumou sozinho para Fontenelle, onde São Vandriilo o acolheu, após experimentá-lo segundo a regra. Distinguiu-se tanto pela virtude que o santo abade lhe dedicou afeto e mandou que Santo Ouen o ordenasse sacerdote, o que não impediu que Santo Ansberto trabalhasse manualmente como antes. São Lamberto, segundo abade de Fontenelle foi ordenado arcebispo de Lião em 678, e Santo Ansberto, cujos conselhos freqüentemente seguia, foi nomeado abade, em seu lugar, por unanimidade. Educou a comunidade mais pelos exemplos do que pelas palavras. A

sua caridade transbordou. Construiu no mosteiro três hospitais, onde recolhia os pobres. Vários seculares iam consultá-lo nas suas necessidades espirituais, e confessar-lhe os pecados. Alguns se fizeram monges, alguns cederam os bens ao mosteiro.

Arcebispo de Ruão, pregava assiduamente, aliviava os pobres, punha-se à mesa com êles e servia-os pessoalmente; reparava as igrejas, e para tanto abandonou os direitos que podia pretender sôbre as paróquias. Em 689, quinto do seu pontificado, reuniu um concílio ao qual compareceram outros quinze bispos, e entre êles os de Tours e Reims. Concedeu um privilégio à abadia de Fontenelle, estabelecendo, entre outras coisas, que os monges observariam a regra de São Bento e que, no caso de a ela faltarem, seriam reformados pelos bispos reunidos. Morreu Santo Ansberto em 698 (1).

* * *

(1) Acta SS., 9 fev. Act. ord. Bened., t. II.

O BEM-AVENTURADO BERNARDO DE SCAMMACA

Dominicano

Nascido em Catânia, na Sicília, de família rica e distinta, Bernardo abandonou-se a tôda a fúria das suas paixões não negando a si próprio nenhum prazer; mas Deus o deteve no meio das desordens, enviando-lhe uma enfermidade que, obrigando-o a permanecer no quarto por longo tempo, lhe proporcionou a oportunidade de refletir sèriamente sôbre o infeliz estado de sua alma. Iluminado, então, por uma luz celestial, resolveu deixar um mundo do qual conhecia demasiadamente, por experiência própria, a corrupção e a vaidade, e em cujo comércio só recolhera danos e infortúnios. Quando se viu curado da enfermidade que o acometera, apresentou-se ao convento dos dominicanos, e solicitou entrada com tais rogos que lhe foi concedida. Em breve se verificou que não era absolutamente o fogo de um fervor passageiro que havia levado aquêlpe pecador convertido a abraçar o estado religioso, mas que, na realidade e inteiramente, se havia despojado do velho homem, para se revestir do novo. A sua obediência, humildade, doçura, modéstia e as demais virtudes que possuía mostraram

que perfeição o cristão é capaz de atingir quando regressa para Deus na sinceridade de alma.

Não ignorava Bernardo que o fito principal da instituição dos irmãos Pregadores consiste em trabalharem para a salvação das almas. Dedicou-se, pois, ao serviço do próximo, a fim de o ajudar em tôdas as suas necessidades espirituais. Mas, temendo negligenciar a sua própria santificação procurando a de outros, não satisfeito com suportar os trabalhos e fadigas decorrentes da vida apostólica, e querendo, por outra, pagar os pecados da mocidade, entregava-se a diversas práticas de penitência, rasgava o corpo com sangrentas disciplinas e levava a vida mais austera possível. Estranho, finalmente, às coisas terrenas, só interrompia as obras de zêlo para entregar-se, com ardor, à meditação das coisas celestes. O Senhor quis recompensar de maneira sensível a virtude daquele servo. Assegura-se que os religiosos do convento habitado pelo venturoso o viram por várias vêzes, durante a oração, erguido do chão e rodeado de uma luz sobrenatural.

O santo varão, depois de ter ministrado, no estado religioso, uma carreira repleta de mérito aos olhos de Deus, pela fieldade com a qual observou a regra, morreu a morte dos justos, em 1486. Mal faleceu, o povo de Catânia acorreu em multidão ao convento dos dominicanos para lhe honrar o corpo, tamanha a idéia que se fazia da sua santidade. Exumado o venerável corpo, ao cabo de alguns anos, verificaram que estava intacto, incorrupto, e ainda se conserva em tal estado. O papa Leão XII, informado do culto que se prestava, havia longo tempo, ao bem-

aventurado Bernardo Scammaca, aprovou-o em 5 de março de 1825, e permitiu à ordem dos irmãos Pregadores, bem como ao clero da diocese de Catânia, que fizessem o ofício (1).

* * *

(1) Godescardo, 9 de fevereiro.

SÃO NICÉFORO (*)

Mártir

Grande e, parecia, indissolúvel amizade ligava dois homens. Um dêles chamava-se Saprício, era padre, e o outro, Nicéforo, nada mais do que um simples leigo. Dir-se-iam dois irmãos, tão estreita e fraternalmente viviam.

Ora, um dia, o diabo propôs-se dividi-los. E o que era amizade, na extensão tôda do vocábulo, transformou-se em ódio profundo por parte de um dêles — Saprício.

Nicéforo, doce e humilde, primeiramente por meio de outros amigos, depois pessoalmente, procurou recuperar o perdido companheiro de sempre. Tudo em vão. Chegara mesmo a se ajoelhar aos pés do irreductível Saprício e lhe suplicar, com lágrimas nos olhos, perdão. Nada.

Era em Antioquia, a da Síria, no IV século, sob a perseguição de Valeriano; um belo dia, o teimoso padre viu-se denunciado como cristão. Prêso, diante dos juízes, com denôdo se recusou a sacrificar aos ídolos. Foi, então, condenado à decapitação.

Nicéforo, ardorosamente, correu para o sentenciado. Por segunda vez, caiu de joelhos diante dêle,

às vistas do carrasco, e suplicou, a chorar, que Saprício lhe concedesse o perdão tão ansiosamente desejado e requerido.

O silêncio do teimoso padre foi a resposta que o aflito Nicéforo obteve.

Aconteceu, então, um imprevisto. Aquêlê homem que, corajosa e firmemente, confessara no tribunal a fé em Jesus Cristo, na hora suprema, quando a espada, terrível, suspensa, estava pronta para descer e lhe decepar, certa e de um só golpe, a cabeça, pôs-se a gritar:

— Não! Não quero morrer! Eu renego Jesus Cristo! Sacrificarei aos deuses! Quero viver! Deixai-me viver!

Deus rejeitava o sacrifício daquele homem que se obstinava em não perdoar ao amigo dantanho, que lhe suplicava, d'olhos cheios d'água e de joelhos?

Nicéforo empalideceu. E, sem medir conseqüências, gritou:

— Por Deus, Saprício! Vais apostatar? Apostatar, depois de tão longamente lutares para a conquista da coroa gloriosa que Nosso Senhor Jesus Cristo te oferece?

O outro, porém, surdo a tudo, queria viver; não queria morrer. Ah, viver! Viver tão pouco para morrer para a vida que jamais se acaba!

Diante daquilo, Nicéforo, inflamado, virando-se para o carrasco, pediu em alta voz:

— Toma-me a mim e mata-me no lugar dêle! Sou cristão! Creio em Jesus Cristo, e por Jesus Cristo quero morrer! Sou cristão! Não acato os editos dos imperadores! Vamos, mata-me!

Um dos lictores fêz-se ao juiz e tornou com uma ordem de execução. E Nicéforo, decapitado na mesma hora, voou para o céu, a receber a merecida coroa ambicionada.

* * *

BEM-AVENTURADO MARIANO SCOT (*)

Abade e Confessor

Mariano Scot, cujo nome era Muiredhac Marc Robartaigh, era irlandês. Homem simpático, mesmo bonito, vigoroso e saudável, era simples, humilde e piedoso.

Determinando deixar a Irlanda, com alguns companheiros foi fixar-se na Alemanha, onde todos se filiaram aos beneditinos de Michelsberg. Tempos depois, resolvendo fazer uma peregrinação a Roma, consultaram o abade e obtiveram permissão para partir.

Mariano Scot chegou com os companheiros, um dia, em Ratisbona, onde fariam pequena interrupção na viagem, e foram acolhidos, favorável e caridosamente, pela abadessa Ema, que governava as religiosas de Obermunster. Ali, foi solicitado por aquela superiora, que já lhe conhecia o saber e a erudição, e, a seu pedido, principiou a trabalhar na transcrição de alguns livros.

Conta-se dêle, então, naquela altura, a seguinte história.

Era de tardezinha; quando a irmã sacristã, ocupada todo o dia com certos preparativos, notando o

escuro que se fazia, lembrou-se de que deixara de cuidar das lamparinas da abadia. Correu, então, a reparar aquêlê esquecimento. Ao chegar à cela ocupada pelo peregrino, abismada, entreparou, d'olhos pregados num prodígio.

Consequindo arrancar-se donde estava, de mansinho, chamou tôdas as religiosas da comunidade. E tôdas, comprimindo-se silenciosamente diante da estreita portinha da cela de Mariano, viram, e também se abismaram sobremodo, que, enquanto o escritor usava a mão direita para escrever, de três dedos da esquerda, erguidos para o alto, em riste, saíam três claras chamas que lhe iluminavam o trabalho, sôbre o qual se debruçava, clareando-lhe a pequenina cela inteira.

Mariano, que não se fêz para Roma, em virtude de uma visão, acabou ficando em Ratisbona mesma, onde, nas vizinhanças, erigiu um mosteiro.

Cumprida a tarefa que lhe solicitara a abadessa Ema, ia o bem-aventurado deixando a abadia, quando saindo da igreja ao lado, surgiu-lhe alguém que lhe disse:

— Caminha sempre para diante, para o levante; quando o sol se levantar na tua frente, pára.

Mariano seguiu à risca aquela ordem. Assim, depois de muito caminhar, sem descanso, quando o sol lhe feriu os olhos, nascendo no horizonte, achava-se ao pé da igreja de São Pedro. Ali, obtido o terreno vizinho àquela igreja, que lhe foi oferecido, construiu o sobredito mosteiro, onde, anos depois, faleceu santamente (1075), com o Senhor a operar numerosíssimos milagres.

* * *

No mesmo dia, em Nocera, São Reinaldo, bispo e confessor, que se consagrou a Deus na abadia de Fonte-Avellana. Sucedeu o bispo Hugo, de Nocera. Pastor de numeroso rebanho, São Reinaldo foi de uma austeridade incomum. Caridoso para com os deserdados da sorte, foi esteio de órfãos, acoroçador de viúvas e pai da pobreza. Grande amigo de São Francisco de Assis, morreu bastante idoso, em 1225. Dêle, conta-se que, de uma feita, encontrando-se com um leproso, que a todos espantava, correu para êle e, apertadamente, o abraçou diante da gente embasbacada. Desfeito o paternal abraço, o doente viu-se são, absolutamente limpo. São Reinaldo obrou vários outros milagres.

Em Canosa, São Sabino, bispo e confessor. Segundo o que refere o bem-aventurado Gregório, papa, fôra o santo bispo favorecido com o dom dos milagres e o da profecia; quando um dos seus servidores, corrompido por inimigos, lhe apresentou um copo com certa bebida envenenada, antes de beber, ficou cego, e foi informado, divinamente, do castigo que Deus preparara ao criminoso. Fazendo o sinal da cruz, absorveu o veneno, sem que nada sofresse (566).

Em Antioquia, a da Síria, São Romano, o Tautomurgo, confessor, que chegou, na solidão, até uma idade bastante avançada, vivendo apenas de pão, sal, e de água que bebia numa fonte vizinha do seu refúgio. Aos discípulos que o procuravam, falava com doçura, pregando o amor fraternal e a concórdia. Considerando-se sempre a mais miserável e mesquinha das criaturas opercu curas prodigiosas (século V).

Na Irlanda, São Cronan, bispo e confessor, da nobre família dos Fertlaet, também conhecido com o nome de Trovano. Cognominado o Sábio, era versadíssimo nas Escrituras santas. Possivelmente bispo de Lismore, faleceu em 570.

No País de Gales, Santo Eliud, bispo, nascido perto de Monmouth, educado santamente pelo bispo de Llandaf. Depois de uma peregrinação a Jerusalém, ocupou-se com a instrução da juventude, e quando o sobredito bispo de Llandaf deixou a sede que ocupava pela de Caerleon, obrigou Eliud a substituí-lo. Bispo, o Santo adquiriu imensa autoridade pela ciência, zêlo e piedade. Em 560, faleceu tranqüila e santamente, bastante idoso.

Em Auvergne, São Bráquio, confessor, natural da Turena, discípulo de Emiliano, o Ermitão. Com a morte dêste, Bráquio passou a dirigir seus discípulos, daí surgindo o mosteiro de Menat, onde faleceu em 576.

Na Baviera, Santo Alton, abade e confessor. Segundo alguns, era escocês, segundo outros, irlandês. Ermitão nas florestas bávaras, construiu, com os discípulos, o Mosteiro de Alton. São Bonifácio sagrou a igreja da comunidade em 753. Santo Alton faleceu em 770.

Na Irlanda, Santa Atracta, virgem, provavelmente contemporânea de São Patrício. Fundadora de dois mosteiros, era caridosíssima para com a pobreza (século V).

Na Espanha, São Nebrídio, bispo.

Em Senlis, Santo Aldeberto, bispo e confessor, sucessor de Agmaro.

No mesmo dia, o martírio de Santo Alexandre e de outros trinta e oito santos, coroados ao mesmo tempo. — Em Solces, Chipre, os santos mártires Amônio e Alexandre. — Na África, no castelo de Lêmele, os santos diáconos Primo e Donato, mártires, mortos pelos donatistas, numa igreja cujo altar defendiam.

10.º DIA DE FEVEREIRO

SANTA ESCOLÁSTICA

Virgem

Tinha São Bento uma irmã chamada Escolástica, consagrada a Deus, desde a infância, e que vivia a certa distância do Monte Cassino. Ia visitá-lo uma vez por ano; e São Bento ia recebê-la bem perto do mosteiro, numa granja que dêste dependia. Rumou, pois, um dia para lá, com os discípulos, e, depois de passar o dia a louvar Deus e falar de coisas santas, comeram todos juntos, ao cair da noite. Estavam ainda à mesa, e já se fazia tarde, quando Escolástica dirigiu ao irmão esta prece: "Por favor, não me deixeis esta noite, para que possamos falar da alegria celestial até o romper do dia. Respondeu êle: que dizeis, minha irmã? Não me é dado, de maneira nenhuma, ficar fora do mosteiro". Estava bastante sereno o tempo. A santa, entristecida com a recusa, juntou as mãos sôbre a mesa, e sôbre elas apoiou a cabeça; depois, desatando a chorar, rogou ao céu que a ajudasse. Mal findara a prece, sobreveio uma tempestade acompanhada de raios e estrondosos trovões, de tal sorte que nem São Bento, nem os seus religiosos puderam sair da casa. Queixava-se o homem de Deus, dizendo: "Que Deus vos perdoe,



Aparição de Santa Escolástica a São Bento, seu irmão. Segundo um quadro de Sueur.

minha irmã! Que fizestes? Respondeu-lhe ela: supliquei-vos e não quisestes dar-me ouvidos; supliquei ao Senhor, e êle me atendeu. Agora, deixai-me, se o podeis, e voltai para o vosso mosteiro". São Bento viu-se, pois, obrigado a ficar com sua irmã. Velaram a noite inteira, entretidos unicamente em conversar da ventura dos santos. Separaram-se no dia seguinte, logo de manhã, e três dias depois, morreu a santa no seu retiro. São Bento, que se achava então na cela, erguendo os olhos, viu a alma da irmã entrar no céu, sob o aspecto de pomba. Embevecido com aquela glória, deu graças a Deus, anunciou a morte aos irmãos e mandou-os trazer o corpo para o mosteiro, e colocá-lo no túmulo que mandara preparar para si próprio, a fim de que, diz São Gregório, do qual recebemos os pormenores, não separasse a morte os corpos daqueles cujos espíritos tinham sido sempre unidos em Deus (1).

* * *

(1) S. Greg., Dial. 1. II, XXXIII e XXXIV.

OS SETE PRIMEIROS FUNDADORES DA ORDEM DOS SERVITAS

Havia em Florença, no século treze, uma confraria chamada dos *Laudesi*, cujos membros se propunham honrar particularmente a santa Virgem recitando e cantando os seus louvores. Sete dos principais patrícios da cidade, membros de tal confraria, encontravam-se reunidos numa igreja no dia da Assunção, em 1233, quando a mãe de Deus lhes apareceu e os exortou a abraçar um gênero mais perfeito de vida. Tomaram a resolução imediatamente, e, a conselho do bem-aventurado Aringos, bispo de Florença, retiraram-se para o campo, numa pequena casa, a fim de lá viverem em retiro, prece e mortificação.

Passara-se um ano, quando se viram obrigados a voltar à cidade, para de novo consultar o bispo sobre o seu estado. Era tão grande a reputação de santidade de que desfrutavam, que todos acorriam a vê-los. Mas o que havia de mais notável naquela circunstância, era o fato de as crianças receberem naquele momento o uso da palavra, e gritarem, apontando-os: que lá estavam os servidores de Maria. Do número daqueles inocentes foi Filipe Beniti, então com cinco meses de idade, e que mais tarde se tornou ornamento da nova ordem. Seria difícil exprimir todo o júbilo que experimentaram os santos penitentes

ouvindo que eram, de maneira tão maravilhosa, proclamados servidores da Mãe de Deus. Tomaram, pois, a resolução de dedicar-se inteiramente ao culto dela; mas vendo-se, freqüentemente, perturbados pelo grande número de pessoas que ia visitá-los, foram estabelecer-se no monte Senario, lugar bastante elevado da Toscana. A santa Virgem apareceu-lhes mais uma vez, na nova morada, para lhes revelar que lá deviam honrar de maneira especial a paixão de Jesus Cristo e a tristeza de Maria aos pés da cruz. Indicou-lhes o hábito que iriam usar, como sinal de compartilharem das dores dela, e de se consagrarem à mãe aflita.

Os santos solitários, respeitando a vontade da protetora, depois de obterem a permissão do bispo, deixaram os hábitos cinzentos por outros, negros, que desde então passaram a ser os da ordem dos servitas. Continuaram o gênero de vida, e em breve mereceram ter por aprovador uma das mais famosas personagens do século, São Pedro, mártir, religioso dominicano. O grande servidor de Deus, encontrando-se em Florença e ouvindo falar dos penitentes do Monte Senario, quis, por si próprio, verificar se era o caso de dar crédito a tudo quanto a fama dizia das virtudes deles. Viu-os, e de tal modo se persuadiu da santidade de todos, que com eles travou santa amizade; Maria, aparecendo-lhe, disse-lhe que escolhera Bonfilio e os seus companheiros, bem como os sucessores, para que fôsem especialmente consagrados ao serviço dela e participassem das amargas dores outrora por ela experimentadas; deviam fundar uma ordem cujo fito seria o de honrá-la e proporcionar-lhe glória. Animados por tais oráculos, os humildes solitários, que a prin-

cíprio não se tinham proposto receber discípulos, resolveram então instituir a ordem dos servitas, menos para serem os fundadores de uma nova sociedade religiosa do que para satisfazerem a vontade da Divina Mãe. Abraçaram a regra de Santo Agostinho, que ainda hoje seguem. A nova instituição propagou-se imediatamente pela Itália, onde possuía grande número de casas; formou até estabelecimentos em outras partes da Europa, e se encontram conventos de tais religiosos nos Estados em que as ordens monásticas não foram suprimidas. Quanto aos piedosos fundadores, continuaram a caminhar, a largos passos, nas sendas da perfeição, e terminaram santamente a carreira no monte Senario, com exceção do bem-aventurado Alessio Falconieri, que viveu até a idade de cento e dez anos e morreu em Florença. Os bem-aventurados Sostegno e Ugucione entregaram a alma a Deus no mesmo dia e na mesma hora. Bento XIV diz que os corpos dos sete bem-aventurados se conservam sob o altar-mor do monte Senario, que as suas cabeças estão postas no interior do altar da capela chamada das Relíquias da mesma igreja, e que cada cabeça está ornada de uma coroa de flôres com inscrição. Não se sabe se os revolucionários da Itália respeitaram êsses valiosos tesouros. O culto do bem-aventurado Alessio Falconieri foi aprovado pelo papa Clemente XI, no dia 1 de dezembro de 1717, e os dos outros seis fundadores por Bento XIII, em 30 de julho de 1725 (1).

* * *

(1) Acta SS., e Godescardo, 10 de fevereiro.

A BEM-AVENTURADA CLARA DE RIMINI

Viúva

Clara de Rimini, enviuvando muito moça ainda, com a morte do primeiro marido, entregou-se a tôdas as frivolidades e a todos os prazeres a que muito frequentemente nos entregamos no mundo. As próprias desventuras de sua família e do país, naquele tempo de desordem e de guerras civis, não lograram fazê-la voltar a si. Mas no momento em que menos se esperava, Deus lançou sobre ela um olhar de misericórdia, e lhe inspirou profundo arrependimento dos desvios. Um dia, entrando na igreja dos franciscanos, pareceu-lhe ouvir uma voz que dizia — “Esforçai-vos, Clara, por rezar um *Pater* e uma *Ave* em louvor de Deus e como sinal da vossa lembrança, e por rezá-los com atenção, sem pensardes noutra coisa”. Não compreendeu a princípio o que significava aquêlê aviso, mas pôs-se a refletir. Finalmente, abriu os olhos para a vida passada, e resolveu pagar os erros mediante sincera penitência. O seu segundo marido, cedendo aos rogos dela, permitiu-lhe usar o hábito religioso e abraçar tal gênero de vida. Morreu êle pouco depois, e Clara, já livre dos seus laços, não quis outro espôso

que não Jesus Cristo, e outro cuidado que não o da sua santificação.

A fim de tratar mais seguramente da sua salvação, a nova convertida dedicou-se inteiramente à penitência; para vencer a finura, acostumou-se a caminhar de pés descalços, o que fez pelo resto da vida. Grosseiras vestes, cinzentas e pardas, sucederam-se aos luxuosos vestidos com os quais gostava, antes, de se ornar. A mais frugal nutrição lhe serviu para expiar o prazer que sentia com os deliciosos pratos; comia ordinariamente pão e água; nos domingos e nos dias de grandes festas, acrescentava um pouco de azeite, mas durante a quaresma, só comia pão e verduras cruas. Trazia ao pescoço, aos braços e aos joelhos círculos de ferro, e tinha o corpo protegido por uma espécie de couraça do mesmo metal, que ainda se conserva em Rimini. Foram êsses os meios de que se valeu, foram essas as armas de que se revestiu para resistir ao inimigo que tão longamente a mantivera cativa.

Apesar de tantas precauções, sustentou ainda rudes combates, sobretudo para triunfar das tentações que a levavam à gula. Um dia, já estava quase vencida, Jesus Cristo, a quem orava com fervor, lhe inspirou estas palavras: "Levantai-vos, Cristo, e socorrei-me; levantai-vos, vós que sois o defensor dos homens, ó rebento de Davi! Aleluia!" Mal proferiu tais palavras, sentiu-se cheia de fôrça e de vigor para repelir a tentação; entretanto, a fim de premunir-se no futuro, vai procurar um animal repulsivo e, fazendo-o assar, leva-o à bôca, dizendo a si própria: "Toma, gulosa, toma esta delicada iguaria e come". Foi o bastante para que ela nada mais tivesse que

padecer em tal ponto, tão verdade é que as vitórias obtidas contra as paixões constituem fecunda fonte de tranqüilidade.

Aquelas austeridades não foram as únicas praticadas pela corajosa penitente; privava-se quase inteiramente de sono, passando a orar a maior parte das noites. Durante a quaresma, recolhia-se a um reduto que lhe oferecia o antigo muro da cidade; lá, exposta ao frio, à chuva e às demais injúrias do tempo, pedia humildemente misericórdia a Deus, confessando os pecados, e recitava mais de cem vezes a oração dominical, derramando abundantes lágrimas. Foi o que fez durante os trinta anos que se escoaram desde a época da sua conversão.

Nas suas comunicações com o Senhor atingiu terna compaixão por todos os aflitos. Seu próprio irmão foi um dos primeiros a sentir os efeitos daquilo. Sabendo que êle estava enfêrmo em Urbino, para onde se retirara após ter sido uma segunda vez banido de Rimini, foi levar-lhe todos os auxílios de que necessitava, e ajudá-lo a santificar os padecimentos. Concluída a paz algum tempo depois, voltou a serva de Deus, com a família, para a cidade natal, e lá continuou as obras de caridade, que muito bem sabia unir aos piedosos exercícios e à santa comunhão. As freqüentes guerras que devastavam a região tinham obrigado as religiosas de Santa Clara, estabelecidas em Begno, a refugiar-se em Rimini, onde se encontravam reduzidas ao extremo. A serva de Deus, informada do que se passava, ia de casa em casa pedir pelas pobres criaturas na vizinhança da cidade e nas localidades dependentes. Um dia, viram-se elas sem lenha; Clara encontrou no campo um

tronco de árvore e pô-lo às costas, levando-o até a casa de um dos parentes que, vendo-a carregada daquela maneira, ordenou a um criado pegasse o tronco e o levasse para onde ela pretendia; mas Clara não consentiu, e, após desejar bênçãos ao parente pela caridade que lhe mostrava, continuou a carregar o fardo sem que a detivesse qualquer respeito humano.

Temia muito causar o menor desgosto ao próximo. Um dia, notando que dissera a alguém uma palavra não suficientemente polida, encerrou-se imediatamente na cela e, puxando com um alicate a língua para fora da bôca, assim a manteve por tão longo tempo, que o sangue se escoava. Ficou vários dias sem poder falar. Foi por essa severidade em punir os menores erros que conseguiu dominar tôdas as paixões e tornar-se inteiramente senhora de si própria.

Mas se as necessidades corporais de seus irmãos excitavam a compaixão de Clara, mais ainda a comoviam as necessidades espirituais. Por conseguinte, dedicava-se, com zêlo e êxito à conversão dos pecadores: uma nobre viúva cujo comportamento era suspeito, um usurário de Rimini, o senhor de Mercatello, e muitos outros lhe deveram o retôrno a Deus. Não foi sempre sem esforço que a santa penitente logrou as felizes conversões; freqüentemente a injuriaram e até acusaram públicamente de heresia; mas a sua paciência calou, finalmente, a bôca dos caluniadores, e a sua virtude terminou por triunfar dos que pretendiam turvar-lhe o brilho. Clara adquiriu até tão grande reputação de santidade, que várias pessoas devotadas desejaram reunir-se-lhe e viver sob a sua guia; respondeu-lhes, construindo um mosteiro que,

a princípio recebeu o nome de Anunciação, e que depois tomou o de Nossa Senhora dos Anjos, ainda usado no século que se findou.

Não se enclausurou a serva de Deus nessa casa; pelo contrário, continuou a sair para cuidar de obras de misericórdia. A sua grande caridade a levou, certa vez, a se oferecer à venda, para resgatar um criminoso condenado a ter a mão cortada, e conseguiu o perdão do infeliz. Realizou vários milagres para devolver a saúde aos enfermos. O Senhor a favorecia com o dom do conselho, e lhe inspirou tão grande sabedoria, que os mais doutos ficavam admirados. Finalmente, após praticar, por mais de trinta anos, as virtudes cristãs em grau heróico, a santa criatura entregou a alma ao Criador, em 10 de fevereiro de 1326. Sepultaram-na na igreja do seu mosteiro, onde ainda hoje se lhe conservam os restos. O papa Pio VI aprovou, em 12 de dezembro de 1784, o culto que os fiéis prestavam à bem-aventurada Clara (1).

* * *

(1) Acta SS., e Godescardo, 10 de fevereiro.

SANTA SOTERES (*)

Virgem e Mártir

Soteris era uma belíssima jovem, nascida na família dos Aurélios de Roma, muito estimada. Segundo escreveu Santo Ambrósio, era de nobre origem e desprezara, por amor de Jesus Cristo, os consúlados e as prefeituras dos ancestrais.

No tempo de Diocleciano, foi prêsã como cristã. O perseguidor ordenou que lhe esbofeteassem o lindo rosto, ciente de que debaixo de tanta beleza e tanta fragilidade estava escondido o mêdo que a levaria a ceder e, assim, sacrificar aos deuses.

Grande engano!

Soteris, através de tratamentos reservados a escravos, cansou os algozes, que se fatigaram antes dela. Sem soltar um gemido, sem derramar uma lágrima sequer, de rosto erguido e fé alevantada, a santa virgem passou pelos maiores horrores. Mantendo-se incorruptível, morreu pela espada, subindo para o Espôso querido.

Não se confunda esta Santa Soteris com a homônima, martirizada na via Aurélia, que o martírio desta se deu na via Ápia. Esta Soteris, como se viu, sofreu sob Diocleciano, aquela ao tempo de Valeriano.

* * *

SÃO ZENO (*)

Monge e Confessor

Zeno fôra soldado sob o imperador Valente; quando êste morreu, deixara a carreira e se retirara a uma montanha que se erguia nas vizinhanças de Antioquia. Só, vivia exclusivamente de pão e água, modesta e humildemente, diz dêle Teodoreto de Cyr (1).

“Quando eu galgava a montanha para o ver, encontrei-o com a bilha na mão. Perguntei-lhe onde se achava o refúgio do admirável Zeno. Disse-me que não conhecia monge algum com aquêlê nome. Pensei, observando-o, que era Zeno mesmo que me estava defronte. Segui-o e entrei na cela que ocupava, onde se encontrava um miserável catre. Sôbre uma pedra estava uma esteira para as visitas. Depois duma longa conversação que entabulamos sôbre a sabedoria, em que êle me respondia as perguntas, pedi-lhe a bênção no momento de me retirar. Zeno começou por se esquivar, a recusar, dizendo-me que a mim é que competia abençoá-lo, porque êle não passava dum ignorante postado ao lado dum grande combatente (era na época em que eu fazia a leitura

(1) In Filoteu.

dos santos livros na assembléia dos fiéis). Disse-lhe da minha inexperiência, da minha pouca idade e acabei por lhe declarar que não mais o tornaria a ver. Afinal, cedeu aos meus rogos e pronunciou uma curta bênção, declarando que o fizera unicamente por espírito de caridade e obediência”.

Zeno era homem que não possuía absolutamente nada. Vivia do pão cotidiano, quando o conseguia, e da água que Deus lhe dava numa clara fonte que cantarolava com espevitamento nas faldas da fragura.

Certa vez, fanáticos decididos a massacrar todos os santos homens que viviam a vida de solitário apareceram nas imediações em que Zeno servia fielmente o Senhor. Atraídos pelo renome daquele servo do Altíssimo, vieram matá-lo. E, coisa maravilhosa, ficaram cegos, não conseguindo dar com a cela do santo monge. Assim, nem o mataram e nem se apropriaram daquilo que, supunham, possuísse. Da terra, levou-o Deus em 419, honrado pelos homens e querido pelos anjos.

* * *

SANTA AUSTRIBERTA (*)

Virgem

Austriberta, nascida em 630 em Teruana, quando então reinava Clotário II, rei da França, era filha de Baufroi e de Framchilda, da família real da Alemanha.

Quando a Santa nasceu, a mãe recebeu do céu a certeza de que a filha havia de ser um anjo pela vida que teria pela frente. Conta-se que, um dia, estava Austriberta ao pé duma fonte a mirar-se nas águas; de repente, viu, refletido no espelho da nascente, que, descendo do alto, suavemente, um véu vinha pousar-lhe sôbre a cabeça. Desde aquêle dia, a jovem resolveu guardar a castidade com voto, certa de que Deus a escolhera por espôsa. Estava com dez anos e declarou aos pais aquela intenção.

Baufroi sorriu, pensando que aquilo não passava duma efêmera determinação, e deu andamento ao que já tinha em mente havia muito tempo: contratar o casamento de Austriberta com um jovem príncipe.

Quando a santa virgem soube do contrato, rogou ao pai que o desfizesse, uma vez que já se havia consagrado a Deus. E, encontrando Baufroi inabalável, resolveu deixar a casa. A um irmão falou da resolução e, uma noite, tomando-o pela mão, fugiu.

Era na época das enchentes. Quando chegaram às margens do Canche, encontraram-no a transbordar.

Austriberta não se apouquentou. Cheia de confiança em Deus, apertou mais fortemente a mão do irmãozinho e avançou pelas águas, atravessando a torrente tão segura e facilmente como o faria numa ampla estrada sem perigo.

Aonde ia? Inspirada pelo Senhor, não deixara a casa paterna sem levar no puro coração uma determinação: ia à procura do bispo Omer.

Diante do prelado, falou-lhe da resolução que tinha e do motivo pelo qual ali estava. O bispo, comovido e edificado, vendo naquilo um sinal extraordinário de vocação, conferiu à jovem o véu das virgens, prometendo-lhe que havia de apaziguar o pai, levando-o a aceitar uma imposição que vinha de Deus. Com efeito, conseguiu-o, e Baufroi, concedendo à jovem filha tôda a liberdade, levou-a de volta para casa.

Depois de alguns anos, Austriberta foi bater à porta da abadia chamada do Pôrto, onde desejava praticar mais amplamente a pobreza. Admitida, não satisfeita de tão-sòmente se submeter à abadessa Burgofreda, passou a servente das religiosas. Deus, então, principiou a operar milagres por seu intermédio.

Um dia, estava incumbida de tratar dos pães, viu-se, com o fôrno a arder e pronto para receber a massa, sem vassoura com que varrer o brasido e a cinza. Confiadamente, entrou pela bôca do fôrno e, com as mangas mesmas do hábito, varreu-o e limpou-o, sem que lhe sucedesse o menor mal.

A prudência, a humildade, a bondade de Austriberta levaram as religiosas da abadia a fazê-la priora. Anos depois, era abadessa duma nova

fundação, a de Pavilly, para a qual a Santa, mercê da sua santidade e sabedoria de conduta, conseguiu atrair as bênçãos do céu.

Ora, o demônio não descansa, e, pois, um dia, quis levar por águas abaixo o que com sacrifício fôra feito. Era de noite, e tôdas as religiosas dormiam. Eis senão quando uma delas julgou ouvir:

— Levanta-te, procura a abadesça para que se inicie o officio.

Era sonho? Não, era uma voz do céu, que conjuraria o mal que estava para suceder.

À terceira ordem, a religiosa, acordada desde a segunda, levantou-se e foi procurar Austriberta, referindo-lhe o que viera de ouvir. A santa abadesça, imediatamente, reuniu a comunidade e deu início, na igreja, às matinas. Duas noviças, porém, indispostas, continuaram a repousar.

Nem bem se iniciara o officio e um estrondo, pavoroso no silêncio da noite, ecoou por tôda a região. Que seria?

As religiosas, amedrontadas, procuraram sair da igreja, para ver de que se tratava, mas Austriberta, enèrgicamente, ordenou:

— Não! Ainda não! Ninguém deve deixar a igreja, enquanto não terminar o officio! Continuemos!

O officio teve andamento, mas uma monja, às escondidas, curiosa, deixou o templo. Nem bem o fizera, o estrondo despertou os ecos das circunvizinhanças, pela segunda vez.

Terminada a cerimônia, Austriberta tomou do crucifixo e, à frente das religiosas, deixou a igreja.

Logo viram que, totalmente, desabara o teto do dormitório. E as duas noviças adoentadas? Correram tôdas a ver, a fazer o sinal da cruz, e encontra-

ram ambas as duas perfeitamente bem, apenas apavoradas. Uma, protegida pelo quadrado da janela, que lhe caíra sôbre o leito, amparando assim todo o entulho, que, não fôra aquilo, a soterraria; a outra, protegida por uma parede, que se inclinara e milagrosamente não desabara.

À monja que, desprezando as ordens da abadesa, deixara a igreja, encontraram-na, sob um montão de pedras, morta.

Austriberta fêz com que a levassem imediatamente à enfermaria. E, tendo ido a igreja, lá orou longamente, depois do que, tomando o óleo da lâmpada que alumia o altar-mor, tornou à religiosa morta. Sôbre ela, confiantemente, fêz o sinal da cruz. E, tendo-a ungi-do com o óleo que trouxera, restituiu-lhe a vida e a saúde.

Depois de mais de trinta anos passados na oração, na penitência, nos exercícios de piedade, Deus enviou-lhe um anjo, que lhe disse:

— Daqui a oito dias serás recompensada.

Era em 704, no dia da Purificação de Nossa Senhora; transcorrido aquêlo tempo, Austriberta foi para Deus. Um incontável número de anjos, descendo das alturas, lhe foi ao encontro. E a Santa, moribunda, vendo-os vir, disse às religiosas que a assistiam, recitando as litânicas:

— Silêncio, irmãs! Não vêdes que imensa procissão entra pelo quarto?

Depois, erguendo os olhos para o alto:

— Vou para vós, Senhor, que vos amo muito!

Estava com setenta e quatro anos, e morria mansa, muito mansamente e em paz.

* * *

SÃO GUILHERME DE MALEVALLE (*)

Ermitão e Confessor

São Guilherme de Malevalle, francês, foi o fundador da ordem dos guilhermistas. Era, antes de se fazer ermitão, um homem licenciado, que abraçara a carreira das armas.

Um dia, tocado da graça, numa graça que o fizera mergulhar profundamente dentro de si mesmo e assim ver tôdas as graves faltas passadas, deixou a profissão e demandou Roma, a visitar o túmulo dos santos apóstolos, com intenção de, ao papa, então Eugênio III, pedir uma penitência proporcional aos pecados da tresloucada juventude.

O Santo Padre impôs-lhe uma peregrinação a Jerusalém, feito o que, de volta, parando na Toscana, pôs-se à procura dum lugar onde pudesse servir a Deus, longe de todo o mundano bulício.

Perto do Monte Pruno, construiu uma pequena cela no meio de intrincada floresta, e passou a levar vida solitária.

Ali, atraídos pela santidade do ermitão, jovens que desejavam levar a mesma vida começaram a aparecer, mas o Santo, aspirando tão-sòmente à solidão, deixando o retiro, buscou plagas mais isoladas ainda, num vale deserto, chamado Estábulo de Rodes, lugar

feito e triste, quieto e arrepiante, que inspirava horror. Daí o nome que lhe deram de Malevalle, ou seja, Vale do Mal.

Encontrando uma caverna subterrânea, São Guilherme lá se fixou. E, vivendo de ervas e raízes, exclusivamente, tinha por única companhia os animais da desolada região.

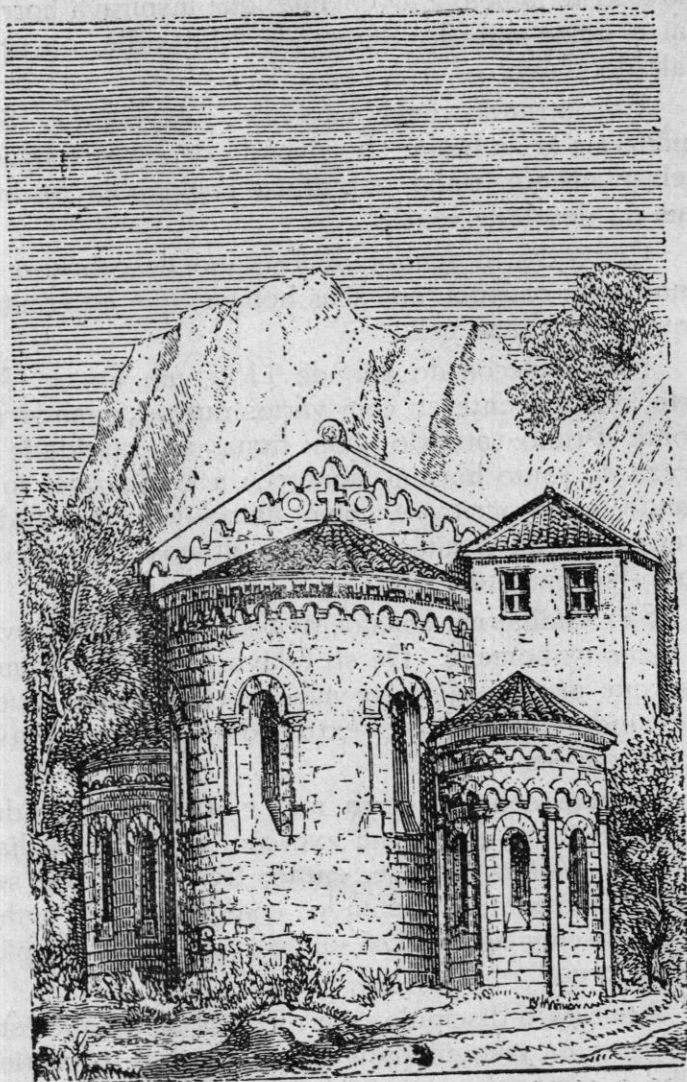
Certo dia, o senhor de Buriano descobriu-o, e, penalizado, ordenou aos seus homens que ao ermitão construissem uma cela.

Nos começos do ano de 1156, um jovem, Alberto, como aconteceu com vários outros, quando no Monte Pruno, atraído pela fama de santidade e pureza do santo homem, apareceu a Guilherme, solicitando-lhe o aceitasse como discípulo. Admitido, viveu ao pé do ermitão até seus últimos dias, escrevendo-lhe parte da vida.

São Guilherme considerava-se o mais miserável de todos os homens. De si, falava como dum criminoso que merecia a morte mais horrível, mais cruel. Praticando austeridades extraordinárias, procurava aperfeiçoar-se.

Dormia sôbre a terra nua e dura. Jejuando, fazia-o todos os dias, sem exceção, mesmo nos dias de festa. Alimentava-se, então, três vêzes por semana, parcamente, tomando como bebida, vinho misturado com água. De sólidos, um pouco de pão e ervas cruas.

Aceitara o discípulo com a condição de que este o deixasse na tranqüilidade do isolamento, permitindo-lhe a companhia, porém, de quando em quando. Um dia, Alberto queixava-se daquele isolamento, privado das palavras e dos ensinamentos do mestre.



São Guilherme do Deserto.

Guilherme, a quem o Senhor, agradado da vida que passara a levar, concedera o dom da profecia, disse-lhe, à guisa de consolação:

— Dentro em breve terás um companheiro.

De fato, poucos dias depois, saía o discípulo da cela do Santo, quando viu que lhe vinha ao encontro um homem de aspecto grave, alto e bem parecido. Era médico e dizia chamar-se Reinaldo. Desgostoso do mundo, deliberara renunciar a êle, para viver sob a direção do ermitão do Malevalle.

Pouco depois, morria São Guilherme, recebidos os últimos sacramentos dum padre das vizinhanças, nos braços do fiel Alberto. Era em 1157, e Reinaldo, que se ausentara para pôr em ordem os negócios, antes de deixar o século, quando voltou, encontrou-o morto. Ajudando a enterrá-lo, com o companheiro levou a mesma vida que levara o mestre. Sobre seu túmulo, erigiram um pequeno eremitério com uma capelazinha.

Discípulos não tardaram a surgir. Uma comunidade foi nascendo a pouco e pouco. E a ordem dos guilhermistas espalhou-se pelo mundo, principiando na Itália, passando para a França, ganhando a Alemanha e depois os Países-Baixos.

Regra por demais austera, mitigou-a o papa Gregório IX, colocando-a debaixo da de São Bento.

* * *

BEM-AVENTURADO HUGO DE FOSSES (*)

Confessor

Hugo, nascido em Fosses, de pais ricos e piedosos, viu-se órfão muito cedo. Aos cuidados do bispo de Cambrai, sob a direção daquele prelado fêz os estudos.

Apresentado, um dia, a Norberto, o fundador dos premonstratenses, Hugo ia ser-lhe o primeiro discípulo, vigário, companheiro de andanças e, afinal, sucessor.

Quando Norberto se alçou à sé de Magdeburgo, em 1126, Hugo foi eleito abade da ordem que aquêle fundara, e superior-geral, confirmado e abençoado por Bartolomeu de Vir, bispo de Laon.

No dia da morte, Norberto apareceu ao companheiro, dizendo-lhe:

— És bem visto no céu!

Desde aquêle momento, Hugo de Fosses votou ao mestre um culto filial sem par.

Sob a direção do bem-aventurado, mais de cem mosteiros de homens e de mulheres apareceram nos

mais diversos países. Depois de ter dado constantes exemplos de simplicidade, modéstia e piedade, de alta prudência e grande sabedoria, morreu Hugo de Fosses, em 1164.

Depois dum processo informativo, o culto imemorial de Hugo de Fosses foi confirmado por Pio XI, aos 13 de julho de 1927.

O fato mais importante da vida do bem-aventurado Hugo de Fosses diz respeito à aparição de Jesus Crucificado, quando todos os religiosos da ordem eram contrários à escolha que se fizera do lugar em que se haviam de fixar, lugar êsse que fôra designado pela Santíssima Virgem. Nosso Senhor crucificado, aparecendo-lhe, vinha ratificar aquela escolha.

* * *

No mesmo dia, em Antioquia de Pisídia, os santos Charalampo, Porfírio, Bapto e três mulheres mártires (202).

Em Placência, São Peregrino, confessor, que afastou, pregando o Evangelho, o paganismo daquela localidade. Desaparecido em 400.

Em Besançon, São Protádio, bispo e confessor, oitavo daquela sede, falecido em 624.

Em Clermont, Auvergne, São Sigon, bispo e confessor, sucessor de Santo Stable. Afastado do cargo por Estêvão, duque de Auvergne, graças à intervenção do papa São Nicolau, o Primeiro, foi restabelecido. Zeloso e caritativo, morreu em 873.

Na Holanda, Santa Sura, mártir do século XI. Conhecida também como Sotera, erigiu em Dordrecht uma igreja em honra de Nossa Senhora. Foi assassinada por uns ladrões que a supunham muito rica; quando lhe vasculharam a bolsa nada mais encontraram do que três moedas. Diz então a lenda, que em tórno daquilo se formou, que Santa Sura tinha sempre três moedas na bolsa. Apenas as gastava, outras três surgiam. Os assassinos, condenados à morte, foram perdoados: a Santa, aparecendo ao juiz que os julgava, fêz-lhe ver que estavam arrependidos e, pois, mereciam perdão. No lugar onde foi morta, brotou uma fonte, cujas águas curaram muitas doenças a uma infinidade de pessoas.

Na Inglaterra, São Truwin, bispo e confessor.

Na Itália, o bem-aventurado Arnaldo, abade e confessor, filho de importantíssima família de Pádua. Muito jovem, recebeu o hábito beneditino na famosa abadia de São Justino de Pádua. A virtude e a sólida instrução levaram-no a ser abade da comunidade. Aprisionado pelo tirano Ecelino, morreu na prisão, quando, então, duas colunas de luz, descendo do céu, foram pousar sobre o cárcere, atestando-lhe a santidade (1255).

Na Bélgica, o bem-aventurado Guilherme de Brabante, confessor. Desregrado na juventude, penitenciou-se por uns tempos, voltando novamente à licenciosidade. Uma noite, sonhou que um anjo o convidava a abraçar as austeridades que principiara a praticar e abandonara, indicando-lhe um lugar onde se fixar: a aldeola de Morlanwez, encravada nos confins do Hainaut e do Brabante. Morreu em 1240,

quando dirigia as religiosas de Nossa Senhora de Oliva, perto de Namur.

No mesmo dia, em Roma, os santos mártires Zótico, Irineu, Jacinto e Amâncio. — No mesmo lugar, na via Lavicana, dez soldados mártires. — Na Campânia, São Silvano, bispo e confessor.

* * *

11.º DIA DE FEVEREIRO

SANTOS SATURNINO, DATIVO, ETC.

Mártires da África

Numa cidade da África proconsular, chamada Abitina, quarenta e nove cristãos deram o exemplo de heróica constância, sob a perseguição de Maximiano. Detiveram-nos no momento em que celebravam os mistérios do Senhor na casa de um deles. Eram trinta e dois homens e dezessete mulheres. Conduziram-nos à praça pública, rodeados de soldados. Para lá foram alegremente, tendo à testa um senador chamado Dativo e o sacerdote Saturnino com seus quatro filhos, Saturnino o jovem e Félix, leitores; Maria, religiosa, e Hilariano ainda pequeno. Os quarenta confessaram Jesus Cristo, e daquela maneira repararam o escândalo dado, no mesmo lugar, pelo bispo Fundano, entregando as Escrituras. Carregados de ferros, foram levados para Cartago. Durante o caminho, davam vazão ao júbilo cantando hinos e cânticos. Em Cartago, o procônsul mandou que vários deles fôssem torturados, principalmente o senador Dativo e o sacerdote Saturnino. Os editos da perseguição, ordenando fôssem queimadas as Escrituras, proibiam as assembléias. Interrogados

por que motivo se haviam reunido, não obstante a proibição dos imperadores, o sacerdote Saturnino e o confessor Teliano responderam: "É porque não podemos faltar ao ministério do Senhor. Assim o ordena, assim o ensina a lei. O que me inquieta é apenas a lei de Deus que aprendi. A ela é que guardo, e é por ela que morro; não há outra lei." No meio dos tormentos, oravam, dizendo: "Senhor Jesus Cristo, somos cristãos, vós sois nossa esperança; Deus santíssimo, Deus altíssimo, Deus poderosíssimo, nós vos rendemos as nossas ações de graças." Era assim que os mártires proclamavam a divindade de Cristo. O jovem Saturnino, bem como outros, interrogados se tinham as Escrituras, responderam: "Sim, tenho-as, mas no coração." Os quarenta mártires ficaram longamente na prisão, e a maioria morreu de fome, uns depois dos outros (1).

* * *

(1) Ruinart.

SÃO CEDMON (*)

Confessor

São Cedmon viveu na época em que a abadia de Whitby era governada pela grande abadessa Hilda. Ali, prestava serviços, como criado. Era um homem dócil, silencioso e desajeitado. De canto, por exemplo, não tinha a menor noção. Quando chegava a hora de cantar, nos dias de festa, temeroso de que o convidassem, deixava o recinto e ia trancar-se no seu quartinho.

Na abadia tôdas sabiam que Cedmon se sentia constrangido, e, pois, não insistiam.

Ora, certa vez, era dia de festa, a abadessa, finda a refeição, pôs-se a convidar esta e aquela para cantar. Cedmon, como de costume, despercebidamente, julgava-o êle, foi deixando o imenso refeitório, dirigindo-se para o estábulo. Ali, sentou-se num monte de feno e pôs-se a pensar naquilo que o entristecia. E como calmo era o dia e o calor derreava, acabou por dormir. Sonhou. Sonhou que um homem, formoso e imponente, lhe aparecia no estábulo. Olhava-o com ternura, e, sorrindo, pediu-lhe:

- Cedmon, por favor, canta-me alguma coisa!
- Cantar-te alguma coisa?
- Sim, peço-te que me cantes algo.

— Eu? Cantar? Eu não sei, não posso!

— Ora, sabe, sim! insistia o homem. Tu podes, Cedmon! Canta-me o que quer que seja, sim?

— E que devo cantar? perguntou.

— Canta a obra da criação!

Cedmon, então entrou a cantar, a louvar o Criador. E, fazendo-o de modo até então desconhecido, deleitou-se como jamais. Quando estava para terminar, acordou. Impressionado, lembrando-se de tudo, miraculosamente completou o hino.

À abadessa, Cedmon, com tôda a simplicidade, contou o sonho, repetindo-lhe a composição.

— Recebeste de Deus, Cedmon, disse a abadessa, assim que o servente do mosteiro terminara o hino, recebeste de Deus um dom especial para a poesia.

E dando-lhe algumas passagens da Bíblia, pediu-lhe que as pusesse em versos.

Cedmon trabalhou um dia inteiro, terminando a tarefa. Tão bem se desincumbiu, que Hilda, como-vida e enternecida, o colocou num mosteiro, como monge, para que se desse ao estudo dos Livros santos.

Tôdas as poesias de Cedmon eram duma fôrça desconhecida. A doçura, mais o poder de expressão, davam-lhe um toque celestial.

Cedmon foi monge obediente, devoto e humilde. Santa e mansamente, faleceu em 680.

* * *

A APARIÇÃO DA SANTA VIRGEM MARIA EM LOURDES (*)

Na fria manhã do dia 11 de fevereiro de 1858, a bem-aventurada Virgem Maria dignou-se aparecer a uma humilde menina de Lourdes. Bernadette Soubirous ignorava, então, nos seus inocentes quatorze anos, os desígnios de Deus.

Com uma irmã, Maria, e uma das amiguinhas, Joana Abadia, saiu para lenhar nas imediações da cidade, ao longo dum curso d'água. Maria e Joana, afastando-se, catando gravetos aqui, galhos secos ali, apartaram-se de Bernadette.

Eis senão quando, a jovem Soubirous sentiu-se atraída por um como remexer na folhagem das árvores. Levantou os olhos e nada viu que denunciasse qualquer movimento nas fôlhas do arvoredó. Que significava aquilo, se não ventava? Impressão? Abaixou-se para o chão e continuou a lenhar. Mas, novamente, remexeram-se as árvores, como se um forte vento as agitasse. Como, se não havia, naquela fria manhã, nem mesmo uma brisa?

Bernadette encontrava-se defronte às rochas de Massabielle, em face duma gruta que se abria no flanco da montanha. De repente, aquêlê misterioso agitar do arvoredó veio acompanhado dum grande

ruído, como dum trovão; a jovem, amedrontada, er-
guendo-se do afazer, percebeu um vivo clarão saindo
da gruta. No mesmo instante, uma bellissima mulher
apareceu ao lado duma roseira brava, ao alto.

Bernadette ficou atônita. A mulher sorria-lhe,
como ela jamais vira alguém sorrir; era jovem, bela,
duma beleza diferente, desconhecida, suave, descon-
certante... Que sabia ela, pobre menina atarantada?

A mulher fêz-lhe sinal para que avançasse, tendo
no rosto um não sei quê que dizia:

— Vem, aproxima-te, sem qualquer temor!

Bernadette, instintivamente puxou o têrço do
bôlso da larga saia, avançou vagarosamente e, ao
chegar mais próximo da linda Senhora, caiu de jo-
elhos e pôs-se a rezar. E, com a mulher, que também
passava entre os dedos ágeis as contas do seu mara-
vilhoso rosário, rezou até a primeira dezena.

A Senhora, então, aqui, com a menina, entoou:

— Glória ao Pai, e ao Filho, e ao Espírito Santo;
assim como era no princípio, agora e sempre e por
todos os séculos dos séculos. Amém.

A cada dezena terminada, ambas, Bernadette e
a Senhora, repetiam o Glória.

Findo o têrço, a doce visão, sorrindo, como que
foi tragada pela rocha — desapareceu.

A jovem estava ainda de joelhos, arroubada,
quando a irmã e Joana apareceram. Notando-lhe algo
diferente no rosto, perguntaram-lhe, nervosamente:

— Bernadette, que tens?

Bernadette levantou-se, sem dizer palavra, e
deixou a gruta. Só depois de algum tempo é que

inquiriu à irmã e à amiguinha, aflitas com o silêncio que ela fazia:

— Não vistes nada de extraordinário na gruta de Massabielle?

— Não, responderam as duas, curiosas.

E, ambas, encafifadas com o jeito de Bernadette, perguntaram ao mesmo tempo:

— Por quê? A que vem tal pergunta?

Bernadette, de olhar perdido, respondeu fracamente:

— Oh, por nada!

Todo o dia, a imagem da maravilhosa Senhora lhe povcou a mente. De noite, no momento em que a família, reunida, fazia as costumeiras preces do morrer do dia, Bernadette, com a garganta estrangulada por um imenso apêrto, rompeu a chorar.

— Menina? fêz a mãe, espantada. Que tens?

Bernadette, em lágrimas, a soluçar, exclamou em alta voz:

— Ó Maria concebida sem pecado, rogai por nós que recorremos a Vós!

Estava pálida, tremia. Puxando a mãe para um canto, sòmente a ela contou o sucedido na gruta.

A senhora Soubirous sorriu-lhe, afagou-lhe a cabeça e disse:

— Não te preocupes, amor! Não é nada! Depois dum bom sono tudo passará! Vamos, enxuga essas lágrimas e sossega! Não tens dormido por causa da asma, hem?

Bernadette, porém, aquela noite, não conseguiu conciliar o sono. Sòmente depois de muito virar e

revirar no leito, exausta, dormiu um pouco. Oh, que linda, que maravilhosa, que suave aquela Senhora jamais vista!

* * *

Aquêlê estranho dia 11 de fevereiro caíra numa quinta-feira. Era, então, domingo, 14, e a menina, que se esforçara para esquecer a aparição, e não conseguira uma única vez, sentia-se atraída para a gruta.

A mãe, porém, proibira-lhe aproximar-se das rochas ao longo do ribeiro. Bernadette, humilde e obediente, passou a lutar consigo mesma. Precisava ir! A gruta chamava-a insistentemente! Era necessário ir à gruta! Havia de ir à gruta! E, procurando a irmã e Joana, pediu-lhes com fervor que lhe conseguissem, da mãe, a desejada autorização.

A senhora Soubirous, a princípio, resistiu. Bernadette desde aquela quinta-feira, preocupava-a estranhamente. Maria e Joana, porém, tanto insistiram, e rogaram tanto, que conseguiram demover a prudente mulher. E o consentimento foi dado. A boa mãe, julgando que aquela ida à gruta talvez curasse a filha do nervosismo e da melancolia, porque, como pensava, lá nada mais havia de ver, tranqüilizou-se.

Maria e Joana reuniram quatro ou cinco companheiras e foram juntar-se a Bernadette. Maria, que ouvira a mãe falar de coisas do diabo, sugeriu às demais:

— Passemos antes na igreja e colhamos um pouco de água benta. Mamãe disse que o diabo, às

vêzes, sob bela aparência, engana os homens. Vamos, que à água benta o demônio não agüenta.

Passaram tôdas, então, na igreja, e Maria, que levava um vidrinho, encheu-o de água benta.

Quando chegaram a Massabielle, Bernadette, comovida, ajoelhou-se onde, há poucos dias, ajoelhar-se diante da suavíssima Senhora de branco e cinto azul. Lá estava, florida, a roseira brava que ladeara a maravilhosa Dama.

A irmã e as companheiras tinham os olhos pregados na jovem Bernadette que rezava, a enfiar, ofegante, a gruta. De repente, acendeu-se-lhe o rosto, abriu-se todo êle num sorriso imenso.

— Ei-la! exclamou. Lá está Ela, lá está Ela! Não vêdes?

Não, ninguém via a doce Senhora da jovem Soubirous.

Maria, rapidamente, passou à irmã o frasquinho d'água benta:

— Bernadette, depressa, atira-lhe com a água benta! Toma! Atira-lhe com a água benta!

A menina, d'olhos fixos na encantadora visão, derramou todo o conteúdo do vidrinho nas mãos em concha e aspergiu a maravilhosa aparição.

— Oh! gritou Bernadette. Ela lá continua! E sorri! Sorri e balança a cabeça, agradada! Oh! Ela sorri! Gostou da água benta!

Maria, Joana, as companheirinhas tôdas, num só movimento, contritas, caíram de joelhos. Uma delas, olhando para Bernadette e vendo-lhe o rosto esquisitamente iluminado, exclamou nervosamente:

— Oh, meu Deus! Bernadette vai morrer!

Chamaram-na, então, pelo nome, mas a jovem Soubirous nada ouvia, perdida que estava na contemplação da Dama sem par.

Eis senão quando, apareceram duas mulheres — a mãe e a irmã dum moleiro chamado Nicolau — e, arrebatando a menina extasiada, levaram-na ao moinho, que ficava perto.

A criançada, num átimo, espalhou a notícia da visão. A senhora Soubirous, que viera correndo, de vara na mão, pronta para castigar a filha, entrou moinho a dentro, enraivecida.

— Que vais fazer? gritou-lhe a mãe do moleiro. Que fez a pobrezinha? Vais castigar um anjo? Vamos, deixa essa horrenda vara!

Bernadette ficou em casa, sem autorização para sair, por quatro dias. As más línguas começaram a inventar coisas, a caluniar a pobre menina, taxando-a de visionária.

Bernarda, madrinha de Bernadette, apareceu em defesa da afilhada, dizendo:

— Bernadette é incapaz de dizer mentiras! Vamos todos à gruta e vejamos o que existe de fato!

Era quinta-feira, 18 de fevereiro. Levando papel, caneta e tinteiro, iam pedir à Senhora que lhes escrevesse as suas ordens.

Oh, santa ingenuidade! A Dama, aparecendo por terceira vez, diante daquele pedido, sorriu, balançou a cabeça negativamente, e respondeu à menina no dialeto do lugar:

— O que devo dizer-te não é preciso escrever. Poderás fazer-me o favor de voltar aqui durante quinze dias?

Bernadette, que somente ela via a Senhora, prometeu-lho. E a aparição, sorrindo-lhe mais lindamente, olhando-a muito, muito ternamente, disse-lhe:

— Prometo fazer-te feliz, não neste mundo, mas no outro!

Sempre sorrindo, desvaneceu-se, como tragada pela rocha.

No dia seguinte, 19, deu-se a quarta aparição. A senhora Soubirous, ao ver a filha em êxtase, exclamou, de dedos entrelaçados nervosamente:

— Oh, meu Deus, não me leves a menina!

Dia 20, ocorreu a quinta aparição, com uma multidão a se comprimir na gruta, que na cidade não se falava doutra coisa. Uns, contritos, rezavam. Outros, incrédulos, sorriam desdenhosamente. Entre êstes estava o médico do lugar, o doutor Douzous.

Dia 21, domingo, começaram as observações daquele médico. Durante o êxtase, caíam dos olhos de Bernadette copiosíssimas lágrimas. A Senhora, olhando-a com uma doçura infinita, mas muito, muito triste, disse-lhe:

— Reza pelos pecadores, pelo mundo tão agitado!

O doutor Douzous, querendo ver qual seria o estado da circulação sangüínea e o ritmo da respiração, tomou o pulso da menina. Dizia êle, depois: "Tomei-lhe o pulso. Estava tranqüilo, regular; a respiração era fácil. Nada na jovem indicava qualquer excitação nervosa".

* * *

A emoção popular crescia assustadoramente. As autoridades do lugar julgaram oportuno intervir.

Bernadette, tendo sido chamada para um interrogatório, foi proibida, pelo procurador, de tornar à gruta.

— Tu me prometes, pediu êle, que jamais voltarás a Massabielle?

Bernadette, serenamente, respondeu:

— Infelizmente, senhor, não posso prometer.

— Bem, menina, não digas que não foste avisada! Podes sair. É mesmo a tua última palavra?

— Sim, senhor.

O procurador suspirou. E o comissário de polícia, também suspirando, não obteve qualquer sucesso com as ameaças: a jovem Bernadette estava impassível, impassível e determinada.

No dia 22 de fevereiro, lá estava na gruta de Massabielle, ao lado de dois *gendarmes*. Por tôda a parte, um número incontável de curiosos. A Senhora, porém, naquele dia não apareceu, para grande mágoa de Bernadette.

Têrça-feira, 23, surgindo-lhe, a bela Dama disse-lhe:

— Beija a terra pelos pecadores!

Dia 24, em êxtase, a jovem, virando-se para a multidão, silenciosa, repetiu por três vêzes o que a Senhora lhe sugeria:

— Penitência! Penitência! Penitência!

Dia 25, a linda Dama tornou a aparecer ao lado da roseira brava. Disse Bernadette, depois que Ela se fôra, aos que a inquiriam, curiosos com o que ela fizera, com o aparecimento duma fonte:

— Eu estava a orar, e a Senhora me disse: “Vai beber na fonte e lava-te”. Como eu não vi fonte alguma, levantei-me e dirigi-me para o ribeiro. Ela, então, chamou-me, indicando-me um lugar, com o dedo, à esquerda da gruta. Obedeci-lhe. Voltei,

mas não vi água alguma. Pus-me, então, a cavar a terra, e a água surgiu. Esperei que ela se limpasse, deixando-a correr por um instante; depois bebi e lavei-me.

Era a fonte magnífica que jamais cessaria de correr, a fonte que desconcertaria os espíritos incrédulos, que traria a saúde a uma infinidade de pessoas.

Dia 26 de fevereiro, sexta-feira, a aparição se fez sentir por duas vêzes.

Dia 27, a Senhora ordenava à sua servazinha:
— Vai dizer aos sacerdotes que façam erguer aqui uma capela!

Dia 28, domingo, com mais de duas mil almas reunidas ao redor dos rochedos, a Senhora apareceu pela décima-segunda vez.

Têrça-feira, era então 2 de março, disse Ela:
— Quero que venham a êste lugar em procissão!

Quinta-feira, 4, novamente surgiu a maravilhosa Senhora. E Bernadette, a rezar, ou em êxtase, ficou por longos minutos a contemplá-la.

Sòmente a 25 do mesmo mês de março, festa da Anunciação, voltou a Senhora a aparecer na gruta. E Bernadette, por três vêzes, perguntou-lhe:

— Podes, por favor, dizer-me quem és?

À terceira pergunta, a Senhora juntou as mãos, levou-as à altura do peito e, erguendo os doces olhos para o céu, respondeu:

— Eu sou a Imaculada Conceição!

A estas palavras, que a jovem Soubirous transmitiu à multidão, todos caíram de joelhos, invocando em côro:

— Ó Maria, concebida sem pecado, rogai por nós que recorremos a vós!

Afinal, a visão se renovou doze dias depois, a 7 de abril, data que marcou o chamado milagre da tocha. Bernadette, por mais de quinze minutos, teve o fogo duma tocha a lhe queimar os dedos, sem que, entretanto, qualquer sinal de queimadura se notasse. O doutor Douzous e a multidão observavam, boquiabertos, o milagre.

Finalmente, a 16 de julho, deu-se a última aparição. E a beleza do último sorriso da Virgem Imaculada ficaria gravado para sempre, e profunda, muito profundamente, no coraçãozinho daquela querida dos céus.

* * *

O cura de Lourdes, naquela época era Peyramale. A primeira vez que se entrevistou com Bernadette foi a 27 de fevereiro, depois da décima-primeira aparição. Peyramale era homem direito, d'alma esclarecida, enérgico, franco. Mantivera-se reservado até aquela data, quando, então, achou conveniente interrogar a menina. Bernadette, porém, antecipara-se, e fôra procurá-lo, uma vez que, naquele dia, dissera-lhe a Senhora: "Vai dizer aos sacerdotes que façam erguer aqui uma capela!"

O padre Peyramale acolheu-a numa vasta sala, exclamando:

— Ah! És então a jovem Bernadette, sôbre a qual correm histórias e histórias?

— Sim, respondeu ela, com angélica simplicidade.

— E então? A que vens, filha?

— A mandado da bela Senhora da gruta. Disse-me que transmitisse aos sacerdotes um desejo seu.

— Oh! fêz o cura. E que deseja Ela?

Bernadette suspirou, pensando na imensa beleza da Imaculada, e respondeu:

— Deseja uma capela em Massabielle. Por isso, vim ver-te.

— Oh! exclamou novamente o cura, desassossegado.

E olhando a jovem Soubirous, em silêncio, por um instante, acabou por perguntar:

— E quem é a bela Senhora da gruta? Mora em Lourdes? Tu a conheces?

— Oh, não! fêz Bernadette, entrelaçando os dedos. Não! Ela não é de Lourdes! Eu nunca a havia visto!

— E vens aqui, menina, transmitir-me coisas de quem não conheces?

Bernadette não se perturbou, e respondeu:

— Oh, senhor cura, é que a Senhora da qual falo não se assemelha a mulher alguma!

— Como assim? Explica-te!

— É duma beleza extraordinária. Não há igual na terra!

— E então?

— Então, senhor cura, Ela não é daqui, é do céu!

— Do céu? repetiu Peyramale, com veemência. Que dizes, menina? E nunca lhe perguntaste o nome?

— Perguntei-lhe, sim, mas Ela se limita unicamente a sorrir, sem responder.

— É muda, então, a Senhora?

— Oh, senhor cura! exclamou Bernadette. Se fôsse muda ter-me-ia incumbido de transmitir o que acabo de te dizer sôbre a capela?

Detalhadamente, Bernadette contou ao cura de Lourdes tudo o que lhe sucedera, desde o primeiro dia em que a Senhora lhe apareceu. O cura, embora reservadíssimo e prudente, começou a se emocionar. E foi procurar o bispo de Tarbes, Laurens, ao qual expôs todos os sucessos.

* * *

Em fins de julho, começaram os interrogatórios das testemunhas e o exame rigoroso das pessoas miraculosamente curadas com a água da fonte da gruta. Como explicar naturalmente os inúmeros casos de curas? O doutor Vergez, deu a última palavra, a palavra dum professor de faculdade, agregado que era de Montpellier, e o bispo, quatro anos depois, a 18 de janeiro, escrevia:

“Julgamos que a imaculada Maria, Mãe de Deus, realmente apareceu a Bernadette Soubirous, aos 11 de fevereiro, na gruta de Massabielle, perto da cidade de Lourdes. Essas aparições se revestem de todos os caracteres de verdade, e os fiéis têm-nas como certas”.

* * *

O desejo da celeste aparição foi satisfeito: uma capela surgiu no lugar que a Imaculada indicara à servazinha. E as multidões, em procissão, não cessaram de ali ir em busca do socorro da Mãe de Deus.

E Bernadette? Bernadette, depois das aparições, passava todo o tempo no Hospital de Velhos, mantido pelas religiosas de Nevers. Ali, aprendeu a ler e a escrever, estudando com grande amor as verdades da fé.

Em 1866, apresentou-se ao Noviciado das Irmãs de Nevers. E, consciente do que fazia, disse à Madre Superiora:

— Quero esconder-me aqui.

Desejava aprofundar-se no divino Coração de Jesus Crucificado, aquêlê Coração que é o centro inexaurível da caridade e da pureza.

Doente, tempos depois, acometida de tuberculose, assaltada pela cárie óssea, atormentada pela asma que a perseguia desde meninazinha, a doce Irmã Bernadette deixou a terra, e voou para aquela que lhe dissera:

— Prometo fazer-te feliz, não neste mundo, mas no outro!

E a 14 de julho de 1925, no máximo templo da Cristandade, Pio XI proclamava bem-aventurada Bernadette de Soubirous. O mesmo Santo Padre, a 8 de dezembro de 1937, elevava-a às honras dos altares.

* * *

Lourdes é um milagre, um perene milagre, e a França teve a honra de proclamar, saídas dos sublimes lábios puríssimos da Virgem, aquelas imorredouras palavras: *Eu sou a Imaculada Conceição!*

Ouçamos o grande papa Pio XII, que nos fala sôbre as aparições da Santíssima Virgem de Lourdes:

“Tôda terra cristã é uma terra marial, e não há povo redimido pelo sangue de Cristo que não goste de proclamar Maria sua Mãe e Padroeira. Relêvo empolgante assume, todavia, essa verdade quando se evoca a história da França. O culto da Mãe de Deus remonta às origens da sua evangelização, e,

entre os mais antigos santuários mariais, Chartres ainda atrai os peregrinos em grande número, e milhares de jovens. A Idade-Média, que, notadamente com São Bernardo, cantou a glória de Maria e lhe celebrou os mistérios, viu a admirável eflorescência das catedrais dedicadas a Nossa Senhora — Puy, Reims, Amiens, Paris, e tantas outras. Essa glória da Imaculada anunciam-na elas de longe pelas suas flechas esbeltas, fazem-na resplandecer na pura luz dos seus vitrais e na harmoniosa beleza das suas estátuas. Atestam, sobretudo, a fé de um povo a se alçar acima de si mesmo num surto magnífico, para erguer no céu da França a homenagem permanente da sua piedade marial”.

E o Santo Padre Pio XII, na sua Carta Encíclica (1), falando da Mãe de Deus, continua:

“Nas cidades e nos campos, no tópo das colinas ou dominando o mar, os santuários consagrados a Maria — humildes capelas ou esplêndidas basílicas — cobriram, pouco a pouco, o país com a sua sombra tutelar. Nelas, príncipes, pastôres e fiéis inúmeros afluíram, ao longo dos séculos, para a Virgem Santa, a quem saudaram com os títulos mais expressivos da sua confiança ou da sua gratidão, admirável ladainha de invocações, cuja enumeração jamais acabada narra, de província em província, os benefícios que a Mãe de Deus tem derramado, no correr das idades, sobre a terra da França. Devia, no entanto, o século XIX, após a tormenta revolucionária, ser por muitos títulos o século das predileções mariais. Para só citarmos um fato, quem é que não conhece hoje em dia a

(1) Le Pèlerinage de Lourdes, 1957.

medalha milagrosa? Revelada, no próprio coração da capital francesa, a uma humilde filha de São Vicente de Paulo que tivemos a honra de inscrever no catálogo dos Santos, essa medalha cunhada com a efígie de *Maria Concebida sem Pecado* espalhou por todos os lugares os seus prodígios espirituais e materiais”.

E prossegue, tratando de Lourdes:

“Alguns anos mais tarde, de 11 de fevereiro a 16 de julho de 1858, à bem-aventurada Virgem Maria aprazia, por um favor novo, manifestar-se na terra dos Pireneus a uma menina piedosa e pura, saída duma família cristã, trabalhadora na sua pobreza. *Ela vem a Bernadette*, dizíamos nós outrora, *fa-la sua confidente, colaboradora, instrumento da sua ternura maternal e da misericordiosa onipotência de seu Filho, para restaurar o mundo em Cristo por uma nova e incomparável efusão da Redenção* (2). Os acontecimentos que então se desenrolaram em Lourdes, e cujas proporções espirituais melhor medimos hoje, são bem conhecidos. Em que condições estupendas, apesar das zombarias, das dúvidas e oposições, a voz daquela menina, mensageira da Imaculada, se impôs ao mundo. Sabeis a firmeza e a pureza do testemunho experimentado com sabedoria pela autoridade episcopal e por ela sancionado desde 1862. Já as multidões haviam ocorrido e não se têm cansado de precipitar-se para a gruta das aparições, para a fonte milagrosa, para o santuário elevado a pedido de Maria. É o comovente cortejo dos humildes, dos doentes e dos aflitos. É a imponente peregrina-

(2) Eug. Card. Pacelli, *Discursos e Panegíricos*, 2.^a ed., Vaticano, 1955, pág. 435.

nação de milhares de fiéis de uma diocese ou de uma nação. É a discreta diligência de uma alma inquieta que busca a verdade... Êstes cem anos de culto marial teceram, ademais, entre a Sé de Pedro e o santuário pirenaico laços estreitos, que Nos apraz reconhecer. A própria Virgem Maria não desejou essas aproximações? *O que em Roma, pelo seu Magistério infalível, o Sumo Pontífice definia, a Virgem Imaculada Mãe de Deus, a bendita entre as mulheres, quis ao que parece, confirmá-lo por sua bôca, quando pouco depois se manifestou por uma célebre aparição na gruta de Massabielle* (3). Certamente, a palavra infalível do Pontífice romano, intérprete autêntico da verdade revelada, não necessitava de nenhuma confirmação celeste para se impor à fé dos fiéis. Mas com que emoção e com que gratidão o povo cristão e seus pastôres não recolheram dos lábios de Bernadette essa resposta vinda do céu: *Eu sou a Imaculada Conceição!* Por isso, não é de admirar que os Nossos Predecessores se hajam comprazido em multiplicar os seus favores para com êsse santuário. Desde 1869, Pio IX, de santa memória, regozijava-se de que os obstáculos suscitados contra Lourdes pela malícia dos homens houvessem permitido *manifestar com mais fôrça e mais evidência a clareza do fato* (4). E, forte desta segurança, êle cumula de benefícios espirituais a igreja recém-edificada, e faz coroar a estátua de Nossa Senhora de Lourdes. Leão XIII, em 1892, concede o Ofício próprio e a Missa da festa *in apparitione Beatae Virginis Immaculatae*, coisa

(3) Decreto de **Tuto** para a canonização de Santa Bernadette, 2 de julho de 1933: A. A. S. XXV, 1.º 33, pág. 377.

(4) Carta a Henrique Lasserre (4 set. 1869).

que o seu sucessor estenderá em breve à Igreja universal. O antigo apêlo da Escritura aí achará, de então por diante, aplicação nova: *Surge, amica mea, speciosa mea, et veni: columba mea in foraminibus petrae, in caverna maceriae!* (Levanta-te, amiga minha, formosa minha, e vem: pomba minha, que te recolhes nas aberturas da pedra!) (5). Pelo fim da sua vida, o grande Pontífice fêz questão de inaugurar e de benzer pessoalmente a reprodução da gruta de Massabiellé nos jardins do Vaticano, e, na mesma época, a sua voz se elevava para a Virgem de Lourdes com uma prece ardente e confiante: *Que, no seu poder, a Virgem-Mãe, que outrora cooperou com seu amor no nascimento dos fiéis na Igreja, seja ainda agora o instrumento e a guardiã da nossa salvação. Restitua a tranqüilidade da paz aos espíritos angustiados. Apresse, enfim, na vida privada como na vida pública, o retôrno a Jesus Cristo* (6). O Cinqüentenário da Definição dogmática da Imaculada Conceição da Santíssima Virgem ofereceu a São Pio X o ensejo de atestar num documento solene o liame histórico entre êsse ato do Magistério e a aparição de Lourdes: *Apenas Pio IX definira de fé católica que desde a origem Maria foi isenta de pecado, a própria Virgem começava a operar em Lourdes maravilhas* (7). Pouco depois, cria êle o título episcopal de Lourdes, ligado ao de Tarbes, e assina a introdução da causa de beatificação de Ber-

(5) Cant. 2, 13. 14.

(6) Breve de 8 set. 1901: *Acta Leonis XIII*, vol. XXI, págs. 159-160.

(7) Carta Encíclica *Ad diem illum*, 2 fev. 1904: *Acta Pii X*, vol I, pág. 149.

nadette. Reservado estava sobretudo a êsse grande Papa da Eucaristia frisar e favorecer a admirável conjunção que existe em Lourdes entre o culto eucarístico e a oração marial. Nota êle: *A piedade para com a Mãe de Deus ali fêz florescer uma notável e ardente piedade para com Cristo Nosso Senhor* (8). Podia, aliás, ser diferente? Tudo em Maria nos leva para o Filho, único Salvador, na previsão de cujos méritos ela foi imaculada e cheia de graças. Tudo em Maria nos leva ao louvor da adorável Trindade, e bem-aventurada foi Bernadette desfiando o seu têrço diante da gruta, e dos lábios e do olhar da Virgem Santa aprendendo a dar glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo! *A glória única do Santuário de Lourdes reside no fato de nêle serem os povos atraídos de tôda parte, por Maria, à adoração de Cristo Jesus no Augusto Sacramento, de sorte que aquêlê santuário, ao mesmo tempo centro de culto marial e trono do mistério eucarístico, excede em glória, ao que parece, todos os outros no orbe católico* (9).

E Pio XII, a grandes traços, continua dissertando:

“Aquêlê santuário já cumulado de favores, Bento XV fêz questão de enriquecê-lo de novas e preciosas indulgências, e, se as trágicas circunstâncias do seu Pontificado não lhe permitiram multiplicar os atos públicos da sua devoção, todavia quis honrar a cidade marial concedendo ao seu Bispo o privilégio do pátio no lugar das aparições. Pio XI, que fôra pessoal-

(8) Carta 12 jul. 1914 — A. A. S. VI, pág. 377.

(9) Breve 25 abril 1911: Arch. Brev. Ap., Pius X, an. 1911, Div. Lib. IX pars. I, f. 337.

mente peregrino de Lourdes, prosseguiu a obra d'êle, e teve a alegria de elevar aos altares a privilegiada da Virgem, tornada, sob o véu, Sórora Maria Bernarda, da Congregação da Caridade e da Instrução Cristã. Por assim dizer, não autenticava êle por sua vez a promessa da Imaculada à jovem Bernadette, *de ser feliz não neste mundo, mas no outro?* E de então por diante Nevers, que se honra de guardar a urna preciosa, atrai em grande número os peregrinos de Lourdes, desejosos de aprender junto à Santa a acolherem como convém a mensagem de Nossa Senhora. Em breve o ilustre Pontífice, que, a exemplo dos seus Predecessores, acabava de honrar com uma Legação as festas aniversárias das aparições, decidia encerrar o Jubileu da Redenção na gruta de Massabielle, onde, segundo os seus próprios têrmos, *a Virgem Maria Imaculada várias vêzes se mostrou à bem-aventurada Bernadette Soubirous, onde com bondade exortou todos os homens à penitência, naquele lugar mesmo da estupenda aparição que ela acumulou de graças e prodígios* (10). Em verdade, concluía Pio XI, *aquêle santuário passa agora, a justo título, a ser um dos principais santuários mariais do mundo* (11).

Referindo-se às aparições de Maria, diz Pio XII:

“Mas temos sobretudo a convicção de que ela insta conosco a recolhermos as lições espirituais das aparições e a enveredarmos pela trilha que ela tão claramente nos traçou. Estas lições, eco fiel da men-

(10) Breve 11 jan. 1933: Arch. Brev. Ap. Pius XI, Ind. Perpet., f. 128.

(11) Ibidem.

sagem evangélica, fazem ressaltar de maneira impressionante o contraste que opõe os juízos de Deus à vã sabedoria dêste mundo. Numa sociedade que não tem lá muita consciência dos males que a corroem, numa sociedade que vela as suas misérias e as suas injustiças sob aparências prósperas, brilhantes e descuidosas, a Virgem Imaculada, por quem o pecado jamais roçara, manifesta-se a uma menina inocente. Com maternal compaixão percorre com o olhar êste mundo redimido pelo sangue de seu Filho, onde, ai! o pecado faz cada dia tantas devastações, e por três vêzes lança o seu apêlo premente: *Penitência, penitência, penitência!* Gestos expressivos são, mesmo, pedidos: *Ide beijar a terra em penitência pelos pecadores.* E ao gesto há que juntar a súplica: *Rogareis a Deus pelos pecadores.* Tal como no tempo de João Batista, tal como no início do ministério de Jesus, a mesma injunção, forte e rigorosa, dita aos homens a trilha da volta a Deus: *Arrependei-vos!* (12). E quem ousaria dizer que êsse apêlo à conversão do coração perdeu, nos nossos dias, a sua atualidade? Mas poderia a Mãe de Deus vir a seus filhos senão como mensageira de perdão e de esperança? Já a água lhe jorra aos pés. Àquela fonte onde, dócil, Bernadette foi a primeira a ir beber e lavar-se, afluirão tôdas as misérias da alma e do corpo. *Lá fui, lavei-me e vi* (13), poderá responder, como o cego do Evangelho, o peregrino agradecido. Mas, tal como para as turbas que se comprimiam em volta de Jesus, a cura das chagas físicas ali fica sendo, ao mesmo tempo que um gesto de misericórdia, o sinal do poder

(12) Mt. 3, 2-4, 17.

(13) Jo 9, 11.

que o Filho do Homem tem de perdoar os pecados (14). Junto à gruta bendita, a Virgem nos convida, em nome do divino Filho, à conversão do coração e à esperança do perdão. Escutá-la-emos?"

* * *

Do mesmo Santo Padre Pio XII, temos (15):

"A refulgente coroa de glória com que a puríssima Virgem Mãe de Deus foi cingida por Deus, mais Nos parece resplandecer ao recordarmos o dia em que, há cem anos, o Nosso predecessor de feliz memória, Pio IX, rodeado dum imponente cortejo de Cardeais e Bispos, declarou, proclamou e definiu solenemente com infalível autoridade "que a doutrina que afirma que a Beatíssima Virgem Maria foi preservada de tôda a mancha do pecado original desde o primeiro instante da sua concepção, por uma singular graça e privilégio de Deus Onipotente e em atenção aos merecimentos de Jesus Cristo, Salvador do gênero humano, foi revelada por Deus e que, por isso, deve ser admitida com fé firme e constante por todos os fiéis".

"A Igreja universal que, de há tanto tempo, esperava esta decisão pontificia, recebeu-a com a maior alegria; despertada desta forma, a devoção dos fiéis para com a Virgem Mãe de Deus, que faz florescer no mais alto grau os costumes dos cristãos, fortaleceu-se. Surgiram igualmente, com grande ardor, novos estudos em que apareceram na sua mais

(14) Mc 2, 10.

(15) Pio XII, Sôbre o Centenário da Definição do Dogma da Imaculada Conceição — **Fulgens Corona**.

brilhante luz a dignidade e a santidade da Mãe de Deus.

“Parece até que a mesma Beatíssima Virgem Maria quis confirmar de uma forma prodigiosa a determinação que o Vigário do seu Divino Filho havia sancionado, com o aplauso da Igreja universal. Com efeito, não havia ainda passado quatro anos, quando a Virgem Mãe de Deus, com juvenil e inocente semblante, apresentou-se de vestido e manto cândidos e cingida com uma faixa azul, a uma inocente e simples criança, na gruta de Massabielle, próximo de uma povoação da França, nas faldas dos Pireneus. A essa criança, que insistentemente lhe perguntava o nome, a celeste visão, levantando os olhos para o céu, com um suave sorriso, respondeu: *Eu sou a Imaculada Conceição!*”

“Assim o compreenderam, como é natural, os fiéis, que afluíram de tôdas as partes do mundo em piedosas peregrinações à gruta de Lourdes, reavivaram a sua fé, intensificaram a sua piedade e procuraram conformar a sua vida com os preceitos cristãos. Ali alcançaram, muitas vêzes, milagres que suscitaram a admiração de todos e confirmaram a religião católica como única dada e aprovada por Deus.

“Assim o compreenderam de modo particular, como era natural, os Romanos Pontífices, que enriqueceram com privilégios espirituais e com benefícios da sua benevolência o maravilhoso templo, que a piedade do clero e do povo ali levantou, poucos anos depois.

“Na Carta Apostólica citada, com que o Nosso Predecessor decretou que êste ponto da doutrina

cristã devia ser firmemente e fielmente admitido por todos os fiéis, não fêz outra coisa mais do que recolher diligentemente e consagrar, com a sua autoridade, a voz dos Santos Padres e de tãda a Igreja, que desde a antiguidade tinha como que sobrevoado o curso dos séculos seguintes.

“Em primeiro lugar, o fundamento desta doutrina encontra-se nas sagradas Escrituras, onde Deus Criador de tãdas as coisas, depois da miserável queda de Adão, dirige à tentadora e corruptora serpente estas palavras que muitos Santos Padres, Doutôres da Igreja e autorizados intérpretes aplicam à Virgem Mãe de Deus: *Porei inimizades entre ti e a mulher, entre a tua descendência e a dela* (16). Ora, se, por algum tempo, a Bem-aventurada Virgem Maria fôsse privada da graça divina, como inquinada na sua concepção pela mancha hereditária do pecado, ao menos naquele momento, embora brevíssimo, não haveria entre Ela e a serpente aquela perpétua inimizade de que se fala, desde a mais antiga tradição, até à solene definição da Imaculada Conceição, mas, ao contrário, haveria uma certa sujeição.

“Além disso, como a Santíssima Virgem é saudada com as palavras *cheia de graça* (17) e *bendita entre tãdas as mulheres*, claramente se manifesta com estas palavras, como aliás sempre a tradição católica entendeu, que, “com esta singular e solene saudação, nunca até então ouvida, se significa que a Mãe de Deus foi a sede de tãdas as graças divinas e ornada

(16) Gen. 3, 15.

(17) Lc. 1, 28.

com todos os carismas do Espírito Santo, e, mais ainda, tesouro quase infinito dêesses carismas e abismo inexaurível, de tal forma que nunca estêve sujeita à maldição" (18).

"Os Santos Padres, desde os primeiros anos da Igreja primitiva, claramente ensinaram esta doutrina, sem que alguém a contradissesse, e afirmaram que a Santíssima Virgem foi *lirio entre espinhos, terra absolutamente intata, imaculada, sempre bendita, livre de todo contágio do pecado, árvore imarcescível, fonte sempre límpida, uma e a única filha da vida e não da morte, germe não da ira, mas da graça, ilibada e completamente ilibada, santa e absolutamente alheia a tôda a espécie de pecado, mais bela que a beleza, mais santa que a santidade, a única santa superior a todos, exceção feita a Deus, por natureza mais bela, mais formosa, mais santa que os próprios Querubins, Serafins e todo o exército dos anjos.*

"Considerados diligentemente, como convém, êstes louvores da Bem-aventurada Virgem Maria, quem ousará supor que Aquela que é mais pura que os Anjos, que sempre permaneceu pura, estivesse sujeita a qualquer espécie de pecado, em qualquer momento, por mínimo que fôsse? Com tôda a razão Santo Efrém se dirige a seu Divino Filho com estas palavras: "Na realidade, só Vós e vossa Mãe sois completamente belos. Não há em Vós, Senhor, e na vossa Mãe, mancha alguma". Por estas palavras, claramente se vê que entre todos os santos e santas, sòmente de uma se pode afirmar, quando se fala de qualquer mancha do pecado, que nem sequer se pode

(18) Bula *Ineffabilis Deus*.

pôr a questão, e que êste singularíssimo privilégio, a mais ninguém concedido, o alcançou do Senhor, porque foi elevada à dignidade de Mãe de Deus. Com efeito, esta excelsa missão que foi solenemente reconhecida e sancionada no Sínodo de Éfeso contra a heresia de Nestório, e acima da qual nenhuma outra maior parece existir, exige a graça divina em tôda a sua plenitude e a alma imune de qualquer mancha, pois requer, depois de Cristo, a mais alta dignidade e santidade. Na verdade, desta sublime missão de Mãe de Deus, nascem, como duma misteriosa e limpidíssima fonte, todos os privilégios e graças que adornam, duma forma admirável e numa abundância extraordinária, a sua alma e a sua vida. Por isso, com razão declara Santo Tomás de Aquino: "A Bem-aventurada Virgem Maria, pelo fato de ser Mãe de Deus, recebe do bem infinito, que é Deus, uma certa dignidade infinita" (19). É um ilustre escritor desenvolve e explica êste mesmo pensamento, com estas palavras: "A Bem-aventurada Virgem Maria é Mãe de Deus; por isso é puríssima e santíssima, de tal maneira que, depois de Deus, não podemos conceber outra pureza maior" (20).

"Mas se considerarmos atentamente as coisas, e principalmente se atendermos ao profundíssimo e suavíssimo amor com que Deus, sem dúvida, amou e continua a amar a Mãe do seu Unigênito Filho, como poderemos pensar sequer que Ela estêve, ainda que por brevíssimo tempo, sujeita ao pecado e privada da graça? Na realidade, Deus podia conceder-lhe, em atenção aos merecimentos do Redentor, êste sin-

(19) Summa Th. I, 25, 6 ad 4.

(20) Corn. a Lápide, In Mat., 1, 16.

gular privilégio; por isso, nem sequer podemos pensar que o não tenha feito. Convinha, na verdade, que a Mãe do Redentor fôsse tal que se apresentasse o mais digna possível d'Ele. Ora, se Maria fôsse manchada com o pecado original, ainda que sòmente no instante da sua conceição, não seria digna, porque estaria sujeita ao triste domínio do demônio.

“Nem se diga que por êste motivo se diminui a Redenção de Cristo, porque não se estenderia a tôda a descendência de Adão, e que, por isso, alguma coisa seria tirado ao múnus e à dignidade do Divino Redentor. Se considerarmos profunda e diligentemente esta questão, fàcilmente verificamos que Cristo Senhor Nosso, de fato, remiu, e de uma forma perfeitíssima, sua Mãe, pois que Deus a preservou de tôda a mancha hereditária do pecado, no primeiro momento da sua conceição, em atenção aos merecimentos de Cristo. Por isso, a infinita dignidade de Jesus Cristo e o múnus da sua Redenção universal não diminuem nem se enfraquecem com esta doutrina, mas, ao contrário, em muito se elevam.

“É, portanto, injusta a crítica e a censura, que, por êsse motivo, fazem não poucos acatólicos e protestantes à nossa devoção para com a Virgem Mãe de Deus, como se tirássemos alguma coisa do culto devido sòmente a Deus e a Jesus Cristo; muito ao contrário, tôda a honra e veneração que tributamos à nossa Mãe celeste, sem dúvida redundam em glória para o seu Divino Filho, não sòmente porque d'Ele vem, como da primeira fonte, tôdas as graças e dons, mesmo excelsos, mas ainda porque *os pais são a glória dos filhos* (21).

(21) Prov. 17, 6.

“Por isso mesmo, desde os mais remotos tempos da Igreja, êste ponto de doutrina mais se esclareceu e cada vez mais se confirmou, quer entre os Pastôres sagrados, quer na convicção e no espírito dos fiéis. Atestam-no, como dissemos, os escritos dos Santos Padres, os concílios e os atos dos Romanos Pontífices; testemunham-no, enfim, as antigas liturgias, cujos livros, desde os mais antigos, consideram esta festa legada pelos antepassados.

“Finalmente, também em tôdas as comunidades dos cristãos orientais, que de há longos anos se separaram da unidade da Igreja Católica, nunca faltaram nem faltam ainda aquêles que, embora eivados de preconceitos e opiniões adversas, acolheram esta doutrina e todos os anos celebram a festa da Virgem Imaculada. Certamente, nada disto se daria, se não tivessem recebido esta verdade desde os tempos mais antigos, isto é, antes de se terem separado do único ovil.

“Por isso, ao completar-se um século que o Pontífice máximo Pio IX, de imortal memória, definiu solenemente êste singular privilégio da Virgem Mãe de Deus, agrada-Nos resumir e concluir tôda a questão com estas palavras do mesmo Pontífice, quando afirmou que esta doutrina, “segundo o juízo dos Padres, foi consignada na sagrada Escritura, por êles mesmos transmitida, expressa por tantos e tão graves testemunhos e celebrada por tantos momentos célebres da veneranda antiguidade e finalmente proposta e confirmada pelo mais alto e autorizado juízo da Igreja (22), de forma que nada é mais doce nem

(22) Bula *Ineffabilis Deus*.

mais querido aos Sagrados Pastôres e aos fiéis “do que honrar, venerar, invocar e proclamar, por tôda a parte, com o mais fervoroso ardor, a Virgem Mãe de Deus concebida sem mancha original” (23).

“Parece-Nos, por isso, que esta preciosíssima pérola, com que foi enriquecido, há cem anos, o sagrado diadema da Bem-aventurada Virgem Maria, hoje brilha com uma luz mais esplendorosa, tendo-Nos cabido a feliz sorte, por disposição da Divina Providência, de definir, no Ano Jubilar de 1950 — de que conservamos gratíssima recordação na alma — que a Mãe de Deus foi elevada ao céu em corpo e alma; desta forma, pudemos corresponder aos votos do povo cristão formulados já, dum modo particular, quando solenemente foi definida a Imaculada Conceição da Virgem Maria. Já então, na verdade, como escrevemos na Carta Apostólica *Munificentissimus Deus*, “os corações dos fiéis se sentiram animados com a mais viva esperança de que também o dogma da Assunção corpórea da Virgem Maria ao céu seria, o mais depressa possível, definido pelo supremo magistério eclesiástico” (24).

“Parece que todos os fiéis podem dirigir agora o seu pensamento e coração de modo mais profundo e eficaz para o próprio mistério da Imaculada Conceição da Virgem. Na verdade, pela estreitíssima relação existente entre êstes dois mistérios, depois de promulgada solenemente e posta em tôda a sua luz a Assunção da Virgem ao céu — que constitui como que a coroa e complemento do outro privilégio

(23) Ibidem.

(24) AAS, vol. XXXV, pág. 744.

mariano — manifestou-se, com maior clareza e esplendor, a sabedoria e a harmonia do plano divino com que Deus quis que a Bem-aventurada Virgem Maria fôsse preservada de tôda mancha original.

“Por isso, devido a êsses dois insignes privilégios concedidos à Virgem Mãe de Deus, tanto o início da sua vida como o seu ocaso se iluminaram com brilhantíssima luz; à perfeita inocência da alma, preservada de tôda mancha, corresponde, de forma admirável e maravilhosa, a mais perfeita glorificação do seu corpo virginal; e como Maria estêve com seu Filho Unigênito na luta contra a serpente infernal, assim com Êle participou do triunfo do pecado e das suas tristes conseqüências”.

* * *

Assim sendo, que não conseguiremos de Maria, Mãe de Deus e Mãe nossa? Vem aqui, a calhar, aquêle pensamento de São Luís Maria Monfort: “Deus Pai reuniu tôdas as águas, a que chamou Mar, e fêz uma reunião de tôdas as graças, a que chamou Maria.” É, pois, como quer São Bernardo: “A vontade de Deus é que recebamos tudo por Maria”. E Santo Agostinho, encorajando os homens, pobres pecadores, dirige-se à Mãe do Salvador, dizendo: “Lembraí-vos, ó clementíssima Rainha, de que, desde a origem do mundo, nunca se ouviu dizer que tenhais abandonado quem quer que seja. Amém”.

* * *

No mesmo dia em que se comemora em Lourdes a aparição da Bem-aventurada Virgem Maria Ima-

culada, no Egito, São Jonas, monge, célebre pelas virtudes, jardineiro do mosteiro governado por São Pacômio, cargo que exerceu por oitenta e cinco anos. Alimentando-se exclusivamente de ervas cruas pisadas com vinagre, dormia pouquíssimo. De cor, recitava grandes trechos da santa Escritura, e, quando morreu, foi enterrado com a própria esteira em que repousava, porque não se conseguiu desprender-lha das mãos.

Em Ravena, São Calógero, bispo e confessor, ao que parece, discípulo de Santo Apolinário, que o converteu à fé católica. Morreu centenário.

Em Milão, São Lázaro, bispo, extirpador dos vícios, de imensa bondade para com os pecadores.

Na França, São Severino, que foi abade do mosteiro de Agauno, e pelas ferventes orações dirigidas a Deus, livrou o rei Clóvis duma velha e grave enfermidade. Nascido na Borgonha, foi educado na fé católica em meio ariano; daí, para viver em paz, retirar-se para aquêle mosteiro. Faleceu na diocese de Sens, em Chateau-Landou em 507.

No Oriente, Santa Teodora, imperatriz, filha dum tribuno de Ebissa, chamado Marino. Casada com o imperador Teófilo, cruel e intransigente, Teodora, doce e paciente, conseguiu abrandá-lo. Viúva, tornou-se Regente, na minoridade do filho, Miguel III, realizando o sonho de muitos anos: acabar com a heresia iconoclasta. Sob Teodora, o patriarca de Constantinopla restabeleceu, solenemente, as santas imagens na grande Igreja. Passando os últimos anos de vida num convento, entregou a santa alma a Deus, em 867.

Em Cápua, São Castrense, bispo. Segundo a lenda, foi prelado da África, perseguido pelos vândalos.

dalos. Embarcado num velho navio, chegou à Campânia, onde se deixou ficar até o fim da vida. Poderoso contra as tempestades. Desconhece-se o ano em que desapareceu.

Em Viena, São Simplicio, bispo e confessor, um dos mais dignos prelados de seu tempo (400).

Na Irlanda, Santo Eciano, bispo e confessor, nascido em 490, de família de príncipes. Bispo de Clonfert, operou milagres até o momento da morte, ocorrida em 577.

Em Clermont, Auvergne, São Desidério, bispo e confessor, sucessor de Santo Avito.

Em Soissons, São Gaudino, bispo e mártir, em 720.

Na Bretanha, Santo Eoharn, ermitão e confessor (1024).

Em Tournus, diocese de Autun, Santo Ardaing, abade, também conhecido pelo nome de Ardagno. Décimo-terceiro abade de Tournus, trabalhou com afinco para a melhoria material do mosteiro que governou. Durante a fome de 1030, socorreu eficazmente as populações vizinhas da comunidade. Morto em 1056, operou milagres, sendo enterrado numa capela que lhe recebeu o nome. Os calvinistas, no século XVI, apoderam-se-lhe das relíquias, atirando-as ao fogo.

Em Osnabrück, Santo Adolfo, bispo e confessor. Conde de Vestfália, foi cônego de São Pedro de Colônia, abade de Camp e, finalmente, bispo de Osnabrück. Virtuosíssimo, faleceu em 1224.

No mesmo dia, na Numídia, a memória de vários santos mártires, presos na mesma perseguição de

Diocleciano e de Maximiano, e que, não querendo ceder as Santas Escrituras, como ordenava um edito do imperador, perderam a vida mediante crudelísimos suplicios. — Em Andrinopla, os santos Lúcio, bispo, e os seus companheiros, mártires. O santo prelado, após sofrer bastante pelo ódio dos arianos, terminou o martírio nos ferros, sob o imperador Constâncio; os demais, dentre os quais a maioria eram dos mais ilustres da cidade, recusando-se a receber os arianos, que acabavam de ser condenados no concílio de Sárdica, foram decapitados por sentença do conde Filagro. — Em Lião, São Desidério, bispo de Vienne, e mártir.

* * *

12.º DIA DE FEVEREIRO

SÃO BENTO DE ANIANE

Abade

Havia na cõrte e nos exércitos de Carlos Magno um jovem cavalheiro, filho do conde de Maguelonne, nascido de nobre família de gôdos estabelecida na Gália. Chamava-se Bento. Foi criado na cõrte de Pepino, que o fêz seu escanção. Foi-o também de Carlos Magno; e os dois príncipes o cobriram de bens e honrarias. Aos vinte anos de idade, iluminado pela graça divina e tocado pelo amor do céu, o jovem resolveu abandonar o mundo. Aqui permaneceu, contudo, mais três anos, mais com o corpo do que com o espírito, só falando do seu projeto a Deus, e experimentando-se no próprio mundo em tôdas as virtudes da solidão: manter castidade perfeita, reprimir a língua, privar-se de nutrição e de sono. Examinava o gênero de vida que pretendia abraçar: ou tomar o hábito de peregrino, ou arranjar um lugar de criado, para cuidar dos rebanhos, ou fazer-se sapateiro numa cidade para ter o que dar aos pobres. Em 774, encontrou-se com um dos irmãos na conquista feita por Carlos Magno do reino da Lombardia. O irmão, querendo irrefletidamente atravessar

um rio, correu perigo de se afogar. Bento, ouvindo apenas a ternura, impeliu o cavalo para a água e pegou o irmão pela mão; mas, desejando salvá-lo, correu um perigo maior que aquêlê do qual pretendia safar o irmão. Em tal extremo, recorreu a Deus, e fêz voto de consagrar-se-lhe ao serviço pelo resto da vida, se se dignasse livrá-lo do perigo. Foi imediatamente ouvido, e o reconhecimento lhe não permitiu adiar o que, aliás, havia muito anelava. Contudo, para evitar obstáculos, estando de regresso ao país, não revelou o plano senão a um santo religioso cego, Vitmar. A conselho dêste, fingiu Bento viajar a Aix-La-Chapelle, onde se encontrava a côrte, e para lá rumando, entrou no mosteiro de Saint-Seine, na Borgonha, mandou voltar os servos que o acompanhavam, e vestiu o hábito monástico. Passou dois anos e meio na mais rude luta contra o corpo. Pão e água compunham tôda a sua nutrição, e a terra dura era o seu leito. O seu próprio repouso era uma fadiga.

Julgou o abade dever moderar um fervor que se lhe antolhava exagerado, e repreendeu-o por levar demasiadamente longe o amor da austeridade; mas Bento, que provàvelmente não estava bastante iluminado sôbre o mérito da obediência, não deu ouvidos às reprimendas do superior. Acreditava que a regra de São Bento se destinava apenas aos fracos, e aspirava a praticar as dos santos Basílio e Pacômio. Para distraí-lo da aplicação demasiadamente contínua aos exercícios de piedade, deram-lhe o cargo de despenseiro. Desempenhou-o Bento com escrúpulo, mas ao mesmo com uma caridade que lhe conquistou o coração dos irmãos, de tal sorte que, morrendo o abade de Saint-Seine, tôda a comunidade lançou os olhos sôbre êle para o substituir, embora Bento não tivesse

mais do que cinco anos de prática. Não logrou Bento evitar a dignidade senão pela fuga. Retirou-se para o seu país a fim de edificar os que, por acaso, tivesse escandalizado noutros tempos. Em combinação com o santo varão Vitmar, construiu um pequeno mosteiro em terra de seu pai, à margem do regato de Aniane, perto do rio de Hérault. Lá viveu na maior pobreza com alguns discípulos que se submeteram à sua guia. Não possuíam os santos religiosos nem vinhas nem rebanhos. Só bebiam vinho nos domingos, e nos outros dias não se nutriam senão de pão e água, a não ser que algumas mulheres da vizinhança lhes levassem laticínios, de pena. Andavam tão mal vestidos que, no ofício da noite, se viam obrigados a levar as cobertas do leito para enfrentar o frio. No entanto, quanto mais despidos de bens da terra, tanto mais ricos eram dos bens do céu.

Em geral o que torna desertos os mosteiros é o desleixo. A regularidade e austeridade do de Aniane atraíram tão grande número de discípulos a Bento, que êle se viu obrigado a construir outro, maior, no mesmo lugar. Mas ampliando as construções, não quis diminuir a pobreza. Os telhados foram cobertos apenas de palha, e punha em liberdade todos os escravos cedidos ao mosteiro. Desejou até fôsem vistos no altar os sinais da pobreza religiosa. A princípio, para o sacrifício da missa, não usou senão cálices de madeira. Teve-os, mais tarde, de vidro e de estanho. Finalmente, chegou a vez dos de ouro e prata. Mas Bento recusou constantemente servir-se de casula de sêda, e dava a outras igrejas as que lhe eram oferecidas.

Mostrou o santo que os pobres encontram frequentemente mais recursos na caridade dos que ape-

nas dispõem do necessário, do que no supérfluo dos ricos. Durante uma fome que afligiu a Gália, em 793, mandou se guardasse o que era absolutamente necessário para a subsistência dos monges até a colheita, e ordenou se distribuísse o resto, dia por dia, aos pobres os quais, nada mais tendo em casa, tinham erguido umas cabanas em volta do mosteiro, à espera da nova seara. Todos os dias, davam-lhes a carne dos bois e carneiros, e o leite das ovelhas. Esgotados os recursos, Bento mandou reduzir até três vêzes o que fôra guardado para os irmãos. Estes tinham tamanha compaixão, que a tudo houveram dado. Tudo aquilo de que era possível privar-se, era secretamente levado aos infelizes que morriam de fome.

O demônio, encolerizado com tão grandes virtudes, tudo envidou para lançar a perturbação no mosteiro, umas vêzes mediante ladrões, outras mediante outros ardis. Bento inutilizou tôdas as ciladas com a sua inalterável paciência. Nunca o viram aflito por nenhuma perda; nunca tornou a exigir o que lhe fôra roubado; pelo contrário, se o ladrão era prêso, fazia-lhe bem e, secretamente, o libertava. Um homem que estava levando os cavalos do mosteiro foi detido, maltratado pelos vizinhos, que o conduziram à presença do santo abade; Bento mandou lhe curassem os ferimentos e, depois de curado, o devolveu à liberdade. Um dia, estando a viajar, um irmão que o acompanhava reconheceu um dos cavalos do mosteiro, montado por um estranho; gritou imediatamente que aquêlê animal pertencia ao mosteiro. Bento ordenou-lhe se calasse, dizendo que, muitas vêzes, há cavalos que se parecem um ao outro. Depois, em particular, acrescentou: "Eu também o reconheci,

mas creio que é melhor calar do que insultar êsse homem."

O exemplo de Bento instigou vários outros religiosos a reunir monges e a seguir um caminho em conformidade com os ensinamentos dêle. Servia-lhes de pai e a êles assistia no espiritual e no temporal, visitava-os freqüentemente para animá-los e sustentá-los contra o temor da pobreza e os demais obstáculos. Assim, formaram-se no país diversos mosteiros.

Carlos Magno, que sabia do zêlo e das luzes do santo abade, mandou combater a heresia de Félix de Urgel, na Espanha. No regresso, achou o príncipe que para honrar a virtude do abade e dos monges de Aniane, era preciso que a magnificência das construções correspondesse à reputação dêles. Bento viu-se obrigado a consentir, e mandou erguer em Aniane, por ordem e liberalidade de Carlos Magno, no décimo-quarto ano do seu reinado, 782, um dos mais belos mosteiros do reino. Havia três igrejas, sendo a principal dedicada ao Salvador, a segunda à Santa Virgem, e a terceira, no cemitério, a São João Batista. O claustro, sustentado por colunas de mármore, tinha vários ornatos. Desejava Carlos Magno, com aquela magnificência, testemunhar a Deus o seu reconhecimento pelos benefícios recebidos diâriamente. Mas o santo abade redobrou os cuidados, para que o espírito de pobreza e mortificação vivesse sempre nos suntuosos edifícios. Com aquilo estabeleceu uma escola das letras sagradas, e nela acumulou uma multidão de livros; ensinavam-se o canto e a leitura; houve gramáticos e teólogos instruídos na ciência das Escrituras, alguns

dos quais foram posteriormente bispos. Aniane tornou-se, deessarte, para o sul da França, o que era Fulda para a Alemanha, um asilo e um seminário para a literatura cristã.

Bento, temendo que os pais ou outros lhe inquietassem os sucessores, foi visitar Carlos Magno e colocou o mosteiro sob a real proteção. Carlos Magno outorgou-lhe um diploma que ainda nos resta. Deu-lhe, ademais, terras em tôrno do mosteiro, despediu-o com honra e deu-lhe de presente quarenta libras de prata, que Bento, no regresso, distribuiu pelos mosteiros do país, pois a caridade para com aquelas santas casas era a sua virtude favorita. Visitava-as frequentemente, distribuía, segundo as necessidades, o que recebia da liberalidade dos fiéis, e instruía os monges nos seus deveres. Era, finalmente, o nutridor de todos os mosteiros de Languedoc e da Gasconha; todos o estimavam como pai e o respeitavam como mestre. O grande zêlo que dispensava aos pobres fazia com que cada um dos que podiam lhe levasse o que podia dar. Viúvas, órfãos, cativos, infelizes de tôda espécie, de ninguém se esquecia, e a sua esmola era sempre acompanhada de ensinamento.

Entretanto, havia atenuado um pouco a primitiva austeridade, julgando impossível mantê-la; mas não deixava de, com os outros, cavar a terra, lavrá-la, e ceifar. E não obstante o calor da região, mal permitia que alguém sorvesse um copo de água antes da refeição. Ninguém ousava protestar, pois era ainda menos indulgente para consigo próprio do que para com os outros. Durante o trabalho, indo e vindo, abria-se a bôca apenas para entoar salmos. O santo impunha penitência aos que deixassem perder uma fôlha de couve ou um grão qualquer, de tal modo

amava a pobreza. Tendo subido o número dos seus monges a mais de trezentos, mandou êle erguer uma construção de cem côvados de comprimento e vinte de largura, que continha mais de mil pessoas; e em vários lugares estabeleceu celas ou pequenos mosteiros, aos quais atribuiu particulares superiores. Foi o que, depois, passou a chamar-se priorato.

Aliás, vários bispos, impressionados com a sua reputação, pediram-lhe com insistência monges que servissem de exemplo aos outros. Bento enviou vinte a Leidrade, arcebispo de Lião, para restabelecer o mosteiro da ilha Barbe. Teodulfo, bispo de Orleans, pediu-lhe alguns para o mosteiro de Mici ou de São Mesmino, inteiramente devastado durante as guerras do rei Pepino contra Waifer, duque da Aquitânia. Não sobravam lá outros monges, e os seus alojamentos eram ocupados por seculares e mulheres, ou então haviam sido transformados em estábulos e canis. Teodulfo resolveu restabelecer o mosteiro, retirou os bens usurpados, acrescentou-lhes outros, seus, e Bento lhe mandou quatro monges que, com o tempo, reuniram uma grande comunidade (1). Foi assim que um jovem senhor da côrte de Carlos Magno se tornou o segundo patriarca da ordem monástica no Ocidente.

O imperador Luís, o Bondoso depositou a mesma confiança em São Bento de Aniane, e lhe confiou a inspeção de todos os mosteiros do império, para estabelecer uma regra uniforme redigida num concílio de Aix-la-Chapelle.

(1) Ac. Bened., sect. IV., pars I. Acta SS., 12 fever.

Morreu o santo em 821. Instalara tão bem o seu mosteiro de Inde, perto de Aix-la-Chapelle, que os monges que para lá rumavam oriundos de diversos países se instruíam, sem que ninguém lhes dirigisse uma palavra, somente de ver o hábito, os passos e o comportamento dos da casa, de tal modo nela se observava exatamente o regulamento feito na assembléia dos abades, em 817. Para ainda mais ajudar os monges, fêz Bento uma coletânea de tôdas as regras monásticas, conhecida pelo nome de *Código das Regras*, e dividida em três tomos, o primeiro dos quais contém as regras dos monges do Oriente, o segundo as dos monges do Ocidente, a terceira as dos religiosos. Compôs, outrossim, a *Concordância das regras*, onde se acham tôdas reportadas aos capítulos da regra de São Bento, para lhe servirem de comentário.

Muito embora as prolongadas austeridades de Bento lhe tivessem atraído várias doenças, não deixava êle de se ocupar constantemente da prece ou da leitura; trazia sempre o rosto banhado de lágrimas. Quatro dias antes da morte, ainda estava no palácio, onde, como costumava fazer, dava conselhos ao imperador. Apoderando-se dêle a febre, retirou-se para o seu alojamento na cidade, e, no dia seguinte, foi visitado por todos os grandes. Reuniram-se tantos bispos, abades e monges, que os seus mal podiam aproximar-se para o servir. O abade Helisacar foi o primeiro, e ficou ao lado do enfêrmo até a morte. O imperador Luís enviou de noite um dos seus officiais, com ordem de o levar de novo ao mosteiro. Quando lá chegou, mandou se retirassem todos, e permaneceu sozinho durante três horas, ao cabo das quais Heli-

sacar e o preboste do mosteiro entraram, e lhe perguntaram como estava. "Nunca estive tão bem, respondeu o santo; estive entre os coros dos santos, na presença de Deus". No dia seguinte, chamou os irmãos, deu-lhes salutares conselhos, e, entre coisas, lhes disse: "que nos quarenta e oito anos em que fôra monge, jamais comera senão depois de verter lágrimas diante de Deus". Mandou uma pequena advertência ao imperador, escreveu a diversos mosteiros, entre outros ao de Aniane, e a Nebrídio, arcebispo de Narbona, para lhe solicitar preces. Finalmente, morreu com setenta anos de idade, em 11 de fevereiro de 821 (1). A sua vida foi escrita por Ardon Smaragda, seu discípulo.

* * *

(1) Acta SS., 11 fever.

SANTO ANTÔNIO CAULEAS (*)

Patriarca

Santo Antônio Cauleas nasceu nas proximidades de Constantinopla: os pais, naturais da Frígia, temerosos da ira dos iconoclastas, deixando a terra em que viviam, retiraram-se para aquêlê lugar, onde, então, havia paz e tranqüilidade.

Antônio perdeu a mãe muito cedo. E o pai, que não queria que o filho freqüentasse as escolas públicas, foi-lhe mestre dedicado. Com doze anos, passou a viver aos cuidados de um piedoso abade. Desde então, o Santo começou a demonstrar o pendor que tinha pela contemplação, o gôsto pelo estudo das santas Escrituras, a atração que sentia pela cerimônia do culto.

Abade, Antônio, cuja fama chegara até Constantinopla, em 888, com a morte do patriarca Estêvão, foi eleito por unanimidade para preencher a vaga. Achava-se, então, a Igreja do Oriente abalada pelo cisma de Fótio, e Antônio Cauleas dedicou-se de corpo e alma para que a paz chegasse a bom têrmo.

Sua grande preocupação era o povo, pelo qual, sem cessar, pedia a Deus que esclarecesse. Mesmo no último instante, suplicou por êle. E, à notícia de sua morte, uma mulher, doente havia muito, porque acreditava na santidade do bom patriarca, rogou a

Deus que, pelo servo que acabava de morrer, se dignasse curá-la do mal que a afligia. Fizera aquela prece, devotamente, à hora de dormir; quando, no dia seguinte, despertou, viu-se curada.

Santo Antônio Cauleas faleceu no ano de 901.

* * *

No mesmo dia, em Constantinopla, São Melécio, bispo de Antioquia, exilado várias vezes, pela fé católica. Recomendável pela ciência e virtude, batalhou pela verdadeira fé, quando a heresia ariana turbava as Igrejas do Ocidente e do Oriente. Mestre de São João Crisóstomo, que lhe pronunciou o panegírico, São Melécio faleceu em 381. São Gregório de Nissa fêz-lhe magníficos elogios.

Em Barcelona, na Espanha, Santa Eulália, virgem, que, sob Diocleciano, padeceu no cavalete, foi rasgada pelas unhas de ferro e, afinal, prês a uma cruz, cumpriu o martírio, em 304.

Na Bretanha, São Rioc, confessor, filho do rei de Elorn. Levou vida de solitário, operando milagres. Faleceu em 630, na abadia de Landevenec.

Na Itália, São Bento de Albenga, bispo, antes solitário, depois monge, falecido em 900.

Em Saint-Solteur, São Goslin, abade, desaparecido por volta de 1061.

Na África, São Damiano, soldado e mártir. — Em Cartago, os santos mártires Modesto e Juliano. — Em Benevento, São Modesto e Santo Amônio, meninos. — Em Verona, São Gaudêncio, bispo e confessor.

13.º DIA DE FEVEREIRO

SANTA CATARINA DE RICCI

Religiosa da Ordem de São Domingos

Santa Catarina de Ricci, contemporânea e compatriota de Santa Maria Madalena de Pazzi, nasceu em Florença, no ano de 1522. Pedro de Ricci, seu pai, e Catarina Bonza, sua mãe, pertenciam a ilustres famílias da Toscana. Chamada Alexandrina no batismo, tomou o nome de Catarina, ao se fazer religiosa. Tendo perdido a mãe, quando ainda era criança, foi educada por uma piedosa madrinha. Assim como Catarina de Pazzi, foi uma criança abençoada, a quem Deus dotou dos mais assinalados favores, luzes sobrenaturais no espírito, inefável amor no coração, pendor pela oração e demais exercícios de piedade. Com a idade de seis a sete anos, o pai pô-la em pensão no convento de Monticelli, onde Luísa de Ricci, sua tia, era religiosa, e, em seguida, no de São Vicente de Prato, cujo diretor era o padre Timóteo Ricci, seu tio. Foi para a jovem criança um lugar de delícias. Seu pai, fazendo-a voltar, propôs-lhe um partido vantajoso no mundo; ela, porém, não quis outro espôso que não fôsse o de sua alma. O pai terminou por consentir naquilo, e ela entrou no mosteiro de Prato, sob a regra de São Domingos, com a idade de catorze anos.

O seu noviciado foi o de um anjo, pela piedade, humildade, doçura, modéstia, obediência. Ainda muito jovem, foi eleita mestra das noviças, depois subpriora, e finalmente priora perpétua com a idade de vinte e cinco anos, tamanha a idéia que se fazia da sua virtude e prudência. Aspirava constantemente à perfeição. O que lhe dominava no coração, como no de Teresa e de Madalena de Pazzi, era o amor divino, que a arrebatava em êxtase, por vêzes durante horas, por vêzes durante dias inteiros. O seu amor ao próximo era semelhante. O que por si própria não pôde, fê-lo pelas suas exortações caridosas: socorrer os pobres, os doentes, as viúvas, os órfãos, os velhos, em tôda a Toscana. As misérias espirituais do próximo mais ainda lhe comoviam a caridade. Para obter a conversão das almas, condenava-se, ela própria, aos jejuns, às vigílias, aos cilícios, às mortificações de tôda espécie. Suplicou mais o Senhor, para a expiação dos pecados, seus e dos outros, que a afligisse com doenças e dores, no que foi ouvida. Quanto mais, porém, sofria, tanto mais recebia novas graças, inclusive o dom dos milagres e o espírito da profecia. A sua conformidade a Jesus sofredor, que mais de uma vez lhe apareceu, era tão grande, que recebeu os estigmas da paixão, não somente como Francisco de Assis, nos pés, nas mãos e no lado, mas ainda um diadema de espinhos na cabeça, e os profundos sulcos da cruz nos ombros. Viram-lhe, até, por vêzes, o rosto transformado em semelhança ao do Filho de Deus, de tal modo era íntima a sua união com êle. Viu-se a mesma coisa em Santa Catarina de Siena. Catarina de Ricci foi provada, tanto pelas contradições como pelas calú-

nias, pelos louvores como pela admiração universal; as maiores personagens, até príncipes iam visitá-la; mantinha-se em comunicação epistolar com São Filipe de Neri, que um dia foi transportado para perto dela pelo espírito de Deus, como o foi o diácono Filipe de perto do eunuco da Etiópia. Catarina permaneceu sempre humilde e abjeta aos próprios olhos. Tanto rogou ao divino espôso que moderasse os favores, ou que, ao menos, os ocultasse aos olhos dos homens, que terminou por obter a graça. Entregou a alma a Deus, em 11 de fevereiro de 1589, no meio do concôrto dos anjos, que até os presentes ouviram. Maria Madalena de Pazzi, arrebatada em êxtase, viu-a subir ao céu no meio de um grupo de espíritos celestiais. Beatificada por Clemente XII, em 1 de outubro de 1734, foi canonizada por Bento, em 29 de junho de 1746. Foi da bula de canonização que tiramos êsses trechos da sua vida (1).

* * *

(1) Bullarium Benedicti XIV, Godescardo, 13 de fevereiro.

SÃO GREGÓRIO II

Papa

Em 19 de maio de 715, após a morte do papa Constantino, foi ordenado papa São Gregório II, nascido em Roma, que permaneceu no trono durante quinze anos, oito meses e vinte e quatro dias. Desde a mais tenra idade fôra educado na casa patriarcal de Latrão, sob o papa Sérgio, e foi subdiácono, tesoureiro, bibliotecário e, finalmente, diácono. Acompanhou a Constantinopla o papa Constantino e lá se distinguiu pela sabedoria das respostas, extensão de saber, eloqüência das palavras, pureza de costumes e firmeza de coragem. Desde o início do pontificado, começou a reparar os muros de Roma, mas vários obstáculos, sobrevindos, lhe impediram terminar o empreendimento. Reparou diversas igrejas arruinadas. João, patriarca de Constantinopla, lhe endereçou uma carta sinódica, a que êle respondeu. O patriarca morreu pouco depois, e não foi deposto pelo papa, como afirma erradamente Godescardo.

Em 716, mandou três legados à Baviera, um bispo, um diácono e um subdiácono, a fim de organizarem bispados com um arcebispado no país, onde as populações se convertiam em massa, e providenciarem o ensino da santa doutrina. No mesmo ano, sagrou bispo a São Corbiniano, que, desde então,

fixou a sede em Frising, na Baviera. Em 719, deu ordem e comissão ao sacerdote inglês Winfrid, mais conhecido pelo nome de São Bonifácio, para que fôsse pregar o Evangelho aos povos ainda infiéis da Germânia, da Turíngia, da Frísia, do Hesse e do Saxe. Em 30 de novembro de 723, mandando que regressasse a Roma, ordenou-o bispo para os povos por êle convertidos, e mudou o nome de Winfrid para o de Bonifácio. Na cerimônia de ordenação, ou imediatamente depois, o novo bispo e apóstolo da Alemanha prestou ao papa o seguinte juramento, assinado pela própria mão, e que, depois, colocou sôbre o corpo de São Pedro:

“Em nome do Senhor, nosso Deus e Salvador Jesus Cristo. No sexto ano do reinado do imperador Leão, no quarto de seu filho Constantino, sexta indicação. Eu, Bonifácio, bispo pela graça de Deus, vos prometo, bem-aventurado Pedro, príncipe dos apóstolos, e a vosso vigário, o bem-aventurado papa Gregório, bem como aos seus sucessores, para a indivisível Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo, e pelo vosso sagrado corpo aqui presente, que conservarei sempre a pureza da fé católica na unidade de uma mesma crença, à qual sem dúvida se prende a salvação de todos os cristãos, que nunca me deixarei levar a emprender coisa nenhuma contra a unidade da Igreja universal, e que, pelo contrário, terei sempre uma inteira fidelidade, um sincero apêgo a vós e aos interesses da vossa Igreja, a quem o Senhor deu o poder de ligar e desligar, bem como ao vosso citado vigário e seus sucessores, que nunca terei qualquer comunhão com os bispos que vir afastarem-se dos velhos caminhos traçados pelos santos Padres, que,

se puder, os impedirei, se não, os denunciarei ao papa, meu senhor. Se, o que não apraza a Deus, eu fizer ou tentar alguma coisa contra tal promessa, seja encontrado culpado, no julgamento de Deus, e receba o castigo de Ananias e de Safira, que pretenderam iludir-vos! Eu, Bonifácio, pequeno bispo, assinei com a minha própria mão o formulário desta promessa, e, pondo-a sôbre o corpo sagrado do bem-aventurado Pedro, como está prescrito, prestei êste juramento na presença de Deus, que é testemunha e juiz, e prometo cumpri-lo". Eis o solene juramento prestado pelo apóstolo da Alemanha ao papa Gregório II. É nessa base apostólica que estão fundados o bispado e a igreja da Alemanha. Possam os bispos e os povos da Alemanha jamais esquecerem-lo!

O papa Gregório, despedindo São Bonifácio, deu-lhe uma coletânea de cânones que deviam servir-lhe de regra, e duas cartas de recomendação. A primeira dirigida a Carlos, duque dos francos, com esta inscrição: "Ao senhor, nosso glorioso filho, o duque Carlos". O papa comunica-lhe que ordenou bispo a Bonifácio, cujo elogio profere, e que o manda pregar a fé aos povos da Germânia. "É por isso, diz, que o recomendamos assaz particularmente à vossa gloriosa benevolência, e vos rogamos que o ajudeis e tôdas as suas necessidades e o defendais contra todos os inimigos contra os quais o Senhor vos concede a vitória".

A segunda carta estava dirigida aos bispos, aos sacerdotes, aos diáconos, duques, governadores de cidades, condes e cristãos. Após lhes recomendar nos

(1) Labbe, t. VI, p. 1438.

mais urgentes têrmos, que protegessem Bonifácio e cuidassem de tôdas as suas necessidades: "Se alguém, disse o papa, o que não praza a Deus, se opuser aos seus trabalhos e lhe perturbe o ministério, não sòmente dêle como dos sucessores no apostolado, seja anatematizado pela sentença divina, e fique sujeito à condenação eterna!" A carta está datada de 1 de dezembro, isto é, do dia seguinte ao da ordenação de São Bonifácio.

Gregório II escreveu uma terceira carta, do mesmo dia, ao clero e ao povo da Turíngia, pela qual, explicando-lhes que ordenou Bonifácio como bispo dêles, de acôrdo com o desejo de todos, lhes transmite as ordens que lhes deu para o govêrno desta igreja, a fim de autorizar o comportamento dêle por tais artigos.

Em 726, São Gregório II respondeu a várias perguntas de São Bonifácio, em tórno das dificuldades encontráveis no govêrno daqueles novos cristãos. Desde 718, o mesmo papa mandou o abade Petronax, com alguns religiosos do mosteiro de Latrão, restabelecer o mosteiro do monte Cassino, arruinado pelos lombardos aproximadamente cento e quarenta anos antes. São Gregório restabeleceu ainda em Roma os mosteiros que se achavam perto da igreja de São Paulo, reduzidos à solidão havia longo tempo, e nêles fixou monges que entoassem louvores a Deus, dia e noite. Fêz, ainda, um mosteiro de um abrigo de velhos que se situava atrás da igreja de Santa Maria Maior, e restabeleceu o mosteiro de Santo André, chamado de Bárbara, de tal modo abandonado que não restava um monge sequer. Ambas as comunidades iam cantar o ofício todos os dias e noites

na igreja de Santa Maria. Após a morte de Honesta, sua mãe, o santo papa deu a sua própria casa a Deus, e nela fêz, de alto a baixo, um mosteiro em honra de Santa Ágata, ao qual destinou casas na cidade e terras no campo (1). Assim restabelecendo os mosteiros, sobretudo o mosteiro do Monte Cassino, o grande papa fundava para os séculos da Idade Média não somente retiros para a piedade, senão também asilos para as letras, artes e ciências, porque, durante os séculos da Idade Média foram os mosteiros as únicas escolas do Ocidente. Sem êles e sem a espada de Carlos Martelo, a Europa, submetida aos maometanos, houvera estado, em ciências, letras e artes, onde está a África sob os mouros e beduínos.

Não menos vigilante em reprimir as desordens que se infiltravam entre os fiéis do que em restabelecer os mosteiros o santo papa Gregório II reuniu, no dia 5 de abril de 721, um concílio em Roma, ao qual assistiram vinte e dois bispos, com todo o clero romano. Entre os bispos de tal concílio, havia três estrangeiros: Sedúlio, escocês da Grã-Bretanha; Fergusto, picto da Escócia; e Sindered da Espanha, que deixara o arcebispado de Toledo, no momento da invasão dos sarracenos. Centro da unidade, era Roma um asilo sempre aberto aos fugitivos (2).

Em resumo, continuavam os pontífices romanos a civilizar a Inglaterra, começavam a civilizar a Alemanha, por tôda parte erguiam às ciências, às letras e às artes, santuários invioláveis nos mosteiros, fazendo com que os príncipes protegessem aquêles focos de

(1) **Anast. In Greg. II.**

(2) **Labbe, t. VI, p. 1455.**

civilização e repelisses a sangrenta invasão dos muçulmanos, a qual, realmente, iria embrutecer o gênero humano; numa palavra, os pontífices romanos eram os salvadores do Ocidente e, por isso, salvadores do mundo. O próprio Oriente não lhes ficou devendo menos em tal época, pois lhes deveu não somente a conservação da fé cristã como também o bom senso, com o gosto das letras e das artes.

A fé cristã e o bom-senso corriam grande risco em Constantinopla e no império grego. Um mercador de gado, que se fizera soldado, e depois chegara a ser imperador, Leão o Isauriano, tentou, como Maomé, reformar a religião a golpes de sabre. Decretou, pois, em 726, que a honra prestada às santas imagens era uma idolatria, que todos os cristãos eram idólatras, e que, havia séculos, a Igreja de Cristo tinha recaído no paganismo. A grosseira heresia do mercador de gado foi solidamente refutada por São Germano, patriarca de Constantinopla, e por São João Damasceno, o qual vivia sob o domínio dos sarracenos. Como resposta, a ambos perseguiu Leão, o Isauriano.

Atirou-se, sobretudo, contra São Gregório II, que lhe resistiu mais fortemente que os demais, e lhe demonstrava por cartas a grosseria do erro cometido. A princípio, tentou o imperador iconoclasta, várias vezes, tirar a vida ao papa e mandar eleger outro. Um capitão chamado Basílio, Jordão, cartulário, e João, subdiácono, cognominado Laurião, resolveram, juntos, matar o papa Gregório. Marino, escudeiro do imperador e duque de Roma, enviado de Constantinopla, aprovou o plano por ordem do imperador. Marino, porém, atacado pela paralisia, viu-se obrigado a retirar-se, o que fez com que falhasse o

empreendimento. O patricio Paulo, enviado, em seguida, à Itália, na qualidade de exarca, retomou a trama, mas os romanos, descobrindo-a, fizeram morrer Jerdão e João Laurião. Basílio tornou-se monge e encerrou-se, para o resto da vida. Depois de Marino, mandou o imperador outro escudeiro para depor o papa, e o exarca Paulo, retirando algumas tropas, tanto de Ravena quanto do exército que possuía fora, as enviou a Roma. Os lombardos, porém, uniram-se aos romanos para a defesa do papa, e impediram que as tropas do exarca se aproximassem de Roma. Convencido do apêgo dos romanos ao seu pastor, o exarca Paulo tudo envidou para erguer contra êle os venezianos e a Pentápolis, região que continha as cidades de Rimini, Fano, Pesaro, Ancona e Humana. Todos aquêles povos, de acôrdo, rejeitaram as solicitações do exarca e afirmaram que, em vez de se prestarem a qualquer trama contra o papa, estavam prontos a defendê-lo com tôdas as forças de que dispunham. De todos os lados se proferiram anátemas contra o exarca, contra aquêle de quem era ministro, contra todos os partidários, e, desprezando o imperador, cada uma daquelas cidades escolheu um governador, ao qual deu o título de duque. O exemplo movimentou a Itália inteira. Propunha-se a eleição de um imperador e a sua transferência, à mão armada, para Constantinopla, mas o papa São Gregório impediu a execução de tal projeto, apaziguando os espíritos sempre à espera de que o imperador recobriria os seus melhores sentimentos.

A moderação do Santo Pontífice não desarmou os ministros de Leão. Exhilaratus, duque de Nápoles, atraindo os povos da Campânia, pôs-se à testa dêles,

com seu filho Adriano, a fim de atacar Roma. Os romanos não o esperaram; armados, saíram ao seu encontro, combateram-no e mataram-no com o filho. Descobrimo que o duque Pedro escrevia ao imperador contra o papa, expulsaram-no da cidade. Em Ravena tudo era perturbação; os habitantes, divididos uns dos outros, seguiam êstes o imperador, e pretendiam destruir as imagens, aquêles pelo papa, e lutavam por conservá-las. Chegou-se às vias de fato, e o exarca Paulo foi morto no tumulto. Eis o que logrou o imperador Leão na Itália com as suas imprudências.

Liutprando, rei dos lombardos, valeu-se de tal para engrandecer. Assediou Ravena e tomou-a pela sagacidade. Apoderou-se igualmente de Classe, de Bolonha, bem como de várias outras cidades e alguns castelos. Os lombardos de Espoleto trabalhavam em combinação, embora separadamente. Tomaram Narni, nas vizinhanças, e Sutri, no ducado de Roma, mas só conservaram esta última localidade cento e oitenta e três dias. A pedido do papa, acompanhado de grandes presentes, o rei Liutprando mandou que os lombardos saíssem de lá, depois de a pilharem; chegou e a doá-la aos apóstolos São Pedro e São Paulo, e é, à Igreja romana.

O imperador, obstinado no projeto de se desfazer de Gregório, mal soube da morte do exarca Paulo, mandou, para substituí-lo, o eunuco Eutíquio, e deu-lhe as mesmas ordens. Era pela segunda vez que Eutíquio se via revestido de tal dignidade. Quando chegou a Nápoles, enviou um correio aos principais de Roma, os quais, assim acreditava, se achavam sem reservas ligados ao serviço do imperador. Exortava-os a fazer morrer o papa e os seus partidários, e

prometia-lhes fôrças suficientes para protegê-los da vingança do povo. As cartas foram interceptadas, e o correio houvera sido despedaçado, se o papa lhe não tivesse salvado a vida. Cobriu-se o exarca de maldições e anátemas; todos os habitantes, grandes e pequenos, se empenham, mediante juramento, a defender, com risco da própria vida, a pessoa do pontífice. O exarca, em vão, dá presentes para afastar o rei e os duques lombardos da causa do papa; êstes rejeitam as ofertas, com desdém e se ligam aos romanos, com o intuito de protegerem de qualquer violência, o zeloso defensor da Igreja. Quando viram, diz o biógrafo do santo pontífice, quando viram, pelas cartas do exarca Eutíquio, que êle só tentava separá-los do papa, com o fito de a êste matar, romanos e lombardos uniram-se como irmãos prestes a sofrer uma morte gloriosa em defesa do pontífice, resolvidos a garanti-lo contra qualquer tentativa, a êle que combatia pela verdadeira fé e salvação dos cristãos. O papa, por sua vez, para atrair um maior auxílio da parte de Deus, espalhava grandes esmolos, dedicava-se à oração e ao jejum, e todos os dias fazia litanias ou procissões públicas. Embora esperasse mais em Deus do que nos homens, não deixou de agradecer ao povo o devotamento, a todos exorta por meio de afetuosas palavras, a servirem a Deus cada vez mais, mediante boas obras, e a perseverarem na fé, convidando-os, ao mesmo tempo, a se afastarem do amor e da fieldade do império romano. Eis como adoçava o coração de todos, eis como aliviava as constantes dores (1).

(1) Anast. In Greg. II.

Não se deteve nisso o admirável pontífice. Achou meios de fazer com que a cidade de Ravena voltasse a ser dependente do imperador. O exarca Eutíquio retira-se para Veneza; não tinha nenhum auxílio que pudesse esperar de Constantinopla. O papa escreveu ao duque ou doge Ursus e ao pcvto de Veneza cartas, para obrigá-los a expulsar os lombardos da Ravena e lá restabelecer o exarca. À solicitação do papa, os veneziancs fazem partir uma frota carregada de tropas, que desembarcam nas portas da cidade. Hildebrando, sobrinho do rei, era o governador. Oferece batalha, vencem-no e fazem-no prisioneiro. Os lombardos abandonam Ravena, e Eutíquio dela toma posse novamente; um grande corpo de tropas que Liutprando enviava em socorro da cidade foi retalhado perto de Rimini. O sucesso causou no país uma revolução geral. As cidades da Pentápolis expulsam as guarnições lombardas e voltam a obedecer ao império. Eis como se vingou o pontífice romano do imperador e do exarca.

Em reconhecimento por tal benefício, o exarca Eutíquio uniu-se ao rei Liutprando para assediar Roma, dela apoderar-se e executar a ordem que recebera de matar o papa. Naquele extremo, Gregório II recorreu aos francos na pessoa de Carlos Martelo, a quem já precedentemente vimos ser dado o título de patrício. Aliás, já um século antes, aconselhara o imperador Maurício aos papas que recorressem à aliança e à assistência dos francos, para se porem ao abrigo dos ataques dos lombardos (1). Não se sabe qual foi a resposta de Carlos Martelo. Entretanto,

(1) Zonar, l. XV, t. II, p. 105.

após submeter os duques de Benevento e de Espoleto, o rei dos lombardos e o exarca Eutíquio estavam às portas de Roma, e os dois exércitos se achavam acampados nas planícies de Nero, entre o Tibre e a igreja de São Pedro. O admirável Pontífice encontrou no seu magnânimo coração um auxílio inesperado. Saiu de Roma, foi ter à presença do rei dos lombardos, falou-lhe com tamanha fôrça e doçura, que, comovido até o âmago do coração, o rei se prosternou aos seus pés e prometeu não fazer mal a ninguém. Em vão instava o exarca, mais duro e menos generoso, a cumprir o indigno tratado; o soberano, sem dar-lhe ouvidos, rogou ao papa o conduzisse à Basílica do Vaticano. Lá, debulhado em lágrimas, ajoelhado diante da confissão de São Pedro, despojou-se das vestes reais e depô-las com o talabarte, a espada, a coroa de ouro e a cruz de prata em frente do corpo do santo apóstolo. Após lá fazer a sua oração, suplicou ao papa se dignasse receber também na paz o próprio exarca. O papa consentiu, e os dois exércitos se retiraram, depois do que Liutprando retomou o caminho de Pavia.

O exarca Eutíquio, finalmente reconciliado com o papa e o povo de Roma, lá tornara a entrar sem oposição, quando se soube que uma parte da Toscana se havia revoltado. Tibério, cognominado Petásio, do qual a história não fala até este momento, subjugou diversas cidades; tinham-lhe dado o título de imperador e prestado juramento de fidelidade. O exarca, eunuco mais capaz de armar ciladas do que de fazer a guerra, alarmou-se prodigiosamente com a notícia. O intrépido pontífice devolveu-lhe alguma coragem, mandou retirar as armas dos habitantes de

Roma, e com êle enviou os principais da Igreja. Chegaram a Mântua, onde Petásio foi morto, sendo-lhe a cabeça enviada a Constantinopla.

Eis de que maneira soube o imperador Leão reconhecer tal serviço do papa e dos romanos. Exortando-o o papa a voltar ao bom-senso e à fé cristã no tocante ao culto das santas imagens, ameaçou-o o imperador de o tratar como havia tratado Constante ao papa Martinho, e mandar que, em Roma, abatessem a imagem de São Pedro.

O papa São Gregório II respondeu-lhe em 731. "Conservamos cuidadosamente as vossas cartas na santa Igreja, perto da confissão de São Pedro, príncipe dos apóstolos, com as cartas dos vossos velhos predecessores. Em dez dessas cartas prometestes, como deve um príncipe que governa cristãos, observar fielmente todos os ensinamentos de nossos Pais e doutores. O que há de mais notável, tais cartas trazem o vosso sêlo e estão assinadas pela vossa própria mão. Confessais nelas a nossa santa fé em tôda a sua pureza, e declarais amaldiçoado quem quer que ouse contrariar as decisões dos Padres. Recebendo-as, dá-vos graças a Deus por nos ter dado o império. Quem, pois, vos obriga agora a olhar para trás, após haverdes tão bem caminhado durante dez anos? Durante todo êsse tempo, não falastes das santas imagens; e agora dizeis que elas substituem os ídolos, e que os que as veneram são idólatras! Ordenais que sejam inteiramente abolidas; e não temeis o juízo de Deus, não escandalizando apenas os fiéis, senão também os infiéis? Jesus Cristo vos declara que, se escandalizardes um único dentre os pequenos, sereis precipitado no inferno; e eis que escandalizais o mundo

inteiro! Por que, como imperador e chefe dos cristãos, não interrogastes os homens sábios e cheios de experiência? Ter-vos-iam dito quais as obras de que Deus fala, e porque proíbe se adorem, e não teríeis lançado a perturbação entre as humildes populações. Repudiastes nossos santos Pais e nossos doutores, após terdes prometido, por escrito, que os seguiríeis. O nosso escrito, a nossa luz e a nossa salvação são nossos Pais e nossos doutores guiados por Deus: os seis concílios nos legaram tal tradição, e vós não recebeis o testemunho deles. Somcs obrigados, porque sois grosseiro e ignorante, a vos escrever palavras grosseiras, mas repletas de sentido e da verdade de Deus. Suplicamo-vos abandoneis a presunção e o orgulho, e nos escuteis humildemente.

“Deus assim falcu em virtude dos idólatras que habitavam a terra prometida e adoravam os animais de ouro, de prata e de madeira, pássaros e tôda espécie de criaturas, e diziam: eis os nossos deuses, e não há outres! Tais são as obras nocivas e malditas, inventadas pelo demônio, e que Deus proibiu fôsem adoradas. Há outras obras, feitas pela mão do homem, para o serviço e a glória de Deus. Ê próprio não inspirou dois obreiros, Bezeleel e Oolial, a fazerem as tábuas da lei, a arca, os querubins no altar? Não se trata de obras da mão dos homens, mas para a glória e o serviço de Deus? E quando Moisés, a quem Deus mostrava o modelo daqueles trabalhos, pediu permissão para contemplá-lo na glória, respondido lhe foi que não poderia vê-lo de rosto sem morrer, e que o veria depois, e Deus, na visão, lhe deu a conhecer o mistério oculto aos séculos e às gerações. Posteriormente, Deus se manifestou

completamente a nós em seu Filho, que se encarnou, apareceu em Jerusalém, e fez várias coisas sensíveis. Os que o tinham visto, pintaram-no como o tinham visto. Pintou-se igualmente a Tiago, parente do Senhor, Santo Estêvão e os demais mártires. Tais imagens se espalharam por todo o mundo, e o povo cessou de adorar o demônio para adorar ou venerar aquelas imagens, não mediante um culto de latria, mas mediante um culto relativo. Para disso convencer-se, tornou o papa a enviar o imperador a Edessa, onde, há muito tempo, se honrava uma imagem de Nosso Senhor a qual, segundo a tradição dos gregos, o próprio Nosso Senhor enviara ao rei Abgar, com uma missiva.

“Mas por que não pintamos o Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo? Por ser impossível pintar a natureza divina. Se o tivéssemos visto como vimos o Filho, tê-lo-íamos pintado igualmente, nem que vós lhe chamásseis ídolo. Dizeis que adoramos pedras, muralhas e pranchas. Não é exato, senhor; se o fazemos é para nos lembrarmos daqueles de que tais objetos são nomes e imagens, e para erguermos ao alto o nosso espírito rastejante e grosseiro. Não os consideramos deuses, como afirmais. Não o queira Deus! Não colocamos nêles as nossas esperanças. Se é a imagem de Nosso Senhor, dizemos: Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, socorrei-nos, salvai-nos! Se é a de sua santa Mãe, dizemos: Santa Mãe de Deus, rogai a vosso Filho que nos salve a alma! Se é de um mártir: Santo Estêvão que derramastes o sangue por Jesus Cristo, e que com êle desfrutais de tamanho prestígio, por serdes o primeiro mártir, orai por nós.

“Teríamos desejado, como se tivéssemos o poder e a autoridade de São Pedro, proferir penas contra vós. Mas como, nas vossas missivas precedentes, assinadas de próprio punho, vós próprio vos infligistes a maldição, ela que fique convosco, e com aquêles cujos conselhos seguis! Seria melhor que vos chamassem herético e não perseguidor e destruidor das santas imagens; aquilo suporia uma questão difícil, e vós sérieis menos culpado. Mas combateis abertamente o que é claro como o dia, e despojastes as igrejas ornadas pelos santos Padres.

“Deus é testemunha de que tôdas as missivas que nos dirigistes foram por nós comunicadas aos reis do Ocidente, para vos conciliar a paz e a benevolência dêles; nós vos louvávamos, vos exaltávamos, diante do vosso procedimento daquele tempo. Também recebiam as vossas imagens, como convém que os reis honrem reis. Mas quando souberam, por intermédio de romanos, francos, vândalos, mouros, godos e outros ocidentais que se encontravam em Constantinopla, o que tínheis feito na presença dêles à imagem do Salvador, pisaram as vossas imagens, e rasgaram-vos o rosto; os lombardos e os sarmatas com outros povos do norte, invadiram a Pentápolis, ocuparam Ravena, expulsaram os vossos magistrados aos quais substituíram outros. Eis o resultado da imprudência que cometestes.

“Assustais-vos e dizeis: mandarei emissários a Roma, e despedaçarei a imagem de São Pedro; mandarei que me tragam acorrentado o pontífice Gregório, como fêz Constante com Martinho. Deveis saber que os pontífices de Roma, mediadores entre o Oriente e o Ocidente, são árbitros e moderadores da paz.

Quanto às vossas ameaças, não precisamos de luta para a elas nos subtrair; o pontífice romano terá que percorrer apenas uma légua ou duas, e estará fora dos vossos domínios. O nosso predecessor Martinho trabalhava pela paz; Constante, ao contrário, escravizado a prelados heréticos, mandou o raptassem os seus sequazes, e o arrastassem tirânicamente a Bizâncio; em seguida, após o cumular de ultrajes, mandou-o ao exílio. Fêz a mesma coisa com o monge Máximo e seu discípulo Anastácio. Mas o mesmo Constante foi morto e morreu no pecado; o intendente da côrte, sabendo pelos bispos da Sicília que era herético, lhe deu a morte; enquanto Martinho é proclamado bem-aventurado pela cidade de Quersona, à qual foi adstrito, e pelos povos do norte, que acorrem ao seu túmulo e nêle encontram a cura.

“Praza a Deus fazer-nos caminhar na senda de Martinho, embora, em prol da utilidade pública, desejemos viver, pois todo o Ocidente traz os olhos voltados para a nossa humildade e, não obstante o não merecêssemos, depositam em nós grande confiança. Quanto àquele cuja imagem vos gabais de destruir, São Pedro, consideram-no um Deus terreno todos os reinos do Ocidente. Se pretendeis fazer a prova, todos estão prontos a vingar os vossos ultrajes, inclusive os do Oriente. Todavia, suplicamo-vos, pelo Senhor, que cesseis as vossas extravagâncias de jovem. O que nos aflige é que os Bárbaros se suavizam, e vós vos tornais bárbaro. Todo o Ocidente oferece ao glorioso príncipe dos apóstolos os frutos da fé. Há pouco, recebemos do fundo do Ocidente missivas daquele a quem chama Septeto, o qual deseja ver-nos, para de nós receber o batismo.

E, para não sermos um dia acusado de negligência, dispomo-nos a empreender a jornada. Queira Deus que recebamos quanto antes missivas vossas, anunciando-nos a vossa conversão!" (1)

O imperador Leão escreveu ainda ao papa, que lhe respondeu nestes têrmos: "Recebemos a carta de Vossa Majestade e de Vossa Fraternidade, por Rufino, vosso embaixador; e a vida se me tornou insuportável vendo que, em vez de vos arreponderdes e seguir os nossos santos Padres e doutôres, permanecis nas más inclinações. Dizeis: sou imperador e pontífice! Podiam dizê-lo os vossos predecessores que, cheios de zêlo pela fé ortodoxa, fundaram e ornaram as igrejas, e as protegeram, de acôrdo com os bispos. Vós, pelo contrário, não guardastes as definições dos Padres; mais ainda, encontrando igrejas magnificamente decoradas, não hesitastes em despojá-las e desfigurá-las. Que são as nossas igrejas se não obras de homens, pedras, madeira, cal, cimento! O que as orna são as pinturas e as histórias de Jesus Cristo e dos santos. Os cristãos empregam nelas os seus bens. Os pais e mães, segurando nos braços os filhinhos recém-batizados, apontam-lhes com o dedo as histórias; mostram-nas também aos jovens ou aos pagãos convertidos de diferentes nações. Assim os edificam, e lhes elevam o espírito e o coração a Deus. Quanto a vós, porém, desviastes de Deus o povo e, em vez das ações de graças e dos louvores de Deus, o lançastes na ociosidade, nas canções, nas lendas, no som de liras e flautas, e em outras frivolidades.

(1) Labbe, t. VII, p. 7-22.

“Ouvi a nossa humildade, Senhor; cessai de perseguir a Igreja, segui-a tal qual a encontrastes. Os dogmas não constituem assunto de imperadores, mas de pontífices, pois nós temos o espírito de Cristo. Uma é a constituição da Igreja, outra a do século. A grande inteligência que possuíis para a guerra não saberia administrar os dogmas espirituais.

“Os piedosos imperadores estiveram submissos aos pontífices das igrejas e não os vexaram; vós, pelo contrário, desde o dia em que vos pervertestes, desde o dia em que incorrestes na maldição que vós próprio proferistes nas vossas cartas contra aquêle que derubava os limites dos Padres, desde o dia em que vos condenastes pelo vosso próprio juízo e de vós afastastes o Espírito Santo, nos perseguis e tiranizais pela mão dos soldados e pelas armas da carne. Nós estamos nus e sem armas, não temos exércitos, mas invocamos o generalíssimo de todo o universo, Cristo, sentado nos céus acima de todos os exércitos das potestades celestiais, para que vos entregue a Satã, como diz o apóstolo, mediante a perda de carne e da salvação da alma. Numa palavra, o papa excomunga formalmente o imperador.

“Quanto a nós, tal qual escrevemos, partimos para o Extremo do Ocidente, para os que pedem o santo batismo. Desde que para lá enviei bispos e clérigos da nossa Igreja, os príncipes não puderam ainda ser levados ao batismo, por desejarem a mim como padrinho. É por isso que nos pomos a caminho, receosos de que um dia nos peça alguém o motivo da nossa negligência. Queira Deus dar-vos a prudência e o arrependimento, para que volteis à verdade da

qual vos afastastes, e leveis o povo ao berço único das igrejas ortodoxas; e que, finalmente, o Senhor nosso Deus conceda ao mundo inteiro a paz, agora e sempre, e nos séculos dos séculos. Assim seja." (1)

Não é provável que o papa São Gregório tenha tido o consôlo de batizar os príncipes do Ocidente, dos quais fala, e que, sem dúvida, tinham sido convertidos por São Bonifácio e seus companheiros, pois o excelente papa morreu em 11 de fevereiro de 731, após um glorioso pontificado de quinze anos, oito meses e vinte e quatro dias, dos quais é de lastimar não conheçamos melhor os pormenores.

Uma questão importante é saber se o papa São Gregório II separou do império de Constantinopla, ao menos por algum tempo, a cidade de Roma e as províncias vizinhas, e se lhes proibiu pagar os tributos costumeiros. Um autor que viveu e escreveu no mesmo século, São Teofânio, o atesta, e, depois dêle, todos os historiadores gregos e latinos.

Para bem apreciar o comportamento do santo papa Gregório II em tal questão, devem ser observadas várias circunstâncias. Nenhum historiador diz que Gregório II despojou Leão do império, mas somente que lhe retirou Roma e a Itália; nenhum dêles diz que a sentença se referiu, com certeza, ao filho; nenhum afirma, no tocante a Leão, tal determinação tenha sido irrevogável. Vemos, pelo contrário, diante da longanimidade do papa, que o seu único objetivo era defender a fé católica, de um lado, e a ela recon-

(1) Labbe, t. VII, p. 23-30.

duzir o infeliz príncipe. Com êsse duplo objetivo, julgou bastante afastar do império, nem que fôsse apenas por algum tempo, a capital do mundo cristão e as províncias vizinhas. E, ainda, como separou do império grego Roma e a Itália? Como lhes proibiu pagar os tributos? Foi declarando, como diretor supremo das consciências, que os povos da Itália não eram obrigados a enviar os seus tributos a um imperador de Constantinopla, o qual dêles se servia para os fazer perder a fé cristã e o bom-senso; e que podiam empregar os tributos na Itália mesma, para defender-se, simultâneamente, dos gregos e dos lombardos.

* * *

SANTO AGABO (*)

Profeta

Originário da Judéia, Agabo aparece, do primeiro século que é, duas vezes nos Atos dos Apóstolos. Faz parte dos profetas que vieram de Jerusalém a Antioquia, quando Paulo e Barnabé ali pregavam o Evangelho.

“Aquêles que tinham sido dispersos pela perseguição suscitada por causa de Estêvão chegaram até a Fenícia, Chipre e Antioquia, não pregando a ninguém a palavra, senão só aos judeus. Entre êles havia alguns homens de Chipre e de Cirene, os quais, tendo entrado em Antioquia, falavam também aos gregos, anunciando-lhes o Senhor Jesus. A mão do Senhor era com êles, e muita gente, tendo crido, converteu-se ao Senhor.

“Chegou, então, a notícia dessas coisas aos ouvidos da Igreja que estava em Jerusalém, e enviaram Barnabé a Antioquia. Quando êle lá chegou e viu a graça de Deus, alegrou-se, e exortava todos a perseverar fiéis ao Senhor, com coração firme, porque Barnabé era um homem de bem e cheio do Espírito Santo e de fé. Uniu-se ao Senhor grande multidão de gente. Dali, Barnabé partiu para Tarso, em busca de Saulo. Tendo-o encontrado, levou-o a Antioquia. Nessa Igreja, passaram êles um ano inteiro, e instruí-

ram uma grande multidão, de maneira que em Antioquia é que foi dado pela primeira vez aos discípulos o nome de cristãos.

“Naqueles dias, foram de Jerusalém a Antioquia uns profetas. Levantando-se um dêles, chamado Agabo, fazia saber, por virtude do Espírito, que haveria grande fome por todo o mundo, a qual veio no tempo de Cláudio. Os discípulos, cada um segundo os seus meios, resolveram enviar socorros aos irmãos que habitavam na Judéia, o que efetivamente fizeram, enviando-o aos anciãos, por mãos de Barnabé e de Saulo” (1).

Na segunda citação, Santo Agabo encontra-se em Cesaréia, na casa de Filipe, o Evangelista.

“Da Judéia, chegou um profeta chamado Agabo. Tomou a cinta de Paulo e, atando os pés e as mãos, disse: “Isto diz o Espírito Santo: Assim atarão os judeus, em Jerusalém, o homem a quem pertence esta cinta, e o entregarão nas mãos dos gentios”. Quando ouvimos isto, nós e os que eram do lugar, rogamos-lhe que não fôsse a Jerusalém. E Paulo respondeu: “Que fazeis, chorando e afligindo o meu coração? Porque eu estou pronto não só para ser atado, mas até para morrer, em Jerusalém, pelo nome do Senhor Jesus”. E, não o podendo dissuadir, cessamos com as nossas instâncias, dizendo: “Seja feita a vontade do Senhor” (2).

* * *

(1) Act. 11, 19, 30.

(2) Act. 21, 8, 14,

SÃO POLIEUTO (*)

Mártir

Era no início da perseguição movimentada pelo imperador Décio, no ano de 250. Polieuto, que pertencia à Décima-Segunda Legião romana estacionada em Melitina, fôra, recentemente, convertido por Nearco, companheiro d'armas.

Uma tarde, os dois encontraram-se.

— Procurava-te, disse Nearco ao amigo. Afixaram já o edito do imperador, viste?

— Sim, fêz Polieuto, distraidamente.

— O edito, tornou Nearco, que por pouco não nos separou um do outro.

Polieuto continuava distraído.

— Que tens? perguntou o amigo.

— Estava pensando . . .

— Nêle?

— No nosso Cristo, não no edito.

— Pensando o quê?

— Na visão que tive esta noite.

— Na visão que tivestes? Tiveste, então, uma visão? excitou-se Nearco, fitando o camarada atentamente.

— Sim. Vi o Cristo Jesus que adoramos, Nearco.

— Oh! exclamou o outro. Tu o viste!

— Apareceu-me... Era lindo, suave, muito terno. Ó Nearco, que sei eu? Haverá, porventura, na língua dos homens palavras que possam descrevê-lo?

— E daí, Polieuto?

— Daí, meu bom amigo, que Êle me presenteou com um manto, um bellissimo manto, e um cavalo. Um cavalo, Nearco, um cavalo alado!

Nearco engolfou-se num turbilhão de pensamentos, e acabou por dizer:

— Talvez voes no cavalo para o céu, hem?

— Era justamente no que estava pensando, meu bom amigo, e naquilo que disseste outro dia: ser batizado no próprio sangue...

— Ser martirizado?

— Sim, respondeu Polieuto. Morrer por Êle, ir viver com Êle! Tu morrerias por Êle, Nearco?

— Agora mesmo, se fôra possível!

Polieuto perdeu-se em silenciosas conjecturas. Depois disse:

— Vem comigo, Nearco, vem comigo. Vamos ler o edito imperial.

Juntos, ambos foram ao lugar em que se afixara o mandado de Décio. Ali, uma multidão se aglomerava, a ler a ordem que o imperador ditara. E Polieuto, todo inflamado, todo cheio de zêlo heróico, avançando para o imperial edito, arrancou-o donde estava e rasgou-o enérgica e determinadamente diante do povo estupefato. E bradava, alto e bom som:

— Isto de nada vale! Isto de nada vale!

Uma procissão pagã repontava além, e o neófito Polieuto inflamado, não satisfeito com o que acabara de fazer, correu-lhe ao encontro, e com santa ira, atirou por terra os ídolos que os sacerdotes carregavam compenetradamente, quebrando-os.

O militar foi prêso no mesmo instante e levado ao tribunal. Por tanta ousadia e tanta impiedade, foi condenado aos maiores tormentos.

— Eu sou cristão! gritava êle, destemidamente. Eu sou cristão! Matai-me, que quero ser batizado no próprio sangue que me corre pelas veias!

Os carrascos, atormentando-o horrivelmente, convidavam-no brutalmente a renegar a fé. Era, porém, em vão, porque Polieuto estava irreduzível.

Polieuto era casado com uma filha de Félix, então o governador da província. Diante do genro, Félix fêz tudo para dissuadi-lo daquela *loucura*.

— Não tens tua espôsa? dizia êle. Não tens teus filhos?

— Que espôsa? clamou Polieuto. Que filhos? Meu pensamento anda muito longe dêste mundo! Quero morrer por Cristo, por Êle, que no céu já me preparou uma espôsa espiritual! Dize à tua filha que, se quiser seguir-me, abraçar minha crença, há de ser bem-aventurada e cheia de glória! Que me siga, se não quiser ver-se perdida, como todos os que adoram vãos, falsos deuses!

— Estás delirando! berrou Félix. Os sortilégios de Cristo puseram-te fora de ti!

Paulina, a espôsa, apareceu. E, contorcendo desesperadamente as mãos, chorou:

— Que loucura, Polieuto! Quem te pôs assim? Oh, serás morto! Eu sei que hás de ser morto!

— E que importa a vida? Isto que levamos aqui embaixo pode chamar-se vida? Vida é a vida eterna, na glória, ao lado de Cristo que me deu um manto e um cavalo com asas! Quero morrer pelo Cristo bem-amado! Quero viver com o dulcíssimo Senhor Jesus!

Polieuto, inabalável, irredutível, foi condenado à decapitação, para a qual marchou com indizível coragem, com ânsia mesmo, a dirigir, aos demais cristãos que o seguiam, doces palavras de alevantamento. E, despedindo-se de Nearco, apresentou o pescoço ao algoz e voou, no alado cavalo, para o Cristo sem par, sendo, como desejava, batizado no próprio sangue borbulhante.

Os mais zelosos cristãos recolheram-lhe o corpo e enterraram-no em Melitina. Nearco, num pano, tomou-lhe do sangue que empapara a terra, e guardou-o como relíquia.

* * *

SÃO MARTINIANO (*)

Ermitão

Martiniano era da Palestina, de Cesaréia, e havia deixado o século quando completara dezoito anos. Vivia, então, ao pé de uma montanha, e, tantos progressos fizera nas virtudes, que operava milagres.

Ora, um dia, o demônio determinou perdê-lo. E, agindo numa mulher de má vida, fêz com que o tentasse, desejando-o como marido.

Zoé era linda e tôda frescor. Disfarçada de pobre, ao cair de uma fria tarde, foi bater-lhe à porta da cela, pedindo abrigo por uma noite, choramingando, a dizer que não tinha onde ficar. Comovido com a indigência daquela mulher, Martiniano consentiu em recebê-la. Deixou-a na cela e retirou-se para os fundos, trancando-se a chave. E, deitando-se na terra dura e nua, dormiu, depois das longas preces costumeiras.

No dia seguinte, quando foi ver a hóspeda, encontrou-a transformadíssima. Vestia-se rica e provocantemente, uma vez tirado o disfarce que usara. Rogando ao ermitão que se casasse com ela, empregou tôda a sedução feminina.

Martiniano ficou atônito. Atônito e desconcertado. E, confuso, para esquivar-se, disse-lhe:

— À noite, dar-te-ei a resposta.

Passando todo o dia a orar, rogando a Deus que lhe desse fôrças e lhe inspirasse horror à mulher, da qual se agradara, por artimanhas do diabo, foi recompensado. Teve uma idéia, e pô-la em ação. Acendeu uma fogueira, sentou-se num banquinho e meteu os pés descalços no meio das chamas. Logo principiou a gritar de dor. Gritava, gritava, mas, herôicamente, não arredava os pés um centímetro.

Zoé, atraída pela bulha, correu a ver o que se passava. E, dando com a dolorosa cena, d'olhos marejados d'água, caiu de joelhos e pôs-se a bradar:

— Que fazes? Por que te queimas assim? Por minha causa?

— Sim, respondeu Martiniano, com os pés semi-queimados. Como poderei suportar o fogo do inferno, se mal agüento êste? Se ceder aos teus desejos, que me não acontecerá com aquêle fogo eterno e terrível?

A mulher, tocada no mais fundo do coração, converteu-se. E o santo ermitão, enviando-a a Belém, deixou-a no convento de Santa Paula, onde Zoé viveu em duras mortificações até o fim da vida.

Sete meses depois, Martiniano viu-se curado das feias queimaduras. O demônio, sempre e sempre, dêste ou daquele modo, procurou perdê-lo. Em vão, porém, porque Deus, que o protegia, livrou-o dos laços e dos engôdos todos. E, para Deus, foi êle mansamente, em 398, em Atenas.

* * *

SÃO FULCRANO (*)

Bispo e Confessor

São Fulcrano nasceu em Lodeve, Languedoc. Virtuossíssimo, foi ordenado padre pelo bispo Tierry, que lhe conferiu as santas ordens e o tomou para a sua Igreja. Quando aquêle bispo faleceu, todos, clero, nobreza e demais fiéis, o escolheram como sucessor do desaparecido prelado.

Fulcrano, encolhido na sua humildade, horrorizado com a dignidade que lhe queriam impor, fugiu, escondeu-se, mas debalde. Descobriram-no, e o metropolitano de Emery sagrou-o bispo de Lodeve, aos 4 de fevereiro de 949.

Se o Santo levava, até ali, vida austera, humilde, casta, de macerações, mais ainda se entregou àquelas práticas, depois que se alçara ao bispado.

Para com os pobres, era São Fulcrano de uma bondade extrema. E, numa época de carestia, em que o fantasma da fome andava a rondar os humildes lares à míngua, vendeu tudo o que possuía e saiu em socorro dos mais necessitados.

São Fulcrano foi fundador do mosteiro de São Salvador, e sustentáculo de igrejas e hospitais.

Ei-lo, a certa altura da vida, a fazer rudes penitências, dirigindo-se a Roma, em busca de perdão. Perdão, por quê?

Conta-se que, um dia, disseram-lhe que um bispo havia aderido ao judaísmo. Disse, então, sem saber como:

— Tal apóstata merecia o fogo!

Ora, pouco depois veio a saber que o povo tomara o tal bispo e o queimara vivo. Acreditando-se culpado da morte do infeliz prelado, não mais descansou. Sòmente teve a paz na hora da morte, ocorrida em 1006, quando, então, edificou todos os que o assistiam.

Enterrado na catedral de São Geniez, na capela de São Miguel, muitos milagres se realizavam. Em 1127, desenterraram-no; o corpo estava perfeitamente conservado, como se êle houvesse morrido naquele instante mesmo. Em 1572, sucedeu a mesma coisa; os huguenotes tentaram, em vão, queimar-lhe o corpo. Feito em pedaços, conseguiu-se salvar apenas um dos braços, que se acha em Lodeve.

* * *

No mesmo dia, em Ravena, as santas Fosca, virgem, e Maura, sua ama, mártires, quando da perseguição de Décio, em 250.

Em Coblenz, São Castor, confessor, educado pelo bispo Maximino. Atraído pela vida solitária, retirou-se para o deserto de Cardon, nas vizinhanças de Mosela. Deus conferiu-lhe o dom dos milagres, e, na solidão a que se ateuve, faleceu em 389.

Em Rieti, Santo Estêvão, abade, homem de imensa paciência, contemporâneo de São Gregório, o Grande. Diz-se que, ao morrer Estêvão, os anjos encheram-lhe a cela, sendo vistos por todos aquêles que o assistiam à cabeceira.

Na Inglaterra, Santa Ermenilda, abadessa, viúva, filha de Ercomberto, rei de Kent, e de Sexburga. Casada com o rei de Mércia, Wulfero, Ermenilda exerceu sobre o espôso e sobre todo o país salutaríssima influência, pela doçura, conduta exemplar e caridade. Morto Wulfero, em 675, a Santa tomou o véu no convento de Sheppey, onde, mais tarde, seria abadessa. Faleceu em 700.

Na diocese de Meaux, São Gilberto, bispo e confessor, desaparecido, possivelmente, em 1015.

Na Irlanda, São Modomnoc, confessor, que, para se aperfeiçoar na ciência e na virtude, fêz-se para o País de Gales, indo viver sob a direção de Davi, o futuro bispo de Menévia. Ignora-se o ano em que faleceu (século VI).

Em Benevento, o bem-aventurado Tiago de Viterbo, bispo e confessor. Estudado na universidade de Paris, foi cognominado o Doutor Especulativo. Diz-se que foi ouvinte de São Tomás de Aquino. Sagrado pelo cardeal Thierry, bispo de Preneste, Tiago de Viterbo faleceu em 1308, depois de apenas seis anos de episcopado.

Na China, o bem-aventurado João de Triora, mártir. Desde a infância grande devoto de São Francisco de Assis, por volta de 1798, foi enviado como missionário à China, para continuar a obra começada pelos primeiros discípulos do Poverelo. Condenado a ser estrangulado, a sentença, depois de muitos tormentos infligidos a João, foi executada. Marchando para o suplício com uma alegria descomunal, confundiu os perseguidores. Morto em 1816, prodígios sem conta se realizaram à beira do túmulo. Beatificado por Leão XIII em 1900.

Em Digne, São Domnin, africano de origem, falecido em 370.

Em Turim Santa Juliana, nobre dama que recolheu os corpos dos Santos Otávio, Solutor e Adventor, mártires e padroeiros daquela cidade, enterrando-os numa capela que lhes dedicou.

Na diocese de Seez, São Passivo, bispo.

Na diocese de Milão, os Santos Haymon e Veremon, confessores, dois homens de Meda que, um dia, vendo-se sèriamente ameaçados por dois ferocíssimos javalis, quando numa caçada, fizeram voto de erigir, em Meda, um mosteiro sob a invocação de São Vítor. Viveram na prática da penitência e da oração.

Em Lião, São Juliano, mártir. — Em Todi, São Benigno, mártir. — Em Angers, São Lezin, bispo, venerável pela santidade. — Em Lião, Santo Estêvão, bispo e confessor.

* * *

14.º DIA DE FEVEREIRO

O BEM-AVENTURADO JOÃO BATISTA DA CONCEIÇÃO, DA ORDEM DOS TRINITÁRIOS

O bem-aventurado João Batista nasceu em Almodovar del Campo, perto de Calatrava, diocese de Toledo, em 10 de junho de 1561. Seu pai, Marcos Garcia, pertencia a uma das primeiras famílias do país e gozava de consideráveis bens; sua mãe, Isabela López, era notável pelas virtudes, e, sobretudo, por fervorosa piedade e ardente caridade. Os dois esposos viviam em perfeita união. Em todo o país, a reputação das suas virtudes tão bem se havia espalhado e estabelecido, que Santa Teresa os escolhera por anfitriões tôdas as vêzes em que passava por Almodovar del Campo.

Tinha João Batista sete irmãos; mas, desde a mais tenra idade, de todos se distinguia por um raciocínio precoce e uma terna piedade. Santa Teresa o notou e um dia disse à mãe, apontando-lhe o filho: aí, tendes, senhora, um filho que há de se tornar santo varão, diretor de grande número de almas e reformador de uma grande obra.

Desde os dez anos de idade, João Batista praticava tôda espécie de austeridades e procurava tomar

por modelos os padres do deserto, imitando-lhes o silêncio, os jejuns e as penitências extraordinárias. Nem as censuras do pai, nem as lágrimas da mãe, pois tanto um como o outro temiam pela saúde dêle em idade tão tenra, nem os ralhos dos irmãos e dos condiscípulos, que diziam ser exagêro e loucura aquêlo procedimento, puderam decidi-lo a aliviar as santas práticas. Trazia um cilício, empregava freqüentemente a disciplina e dormia numa prancha, de cabeça apoiada a uma pedra que lhe servia de travesseiro. Nos dias em que jejuava, o que lhe sucedia freqüentemente, comia apenas pão sêco; mais tarde, aboliu completamente o uso do vinho. Foi êsse o gênero de vida de João Batista, durante treze anos. Mas era muita coisa para a sua idade e a fraqueza daquela constituição. O estado de sofrimento em que tombou e ficou durante dois anos houvera terminado por conduzi-lo ao túmulo, se Deus não tivesse milagrosamente recompensado a sua piedade e fé mediante súbita e completa cura.

Entretanto, no meio das austeridades, não havia negligenciado a educação. Tinham sido tão rápidos os progressos realizados, que na idade de catorze anos acabara as humanidades e a filosofia, sob a direção dos Carmos descalços, aos quais fôra confiado. De lá, enviaram-no os pais à Universidade de Baeza, para que ainda mais se aperfeiçoasse no conhecimento das ciências humanas. João Batista continuou a dedicar-se ao estudo com ardor, e, tal se verificara com os primeiros mestres, brilhantes êxitos lhe coroaram os esforços. Entretanto, o jovem punha sempre, antes de tudo, o cuidado da salvação e os deveres da piedade. Não se deixou nem arrebatado pelo orgulho da ciência, nem corromper pelos contagiosos exemplos

dos discípulos. Permaneceu sempre humilde, sempre soube conservar, no meio dos perigos de toda espécie que o circundavam naquela idade de erros e paixões, a preciosa inocência, a candura da infância, o amor da prece e das santas práticas que, havia muito, lhe tinham granjeado o apelido de *santo menino*.

Findos os estudos, regressou à casa dos pais e cuidou seriamente da questão mais importante capaz de entreter um jovem, ou seja, da escolha da profissão; depois de fervorosas preces, auxiliado pelas luzes e sustentado pelo encorajamento das pessoas experimentadas cujos conselhos procurou, resolveu entrar na ordem dos trinitários. Durante o noviciado, foi tão fervoroso e regular o seu procedimento, que os superiores o citavam por modelo aos religiosos mais velhos. Ao cabo de um ano, já professo e admitido ao sacerdócio, quase foi escolhido para desempenhar as difíceis e importantes funções de pregador e diretor das almas. Em breve, todos acorreram a ouvir-lhe as palavras, e viram-se multidões de pecadores, impressionados pela unção e pela força das suas palavras, ir pedir àquele tribunal a graça de perdão e da reconciliação. Perguntou-lhe alguém, um dia, de onde tirava o assunto dos discursos, tão freqüentes e sempre tão cheios de doutrina e unção. Respondeu João Batista: o livro de onde os tiro é Jesus Cristo e a oração.

Já fazia alguns anos, a desinteligência e o espírito de discórdia, e, em consequência, o abandono, a insubordinação e outras mil desordens se haviam esgueirado na maior parte dos conventos da Trindade. Para buscar remédio a tais males, os principais membros da ordem em Castela, Aragão e Anda-

luzia, reuniram-se em 1594 e tomaram a resolução de estabelecer, em cada província da ordem, duas ou três casas nas quais se manteria rigorosamente a estrita observância da regra. Aquelas casas seriam abertas a todos os religiosos da ordem, e todos seriam obrigados a habitá-las durante algum tempo, ao cabo do qual, entretanto, lhes era concedida a faculdade de voltar ao primitivo mosteiro.

Tal melhoramento, embora insuficiente, só foi realizado muito imperfeitamente. Sòmente alguns mosteiros, entre os quais é preciso incluir, em primeiro lugar, o de Val-de-Peñas, na diocese de Toledo, foram organizados segundo a reforma. João Batista da Conceição — era o nome adotado pelo nosso santo — não podia ser dos últimos em lá chegar. Apressou-se em entrar no mosteiro que acabamos de nomear. Gozava desde então, em tôda aquela ordem, e particularmente na comunidade da qual fazia parte, da mais elevada consideração; as suas qualidades, virtudes e zêlo faziam com que o considerassem um dos mais firmes sustentáculos da fé e da pureza dos costumes. O seu exemplo produziu, pois, alguns efeitos, e religiosos das diversas partes da Espanha, atraídos pela reputação das suas virtudes, foram ter ao convento do Val-de-Peñas, cuja direção havia sido confiada a João Batista. A princípio, mostravam todos bastante fervor e zêlo no cumprimento dos deveres; mas cansavam-se, em breve, de um gênero de vida para o qual não tinham sido feitos, e, ao cabo de alguns meses, só queriam regressar para a velha comunidade, e lá reiniciar os hábitos desleixados. João, percebendo aquêle resfriamento de zêlo, e vendo, aliás, diminuir consideravelmente o número de neófitos, sentiu-se acabrunhadíssimo e resolveu

aplicar um remédio enérgico e radical à desordem que estava presenciando. Compreendeu sobretudo que, enquanto se concedesse aos religiosos a faculdade de abandonar a vida austera a que se pretendia habituá-los, para recaírem na moleza, seria impossível determiná-los a seguir, espontâneamente, uma regra que o longo hábito do desleixo lhes apresentava mais rigorosa do que era realmente.

Para executar o que meditava, pediu e obteve de Clemente VIII uma bula que o autorizava a fazer reviver a regra dos trinitários em tôda a sua primitiva austeridade. Corria o ano de 1598. Certo, assim, da benevolência da Santa Sé, e apoiado na sua autoridade, o santo varão voltou ao mosteiro do Val-de-Peñas e imediatamente pôs mãos à obra. Não tardou porém, em sentir os obstáculos que havia previsto. Os monges ergueram-se contra êle, caluniaram-no, submeteram-no, várias vêzes, a maus tratos, e conseguiram indispor contra êle a côrte da Espanha, que ergueu tôda espécie de dificuldades. Conta-se até que um dia os seus inimigos, enfurecidos pela constância do santo, mandaram que alguns celerados se introduzissem no convento, se apoderassem dêle, o amarrassem e o atirassem a um fôssô para que lá morresse. Os bandidos saquearam-lhe a casa e dela expulsaram todos os religiosos que a habitavam.

Entretanto, aquelas odiosas maquinações voltaram-se contra os inimigos. João Batista da Conceição continuou, com calma e paciência, um empreendimento favorecido por Deus, e teve a felicidade de, em pouco tempo, estabelecer em oito mosteiros a reforma posteriormente adotada em grande número de casas. Receberam os religiosos o nome de *Trini-*

tários descalços, por terem de andar de pés descalços, segundo o novo regulamento traçado pelo piedoso reformador.

João Batista da Conceição, poucos momentos antes de falecer, pareceu mergulhar em profunda meditação, e ouviram-no repetir baixinho: Ó meu Deus, sabeis que fiz tudo quanto me foi dado fazer! — Morreu em Córdova, em 14 de fevereiro de 1613. Realizaram-se vários milagres no seu túmulo, e o papa Pio VII o beatificou em 29 de abril de 1819 (1).

* * *

(1) Godescard, 14 de fevereiro.

O BEM-AVENTURADO NICOLAU PULLIA

Dominicano

O bem-aventurado Nicolau Pullia, nascido em Giovenazzo, no reino de Nápoles, em 1197, foi um menino abençoado que, desde a mais tenra idade praticou a virtude, e exerceu a mortificação numa época da vida em que mal se sabe o em que ela consiste. Seus pais, que, pela sincera piedade, uniam mais brilho ao da nobreza, deram-lhe cuidadosa educação, após haverem, com exemplos e palavras, lançado no coração do menino as profundas sementes do temor de Deus. O virtuoso jovem estudava em Bolonha, quando São Domingos surgiu naquela cidade a fim de anunciar a palavra de Deus. Desde as primeiras palavras que Nicolau ouviu, sentiu-se de tal maneira inflamado do desejo dos bens eternos, que só pensou em abraçar a vida religiosa. Foi, assim, prostrar-se sem demora aos pés do santo, que o recebeu com afeto e o admitiu entre os discípulos, dando-lhe o hábito da ordem. O novo noviço aplicou-se incansavelmente à aquisição das virtudes do estado que tinha abraçado, e os seus esforços foram coroados de tal êxito, que em breve se tornou modelo de per-

feição, admirando-se-lhe, sobremaneira, a inocência e candura que obrigavam todos a estimá-lo.

São Domingos tomou-o por companheiro e formou-o pessoalmente no mister da pregação nos seus cursos apostólicos. Após a morte do ilustre patriarca, continuou Nicolau a trabalhar para a salvação das almas, convertendo grande número delas. Os seus sermões produziram efeitos tão maravilhosos em Trani, que o arcebispo da cidade e os principais habitantes resolveram estabelecer um convento de dominicanos dos quais foi êle o fundador. Mais tarde, seus irmãos o elegeram provincial de Roma, e só tiveram motivos de alegria com a sabedoria do seu govêrno. A doçura que o caracterizava atraiu para a ordem grande número de jovens. Depois de ter, durante mais de quarenta anos, trabalhado constantemente para a glória de Deus e santificação dos fiéis, o santo religioso morreu em 11 de fevereiro de 1265, no convento de Perugia, por êle fundado, e onde lhe repousa ainda o corpo. O papa Leão XII aprovou o seu culto em 22 de março de 1828, e permitiu que a ordem de São Domingos lhe celebrasse o ofício. A festa realiza-se em 14 de fevereiro (1).

* * *

(1) Godescard, 14 de fevereiro.

SANTO AUXÊNCIO (*)

Abade e Confessor

Auxêncio nasceu na Síria, de pai persa, que deixou a terra natal em virtude da perseguição de Sapor. Em Constantinopla, o Santo, querido de Teodósio, o Jovem, estava agregado à 4.^a Companhia de Guardas. Aspirava, contudo, o santo homem, à solidão; em 442, retirou-se para o Monte Óxia, não longe da Calcedônia, onde passou a viver afastado do comércio dos homens, vestido tão-sòmente duma pele, tendo o céu por teto.

Ali, começou a ser visitado por pessoas curiosas ou piedosas. Para se livrar daquela importunidade, subiu a montanha, e, no tôpo, construiu uma cela, cuja porta, uma vez entrado, murou. Por uma pequena abertura, recebia a luz do dia e o alimento que almas caridosas lhe levavam. Orava, lia, jejuava, macerava-se.

Quando sentia que havia muita gente ao redor da cela, convidava-a a rezar com êle. Muitos milagres operou, então, naquele rude retiro alcandorado no pico do monte.

Um dia, uma rica senhora da Nicomédia, cega, foi conduzida até o alto da montanha, ao lado da cela, e gritou ao santo homem:

— Servidor do Todo-Poderoso, tem piedade de mim, cega!

Auxêncio, comovido, respondeu-lhe, pela abertura:

— Que posso eu fazer, mulher, pobre pecador como qualquer outro homem? Contudo, se tens fé em Jesus Cristo, Êle te restituirá a vista, como ao cego de nascença. Rezemos! Rezemos juntos!

Os demais rezaram com a rica mulher e o santo homem servidor de Deus. Terminadas as orações, disse êle à cega:

— Mulher, aproxima-te de mim!

E, tocando-lhe os olhos com os dedos, sentenciou:

— Que Nosso Senhor Jesus Cristo, a verdadeira luz, te livre da escuridão!

Imediatamente, a rica dama da Nicomédia recuperou a vista.

Certa vez, um dos amigos de Auxêncio, que o visitava muito freqüentemente, levou-lhe um homem, cético quanto à santidade do recluso. Tinha-o mesmo na conta de um impostor. Dizia:

— Se não é impostor, de louco não escapa!

Ora, êsse homem, depois da visita, dirigindo-se para casa, foi encontrado, a meio caminho, por criados que, aflitamente, bradavam:

— Senhor, senhor, depressa, que tua filha foi tomada do demônio!

O pobre homem, chocado, caiu em si. E, agarrando a filha, voltou a se entrevistar com Auxêncio, agora não mais incrédulo, mas dando vivas mostras do mais puro arrependimento.

— Ó Pai, chorava êle, dirigindo-se ao santo homem, perdoa a um pobre pecador, e tem pena do pai aflito!

Auxêncio, embora comovido, não deixou de o repreender, e, orando a Deus, livrou-lhe a filha do espírito impuro. E disse:

— Tu, e tôda a tua família, tereis de passar uma semana inteira em oração, e no mais rigoroso jejum.

Assim foi.

Com as exortações de Auxêncio, muita gente deixou o século, renunciando ao mundo vão. Alguns homens foram ter com êle, pedindo-lhe orientação. As mulheres que iam ouvi-lo, deixavam-no tôdas no santo afã de abraçar a vida religiosa. E Auxêncio fêz com que se lhes erigisse um mosteiro, a pouca distância da montanha.

Nos últimos dias da vida, o santo deixou a cela para ir inspecionar as novas fundações. E, em 470, falecia, depois de ter espalhado sôbre a Igreja o clarão da doutrina, da virtude e dos milagres.

* * *

No mesmo dia, em Carres, na Mesopotâmia, Santo Abraão, bispo e confessor, nascido na diocese de Cyr, na Síria. Tendo passado a primeira parte da vida no deserto de Calcídia, deixou-o, e, em companhia dalguns solitários, foi pregar o Evangelho numa cidadezinha do Líbano. Querido por todos, foi feito bispo de Carres. Tido em alta estima por Teodósio II, faleceu em 422.

Na Síria, São Maron, solitário e confessor, falecido em 423.

Em Nápoles, São Nostriano, bispo, célebre defensor da fé católica contra as perversidades heréticas. Notável pela santidade e virtudes apostólicas, gover-

nou a Igreja de Nápoles durante dezessete anos, falecendo com a reputação de santo.

Em Sorrento, Santo Antonino, abade e confessor, que, após a devastação do mosteiro do Monte Cassino, onde professava, se retirou, afastando-se dos lombardos ameaçadores, para a solidão, num ermo perto daquela cidade. Faleceu em 830, como abade de Santo Agripino. Enterrado, consoante desejava, junto à muralha da cidade, sôbre o túmulo lhe construíram uma capela, mais tarde ampliada para igreja, que ficou confiada aos teatinos.

Em Espoleto, a bem-aventurada Cristina Visconti, virgem. Aos dez anos, quando soube que o pai lhe contratara o casamento, deixou o lar e, com uma companheira, foi viver num deserto, onde viviam de ervas e raízes. Com vinte anos, visitou Roma, depois Assis, acabando por se fixar num hospital da terra em que nascera, para servir os pobres e os doentes. Viveu na contemplação dos mistérios de Jesus Cristo, falecendo seráficamente em 1458.

Em Ravena, Santo Eleucádio, bispo e confessor. Grego de origem, educado na filosofia platônica, foi convertido ao cristianismo por Santo Apolinário de Ravena. Sucessor de Aderito, faleceu em 112.

Em Roma, São Valentim, padre e mártir, quando do imperador Cláudio. Decapitado por perseverar na fé católica, foi enterrado no lugar mesmo em que foi supliciado, por Sabinila, piedosa matrona de Roma. — Os santos Vital, Felículo, Zeno, mártires.

Em Terni, outro São Valentim, êste bispo, mártir também, como o de Roma. Célebre pelos milagres e pela virtude, depois duma longa flagelação, por ser constante na fé, foi morto por ordem de Plácido, prefeito da cidade, em 273.

Festa de São Conran, bispo e confessor, célebre em razão da austeridade de vida, zêlo e eminente santidade. Filho de nobre família escocesa, faleceu em 640.

Em Roma, São Cirilo, bispo e confessor.

Em Poitiers, São Leônio, confessor, discípulo de Santo Hilário, grande combatente do arianismo.

Em Avelino, São Modestino, bispo e mártir, nos tempos do imperador Diocleciano.

Na diocese de Puy, São Pauliano, bispo, primeiro do Velay.

Na diocese de Autun, São Ranoberto, bispo e confessor, que foi o primeiro bispo de origem franca.

Em Tours, São Lupânio, confessor.

Em Vaison, São Teodósio, bispo, desaparecido em 554.

Em Terni, os santos Próculo, Efebo e Apolônio, mártires que, tendo sido presos por ordem do cônsul Leônio, e estando a orar durante a noite ao lado do corpo de São Valentim, pereceram sob o gládio. — Em Alexandria, os santos mártires Basso, Antônio e Protólico, atirados ao mar. — Ademais, os santos mártires Cirião, sacerdote, Bassiano, leitor, Agatão, exorcista, e Moisés, os quais, após padecerem o suplício do fogo, subiram aos céus. — No mesmo lugar, os santos Dionísio e Amônio, decapitados por confessarem a sua fé.

* * *

15.º DIA DE FEVEREIRO

SANTO SIGFRIDO

Apóstolo da Suécia

No comêço do século onze, Santo Olaus, rei da Noruega, desposou a filha de outro Olaus, rei da Suécia, e tal aliança serviu para despertar o cristianismo neste último país, do qual como que desaparecera após a missão de Santo Anscário. O rei santo Olaus da Noruega mandou vir da Inglaterra uma nova colônia de missionários, cujo chefe era São Sigfrido, parente próximo do rei inglês, e mandou-a para o reino de Olaus da Suécia, seu sogro. Sigfrido, mal chegou ao destino, teve a felicidade de batizar o rei e grande parte da nação. Pregou, a princípio, em Wexiow, na Gótiã meridional, onde estabeleceu uma sede episcopal, de acôrdo com o arcebispo de Hamburgo, legado apostólico para o país do norte; em seguida, percorreu várias outras províncias que conquistou para Jesus Cristo. Nunca houve missionário que se mostrasse mais fiel imitador dos apóstolos. Tinha tamanha caridade e tamanho desinterêsse que provocava a admiração dos próprios pagãos. Eis um exemplo. Três dos seus sobrinhos, por êle deixados em Wexiow, enquanto o tio anunciava o Evan-

gelho nas demais províncias, foram desumanamente assassinados pelos idólatras. O rei, indignado com tão negra ação, capaz de acarretar perigosíssimas conseqüências, no caso de não ser punida, resolveu condenar os assassinos à morte. O santo, informado do que se passava, intercedeu por êles, e fê-lo com tal zêlo, que obteve o que desejava: a vida dos assassinos. No entanto, condenou-os o príncipe a uma forte multa em proveito de Sigfrido; mas não foi possível determinar êste último a receber fôsse o que fôsse, apesar de extremamente pobre e de ter grande necessidade de dinheiro para garantir a fundação da nova igreja. Viveu Sigfrido até a época em que escrevia Adão de Bremen, e morreu por volta de 1030. Foi sepultado na catedral de Wexiow, onde o seu túmulo se tornou célebre por grande número de milagres. O papa Adriano IV, que também trabalhara zelosamente para a conversão da Noruega e de vários outros países do norte, o canonizou por volta do ano de 1158. Os suecos honraram São Sigfrido como seu apóstolo, enquanto perseveraram na fé que lhes fôra pregada, isto è, enquanto se mantiveram católicos (1).

* * *

(1) Godescard. Et Acta SS., 15 de fevereiro.

O BEM-AVENTURADO JORDÃO DE SAXE

Segundo superior geral dos dominicanos

Na festa de Pentecostes do ano de 1222, realizaram os irmãos Pregadores, em Paris, o seu terceiro capítulo geral. Para preencherem o lugar vago com a morte de São Domingos, elegeram mestre geral da ordem o bem-aventurado Jordão de Saxe, apesar de só haver entrado para ela dois anos e meio antes. Zelou bastante pelo crescimento da ordem, dedicando-se inteiramente a atrair novos devotos. Foi por isso que quase sempre ficava nos lugares em que se encontravam as escolas mais famosas, e passava ordinariamente a quaresma, uma vez em Paris, outra em Bolonha. Eram como dois seminários de onde enviava religiosos às diversas províncias; e quando chegava àquelas duas casas, mandava fazer grande número de túnicas, certo de que Deus enviaria irmãos. Muitas vêzes eram tantos os que apareciam, que as túnicas não bastavam. Frequentemente empenhou a própria bíblia para pagar as dívidas dos estudantes que entravam na ordem. Possuíam tamanha força e graça as suas palavras, que os estudantes não se cansavam de ouvi-las, quer nos sermões, quer nas conferências espirituais. Era por isso que, quando

se encontrava em Paris, era sempre êle que pregava aos irmãos, e quando outro pregava, e os estudantes sabiam que Jordão lá se achava, demoravam em retirar-se, à espera de que êle também dissesse alguma coisa, depois dos outros (1).

Atraiu, dessarte, João à ordem vários homens ilustres pela nobreza e pelas dignidades, vários abastados beneficiários, diversos doutôres de diversas faculdades, e um sem-número de jovens estudantes cuidadosamente educados. Eram sinceras aquelas conversões, e os novos religiosos envidavam todos os esforços para atingirem uma perfeita pureza de coração. Confessavam-se exatamente e investigavam todos os recantos da consciência, a fim de expiarem até as menores faltas. Alguns se confessavam todos os dias e até três vêzes, de manhã, ao meio-dia, de tarde, enfim tôdas as vêzes em que a consciência lhes censurava alguma coisa. Sempre atentos contra as tentações e alarmados contra os menores movimentos de sensualidade, julgavam ignominioso prestar-lhes ouvidos por menos que fôsse. Entre êles, não se tratava dos assuntos que os tinham ocupado, nem dos prazeres experimentados no mundo. Cuidavam exclusivamente de chorar os pecados cometidos, submeter o corpo ao espírito e unir-se apenas a Deus, e quando consideravam a pureza e magnificência da sua instituição, o que lastimavam era havê-la abraçado tão tarde.

Cuidava-se bástante da instrução dos noviços e da conservação da sua saúde. Era tal o zêlo empregado, que se tornava necessário moderá-lo. Em vez

(1) Vida do B. Jordão. Acta SS., 13 fev.

de despertá-los para o ofício, mister se fazia procurá-los, ao cair da noite, nos diversos cantos em que oravam, a fim de obrigá-los ao repouso noturno. Era exato o silêncio observado a tôda hora; após as completas, submetiam-se à disciplina; depois das matinas, a maioria dêles passava o resto da noite na oração. Embora fôsse frugalíssima a mesa, alguns acrescentavam abstinências particulares, como por exemplo ficarem oito dias sem beber, ou derramarem água fria nas porções recebidas; vários, debaixo do hábito, traziam cilícios ou cintos de ferro. Apressavam-se, com maravilhosa caridade, a prestar um ao outro tôda espécie de serviços. Era tal a sua pureza, que um só dos seus sacerdotes testemunhava ter ouvido em pouco tempo a confissão geral de cem irmãos, os quais tinham conservado a virgindade. Mantinham, ademais, especial devoção pela santa Virgem.

Consideravam a pregação, em prol da saúde da alma, a coisa essencial da instituição, e alguns chegavam a tal ponto, em matéria de zêlo, que só comiam se tivessem anunciado a palavra de Deus pelo menos a uma pessoa. As pregações eram simples, mas fervorosas; e Deus supria a falta de conhecimento dêles, tornando-lhes as palavras eficazes, mediante o grande número de conversões. Quando iam pregar, levavam apenas o evangelho de São Mateus e as sete epístolas canônicas, em conformidade com o que fôra ordenado por São Domingos. Quando, num capítulo geral, se propunha enviar alguns irmãos além-mar ou entre os bárbaros, sempre havia grande número que, prosternado e debulhado em lágrimas, se oferecia para as missões, desejoso de salvar almas e padecer o martírio. É assim que Thierry d'Apolda

fala dos primeiros irmãos Pregadores na sua *Vida de São Domingos* (1).

Tiago de Vitri diz a mesma coisa sob o nome de cônegos de Bolonha. "Libertaram-se de qualquer interêsse pelos bens temporais, e de esmolas só recebem as necessárias, todo dia, para uma vida frugal. Comem carne três vêzes por semana, quando lha servem, comendo em refeitório, dormindo juntos, e entoando o ofício canônico na Igreja. Pertencem ao número dos estudantes de Bolonha; um dêles explica sempre um dos passos das Sagradas Escrituras, e todos pregam, nos dias de festa, pela autoridade do papa, unindo à pregação a vida canônica. Zelum bastante pela salvação das almas, e a santa congregação cresce de dia para dia (2)".

* * *

(1) Thierry d'Apolda, l. VI, c. II-VII.

(2) Tiag. Vitri. Hist. Occid., c. XXVII.

SÃO SEVERO (*)

Confessor

De São Severo, dos Abruzos, humilde e caridoso padre, conta-se uma história deveras curiosa.

Um dia, distraía-se êle a tratar duma pequena cultura, podando uma parreira, quando um homem lhe apareceu, aflito, a dizer:

— Há um doente, muito mal, que necessita de teus préstimos, padre.

Severo deixou o trabalho e olhou o recém-chegado.

— Onde mora o doente? perguntou-lhe.

— Logo ali, na virada da estrada, naquela casa branca ao pé da fonte.

— Ah, sim, fêz Severo, está muito bem. Podes ir que lá estarei num instante.

— Não te demoras, padre?

— Não.

— Por favor, que o doente está muito mal!

— Já irei.

O homem agradeceu e se foi. E Severo, cuja poda da parreira estava quase terminada, resolveu completá-la antes de ir ver quem lhe solicitava os préstimos.

Quando findava o trabalho, o mesmo homem que, fazia pouco, ali estivera, apareceu-lhe por segunda vez. E, muito consternado, disse ao Santo que o doente acabava de morrer.

— Morreu? perguntou Severo. Morreu?

— Sim, respondeu o outro, e sem o socorro da religião!

São Severo, abatidíssimo, pôs-se a tremer terrivelmente, e a chorar, enquanto se recriminava por não se ter abalado imediatamente. Como que impedido por uma estranha força, correu ao pé do cadáver. Entrou-lhe pela casa, e, caindo de joelhos à cabeceira do morto, começou a chorar como criança desamparada, e a rezar, a rezar sem fim.

Eis senão quando, o defunto abriu os olhos, mexeu-se na cama, e sentou-se, com um longo suspiro.

Era um milagre! O morto, que tornava à vida, contou-lhe que já o levava o demônio para o inferno, quando um jovem, todo de branco e de surpreendente beleza, o arrebatou do diabo, que fugiu espavorido. E concluiu:

— Disse-me, então, o formoso moço: "Volta, que o padre Severo, desoladíssimo, está banhado em lágrimas. Vai, que assim quer o Senhor".

Severo, aturdido e maravilhado a um só tempo, dando graças a Deus, ouviu-o em confissão. Oito dias depois, partia aquela alma para o Senhor.

Depois duma vida santa, tôda de humildade e piedade, São Severo deixou o mundo em 530.

* * *

SANTA GEÓRGIA (*)

Virgem

Santa Geórgia viveu em Clermont, retirada do mundo, num campo não muito afastado de Auvergne. Ali fôra movida pelo desejo de mais calma e livremente servir o Senhor. E jejuava e orava.

Santa Geórgia era doce e contemplativa, austera e severa consigo mesma. São Gregório de Tours (1) deixou-nos dela o seguinte. Quando faleceu, em paz com Deus, uma revoada muito alegre de brancas pombinhas seguiu-lhe o féretro. Voando tôdas muito unidas, por todo o caminho lhe ficaram sôbre o ataúde. O povo, maravilhado, não cessava de olhar para o alto, certo de que, sob a forma das lindas aves brancas, se escondiam anjos do céu, que vinham acompanhar o entêrro.

Quando o corpo da santa virgem entrou na igreja, as pombas, imediatamente, pousaram sôbre o telhado, e lá ficaram até que, encomendado a Deus, o corpo deixou o templo. Então, levantando vôo, novamente passaram a voejar sôbre o caixão, acompanhando-o até o lugar onde ia ser enterrada aquela querida de Deus.

(1) S. Greg. Tours, De Gloria Confessorum — c. XXXIV.

Cumprido o último dever cristão, sempre unidas, as alvas pombinhas, numa vertiginosa subida, ganharam altura, e subiram, subiram, desaparecendo no calmo azul do alto. Era um lindo, tranqüilo dia, aquêle, e os anjos, depois de honrarem o ser que se ia da terra, tão semelhante a êles na pureza, tornaram ao céu, donde haviam vindo em bando, naquele ano de 500 de Nosso Senhor Jesus Cristo.

* * *

No mesmo dia, em Brescia, os santos Faustino e Jovita, irmãos, que, sob o imperador Adriano, depois de numerosíssimos sofrimentos gloriosamente sustentados pela fé cristã, conquistaram a coroa do martírio. Expostos a animais selvagens, foram levados de Brescia a Milão, depois de Milão a Roma. Passaram pelo cavalete, pelo suplício do fogo, pelos respingos de chumbo derretido e, afinal, de volta a Brescia, foram decapitados no ano de 120.

Em Vaison, nas Gálias, São Cinídio, bispo natural da Provença, de Vaison. Modesto, angélico e casto, assistiu ao quarto concílio de Paris, em 573, falecendo cinco anos depois. Muito presenteado pelo conde de Auxerre, distribuía tudo, invariavelmente, aos pobres do seu rebanho.

Na Irlanda, São Beraco ou Barráquio, abade e confessor, aos sete anos de idade confiado ao bispo Daglus, que dirigia uma escola de meninos em Iniscavim. Mais tarde, sob a direção de São Kevin, fixou-se em Glendalough, donde, a mandado dum anjo, tempos depois, deixava o diretor espiritual para ir ao lugar que futuramente se denominaria Kilbarry. Ali surgiu Kilbarrach, ou igreja de Barráquio, funda-

ção que teve o Santo como abade. Barráquio, em 600, falecia em odor de santidade.

Na Toscana, São Walfrido ou Walfredo, abade e confessor, originário de Pisa. Casado, deu-lhe o Senhor cinco filhos, que teve a felicidade de ver no caminho da virtude. De acôrdo com a espôsa, mulher pia, reta e virtuosa, levaram vida monástica. O Santo, com alguns companheiros, fundou o mosteiro de Palaciola, falecendo em 765, quando, então, numerosos milagres lhe ilustraram o último repouso.

Em Antioquia da Síria, Santo Eusébio, anacoreta e confessor no V século. Construindo tosquíssima cabana, que se dependurava do monte chamado Asquia, vestido tão-sòmente duma pele, viveu exposto ao sol e à chuva, ao calor e ao frio, usando, assim, raríssimas vêzes, a rude choça. Procurado pelos homens, simples curiosos, ou ferventes compenetrados, ali viveu êle por noventa anos.

Em Roma, São Fausto, confessor. Confiado a São Bento e educado em Monte Cassino, estêve na Gália sob a direção de São Mauro. Faleceu em Roma, perto do mosteiro de Latrão, quem alguns em 607, outros em 620.

Em Gand, São Colombano, recluso e confessor, desaparecido em 959.

Na Suécia e na Noruega, os santos Henrique e Alfardo, mártires. O primeiro, decapitado quando pregava na Suécia as verdades da fé, e o segundo, na Noruega, trucidado pelos bárbaros, deixaram o mundo no mesmo dia 15 de fevereiro, em 1055.

Em Piemonte, Santo Euseu, confessor do XVI século, originário de Sevraval, que levou vida de ermitão no lugar onde mais tarde se ergueu uma igreja

em sua honra. Ganhando a vida como sapateiro, é padroeiro dos que se dão a tal ofício.

Em São Papoul, o bem-aventurado Guilherme de Cardaillac, bispo e confessor, filho do senhor da Capela Marival, Geraldo de Cardaillac. Faleceu em 1347.

Em Roma, São Cratão, mártir, que, tendo sido batizado pelo bem-aventurado bispo São Valentim, com sua mulher e tôda a família, foi logo depois martirizado com êles. — Em Terni, Santa Âgape, virgem e mártir. — No mesmo dia, festa dos santos mártires Saturnino, Cástulo, Magno e Lúcio. — Em Cápua, São Decoroso, bispo e confessor. — Em Antioquia, São José, diácono.

★ ★ ★

16.º DIA DE FEVEREIRO

SÃO GREGÓRIO X

Papa

Tebaldo ou Teobaldo, mais tarde Gregório X, nasceu em Placência, da nobre família dos Viscontis. Notou-se nêle, logo de início, uma virtude pouquíssimo comum e extraordinária aplicação ao estudo; adquiriu sobretudo perfeito conhecimento do direito canônico. Tendo ouvido falar da santidade de Tiago de Pecorária, cardeal bispo de Preneste, foi visitá-lo e humildemente se dispôs a servi-lo. Maior foi a sua alegria, pelo fato de o cardeal lhe parecer mais santo ainda do que o dizia a fama. Seguiu-o na legação da França, em 1239, sob o papa Gregório IX. Foi lá, sucessivamente, cônego de Lião e arqui-diácono de Liège. Recusou o bispado de Placência, oferecido pelo papa Inocência IV. Voltava de Roma, quando o arcebispo de Lião, Filipe, lhe rogou permanecesse em sua companhia, durante o concílio geral, a fim de lhe ensinar de que maneira haver-se com respeito ao papa e aos cardeais. O piedoso arqui-diácono de Liège passava uma parte do tempo na universidade de Paris, para se aperfeiçoar nas ciências que convinham ao seu estado. O santo rei Luís dedicava-lhe

tão grande afeto e veneração, que muitos se admiravam de tão excelente soberano honrar daquela maneira um eclesiástico que não ocupava, afinal, tão elevada dignidade. Mas o santo rei bem sabia o que fazia. Aprendera d'ele e vira com os seus próprios olhos coisas tão maravilhosas, que o considerava um templo de Deus e um santuário do Espírito Santo. O cardeal legado Ottobono, indo à Inglaterra para restabelecer a paz entre o rei e os barões, levou em sua companhia o arqui-diácono Teobaldo, em virtude do seu grande amor à paz e da especial graça de que dispunha para a ela conduzir os outros.

São Luís e os barões da França uniram-se pela segunda vez em cruzada, e o piedoso Teobaldo considerou uma vergonha para os clérigos e os prelados não seguir o exemplo dos leigos. Tomou, portanto, a cruz, com bastante devoção, e rumou para a Palestina. O príncipe Eduardo da Inglaterra e sua irmã Beatriz, condessa da Bretanha, receberam-no com júbilo. De fato, não foi inútil a sua presença, pois reanimou os pusilânimes, dissipou divergências, e confirmou grande número na santa resolução (1).

Corria o ano de 1271. De súbito, soube-se na Palestina que o santo arqui-diácono de Liège fôra eleito papa. Havia quase três anos que o trono apostólico se achava vago, não tendo podido concordar os cardeais reunidos em Viterbo sôbre a escolha de um pontífice. Cansados, afinal, de nada lograrem, recorreram a um compromisso, e os seis cardeais, a quem os outros tinham confiado os seus poderes,

(1) Vita Gregor. X. Apud Muratori. Scriptor. rer. Italic.,

elegeram unânimemente o nosso santo em 1.º de setembro de 1271. O novo papa recebeu o ato da sua eleição em Tolemaida ou São João de Acre, aquiesceu à escolha em 27 de outubro, e assumiu o nome de Gregório X. A nova da sua eleição provocou grande alegria nos cristãos da Terra Santa; esperavam que lhes enviasse importante auxílio. E ele próprio, num sermão proferido no instante de partir, exclamou com o salmista: Se eu te esquecer, Jerusalém, seja a minha mão direita posta no esquecimento! Que a minha língua fique prêsa ao paladar, se eu te não mantiver na lembrança, se eu não puser Jerusalém no comêço de tôdas as minhas alegrias (1).

Um fato dos mais interessantes, porém ignorado ou negligenciado pelos historiadores modernos é que a primeira coisa que o novo papa, São Gregório X, fêz, foi responder, na sua qualidade de chefe da Igreja católica, e enviar nuncios ao grande cã dos târtaros, ao imperador da China, Cublai ou Chi-Tsu. O poderoso monarca, a conselho dos seus príncipes, mandou ao papa os dois irmãos venezianos Polo, com um senhor do império chinês, chamado Gogak. Os três embaixadores deviam pedir ao pontífice romano cem varões sábios e bem instruídos na lei cristã, capazes de provar que a fé dos cristãos era de preferir às demais seitas, que era o caminho único da salvação, e que os deuses dos târtaros não passavam de demônios os quais se impunham aos orientais. Tendo o imperador ouvido falar bastante da fé católica, mas notando com que temeridade os sábios da Tartária e da China sustentavam a sua crença, não sabia para que lado inclinar-se, nem tampouco que

(1) Salm. 136.

caminho seguir. Rogou, ademais, aos embaixadores que lhe levassem um pouco de azeite da lâmpada que ardia em Jerusalém diante do Senhor, persuadido de que lhe seria bastante útil, se Cristo era o Salvador do mundo.

Após três anos de viagem, enquanto o senhor tártaro ficava pela estrada, por enfermidade, os outros dois embaixadores chegaram a São João de Acre. Tendo lá sabido da morte do papa Clemente IV, dirigiram-se ao arqui-diácono Tebaldo, o qual exercia as funções de internúncio apostólico na Palestina. Aconselhou-lhes êste que esperassem a eleição de um novo papa. No intervalo, rumaram os dois para Veneza, sua pátria, e, depois de dois anos de espera, voltaram a São João de Acre, com o filho de um dêles, o famoso Marco Polo, que escreveu a história da viagem. O núncio Tebaldo deu-lhes cartas com uma exposição da fé cristã. Mal se haviam pôsto a caminho, o arqui-diácono Tebaldo, que se havia tornado papa, com o nome de Gregório X, os chamou de volta, deu-lhes outras cartas para o supremo imperador dos tártaros, e, por companheiros, dois irmãos pregadores, Nicolau e Guilherme de Tripoli, destinados a iluminar os tártaros com a verdade do Evangelho. Foram acolhidos com extrema benevolência pelo imperador dos tártaros e da China. Apresentaram-lhe as cartas do novo papa, bem como o azeite da lâmpada do Santo Sepulcro, que o imperador mandou colocar em lugar de honra. É o que testemunha Marco Polo, o qual se achava presente (1).

(1) Marco Polo, l. I, c. IV. Apud Raynald., 1271, n. 20.

São Gregório X embarcou em pleno inverno, em Tolemaida. O príncipe Eduardo da Inglaterra proporcionou-lhe abundantemente tudo quanto era mister. O imperador grego, Miguel Paleólogo, queixava-se amigavelmente, de êle não ter passado por Constantinopla, onde houvera sido acolhido com a maior pompa e o maior júbilo (1). Finalmente, chegou ao pôrto de Brindes, em 1.º de janeiro de 1272. O fato provocou grande alegria em tôda a Itália e em tôda a cristandade. Em Benevento, o Rei Carlos da Sicília rumou ao seu encontro, acompanhou-o pelo reino todo e serviu-lhe de escudeiro. Em Ceperano, o santo encontrou-se com vários cardeais, com êles entrou em Viterbo, em 10 de fevereiro, vestiu o manto papal, e tomou solenemente o nome de Gregório, tanto pela sua devoção por São Gregório Magno, como pela festa que se aproximava (2).

Estava ainda nas terras do rei da Sicília, quando recebeu uma delegação dos maiores de Roma, os quais lhe suplicavam para lá fôsse. Gregório, porém, considerou que em Roma talvez se lhe deparassem assuntos capazes de o desviarem do da Terra Santa, ao qual pretendia dispensar os maiores cuidados. Rumou, portanto, para Viterbo, onde residiam os cardeais e a côrte de Roma. Lá, sem repousar após tão longa jornada, e fechando a porta aos demais assuntos, cuidou unicamente, durante oito dias, dos auxílios à Terra Santa, que deixara reduzida aos extremos. Fêz com que Pisa, Gênova, Marselha e Veneza se compromettessem em fornecer, cada uma, três galeras armadas, ou seja doze no total: e, para

(1) Apud Greg. X, l. I, epist. 37.

(2) Vita Greg. X. Apud Muratori, T. III.

cobrir as despesas da guerra, ordenou se recorresse aos legados para tal efeito, consideráveis. O cardeal Raul, bispo de Albano, morto diante de Túnis, deixara mil onças de ouro; Ricardo, eleito rei dos romanos, deixara oito mil. A onça de ouro vale aproximadamente cinquenta francos. O rei Ricardo morrera no ano precedente, no segundo dia de abril (1).

O santo papa Gregório mandou para a França o arcebispo de Corinto, com uma carta dirigida ao rei Filipe, onde fala com efusão de São Luís, por êle amado de todo o coração: relembra ao filho o zêlo do pai pela libertação da Terra Santa e acrescenta: quando lá estávamos, conferimos com os chefes do exército cristão, com os templários, os hospitalários e os grandes do país, sôbre os meios de se impedir a ruína total. Discutimos também, mais tarde, com os nossos irmãos cardeais, e verificamos que é preciso mandar para lá agora certa quantidade de tropas e galeras, à espera de auxílio maior que, segundo cremos, poderemos proporcionar, mediante um concílio geral. A carta é de 4 de março de 1272.

São Gregório X foi sagrado em Roma, na Basílica de São Pedro, em 27 de março, terceiro domingo de quaresma, naquele ano de 1272. Foi reconduzido com pompa ao palácio de Latrão; o rei Carlos da Sicília ia à direita dêle, desempenhando as funções de escudeiro; no banquete que se realizou, depois, o mesmo príncipe quis servir o primeiro prato ao papa. No fim da solenidade, o rei prestou ao papa a homenagem e o juramento de fidelidade, que

(1) Raynald, 1272, n. 2.

lhe devia, pelo reino da Sicília (1). São as palavras do biógrafo contemporâneo de Gregório X.

Dois dias depois, mandou o papa fôsse expedida uma carta circular a todos os bispos, para lhes comunicar a sua ordenação, segundo o costume. A carta foi seguida, de perto, de outra, igualmente dirigida aos bispos, para a convocação de um concílio geral. O santo papa aponta principalmente três causas: o cisma dos gregos, o mau estado da Terra Santa, de que era testemunha ocular, os vícios e erros que se multiplicavam na Igreja. Desejando, pois, remediar tantos males por meio de um conselho comum, diz êle, pedimos-vos que vos encontreis em 1.º de maio do ano 1274 no lugar que vos indicaremos no devido tempo. Queremos que em cada província fiquem um ou dois bispos para o desempenho das funções episcopais, e que os que ficarem enviem legados ao concílio, bem como aos capítulos, quer das catedrais quer das colegiais. Entretanto, examinareis e direis, por escrito, o que precisa de ser corrigido, para o trazerdes ao concílio. A bula é do último dia de março de 1272 (2).

Para cuidar do espiritual na Terra Santa, deu o papa Gregório o título de patriarca de Jerusalém ao irmão Tomás de Leontino, na Sicília, dominicano, anteriormente bispo de Belém. Nomeou-o, também, seu legado na Armênia, em Chipre, no principado de Antioquia, nas ilhas vizinhas e em tôda a costa do Oriente; recomendou-lhe, sobretudo, que tratasse da conversão dos costumes dos cristãos latinos de tais províncias. Eis como lhe fala numa das suas

(1) Vita Greg. X. apud Muratori, t. 3, p. 602.

(2) Raynald, 1272, n. 9, etc.

cartas: sabeis pessoalmente que crimes enormes lá se cometem, e sabeis que os infelizes escravos da volúpia, entregando-se aos impulsos da carne, atraíram a cólera de Deus sobre Antioquia e muitos outros lugares destruídos pelo inimigo. É de espantar que nossos irmãos fiquem tão pouco impressionados com tais exemplos, que continuem nas mesmas desordens, sem nenhum arrependimento, até que pereçam. Assim fala o santo papa Gregório X.

À espera do concílio geral que se realizaria em Lião, o papa Gregório esforçava-se por pacificar as cidades da Itália. A sua santa vida muito bem indicada estava para conciliar os corações. Todos os dias lavava os pés de vários pobres, com uma humildade que fazia os presentes chorar. Dispunha de funcionários que iam descobrir os infelizes e distribuir-lhes esmolas. O papa comia apenas uma vez por dia, unicamente para sustentar a fraqueza do corpo, e não por prazer. À mesa, de tal modo se absorvia na leitura que, ao levantar-se, não sabia dizer o que tinha comido. O tempo livre consagrava-o à prece e à contemplação. Vivia ainda, e naravam dêle êste milagre: Estando em Lião, durante uma inundação do Saona, viu da janela uma pobre mulher tombar no rio e mergulhar, enquanto alguns homens que tratavam de socorrê-la voltavam, desesperançados. Desde o primeiro instante, rogara o santo pontífice à misericórdia divina, que sustentou São Pedro sobre as ondas, e por três vêzes salvou São Paulo do naufrágio, estendesse a mão à desgraçada criatura, livrando-a daquela horrível morte. Imediatamente reapareceu a mulher sobre as águas; os marinheiros, surpreendidos, não tardaram em colocá-la no barco. O papa mandou que um dos

seus camaristas fôsse interrogar a mulher, a qual lhe narrou que fôra salva por venerável personagem a quem não conhecia (1).

A tão terna caridade pelos pobres, unia Gregório X uma invencível firmeza para com os grandes culpados. O rei Eduardo da Inglaterra pedira-lhe justiça pelo assassinio cometido na pessoa de Henrique da Alemanha, seu primo, por Gui de Montfort. Eis como o santo papa presta contas, em 29 de novembro de 1273, do que se havia passado. "Quando chegamos a Florença, Gui de Montfort nos enviou sua mulher e várias outras pessoas pedindo permissão para vir à nossa presença, assegurando estar pronto para obedecer às nossas ordens. Quisemos, todavia, tomar tempo, para experimentarmos a sinceridade do seu arrependimento. Ao sairmos de Florença, a umas duas milhas, apresentou-se a nós, acompanhado de outras pessoas, todos de pés descalços, de túnica, corda ao pescoço, prosternados e debulhados em lágrimas. Tendo alguns do nosso séquito parado diante do espetáculo, exclamou Gui de Montfort que se submetia, sem reservas, às nossas ordens, e pediu fôsse encerrado no lugar que mais nos conviesse, contanto que obtivesse a absolvição. Não quisemos ouvi-lo, então; não lhe demos resposta; pelo contrário, dirigimos uma censura aos que o acompanhavam, por perderem o tempo. Em seguida, porém, a conselho de nossos irmãos, mandamos que dois cardeais-diáconos, residentes em Roma, lhe destinassem numa fortaleza qualquer da Igreja romana um lugar, e que o submetessem à vigilância durante a nossa ausência, por ordem do rei Carlos da Sicília."

(1) Vita Greg. X. Apud Muratori, t. 3, p. 604 e 605.

Gui de Montfort submeteu-se a tôdas as ordens do papa que, no ano seguinte, mitigou a severidade, permitindo ao patriarca de Aquilêia o devolvesse à comunidade dos fiéis, sem prejuízo, no entanto, do resto da pena (1).

São Gregório X chegou a Lião, e o rei Filipe da França foi visitá-lo, deixando-lhe por guarda uma tropa escolhida de gente de guerra, comandada por Imberto de Beaujeu, seu parente. O monarca cedera ao papa o Contat Venaissin, que fôra deixado à Santa Sé, sob o pontificado de Gregório IX, e que, não obstante, Afonso, conde de Toulouse, de quem o rei Filipe acabava de herdar, retivera até aquêlo momento (2).

Entretanto, os prelados e os embaixadores chegavam de tôda parte a Lião, para o concílio. Contavam-se quinhentos bispos, setenta abades, e outros mil prelados. Entre os cardeais, distinguiam-se São Boaventura, bispo de Albano, e Pedro de Tarentásio, bispo de Óstia, mais tarde papa sob o nome de Inocência V. São Tomás de Aquino recebera do papa ordem de para lá rumar, mas faleceu em caminho. O concílio, segundo de Lião, abriu-se em 2 de maio de 1274, após um jejum de três dias. Em 24, chegaram os embaixadores do imperador grego Miguel Paleólogo, para tratarem da reunião dos gregos cismáticos com a Igreja romana, o que se verificou no dia de São Pedro e São Paulo, 29 de junho.

Em 4 de julho, houve um espetáculo mais assombroso ainda, o dos tártaros que iam ao concílio. Eram dezesseis embaixadores do cã Abaga, bisneto de

(1) Raynald, 1273 n. 41-43.

(2) Nangis in Philipp. Raynald, 1273, n.º 51.

Gengiscã. O papa santo Gregório X, para honrá-los, mandou que os dignitários dos cardeais e dos preladados caminhassem na frente deles. Foram conduzidos ao aposento do papa, no qual se encontravam os cardeais, para a discussão dos assuntos do concílio. A embaixada só tinha por objetivo um tratado de aliança com os cristãos contra os muçulmanos. Após o concílio, em que foi lida a carta do cã, na quarta sessão, respondeu o papa ao príncipe que mandaria legados à Tartária, para discutir não somente as propostas apresentadas, senão também outros assuntos que diziam respeito à salvação do cã. Um dos embaixadores tártaros recebeu o batismo no concílio. São Gregório X publicou várias constituições importantes, que fazem parte do direito canônico. Um artigo proíbe que o bispo nomeado de uma diocese se imiscua na administração dela antes de ser a nomeação confirmada pela Santa Sé. Em 17 de julho, o santo pontífice terminou o concílio, abençoando todos os presentes. Despediu os embaixadores tártaros, com missivas destinadas ao cã com a maneira honrosa e cordial pela qual tinham sido recebidos. Despediu, igualmente, os embaixadores tártaros, com missivas destinadas ao cã Abaga. Dirigiu cartas e admoestações aos reis cristãos da Europa, a fim de os obrigar a governar cristãmente os povos. Em Lausanne, manteve uma entrevista com o novo rei dos romanos, Rodolfo de Habsburgo, que lhe prestou juramento como defensor da Igreja romana e futuro imperador.

Voltava assim o Santo papa para Roma, fazendo o bem por tôda parte, quando caiu doente em Arezzo, na Toscana e faleceu em 10 de janeiro de 1276, após haver dirigido a Igreja durante três anos, nove meses

e quinze dias. Morreu como vivera, santamente. Quando sentiu aproximar-se a derradeira hora, pediu o crucifixo, beijou devotadamente os pés do Salvador, regando-os de lágrimas, dirigiu a saudação angélica à santa Virgem, recomendou a alma a Deus, e entregou tão tranqüilamente o espírito, que parecia estar imerso em suave sono (1). A sua festa foi marcada em 16 de fevereiro, no martirologio romano de Bento XIV.

Todos os historiadores falam de Gregório como de um santo. Os próprios gregos, no concílio que realizaram em Constantinopla, após a morte do papa, lhe chamam varão bem-aventurado e santíssimo; se é que, acrescentam, devemos chamar-lhe varão e não anjo (2).

O testemunho do protestante Sismondi não é menos honroso que o dos gregos: "Foi um glorioso pontificado, diz, o de Gregório X; e êle houvera, indubitavelmente, deixado sinais mais profundos na memória dos homens, se tivesse vivido mais longamente, ou se tivesse tido sucessores dignos dêle. A Itália quase tôda ficou apaziguada pelo seu espírito imparcial, após haver parecido a fúria das guerras civis destruir qualquer esperança de repouso; o interregno do império foi terminado pela escolha de um príncipe que se cobriu de glória, e que fundou uma das mais poderosas dinastias da Europa; a igreja grega reconciliou-se com a latina, e a divergência entre francos e gregos, pelo império do oriente, findou mediante um acôrdo justo e honroso; um concílio

(1) Vita, apud Muratori, *Scrip. rer. ital.*, t. III, p. 603.

(2) Raynald, 1276, n.º 2.

ecumênico, ao qual assistiram quinhentos bispos, setenta abades mitrados, e outros mil religiosos ou teólogos, foi presidido por êsse pontífice, e ocupou-se de leis úteis à cristandade e dignas de tão augusta assembléia. São êsses os fatos que fizeram do seu um reinado notável.”

A tais testemunhos, honrosos e pouco suspeitos, acrescentaremos que o papa São Gregório X termina dignamente a gloriosa época dos santos reis Luís da França e Fernando de Castela, dos santos doutôres Tomás de Aquino e Boaventura, os quais uniram tôdas as profundezas da ciência a tôdas as virtudes da fé, em grau tão elevado, que será sempre um grande mérito, se não atingi-lo, pelo menos a êle aspirar.

* * *

O BEM-AVENTURADO BERNARDO DE CORLEONE

Franciscano

O bem-aventurado Bernardo de Corleone, irmão leigo da ordem de São Francisco, nasceu em Corleone, pequenina cidade da Sicília, a cêrca de vinte milhas de Palermo, e recebeu no batismo o nome de Filipe. Seus pais, obscuros artesãos, deram-lhe uma educação religiosa e, desde logo, lhe inculcaram princípios sólidos de virtude e piedade. Quando chegou à idade de abraçar uma profissão, mandaram-lhe aprendesse o ofício de sapateiro. Apesar de assíduo trabalho, o jovem Filipe seguia, na medida que lhe era possível, os ofícios religiosos, freqüentava as igrejas, recebia os sacramentos e vivia, a princípio, em grande sobriedade, evitando, sobretudo, cuidadosamente, as más companhias tão perigosas à mocidade. Entretanto, não soube conservar tal pureza de costumes e sabedoria de procedimento. O orgulho e a preguiça o dominaram; aborreceu-se com a humilde profissão, e desejou engajar-se como soldado; mas tendo batido, numa rixa, um oficial de justiça, foi atirado à prisão.

Durante a reclusão, refletiu sèriamente sôbre o procedimento que tivera, o perigo de se entregar às

paixões, e as grandes e terríveis verdades que a fé nos ensina. Horrorizado de se haver afastado de tal maneira dos caminhos da salvação, achou que o único meio de pagar os erros cometidos era dedicar-se à penitência e retirar-se para um mosteiro a fim de nêle consagrar os dias ao serviço de Deus. Filipe, mal se viu em liberdade, apressou-se em executar o projeto, e logrou ser recebido num convento de capuchinhos na qualidade de irmão leigo. Foi em Cattanisetta, pequenina cidade da Sicília, que êle proferiu os votos. Desde então, a vida para êle não foi mais do que uma constante prática de todos os deveres de um bom religioso. Elogiavam-no, sobretudo, pela humildade e estrita obediência aos superiores. Praticava rigorosamente a pobreza prescrita pela regra, e apenas concedia a si próprio três horas de sono, sempre no piso da cela. Eram longos e rígidos os seus jejuns; durante mais da metade do ano, não comia senão uma vez por dia. Assim mesmo, o seu alimento eram pão e água. Não obstante, gozava habitualmente de boa saúde, evidente prova de que os jejuns e a abstinência não são tão prejudiciais à saúde como, às vêzes, pensamos.

Deus recompensou, já neste mundo, o zêlo do servo, mediante as extraordinárias graças de que o cumulou. Concedeu-lhe o dom da contemplação e da prece, deu-lhe a conhecer e predizer eventos ainda bastante remotos, devolveu a saúde a vários enfermos por sua intercessão, e revelou-lhe até, frequentemente, os mais ocultos pensamentos daqueles que o visitavam. Em vez de se envaidecer com tamanhas vantagens, considerava-se sempre o último dos homens, procurava na comunidade apenas os misteres

mais penosos, e suportava com inalterável paciência as cruzes e tribulações pelas quais o visitava Deus.

Percebe-se fàcilmente que obras tão esplendorosas deviam atrair-lhe o respeito e a veneração, não sòmente da comunidade, senão também de todos os fiéis das cercanias. Assim, via-se oprimido de visitas e solicitações de tòda espécie. Consultavam-no em todos os assuntos de alguma importância. Dava êle os seus conselhos com modéstia, mas evitava cuidadosamente os louvores e as honras que pretendiam prodigalizar-lhe.

O bem-aventurado transcorreu, dessarte, trinta e cinco anos, sempre simples, sempre humilde, sempre experimentando e patenteando uma santa confusão diante da pressa com que todos se recomendavam às suas preces. Morreu em 1617, no dia 29 de abril, com sessenta e dois anos de idade. Na última enfermidade ouviram-no exclamar repetidas vèzes: "Passemos, minha alma, passemos desta mísera vida para a felicidade eterna; passemos dos sofrimentos ao júbilo, das ilusões do mundo à contemplação da celeste verdade." Bernardo de Corleone foi colocado no seio dos bem-aventurados pelo papa Clemente XII, em 1767 (1).

* * *

(1) Godescard, 16 de fevereiro,

SANTO ONÉSIMO (*)

Discípulo de São Paulo

Onésimo, originário da Frígia, era escravo de Filemon, um cristão de Colossos, homem bastante rico, bem conhecido pela firmeza da fé e pela ardente caridade para com seus irmãos em Nosso Senhor Jesus Cristo.

Onésimo, tendo roubado o senhor, fugiu para Roma, ciente de que, numa grande cidade, facilmente escaparia. Quis, entretanto, a divina Providência que se encontrasse com o apóstolo Paulo. Convertido, confessou a falta, a chorar, e o Apóstolo, tendo nêle reconhecido boas qualidades, resolveu conservá-lo consigo. Não o fêz, porém, visto que Onésimo era culpado e foragido.

Assim, enviou-o de volta ao senhor, como portador da seguinte Epístola a Filemon:

“Paulo, prisioneiro de Jesus Cristo, e o irmão Timóteo, a Filemon, nosso cooperador, e a Ápia, nossa irmã caríssima, e a Arquipo, nosso companheiro de armas, e à Igreja que está em tua casa: graças a vós e paz da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo.

“Dou graças ao meu Deus, fazendo sempre memória de ti nas minhas orações, por saber da tua caridade e da fé que tens no Senhor Jesus, e para com todos os santos, a fim de que a comunicação da tua fé se torne manifesta, fazendo-se conhecer por tôdas as obras boas que há em vós por amor de Jesus Cristo. Pois tive grande alegria e consolação pela tua caridade, porquanto os corações dos santos foram confortados por ti, irmão.

“Pelo que, ainda que eu tenha muita liberdade em Jesus Cristo para te mandar o que convém, peço-te por caridade (não te mando), porque és tal como eu Paulo, velho e atualmente até prisioneiro de Jesus Cristo. Rogo-te, por um meu filho, Onésimo, que gerei nas prisões, convertendo-o a Cristo, o qual outrora te foi inútil, mas agora é útil para mim e para ti, a quem tornei a enviar. Recebe-o, como ao meu coração. Eu queria demorá-lo comigo, para que me servisse por ti nas prisões do Evangelho, mas, sem o teu consentimento, nada quis fazer, para que o teu benefício não fôsse como que forçado, mas voluntário. Talvez êle (por permissão de Deus) se apartou de ti por algum tempo, para que tu (pela sua conversão a Cristo) o recobrasses para sempre, não já como escravo, mas, muito mais que escravo, como irmão caríssimo, principalmente de mim, quanto mais de ti, não só segundo a carne, mas também segundo o Senhor! Portanto, se me tens por íntimo, recebe-o como a mim; se algum dano te fêz ou te deve alguma coisa, passa isso para a minha conta. Eu, Paulo, escrevi por meu próprio punho; eu o pagarei, para te não dizer que me deves a tua própria pessoa (porque te converti, pondo-te no caminho da salvação).

Sim, irmão, obtenha eu de ti esta satisfação no Senhor. Escrevi-te estas coisas, contando com a tua obediência, sabendo que farás ainda mais do que te digo.

“Ao mesmo tempo, prepara-me também pousada, pois espero que, pelas vossas orações, serei dado a vós. Epafras, que está prêso comigo por Jesus Cristo, saúda-te, e igualmente Marcos, Aristarco, Demas e Lucas, meus colaboradores. A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo seja com o vosso espírito. Amém”.

Filemon acolheu Onésimo, segundo os desejos de São Paulo, não como escravo, mas como irmão que retornava de longa viagem.

Segundo se crê, Filemon teria mandado o ex-escravo de volta ao Apóstolo, o qual o teria sagrado bispo, querem alguns autores que de Éfeso. Outro, Papebroch, escreve: “Parece-me preferível não conceder a Onésimo, discípulo de São Paulo, as insígnias episcopais, uma vez que o que sabemos dêle não prova suficientemente que tenha sido bispo”.

Aliás, êsse nome de Onésimo era bastante comum, e bem poderia ter sido outro o elevado àquela dignidade. A mesma dificuldade aparece em relação ao martírio. Foi êste Onésimo martirizado? Há os que dizem que o supliciado em Roma é o ex-escravo de Filemon. Outros, porém, afirmam que não, que se trata de outro. O certo é que a fonte mais segura do Santo é a Epístola a Filemon. Os gregos acrescentam o nome de Santo Onésimo ao de São Filemon e de outros mártires de Colossos, festejando-os a 22 de novembro, mas os latinos colocaram o Santo convertido por São Paulo no dia de hoje, 16 de fevereiro.

Santo Onésimo consta assim nos resumos: Em Roma, Santo Onésimo, do qual fala São Paulo, após-tolo, na Epístola a Filemon. Paulo ordenou-o bispo de Éfeso depois de São Timóteo e lhe confiou o ministério da pregação. Onésimo, conduzido aprisionado a Roma e apedrejado pela fé cristã, foi, primeiramente, enterrado naquela cidade. De lá, o corpo foi transferido para Éfeso, onde havia sido sagrado bispo. Faleceu, crê-se, em 95.

* * *

SANTA JULIANA, DA NICOMÉDIA (*)

Virgem e Mártir

Juliana era filha de Africano, homem rude e pagão, e, desde a infância, havia abraçado o cristianismo. Quando soube que o pai a havia prometido a um jovem nobre, chamado Evilásio, não pôde deixar de sentir certa repugnância: não era o moço pagão e, pois, cultuador dos falsos deuses?

Juliana era filha obediente e submissa. Que fazer, em face da situação criada pelo pai? Depois de pensar comedido, resolveu temporizar. Um dia, diante de Evilásio, disse-lhe:

— Só me casarei contigo, quando fores prefeito da cidade.

Ora, o nobre jovem era pessoa deveras influente e não tardou a ser alçado àquele posto. Tendo ido procurar a jovem, recebeu a seguinte resposta à uma pergunta:

— Sim, sei que te tornaste prefeito da cidade, mas, devo dizer-te, sou cristã, de modo que não posso unir-me a um pagão. Se fosses da mesma religião...

Evilásio, agastado, procurou Africano e pô-lo a par do sucedido. E Africano, depois de, inútilmente, ter usado de todos os artifícios — carinhos, ameaças e maus tratamentos — descoroçoado e irritado, deixou à filha a escolha: casar-se ou enfrentar o tribunal.

Evilásio, na qualidade de prefeito, intimou-a a prestar declarações sobre a fé. Sendo impossível vergá-la, levando-a a renunciar a Jesus Cristo, prendeu-a.

Naquela noite, quando tudo era silêncio no prédio, um anjo apareceu, luminoso, à jovem dizendo:

— Juliana, sacrifica aos deuses! Deves obedecer à vontade do imperador!

Juliana não se desconcertou. Depois de tôdas as vicissitudes, Deus haveria de lhe solicitar semelhante coisa? Impossível. Aquilo só podia ser obra do tentador, do demônio. Orando com imenso fervor, suplicou ao Senhor lhe desse forças para vencer o pérfido anjo mau que a tentava. E triunfou do mal.

Evilásio fê-la passar pelos suplicios mais atrozes. Primeiramente, carinhoso, fêz-lhe as mais belas propostas, prometeu-lhe tudo, se, renunciando o Cristo, consentisse em desposá-lo. Tudo em vão. A jovem estava inabalável, e, pois, foi exposta aos tormentos, que não conseguiram demovê-la absolutamente. Então, possesso, o frustrado noivo condenou-a a ser decapitada. Era nos tempos de Maximiano, e Juliana, em 305, teve a cabeça cortada, recebendo com heroidade a gloriosa coroa do martírio.

Os gregos celebram a memória de Santa Juliana, virgem e mártir, a 21 de dezembro e a 8 de agosto. A ela, em Constantinopla, ergueram uma igreja.

No Ocidente, honram-na os latinos neste dia 16 de fevereiro.

O corpo da santa virgem foi sepultado na Nicomédia, mas, tempos depois, foi transferido para a Itália, ficando em Nápoles.

★ ★ ★

BEM-AVENTURADA FILIPA MARERIA (*)

Virgem

Filipa era filha de nobre e bem posta família italiana, de Rieti. Aplicada aos estudos, desde menina, com grandes conhecimentos da língua latina, deu-se de corpo e alma à leitura dos santos Livros. E, conhecendo pessoalmente o seráfico Pai São Francisco, que ordinariamente se hospedava em sua casa, aprendeu, e com que doçura, a desprezar as coisas do mundo, sentindo-se agradada unicamente das coisas de Deus.

Assim, Jesus Cristo era a sua única razão de ser, e, quando o pai lhe propôs um jovem, com o qual deveria casar-se, disse com firme determinação:

— Pai, outro espôso não quero senão a Jesus Cristo!

Foi um choque. E como a família entrasse a apoquentá-la, perseguindo-a sem cessar, Filipa, resolutamente, raspou a linda e longa cabeleira, revestiu-se duma roupa muito pobre e deixou a casa dos pais, em companhia de piedosas mulheres, retirando-se para a montanha de Mareri, onde principiou a levar vida eremítica.

Da família, Tomás, o irmão, fôra quem mais instara com a serva de Deus para que deixasse aquela *loucura*. Ora, quis o Senhor que o jovem se penitenciasse e, pois, tocou-o no mais fundo do coração. E Tomás, encantado com a fortaleza, a fé, a inflexibilidade da irmã, mudou de pensamento e foi procurá-la no retiro. E ali, de joelhos, a Filipa pediu perdão para a *cegueira* que lhe havia toldado, por uns tempos, o coração.

Filipa perdoou-lhe de lágrimas nos olhos, dando graças a Deus.

Nasceu daquilo uma igreja dedicada a São Pedro, que Tomás construiu e ofereceu às religiosas que viviam com a irmã. E prometeu:

— Ainda erguerei um mosteiro para que tôdas vós possais servir a Deus em segurança. Não quero ver-vos aqui, assim ao desabrigo.

Era um presente do céu, aquela oferta de Tomás, e tôdas se rejubilaram. E Filipa, lembrando-se do doce, do suave São Francisco de Assis, que se hospedava em casa dos pais, pensou em adotar a ordem das clarissas. Assim foi.

Filipa Mareria foi a abadessa da nova fundação, um modelo de tôdas as virtudes. E Deus, satisfeito com aquela serva, fê-la conhecedora da hora em que devia deixar o mundo, aquêle mundo enganador que a virgem soube vencer e desprezar com heroísmo.

Docemente, rodeada das religiosas tôdas, que tão sãbiamente dirigira, e de alguns irmãos menores, que a assistiam, voou para o Espôso, o Único, o desejado, em 1236.

A bem-aventurada Filipa Mareria foi a primeira clarissa honrada com um culto público, permissão esta outorgada por Pio VII aos irmãos menores da observância.

* * *

No mesmo dia, em Cesaréia da Palestina, os santos mártires egípcios Elias, Jeremias, Isaías, Samuel e Daniel. Espontaneamente devotados ao serviço dos confessores então condenados na Cilícia, foram aprisionados e cruelmente torturados. Era sob o prefeito Firmiliano, quando dos imperadores Galério e Maximiano. Como os nomes que lhes haviam dado os pais eram pagãos, quando interrogados, resolveram adotar os dos profetas, citando-os ao inquiridor. Condenados a morrer pela espada, deixaram o mundo em 309. Pouco depois, outros dois, São Porfírio, servidor do mártir Pânfilo, e São Seleuco da Capadócia, desapareciam sob torturas, um pelo fogo, o outro pelo gládio.

Em Toulouse, Santo Honesto, no III século, originário de Nimes, distinguido de São Saturnino, quando este apóstolo viajava de Roma para Toulouse. Encontrando no Santo excepcionais predicados, instruiu-o nas verdades da fé, tomando-o por companheiro. Enviado a evangelizar a Navarra e a Biscaia, Santo Honesto converteu o senador Firmo. Há os que querem que o Santo tenha sido martirizado. Outros, contudo, o citam como simples confessor.

Na Saxônia, São Tanton, bispo e confessor, também conhecido como Tâncio. Crê-se que morreu mártir do zelo, por ter pregado contra os maus costumes saxônicos. Fixado no mosteiro de Amarbarie,

foi feito abade, quando Patton, deixando a direção da comunidade, foi nomeado bispo de Werden. São Tanton, mais tarde, morto aquêlê bispo, sucedeu-o.

Em Verona, outra Santa Juliana, virgem e mártir.

No Oriente, São Flaviano, anacoreta, que, supõe-se, viveu nos tempos do imperador Valens, quando Santo Afraate (7 de abril) defendia na Síria a fé católica contra os arianos. Faleceu em 375.

Em Clermont, Auvergne, São Tigrido, sacerdote, que foi arcediogo do bispo Ilídio. Morto em 388.

Em Metz, São Simeão, bispo e confessor do século IV.

Na África, os santos mártires Macróbio, Lucila, Ceciliana e Nundinário, no IV século.

Em Siracusa, Santo Eulálio, bispo, que aparece na vida de São Fulgêncio (1.º de janeiro). Foi um dos signatários das atas do concílio de Roma (502 e 503). Faleceu, supõe-se, em 503.

Em Bourges, São Tetrádio, bispo e confessor (século VI).

São Juliano, martirizado no Egito, com outros cinco mil. — Em Brescia, São Faustino, bispo e confessor.

* * *

17.º DIA DE FEVEREIRO

MÁRTIRES DE ROMA E ÓSTIA, SOB O IMPERADOR CLÁUDIO II

Tendo sido Galiano morto perto de Milão, Cláudio II, cognominado o gôdo, foi proclamado imperador pelo fim do mês de março de 268. Por longo tempo se julgou que, sob Cláudio II, não foram os cristãos perseguidos. Hoje, está provado o contrário. No primeiro dia de março, segundo ano do seu reinado, o imperador, após condenar os cristãos à confiscação dos bens, ao exílio, aos trabalhos públicos, mandou matar duzentos e sessenta, no anfiteatro, a flechadas. Entre tais mártires se encontrava Blasto, um dos tribunos ou oficiais gerais do imperador. Em 24 do mesmo mês, aniversário daquele em que o Senado ratificou a sua promoção a imperador, mandou Cláudio matar e atirar ao Tibre um jovem cristão, Quirino ou Cirino, que parece ter sido o segundo filho do imperador Filipe. Cláudio, tendo obtido uma grande vitória contra os gôdos, perseguiu os cristãos mais violentamente do que antes. Assim, deparam-se-nos vinte e três mártires em Óstia e em Pôrto, entre os quais a virgem Crisa ou Aura, da família imperial, e o seu intendente Sabiniano; Censorino, mestre de cerimônias do imperador Cláu-

dio; seis cristãos chegados a Roma, com outros dois; quarenta e dois mártires na Toscana, dentre os quais os primeiros São Graciliano e a virgem Felicíssima; dois bispos, Ptolomeu e Romano, com trinta e oito fiéis; quarenta e seis soldados, com outros cento e vinte cristãos, mortos em Roma, por ordem de Cláudio; a virgem Cirila e sua mãe Trifônia; o diácono Cesário, com outros dezoito companheiros; Santa Severa; quatro persas nobres; o sacerdote Valentino e o bispo Valentino de Terni, com os seus companheiros; santo Eutíquio, São Jacinto, São Justino, sacerdote da Igreja romana, com inúmeros outros; finalmente, Santo Hipólito, bispo de Pôrto.

Em 235, Santo Hipólito, por ordem do imperador Maximino, foi exilado para a Sardenha com o papa Pontiano, que lá morreu. Em 247, empreendeu a viagem de Alexandria, onde converteu, bem como no resto do Egito, grande número de infiéis, até entre os sarracenos. De regresso a Roma, em 251, foi nomeado primeiro bispo de Pôrto pelo papa São Cornélio. Finalmente, em 269, padeceu o martírio em Óstia com vários outros. Eis de que maneira, segundo os atos descobertos pelo fim do século dezoito.

No tempo de Cláudio, sob a presidência de Úlpio Rômulo, iniciou-se grande perseguição contra os cristãos. Ora, havia na côrte do imperador o mestre de cerimônias, Censorino, cristão secretamente, que todos os dias se dedicava à prece, ao jejum e às esmolas. Visto que sempre acompanhava o imperador, quando via cristãos arrastados à morte ou à prisão, encorajava-os sem que ninguém o visse, proporcionando-lhes meios de vida, e servindo-os nas masmorras. Soube-o um dia Cláudio, e mandando

que o prendessem gritou-lhe, encolerizado: "Como! Eis o que fazeis, vós fiel adorador dos deuses, que tendes a honra de falar sempre à nossa majestade? Respondeu Censorino: Confesso que o Senhor Jesus Cristo é o verdadeiro Deus, que foi crucificado e sepultado, que ressuscitou à vista dos soldados que o haviam crucificado, e que subiu ao céu, à vista dos discípulos. Neste nosso tempo, dignou-se descer do lado do Pai para o seio de uma virgem, sem deixar o céu. — Mas tu estás louco! retrucou Cláudio. E imediatamente ordenou o conduzissem para a prisão de Óstia.

Na mesma cidade, encontrava-se, exilada, uma virgem de família senatorial e até imperial; chamava-se Crisa. Após sófrer bom número de perseguições, passara a viver num pequeno domínio, com alguns religiosos e virgens. Noite e dia, visitava a prisão, levava mantimentos a Censorino, lavava-lhe as correntes, os olhos e o rosto. O sacerdote Máximo e o diácono Arquelaus lá ofereciam, diàriamente, sacrifícios a Deus, com hinos e cânticos. Máximo realizava tão grandes maravilhas em nome de Jesus Cristo, que, quando chegava perto do bem-aventurado Censorino, caíam dêste os ferros das mãos e dos pés. Máximo pôs-se então a dizer aos guardas: "Meus irmãos, deixai os demônios e os prazeres que passam, e aprendei a conhecer Nosso Senhor Jesus Cristo, o rei eterno, que foi e que é antes de todos os séculos, que virá julgar os vivos e os mortos, e o mundo inteiro pelo fogo. Êste mundo passará, passará o céu e a terra, mas nosso Senhor Jesus Cristo é sempre e sempre o mesmo. Responderam os guardas: e que faremos por aquêlo pelo qual nos roçais, que conhecemos pelas vossas palavras e pelos mila-

gres que fazeis em seu nome, quando as correntes se romperem? Disse-lhes Máximo: recebei o batismo, crede no Filho de Deus, abandonai os vãos ídolos e arrependei-vos de haver blasfemado o seu nome e torturado os seus santos." Imediatamente, lançaram-se-lhe aos pés, em número de dezesseis, com o tribuno Teodoro, e pediram o batismo. Depois dos convenientes preparativos, Máximo batizou-os todos em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, e cobriu-os de túnicas brancas preparadas por Santa Crisa ou Aura. O bispo Ciríaco, sobrevindo, deu-lhes a confirmação.

Pouco distante de lá, queixava-se um sapateiro de ter perdido o filho. O sacerdote Máximo, acompanhado do bispo e dos dezessete soldados, disse-lhe: "Crê em Nosso Senhor Jesus Cristo, na presença de todos, e viverás, e tornarás a encontrar teu filho. — Mas em que irei crer, exclamou o sapateiro debulhado em lágrimas, senão naquele que amaldiçoei desde a infância até agora? — Tens de te arrepender do que fizeste, retrucou Máximo, pois o nosso Deus é o Deus dos arrependidos; não nos dá, segundo os pecados por nós cometidos, mas segundo a sua misericórdia." Tendo o sapateiro recebido o batismo, todos os santos começaram a orar, e o menino ressuscitou, dizendo: "Vi o Senhor Jesus Cristo trazer-me das trevas para a luz." Foi batizado, e teve por madrinha Santa Aura, que lhe impôs o nome de Faustino. O menino contava quase doze anos.

Sabendo o imperador Cláudio o que havia sucedido, encolerizou-se, e ordenou a Úlpio Rômulo, vigário do prefeito de Roma, que fôsse a Óstia e obrigasse Crisa, mediante a tortura, a regressar ao culto dos deuses. Sofreu ela, corajosamente, o cava-

lete, as chicotadas e os carvões ardentes aplicados às partes mais sensíveis do corpo. Voltou para a prisão semiqueimada. Os outros santos confessaram Jesus Cristo com a mesma constância. O diácono Arquelaus — foi o primeiro — teve a cabeça cortada; vieram os dezessete soldados, incluído o tribuno Teodoro; finalmente, o sacerdote Máximo e o bispo Ciríaco, cujos corpos foram atirados ao mar. Mas o sacerdote Eusébio os recolheu e sepultou na vizinhança, o do sacerdote e o do bispo, em 8 de agosto.

Alguns dias depois, padeceu Santa Crisa novo interrogatório, foi espancada com tiras de extremidade de chumbo e, finalmente, lançada ao mar com uma grande pedra amarrada ao pescoço. O corpo voltou à praia, e Santo Hipólito, cognominado Nono ou Nonagenário, em virtude da extrema velhice, o sepultou em 14 de agosto, no lugar em que ela sempre vivera.

Sabiniano, intendente da santa mártir, instado por Úlpio a entregar os tesouros da ama e a adorar os ídolos, respondeu que os tesouros haviam sido distribuídos pelos pobres e que, no tocante aos ídolos, jamais dobraria os joelhos na presença deles. Úlpio mandou que o batessem, na cabeça, com tiras chumbadas.

Hipólito, o ancião, sobrevindo, gritou: "Infelizes! Se conhecêsseis Cristo, filho de Deus, não torturaríeis assim a cabeça dos seus santos, para submetê-los aos vossos inúteis ídolos; pelo contrário, vós próprios vos submeteríeis ao Criador do universo e aos seus servidores, e não adoraríeis pedras mudas e inanimadas." Irritou-se Úlpio de tal modo com

aquelas palavras, que mandou amarrassem os pés e as mãos do santo ancião, e o atirassem a um profundo precipício, onde entregou a alma ao Senhor, em 22 de agosto. Sabiniano terminou o martírio em 22 do mesmo mês.

São êsses, em resumo, os atos dos mártires de Óstia, sob o imperador Cláudio II, atos cujo texto grego foi reencontrado na biblioteca de Turim, e publicado com sábias dissertações, em Roma, em 1795, na tipografia da Propaganda (1).

* * *

(1) Acta Martyrum ad Ostia Tiberina. Romae, 1795.

SÃO FINTANO (*)

Abade e Confessor

Irlandês de origem, São Fintano nasceu em Leinster, entre 525 e 530. Educado por Columba de Tirdaglass, sentiu, desde logo, o desejo de se retirar para a solidão, onde pudesse, com sossêgo, e longe de todos, servir a Deus com tôda a alma. Columba, então, foi consultado e indicou-lhe o lugar que hoje é conhecido com o nome de Clonenagh.

Para aquêle êrmo, fêz-se Fintano em companhia de outros jovens que partilhavam do mesmo desejo.

Não demorou muito, uma multidão de pessoas, atraídas tôdas pela santidade dos santos homens que viviam tão-sòmente para o Senhor, principiaram a surgir. E Columba, muito zelosamente, querendo livrá-los dos importunos, muitos dos quais não o eram, uma vez que, tocados por Deus, iam em busca de orientação, todos no ardente afã de ali também se deixarem ficar como servos de Deus, tentou impedi-los de ao êrmo irem incomodar os solitários. Mas uma coisa extraordinária esperava-o: quando se avizinhava de Clonenagh, viu um grande número de anjos que sobrevoava aquêle lugar. E, como chegasse transtornado, muito pálido e ofegante, perguntaram-lhe os discípulos:

— Que tens, mestre, que estás tão pálido e tão trêmulo?

E Columba, emocionado, contou-lhes:

— É que eu vi anjos, anjos de Deus, a sobrevoar êste lugar onde agora nos encontramos.

Foi ali que surgiu, em 548, um mosteiro. E aos discípulos que logo acorreram a viver sob a direção de Fintano, o Santo traçou-lhes uma regra, tôda ela do mais severo ascetismo.

Os monges viviam do trabalho que desenvolviam, trabalho manual, cavavam a terra e plantavam, abstendo-se completamente de carne. Não possuíam nada, absolutamente nada, nem sequer uma vaca ou uma cabra que lhes desse leite, uma vez que a regra não lhes permitia aquêle alimento, nem manteiga ou qualquer outro derivado do leite.

Por amor de Deus, o clero dos arredores foi pedir a Fintano que condescendesse em abrandar tão rígida regra. Fintano, avisado por um anjo, recebeu aquêles homens com doçura e bondade, com muita humildade. E, tendo-os ouvido, disse-lhes:

— Farei o que desejais. Abrandarei o rigor do regulamento. Contudo, quanto a mim, tais regras continuarão como são, e levarei minha vida consoante venho fazendo.

Milagres, desde então, principiaram a ser obra-dos por Deus, em homenagem à santidade do servo que tão bem o cultuava.

Um dia, conta-se, estavam todos os monges reunidos no refeitório, à hora da primeira refeição, quando viram que o fogo principiava a irromper, sem que soubessem como, no teto. Todos, então, aflitos, levantaram-se, emocionados, procurando fazer qual-

quer coisa para debelar as chamas que, com o vento, alastravam-se assustadoramente.

São Fintano, calmamente, dirigiu-se a todos, dizendo:

— Não vos apoquenteis, irmãos. Sentai-vos e estai sossegados. Deus é grande.

E, erguendo a mão direita em direção do fogaréu que mais e mais se espalhava, fêz o sinal da cruz. Maravilha! — o fogo apagou-se imediatamente.

Doutra feita, quando o rei do Leinster retinha um prisioneiro, filho de um de seus rivais, querendo matá-lo, Fintano, acompanhado por doze discípulos, foi vê-lo.

Colman, o rei, então em Rathmore, quando soube que o Santo, acompanhado de alguns dos seus, vinha entrevistar-se consigo, ordenou, afobadamente, se fechassem, imediatamente, tôdas as portas do castelo, sem exceção, transmitindo ordens para que vigiassem a Cormac, o prisioneiro que intentava levar à morte pròximamente.

Quando Fintano chegou ao castelo, abriram-se por si tôdas as portas da imensa mole que abrigava o rei. E, no mesmo instante, Colman recebia os homens que foram incumbidos da guarda do prisioneiro:

— Senhor, disseram-lhe êles, brancos e trêmulos. Abriram-se por si mesmas as portas da prisão em que tu mesmo meteste o prisioneiro e, na mesma hora, do pescoço, das mãos e dos pés do prêso caíram-se-lhe as cadeias. Está livre, sôlto como uma águia sôlta nos espaços.

Como os homens que vieram transmitir-lhe os prodígios, Colman também se pôs branco como o

leite que fôra proibido aos monges do Santo, e entrou a tremer como um caniço, pobrezinho, que o vento açoita, e maltrata e faz o que bem entende. E, a tremer, ordenou acolhessem os visitantes muito cordialmente, concedendo-lhes tudo aquilo que desejavam.

Fintano desejava uma só coisa, qual seja a liberdade do aprisionado Cormac, e, imediatamente, foi atendido, conseguindo a soltura daquele que, por Deus, vira-se, porque o merecia, livre das cadeias que o subjugavam.

São Fintano faleceu em 594. Foi um servidor de Deus humilde, sinceramente humilde, doce, paciente, caridoso, zelosíssimo, sendo particularmente condescendente com os religiosos que governava sábia e perfeitamente. É padroeiro de numerosas igrejas da Irlanda.

* * *

No mesmo dia, na Pérsia, São Policrônio, bispo de Babilônia, durante a perseguição de Décio, quando, então, muitos cristãos foram torturados e levados à morte. Décio, em pessoa, viu-se frente a frente com São Policrônio, seus diáconos e seus sacerdotes. Convidando-o a sacrificar, o Santo absteve-se de dar resposta. Décio insistiu. Policrônio não saía do mutismo. Um dos que o acompanhavam, Parmênio, tentando explicar ao imperador aquêlê silêncio, no mesmo instante foi agarrado brutalmente e teve a língua cortada. São Policrônio, com a bôca quebrada a pedradas, levantando as mãos para o céu, entregou a alma a Deus. Era em 250, e muitos outros cristãos perdiam a vida, ganhando a coroa do martírio.

Em Cesaréla da Palestina, o santo ancião Teódulo, um dos servidores do prefeito Firmiliano. Tocado pelo exemplo dos mártires (Elias, Jeremias, Isaías, etc.), passou a confessar Jesus Cristo. Embora estimado pelo prefeito, foi levado à cruz, recebendo o mesmo martírio que o Salvador recebera na paixão (309).

No mesmo lugar, São Juliano da Capadócia. Como Teódulo, pertence ao grupo que se viu no dia anterior (Elias, Jeremias, etc.). Quando beijava o corpo dos mártires, foi descoberto como cristão e denunciado a Firmiliano, sendo, então, atirado ao fogo. Era homem leal, prudente, fiel e zeloso (309).

Na Irlanda, os santos Loman e Forchern, bispos e confessores, possivelmente do século V. Loman, ao que parece, era sobrinho de São Patrício. Fundou a igreja de Trim. Quanto a Forchern, foi convertido por Loman, ao qual sucedeu no govêrno daquela Igreja.

Em Lindisfarne, São Finan, bispo e confessor. Originário da Escócia, fôra monge de Iona, de vastíssimos conhecimentos. Era obediente, muito dócil, o mais humilde dos religiosos, querido pelos irmãos. Morto Santo Aidan, o bispo, também saído de Iona para ocupar aquela dignidade, São Finan sucedeu-o. O episcopado dêste santo bispo foi de dez anos. Converteu ao cristianismo o rei de Essex, Peada, e o rei de Mércia, Sigesberto, cognominado o Bom, os quais, em Lindisfarne, receberam o batismo. São Finan faleceu em 661.

Em São Dionísio, perto de Paris, São Fulrad, abade e confessor, desaparecido em 784, filho de Riculfo e de Ermengarda. Abade de São Dionísio

em 750, tratou de recuperar bens que ao mosteiro haviam sido usurpados. Em 765, assistiu ao concílio de Attigny. Passou os últimos anos de vida dedicando-se à construção da nova igreja de São Dionísio. Foi o mais ilustre abade que governou aquela abadia de São Dionísio. Piedoso, era estimadíssimo por todos os que com êle privavam.

Em La Cava, São Constâbile, abade e confessor, originário de Lucânia. Órfão na mais tenra idade, passou o viver sob os cuidados do abade de La Cava, o bem-aventurado Leão, sendo educado por Pedro, que sucedeu a Leão. Pedro, muito velho, encarregou Constâbile do govêrno da abadia. Era doce, humilde, todo voltado, e unicamente, para os religiosos da comunidade. Faleceu em 1124.

Em Ratzburg, o bem-aventurado Evermode, bispo e confessor, belga de origem, um dos primeiros homens conquistados por São Norberto para a ordem dos Premonstratenses. Faleceu em 1178. Depois de ter assistido a São Norberto no leito de morte, Evermode foi eleito bispo de Ratzburgo, na Dinamarca.

No Oriente, Santa Mariana, viúva, que, consta, acompanhou Filipe e Bartolomeu, depois da Ascensão do Senhor, a Hierápolis. Depois do martírio de Filipe, Bartolomeu fêz-se para as Índias e Mariana, fixando-se em Licaônia, ali anunciou o Evangelho, administrou o batismo e morreu na paz de Jesus Cristo Nosso Senhor (I Século).

Na Aquiléia, São Crisiliano e noventa companheiros mártires (304).

Em Trêves, São Bonósio, bispo e confessor, sucessor de Paulino, o que foi exilado na Frigia. Faleceu em 373.

Em Luni Sarzano, na Itália, São Habet Deus, bispo, mártir do ano de 500, quando dos vândalos.

Na diocese de Quimper, São Guevroc, também chamado Kirec, confessor, falecido em 547. Governou o mosteiro de Loc-Kirec.

Em Cremona, São Silvino, bispo e confessor, falecido em 773.

Na Sardenha, São Bento, bispo e confessor. Monge, depois abade do Monte Cassino, foi enviado para governar a Igreja da Sardenha, na qualidade de bispo. Sagrado por Urbano II (1089), levou vida edificante, operou milagres, morrendo santamente em 1100.

No mesmo dia, em Roma, martírio de São Faustino, seguido por outros quarenta e quatro no triunfo. — Em Concórdia, os santos mártires Donato, Secundiano e Rômulo, com outros oitenta e seis, que participaram da sua coroa. — Em Florença, o bem-aventurado Aleixo de Falconieri, um dos sete fundadores da ordem dos servitas; chegado à idade de cento e dez anos, terminou santamente a vida, após ter sido consolado pela presença de Jesus Cristo e dos seus anjos.

18.º DIA DE FEVEREIRO

A BEM-AVENTURADA ORINGA, OU CRISTÃ DE SANTA CRUZ

Virgem

Em Santa Cruz, pequenina cidade da Toscana, perto de Florença, nasceu uma santa, que recebeu no batismo o nome de Oringa. Os pais eram pobres lavradores. Desde os oito anos de idade, incumbiu-se a menina de guardar os bois do pai. Recomendava ingênuamente aos dóceis animais que não fizessem danos, e em seguida ia para o ôco de uma árvore ou de um rochedo, a fim de dedicar-se à prece e à contemplação. Desde os primeiros dias de vida, tinha-a o céu dotado de singulares graças. Experimentava um vivo amor a Deus, e tão grande estima pela pureza, que, se lhe sucedia ouvir algumas palavras pouco honestas ou ver alguém que honesto não fôsse, ficava transida de espanto, sentia dores de estômago, ânsias de vômito, e, por vêzes, adoecia gravemente. Tendo perdido os pais na mocidade, ficou sob a tutela dos irmãos, que pretenderam obrigá-la a casar-se. Oringa tem outras idéias: já escolheu a Jesus Cristo por único espôso de sua alma. Inútilmente a maltratam, a chicoteiam; não conseguem

obrigá-la a violar os santos empenhos. Para escapar àquelas violências cotidianas, vê-se forçada a fugir. Cruza a estrada um rio, e não há meio de o atravessar. Cheia de confiança, Oringa o atravessa de pés secos. Retira-se para Luca, entra ao serviço de um homem nobre e piedoso, de quem exige como salário apenas a nutrição e a roupa, da mais simples e comum. Naquela casa, Oringa, entregando-se à mais rigorosa penitência, começa o gênero de vida austera de que nunca mais se separa. Caminha sempre de pés descalços, até em pleno inverno, deita-se constantemente sobre o chão duro, por mais cansada que esteja, jejua todos os dias, e ao cair da noite só toma como nutrição o bastante para não morrer de fome. A beleza do rosto, que para tantos outros é ocasião de perigosíssima vaidade, para Oringa não passa de causa de desgosto; assim, trata de perder a frívola vantagem, empregando sucos e outros meios para destruir os traços, de tal modo que o seu aspecto não seja para o próximo oportunidade de pecado.

Inteiramente dedicada a Deus, a santa jovem nem sequer conhece os vizinhos mais próximos da casa em que vive. Quando a necessidade a obriga a tratar com o próximo, fá-lo com tal modéstia que, embora jovem e de aspecto agradável, não inspira outro sentimento senão o do respeito. Não deixava, contudo, escapar a ocasião de dar salutareos conselhos àqueles com quem lidava. O Espírito Santo de tal modo a formara para a vida interior, que ela falava dos assuntos espirituais com uma facilidade e exatidão surpreendentes, e era coisa maravilhosa ver uma pobre jovem, que não recebera nenhuma educação, que nem mesmo sabia ler, explicar os pontos mais

importantes da religião, espantando os varões mais cultos.

Virtude tão pura e perfeita conquistou para Oringa a estima geral dos habitantes de Luca. Mas era ela demasiadamente humilde para lisonjear-se da consideração de que era objeto; pelo contrário, cuidava de fugir àquilo. Recebera uma graça particular de Deus, por intercessão de São Miguel, que honrava na qualidade de seu protetor. Vai visitar a famosa igreja dedicada ao arcanjo, no monte Gargano, e em seguida rumo para Roma, a fim de lá venerar as cinzas dos mártires. Foi nessa capital do mundo cristão que travou conhecimento com uma viúva rica e virtuosa, chamada Margarida, a qual, desejando ter ao seu serviço uma pessoa de piedade, a acolheu alegremente. A viúva, de ilustre nobreza, exige de Oringa que aceite roupa adequada à sua nova posição. Oringa só consente com esforço, e não conserva por longo tempo a roupa, pois, alguns dias mais tarde, encontrando uma pobre forasteira quase nua, dá-lhe as vestes novas, e retoma as velhas. A ação, que houvera irritado qualquer ama mundana não descontenta absolutamente Margarida. Já sabia apreciar o mérito da criada, e em breve teve por ela o mais sincero afeto; assim, em vez de querer ser servida, chegava a ponto de servi-la. De resto, a virtuosa mulher não foi a única que venerou Oringa; Roma, ao cabo de algum tempo, ecoou a fama da santidade da humilde criada, e o povo lhe deu o nome de Cristã de Santa Cruz, nome que ela usou posteriormente, e do qual nos serviremos para designá-la.

Após transcorrer algum tempo em Roma, Cristã sentiu o desejo de ir a Assis para visitar o túmulo de

São Francisco. Para lá foi com a excelente ama, que não quis separar-se de Oringa. Pondo-se a orar na igreja do santo, teve profundo êxtase, durante o qual Deus lhe revelou que a tinha escolhido para fundar um mosteiro no seu país natal. Mostrou-lhe também a glória e a ventura dos santos no céu, favor que de tal modo a encantou que, durante vários meses, conservou a mais viva e doce impressão. O seu desejo de satisfazer a vontade divina levou-a de volta a Santa Cruz, onde, a princípio, experimentou grandes dificuldades para executar o seu projeto. Pobre, sem recursos, parecia que jamais teria êxito; os habitantes do país e o bispo de Luca, do qual dependia Santa Cruz, se lhe opunham; entretanto, a confiança da jovem em Deus e a sua paciência acabaram por triunfar de todos os obstáculos. O mosteiro foi construído, e em breve habitado por várias virgens cristãs, que lá se consagraram ao Senhor. A serva de Deus introduziu no mosteiro a regra de Santo Agostinho, e redigiu severas constituições, tão sábias porém que foram adotadas em outras comunidades, mais tarde fundadas em diversas cidades da Itália. A sua qualidade de fundadora parecia exigir que assumisse o govêrno da casa que acabava de estabelecer e que trazia o nome de Santa Maria a Nova; mas a sua humildade não logrou ser vencida em tal ponto, e ela jamais quis aceitar o cargo, nem, de modo nenhum, dar ordens às irmãs; pelo contrário, considerava-se a última dentre tôdas, e, quando acreditava haver maltratado uma, ajcelhava-se diante dela e lhe pedia perdão. As austeridades praticadas em Luca eram assombrosas; continuou-as Oringa no seu mosteiro,

recusando até o alívio de um leito, servindo-lhe de pouso o chão duro.

Mas se Cristã era tão severa para consigo própria, podemos afirmar que a sua compaixão e ternura pelos pobres não conheciam limites. Viam-na despir-se para ceder a roupa aos indigentes; certa vez, dispôs em favor dêles da única moeda de prata que se encontrava na casa. Durante uma grande carestia que afligia o país, mandou a santa colocar no único campo da casa, já semeado de favas, uma espécie de aviso para advertir que elas estavam à disposição de quantos as quisessem. O seu exemplo comoveu os lavradores, que o seguiram, e Cristã, cujo campo parecia produzir milagrosamente, para satisfazer as necessidades de todos os que acorriam, teve o consôlo de conservar a vida de grande número de mendigos os quais, sem ela, teriam morrido de fome.

Aproveu a Deus manifestar a santidade de sua serva, concedendo-lhe o dom da profecia e o dos milagres. Fêz ela várias predições, tôdas verificadas. O arquiteto do seu mosteiro lhe ficou a dever a súbita cura de um grave ferimento, por êle feito mergulhando um prego no pé. Porém, o maior milagre de Cristã era a sua santa vida, o seu pendor pela pobreza, que lhe dava mais amor à virtude que o que têm os avarentos à riqueza; era a sua invencível paciência. Três anos antes de morrer, viu-se atacada por uma paralisia que lhe inutilizou inteiramente o lado direito. Em tão penoso estado, mostrava um contentamento que sòmente a sua submissão à vontade divina lhe podia inspirar. Finalmente, após ter anunciado a hora precisa em que morreria e recebido, com fervor, os sacramentos da Igreja, entregou a pura alma ao

Criador, quando contava setenta anos, no mês de janeiro de 1310. O seu corpo, que permanecera flexível e sem nenhum sinal de corrupção, em tal estado se manteve até 1514, quando um incêndio o destruiu quase de todo, bem como parte do mosteiro. O culto da bem-aventurada foi aprovado pelo papa Pio VI, em 15 de junho de 1776 (1).

* * *

(1) Acta SS., 10 jan. Godescard, 18 fevereiro.

SÃO SIMEÃO (*)

Bispo e Mártir

Simeão, afirma-se, era filho de Cleofas, e parente próximo do Salvador, pela carne, descendendo de Davi. Ordenado bispo de Jerusalém depois de São Tiago, o Menor, que foi o primeiro bispo daquela cidade, Simeão suportou, a princípio, vários suplícios durante a perseguição de Trajano, terminando a vida pelo martírio. E todos os que estavam presentes, mesmo o juiz, admiraram-se de que um ancião de cento e vinte anos de idade pudesse sofrer com tanta constância e tanto heroísmo.

Simeão não foi somente acusado de ser cristão, mas também por pertencer à raça de Davi. Morreu crucificado em 107.

Crê-se que o Santo governou a Igreja de Jerusalém por quarenta e três anos. Depois do século IX, os latinos passaram a celebrar-lhe a festa neste dia 18 de fevereiro, enquanto os gregos o fazem a 27 de abril. Ver, principalmente, Mateus, XIII, 55, e João, XIX, 25.

* * *

SANTO ANGILBERTO (*)

Abade e Confessor

Angilberto ou Engelberto era filho de importante senhor da côrte do rei Pepino. Educado no palácio real, foi secretário de Carlos Magno. Debaixo da orientação de Alcuíno, armazenou grandes conhecimentos das letras humanas; daí o cognome que lhe deram os contemporâneos: Angilberto, o Homero.

Quando o filho de Carlos Magno foi feito rei da Itália, o Santo foi escolhido como primeiro ministro.

De volta à França, tempos depois, fixou-se perto da abadia fundada por São Riquiero, ao qual tinha grande devoção, dado o número incontável de milagres que se lhe realizavam à beira do túmulo.

Um dia, prêsa de grave enfermidade, Angilberto prometeu que, se se curasse, havia de se fazer religioso. Curou-se, e, pois, cumpriu a promessa, fazendo-se para Cêntula. Ali, Angilberto edificou a todos os religiosos por uma humildade impar e por práticas austeríssimas de penitência.

Quando o abade da comunidade, chamava-se êle Sinfroriano, faleceu, os monges todos, unânimemente, escolheram Angilberto para governá-los, elegendo-o prestamente.



O Imperador Carlos Magno, segundo uma miniatura dos registros da Universidade de Paris.

Carlos Magno, satisfeito com a escolha dos monges, pouco depois, elevá-lo-ia a capelão-mor do império. E, sempre aureolado dos mais puros sentimentos de humildade, o Santo faleceu em 814.

Angilberto cuidou do temporal e do espiritual da abadia que governou. Aumentou o mosteiro, acolheu grande número de novos religiosos, homens que se sentiram atraídos pela santidade daquele servidor de Deus, restabeleceu a observância dos regulamentos, que se haviam afrouxado com o correr dos tempos, e enriqueceu a abadia com muitas relíquias.

Santo Angilberto foi sepultado perto da porta da grande igreja de São Riquiero. Numerosos milagres, então, tiveram ocasião. Foi prosador e poeta, deixando, entre outras peças, uma écloga a Carlos Magno e um poema dedicado a Pepino, rei da Itália.

* * *

SANTOS MÁXIMO, CLÁUDIO, PREPE-
DIGNA, ALEXANDRE E
CÚCIAS (*)

Mártires

Gabino, irmão do papa Caio, tinha uma filha, Susana, a qual Diocleciano queria que se casasse com Maximiano. Cláudio, o intermediário, recebendo resposta negativa, da própria Susana, foi, pelo ardor da jovem, convertido ao cristianismo. Caio, então, batizou-o.

Ora, Cláudio, casado com Prepedigna, acabou, por sua vez, por converter a espôsa e os dois filhos, Alexandre e Cúcias, distribuindo todos os bens aos pobres.

Máximo, irmão de Cláudio, tocado, todo contaminado pelo calor de Cláudio, também abraçou a fé.

Diocleciano, alheio, então, a tudo o que se passava, veio a saber dos sucessos todos. E, encolerizado, ordenou que toda a família, à qual era aparentado, fôsse exilada, fazendo, depois, com que morressem pelo fogo, em 295.

Os corpos, atirados ao mar, foram recolhidos por cristãos de Óstia e sepultados.

* * *

SANTAS CONSTÂNCIA, ÁTILA E ARTÊMIA (*)

Virgens

Constância era sobrinha do imperador Constantino (1). Pagã ainda, viu-se coberta de lepra. Aparentada, e tendo ouvido contar coisas de Santa Inês, de curas processadas tão-sòmente pela invocação que se lhe fazia do nome, demandou Roma, a visitar a tumba da santa virgem e mártir.

Ali, Santa Inês apareceu-lhe, dizendo:

— Curar-te-ei, Constância, se, convertendo-te, receberes o batismo.

Constância, emocionadíssima, cheia de esperança e tôda ela fé, converteu-se, recebeu o batismo e foi curada. Decidiu, então, consagrar a Deus a virgindade.

Ora, nesse meio de tempo, um general pagão, Galicano, que fôra vencedor dos persas, solicitou-lhe a mão. Que fazer? Triste por ter que contrariar um dos mais valentes guerreiros do país, propôs-lhe:

— Tê-lo-ei como espôso se venceses os invasores da Trácia, os citas. Ficarei com tuas filhas, e quando voltares, cumprirei a promessa, se ainda me desejares por espôsa.

(1) Segundo alguns autores era filha daquele imperador e neta de Santa Helena.

Galicano aceitou a proposta e partiu, levando dois servidores da santa virgem, cristãos como ela. Estavam incumbidos de, a todo o transe, converter o general.

Constância conseguiu levar para o Senhor as duas filhas de Galicano — Ática e Artêmia. E, sempre rogando a Jesus Cristo que lhe desse meios para continuar na virgindade, conforme lhe prometera, vivia com o pensamento no campo de batalha, onde os dois servidores — João e Paulo — trabalhavam o grande guerreiro.

Era na antevéspera de importante batalha. João e Paulo, aproximando-se de Galicano, preocupadíssimo com traças de guerra, disseram-lhe:

— Se te entregares ao Senhor, se te fizeres cristão, nenhuma dificuldade encontrarás em vencer o inimigo que temos à frente.

Galicano encomendou-se a Deus, venceu facilmente o adversário e abraçou o cristianismo. E, de volta, triunfante, uma nova idéia empolgava-o: servir ao Senhor enquanto vivesse, aquêle Senhor que o encaminhara no campo da luta e o preservara de todo o perigo. E, renunciando ao casamento, deu-se de corpo e alma às obras de caridade.

Galicano, João e Paulo morreram martirizados sob Juliano, o Apóstata.

Constância faleceu em 354, e foi sepultada, com as duas filhas de Galicano, perto do túmulo de Santa Inês.

* * *

SANTOS LEÃO E PAREGÓRIO (*)

Mártires

Era sob o imperador Valente, e Paregório vinha de ser martirizado pela constância na fé (259), edificando a todos os que assistiram ao seu suplício, principalmente a um cristão chamado Leão, que passou, ardentemente, a desejar o martírio.

Ajoelhado à beira do túmulo de Paregório, Leão honrava a memória do santo mártir e rendia culto ao verdadeiro Deus. Todos os dias, lá estava êle, prostrado, a orar.

Uma noite, sonhou que Paregório lhe aparecia. Chamava-o insistentemente, a dizer:

— Vem, Leão, vem viver comigo!

Leão desejava-o imensamente, mas uma impetuosa corrente separava-o, escachoante, do santo mártir.

No dia seguinte, acordado, Leão pensava no sonho. Seria aquêle bravo rio que se interpunha entre êle e Paregório o suplício que teria de enfrentar, vencer e, assim, atravessando-o, conseguir o fim desejado, isto é, unir-se a Deus, para o qual Paregório o chamava?

Ciente de que aquêle era o significado do sonho, Leão correu ao túmulo do santo mártir. E, a meio

caminho, passando por um lugar em que se celebrava uma festa pagã, arremessou por terra tôdas as lâmpadas que ardiam em homenagem aos ídolos. Prêso pelo sacrilégio, Leão foi submetido a interrogatório, acabando por ser condenado à morte: seria arrastado através dos rochedos que haviam no lugar. E tão brutalmente o fizeram, que Leão, idoso que era, expirou em meio do trajeto.

Quando os cristãos o recolheram, viram que o santo mártir tinha um calmo e suave sorriso estampado no rosto cheio de equimoses. Estava com Deus, estava com o santo mártir Pãregório.

* * *

No mesmo dia, em Constantinopla, São Flaviano, bispo e confessor, que foi contemporâneo de Teodoreto e do papa São Leão, o Grande. Morto Procla, patriarca de Constantinopla, Flaviano foi eleito para lhe suceder, sofrendo a oposição do eunuco Crisafio, que gozava de franco crédito junto do imperador Teodósio, o Jovem. Quando em Éfeso defendia a fé católica, foi agredido a socos e pontapés pelos partidários do ímpio Dióscoro. Exilado, faleceu em 449.

Na Inglaterra, São Colman, bispo e confessor. Encarregado de converter os inglêses, que ainda hesitavam entre a idolatria e o cristianismo, deixou a Escócia, foi sagrado bispo e operou grande número de conversões, permanecendo sòmente três anos à frente da Igreja de Lindisfarne. Depois de uma curta temporada em Iona, reuniu alguns monges e com êles fundou um mosteiro em Inibofin. Ora, escoceses e saxões, então, não se entendiam naquela

altura, de modo que o Santo estabeleceu em Mayo um outro mosteiro unicamente para os saxões. Falecendo em 676, deixou o mundo quieta e santamente.

Em Coimbra, São Teotônio, confessor, nascido em 1086 em Tuy, na Galícia. Prior de Nossa Senhora de Visco, empreendeu uma peregrinação a Jerusalém. De volta, quiseram levá-lo ao bispado, mas o Santo, recusando-o, deu-se ao ministério da pregação. Em meio a um povo corrompido, soube edificá-lo e manter-se intocável. Casto, viveu unicamente como simples religioso, ocupado com a santificação própria. Faleceu em 1160.

Em Toledo, na Espanha, Santo Heládio, bispo e confessor. De família de príncipes, durante a juventude ocupou-se de cargos importantes, quando da corte dos reis gôdos na Espanha. Piedoso, de quando em quando retirava-se para o mosteiro de Agali, nas vizinhanças de Toledo, ajudando os monges no seu trabalho manual. Atraído pela vida monástica, tomou o hábito e passou a professar. Em 605, era abade de Agali. Idoso já, foi elevado ao arquiépiscopado de Toledo. Pai dos pobres, faleceu em 631.

Na África, os santos mártires Lúcio, Silvano, Rútulo, Clássico, Secundino, Frútulo e Máximo.

Em Metz, São Legôncio, bispo e confessor, décimo-segundo daquela sé, sucessor de São Fronimo (século IV).

Na China, o bem-aventurado João Pedro Neel, mártir em 1862. Nascido em Sainte-Catherine-sur-Riverie, diocese de Lião, em 1832, pertenceu à sociedade das Missões Estrangeiras em Paris. Partindo para Kong-Tchu, na China, a 21 de agosto de 1858, ali iniciou o trabalho de missionário. Prêso por ordem

do mandarim, quando catequizava uma família que se convertera, João Pedro foi decapitado. Conta-se que, no instante em que a cabeça caiu e rolou por terra, uma nuvem, luminosíssima, desceu do céu e pairou sobre o corpo do mártir, ali se deixando ficar por algum tempo, desvanecendo-se em seguida. Todos os que assistiam à execução, apavorados, ficaram como que pregados no lugar; o carrasco, a tremer de medo, perdeu a fala por muito tempo. João Pedro Neel, com vários outros naturais decapitados no mesmo dia, foi beatificado por Pio X, a 2 de maio de 1909.



Teodósio II, Imperador do Oriente.

* * *

19.º DIA DE FEVEREIRO

O BEM-AVENTURADO CONRADO

Da Ordem Terceira de São Francisco

Eram os pais de Conrado bons habitantes de Placência, que o casaram e lhe legaram, ao morrer, consideráveis bens. Embora tivesse o jovem princípios religiosos, só cuidou de se entregar às distrações e aos prazeres mundanos. A vaidade e frívolas ocupações o levavam a negligenciar os seus deveres de cristão. A sua vida era uma constante dissipação.

Um dia em que, estando a caçar, acendera uma grande fogueira para obrigar um animal feroz a deixar o antro, viu o incêndio comunicar-se de moita a moita, e, após inúteis esforços para o apagar, fugiu, deixando a floresta a ponto de ser inteiramente destruída. A devastação foi considerabilíssima, e a autoridade pôs-se a procurar o autor do crime; várias pessoas foram prêsas, entre outras um infeliz que fôra visto regressar da floresta poucas horas antes do incêndio, e sôbre o qual recaíam, naturalmente, as mais fortes suspeitas. O homem negou, a princípio, com firmeza o crime de que o acusavam; mas, visto que todos o julgavam culpado, foi submetido a interrogatório, e a violência das torturas, arrancando-lhe

da bôca a confissão que todos desejavam, o fêz ser imediatamente condenado à morte.

Foi então que Conrado, aterrorizado e dilacerado pelos remorsos de haver exposto um inocente a perecer por um ato de que sòmente êle fôra autor, foi procurar os magistrados, confessou-lhes o que lhe havia sucedido, e ofereceu-se para pagar, com os seus haveres, o valor da lenha destruída pela sua imprudência. Para satisfazer ao que dêle exigiam, foi obrigado a vender parte do patrimônio que lhe cabia. A partir de então, mudou inteiramente o seu procedimento, e os pensamentos voltaram-se para a outra vida. Soube até comunicar à espôsa os sentimentos de que se achava possuído. Assim, após ordenar os negócios, partiu com ela para Roma; Conrado entrou na ordem terceira de São Francisco e sua mulher fêz-se carmelita. Ambos edificaram os seus mosteiros mediante a regularidade mais perfeita e a mais exemplar piedade. Depois de algum tempo em Roma, rumou Conrado para a Sicília, e dedicou-se ao serviço dos enfermos; em seguida, levado pelo amor à solidão, escalou elevada montanha, onde passou o resto dos dias na penitência e nas austeridades. Morreu em 1351, com a idade de sessenta e um anos. Vários milagres lhe comprovaram a santidade, e lhe mereceram as honras que a Igreja presta aos santos (1).

* * *

(1) Acta SS., e Godescard. 19 de fevereiro.

A BEM-AVENTURADA ISABEL PICENARDI

Da Ordem Terceira das Servitas

Leonardo Picenardi e Paula Nuvoloni, sua esposa, nobres habitantes de Mântua, deram a vida à bem-aventurada Isabel. Mais recomendáveis ainda pela piedade do que pela ilustre posição de que desfrutavam no mundo, educaram-na no temor de Deus, aplicando-se a mãe, desde cedo, a formá-la na prática das virtudes cristãs. Muito jovem ainda, gostava Isabel de retirar-se para uma celazinha onde se mantinha oculta; lá, meditava a palavra de Deus, e, evitando as diversões da mocidade, passava o tempo a orar e a se ocupar das virtudes da Santa Virgem. A única distração era ir da casa do pai à igreja de São Barnabé, onde cumpria todos os deveres de religião com angelical piedade. Procedimento tão sábio e cristão não tardou em lhe merecer a estima pública, e jovens de elevada posição social pensaram em pedir-lhe a mão de esposa; mas Isabel fizera outra escolha, e constantemente recusava as propostas. Do pai, logrou permissão para retirar-se para a casa de uma irmã, e de entrar na ordem terceira das Servitas.

Foi então que a santa, após ligar-se a Deus pelo voto da castidade, iniciou novo gênero de vida ainda

mais perfeito que o que levava na casa paterna. A sua prece era quase constante, e tão grande o ardor pela mortificação, que afligia constantemente o corpo com os jejuns, o cilício e outras práticas de penitência. A meditação dos sofrimentos de Jesus Cristo e das dores da Santa Virgem exercia nela poderoso fascínio. Todos os dias, confessava-se e recebia a santa Eucaristia. Achava tamanho consôlo em recitar o ofício canônico, que a êle nunca faltava.

Várias pessoas nobres, comovidas com o exemplo daquelas virtudes, pretenderam submeter-se a ela. A serva de Deus tão bem as formou para a piedade, que tôdas abraçaram, imitando-a, a ordem terceira das Servitas, dando assim início a várias reuniões edificantes, frutos da caridade e do zelo de Isabel.

Vida tão pura e perfeita merecia os favores do céu; assim, não tardou a jovem em granjeá-los. A Mãe de Deus, por várias vêzes, lhe deu provas sensíveis da sua proteção, e todos os que escreveram a história da bem-aventurada asseguram que não havia coisa que pedisse, por intercessão de Maria, que não obtivesse imediatamente. Não sòmente os habitantes de Mântua, senão também os estrangeiros, estavam persuadidos daquilo; consideravam-na excelente advogada ao pé de Deus e da Santa Virgem, e chamavam-lhe comumente intermediária dos seus benefícios.

As almas verdadeiramente humildes não se ofuscam com os sinais de estima que lhes são dados e as honras que se lhes prestam. Assim foi Isabel. Embora favorecida com os dons do céu e até com o da profecia, embora objeto de veneração dos concidadãos,

tinha-se na conta de nada, e não temia em falar desvantajosamente de sua pessoa, assegurando que era vil, desprezível, a mais criminosa criatura do mundo. Perseverou até o fim da vida em tão profunda humildade. Aos quarenta anos de idade, atacou-a forte doença intestinal de que faleceu em 19 de fevereiro de 1268. Assegura-se que tivera a ilustre ventura de conservar a graça do batismo, e a santa vida que levou bem que favorece tal opinião. O corpo, tal qual ela própria pedira, foi levado para a Igreja de São Barnabé, onde em breve se verificaram numerosos milagres por intercessão da santa (1).

* * *

(1) Acta SS., e Godescard, 19 de fevereiro.

SANTO AUXÍBIO (*)

Bispo e Confessor

Auxíbio nasceu em Roma, de pais pagãos, adoradores dos falsos deuses. O pai, desejando-o casado e bem pôsto na vida, procurou colocá-lo num bom cargo público, mas Auxíbio, convertido, todo dado a Jesus Cristo, fugiu de casa, embarcando num navio que se dirigia para a ilha de Rodes.

De Rodes, o jovem cristão passou, pouco depois, para Chipre, onde, diz a tradição, encontrando-se com João Marcos, que era parente de São Barnabé, foi bem recebido, batizado e instruído quanto ao modo de pregar o Evangelho.

Enviado por João Marcos para Soles, Auxíbio pôs-se a trabalhar na catequização das gentes.

Morto São Barnabé, o apóstolo Paulo, ciente por João Marcos dos progressos que se davam em Chipre, investiu Heráclio do poder de instituir novos bispos.

Bispo, Auxíbio governou seu rebanho por cinquenta anos, falecendo em paz, no ano de 102.

* * *

SÃO GABÍNIO (*)

Mártir

São Gabínio, quer a lenda, era parente do imperador Dicleciano e irmão do papa Caio. Era pai de Santa Susana.

Senador, morta a espôsa, entregou-se ao sacerdócio, contribuindo para a conversão dos santos Cláudio, Máximo, Prepedigna, Alexandre e Cúcias (18 de fevereiro).

Prêso com a filha, depois do martírio de Santa Susana, continuou no cárcere, acabando os dias pela fome. Enterrado junto da santa mártir e de Caio, foi desde logo cultuado (296).

* * *

SANTO ODRAN (*)

Mártir

Odran era irlandês. Dos discípulos de São Patrício, o grande apóstolo da Irlanda, foi o único a ser martirizado.

Santo Odran acompanhava São Patrício em tôdas as viagens que o apóstolo fazia: Era o condutor de seu carro.

Um dia, passavam êles pelo território de Hy-Failge, vindos de Munster, quando Odran, com um estremecimento, teve um mau pressentimento. Havia perigo pela frente. Ao santo apóstolo missionário ocorreria algo, e, pois, era preciso agir.

Disse Odran:

— Mestre, lembra-te de que cruzamos zona que te é hostil.

— Sim, respondeu Patrício. Foi justamente por estas bandas que destruí o ídolo do chefe de Hy-Failge.

— Sinto que está para te acontecer alguma coisa, disse Odran, nervosamente.

— Deus é grande, respondeu o apóstolo.

Odran parou o carro e suplicou:

— Troca de pôsto comigo, mestre. Vem para a boléia, fazes as minhas vêzes, e eu ocuparei o teu lugar.

— Não haverá nada, meu bom Odran.

— Oh, mestre, rogo-te que me atendas. Por um pouco só, eu te suplico.

Patrício, relutante, acabou por descer, subiu para a boléia e Odran ocupou-lhe o lugar.

Nem bem haviam feito aquela troca, quando homens, enraivecidos, surgiram no caminho. E, dirigindo-se para Odran, certos de que se tratava de Patrício, assassinaram-no num átimo.

São Patrício, a ponto de amaldiçoar os matadores do bom discípulo, foi sustado pelo próprio amigo que expirava e lhe pedia que nada fizesse contra os bárbaros.

Santo Odran, morto em 451, foi honrado como mártir por todos os compatriotas.

* * *

No mesmo dia, em Nápoles, São Que-Deus-Quer, bispo de Cartago. Governava em paz a sua Igreja quando Genserico, rei dos vândalos, surgiu na cidade. Era em 438, e, tomando-o com alguns dos seus, fê-lo embarcar num navio avariado, esperançoso de que viesse a naufragar. Milagrosamente, o Santo escapou, aportando em Nápoles, onde faleceu em 444.

Em Benevento, São Barbato, bispo, homem de imensa santidade, nascido de família pobre. Educado com dificuldade, fêz grandes progressos nos estudos, adquirindo vastos conhecimentos das santas Escrituras. Converteu os lombardos e seu chefe. De

santidade universalmente reconhecida, faleceu em 682.

Na Espanha, São Beato, abade e confessor. Originário das Astúrias, ajudado por um companheiro, Etério, que mais tarde seria bispo de Osma, São Beato pregou a verdadeira doutrina e ensinou, com seus escritos, que melhor se conhecesse Jesus Cristo. Helipando, arcebispo de Toledo e discípulo de Félix de Urgel, que espalhava pela Espanha o êrro de Nestório, criou oportunidade para São Beato combater o bom combate. Depois de um feliz término, o Santo retirou-se ao mosteiro de Valcarado, onde escreveu um comentário sôbre o Apocalipse de São João. Faleceu em 798.

Na Bélgica, o bem-aventurado Bonifácio, bispo e confessor. Nascido em Bruxelas em 1188, entrou na universidade de Paris. Honrado com o sacerdócio, ensinou em Colônia. De Colônia, passou para a Suíça. Bispo de Lausanne, instrutor do povo, extirpador de vícios, foi perseguido por Frederico II. Em Roma, suplicou ao papa, então Inocência IV, que o desobrigasse do episcopado, o que aconteceu depois de muitas instâncias. Morto em 1265, foi enterrado na igreja de La Cambre, onde os fiéis iam suplicar-lhe a cura de suas doenças.

Na Espanha, em Córdoba, o bem-aventurado Alvarez, confessor, natural daquela cidade, contemporâneo de São Vicente Ferrier. Recebendo o hábito dos irmãos pregadores, do célebre convento de São Paulo de Córdoba, depois de alguns anos de formação religiosa, deu-se à obra de santificação das almas. Foi o apóstolo da Andaluzia. Depois de um vasto ministério, Alvarez estêve na Itália e na Palestina. A

ternura que votava a Nosso Senhor fêz com que se demorasse algum tempo nos santos lugares. De volta à pátria, o bem-aventurado continuou o apostolado na Andaluzia. Tõda a vida de Alvarez foi um contínuo pregar, catequizar, instruir pobres, ignorantes, extirpar superstições, reconciliar inimigos, orar, jejuar, amar a Deus. Morto em 1420, os fiéis, imediatamente, passaram a visitar-lhe o túmulo. Venerando-o e suplicando-lhe graças, muitos milagres obrou Deus, então, por intermédio daquele servo fiel.

Em Milão, São Mansueto, bispo e confessor. Descendente dos Sabelli de Roma, êste prelado sucedeu a Santo Ampélio, que faleceu em 672. Governando a Igreja de Milão com grande energia e muito sucesso, faleceu em 680.

No Oriente, São Rabulas, solitário, natural de Samosata. Levou vida de solitário nas montanhas, a exemplo de Elias e João Batista. Com um companheiro, dirigiu-se à Fenícia, onde fundou um mosteiro para a conversão dos pagãos. Mais tarde, estabeleceu outro mosteiro, que lhe tomou o nome. Faleceu em 530.

Na Palestina, São Conan, abade e confessor, desaparecido em 555.

Na África, os santos mártires Públio, Julião, Marcelo, e seus companheiros. — Na Palestina, a lembrança dos santos monges e de vários outros mártires, que os sarracenos fizeram cruelmente morrer pela fé de Cristo, sob Almondar, chefe deles. — Em Jerusalém, São Zandas, bispo.

★ ★ ★

20.º DIA DE FEVEREIRO

Em Tiro, na Fenícia, lembrança de vários santos mártires cujo número só Deus conhece, e que Vetúrio, mestre da milícia sob o imperador Diocleciano, fêz morrer mediante várias espécies de suplicios, sucedidos uns aos outros; a princípio, foram dilacerados em todo o corpo, a chicotadas; depois, expostos aos animais ferozes de diferentes espécies, dos quais, pela virtude divina, nenhum mal sofreram; finalmente, tendo o tirano acrescentado às demais torturas a do fogo e de ferro, terminaram o martírio. Os bispos Tirânio, Silvano, Peleio, Nilo, com o santo sacerdote Zenóbio, que instigavam o glorioso grupo à vitória, e que foram seus companheiros no combate, conquistaram também, com êles, a palma do martírio.

Eis como fala de tais mártires uma testemunha ocular, Eusébio, bispo de Cesaréia:

“Em Tiro, vários mártires, após sofrerem inúmeras chicotadas com admirável constância, foram expostos a leopardos, ursos e javalis, instigados pelo ferro e pelo fogo. Os animais davam gritos espantosos; os mártires os aguardavam, sem pestanejar, mas êles não ousavam aproximar-se, e voltavam-se contra os pagãos que os instigavam. Só aos mártires é que poupavam, embora os infelizes estivessem nus e mexessem as mãos para os atrair. À vêzes, os ani-

mais atiravam-se contra êles, mas era como se uma força divina os lançasse para trás. Quando um dos animais nada fazia, os algozes instigavam outro e mais outro contra o mesmo mártir. Um dos mártires, rapaz que ainda nem contava vinte anos de idade, mantinha-se de pé, com as mãos estendidas em forma de cruz, e orava tranqüilamente, sem fazer movimento, no meio das feras que pareciam querer devorá-lo e que, por virtude secreta, recuavam. Outros cinco, egípcios, foram expostos a um touro furioso; o animal lançava para o ar os pagãos que se aproximavam e os deixava semimortos; mas, atirando-se, furioso, contra os mártires, não lograva aproximar-se dêles e recuava, batendo as patas e oscilando medonhamente os chifres. Foram introduzidas outras feras, sem resultado. Finalmente, os mártires tiveram a cabeça cortada e foram arremessados ao mar”.

* * *

SÃO SADOTE

e

Vários outros mártires da Pérsia

Três meses depois do martírio de São Simeão, bispo de Selêucia e de Cetesifão, na Pérsia, em 341, foi-lhe dado por sucessor o sobrinho São Sadote, ou antes Sciadust. Esse nome significa *amigo do rei*. Os caldeus chamam-lhe freqüentemente Jesus-Dust, ou seja, amigo de Jesus. O santo assistira ao concílio de Nicéia, em nome do metropolitano da Pérsia. A perseguição era mais violenta do que nunca. A princípio, ocultou-se, com parte do clero, não de medo à morte, mas para esperar que Deus lhe desse a conhecer a sua vontade, de maneira mais especial. Não deixou de, secretamente, cuidar das necessidades do rebanho, e exortar os fiéis a confessar a Jesus Cristo. Tendo tido uma visão no retiro, reuniu os sacerdotes e os diáconos para lhes comunicar o que lhe acontecera. “Vi em sonhos, disse-lhes, uma escada rodeada de luz, cujo cimo tocava o céu. São Simeão, brilhante de glória, a ela se apoiava. Notando-me ao pé da escada, chamou-me, de rosto sorridente: “Vinde, Sciadust, disse-me, subi e nada temais. Subi ontem, e a vós cabe subir hoje; — o que me parece significar

que, como o meu santo predecessor padeceu a morte no ano passado, devo eu padecê-la êste ano". Em seguida rogou ao clero que praticasse tôda espêcie de boas obras e fizesse um santo emprêgo do tempo, a fim de que, se a morte se apresentasse, pudessem recebê-la como verdadeiros discípulos de Cristo, e na esperança de participarem da herança celestial.

O rei Sapor chegou a Selêucia no segundo ano da perseguição, e o santo bispo foi detido com grande parte do seu clero, alguns eclesiásticos da vizinhança, os monges e os religiosos da sua igreja, o que dava, no total, cento e vinte e oito pessoas. Levaram-nos à prisão, onde padeceram incríveis males durante cinco meses. Três vêzes foram buscá-los para submetê-los ao suplício do cavalete. Amarravam-lhes as pernas com cordas tão fortemente apertadas, que até se ouvia o ruído dos ossos esmagados. O que dêles se pretendia era que adorassem o sol. Recusaram-se os mártires com constância e, finalmente, caminharar para o suplício entoando hinos e cânticos, o que se verificou em 8 de fevereiro de 342 (1).

* * *

(1) Acta MM. orient., p. 84.

SANTO EUQUÉRIO DE ORLÉANS (*)

Bispo e Confessor

Euquério era de Orléans. Antes do nascimento, apareceu à mãe um anjo, anunciando-lhe o futuro do menino. Afilhado de Ansberto, bispo de Autun, dêle recebeu a confirmação.

Euquério foi menino estudioso. Moço, dedicou-se ao estudo das Santas Escrituras e assimilou grandes conhecimentos de direito canônico. Meditava, principalmente, sobre matéria que se encontra nas epístolas de São Paulo, tais como: "O tempo é breve; resta que os que têm mulheres, sejam como se as não tivessem; e os que choram, como se não chorassem; e os que folgam, como se não folgassem; e os que compram, como se não possuíssem; e os que usam dêste mundo, como se dêle não usassem, porque a figura dêste mundo passa" (1). Ou então: "Ninguém se engane a si mesmo; se algum dentre vós se tem por sábio, segundo êste mundo, faça-se insensato para ser sábio. Porque a sabedoria dêste mundo é loucura diante de Deus, pois está escrito: *Eu apanharei os sábios na sua própria astúcia*" (2).

(1) 1 Cor. 7, 29, 31.

(2) Ibid. 3, 19 e Job. 5, 13.

Foram tais meditações que o levaram a deixar o século, procurando as doçuras e a quietude do isolamento.

Em Jumieges, abadia na Normandia, deu-se à vida religiosa. E por sete anos, trabalhando afincadamente para se aperfeiçoar, ali viveu apagadamente.

Ora, sucedeu que um dos seus tios, Suavarico, bispo de Orléans, faleceu, e o clero e os fiéis da cidade, unânimemente, escolheram o Santo para suceder-lhe naquela dignidade.

Euquério recebeu os que lhe transmitiram a notícia, com lágrimas nos olhos, apavorado com a escolha. Temeroso de enfrentar o mundo que deixara, recusou-se a aceitar o episcopado. Mas, grandemente instado por todos, mesmo pelos religiosos de Jumieges, acabou por se deixar levar. Recebeu a bênção do bom abade que o governava, e partiu sob as vistas dos irmãos que lhe desejavam boa sorte.

Sagrado bispo, Euquério passou a visitar as igrejas da diocese, a sondar o clero, a evangelizar o povo. E, num instante, tornou-se querido de toda a população.

Como o demônio não descansa, o zêlo, a pureza, a humildade, e a doçura do santo bispo despertaram a inveja de alguns mal formados, que o enredaram a Carlos Martelo, dizendo-lhe da instância com que Euquério procurava recuperar os bens da Igreja que haviam sido usurpados pelo Estado.

Exilado em Colônia, o santo bispo, pela paciência e sobriedade, conquistou a todos os corações, do clero e do povo, sentindo-se, entre eles, como se estivesse entre os seus diocesanos.

De Colônia, Euquério foi transferido para Liège. E, fixando-se na abadia de São Trond, ali ficou a cuidar da própria salvação, falecendo em 743.

Santo Euquério foi enterrado em São Trond, onde, então, numerosos milagres tiveram lugar: cegos recuperaram a vista, paralíticos passaram a fazer uso dos membros, desembaraçadamente, como se nunca lhes houvesse sucedido qualquer anormalidade, e muitos possessos se viram livres do domínio do demônio.

Houve diversas transladações do corpo de Santo Euquério: em 880, em 1045, em 1100, em 1167. Diz-se que em 1606, um osso de um dos seus braços foi concedido à Igreja de Orléans.



No mesmo dia, em Constantinopla, Santo Eleutério, bispo e mártir. Eleito para substituir Acácio na sé de Constantinopla, foi um grande sofredor, razão pela qual se lhe deu o título de mártir (491).

Em Tournai, outro Santo Eleutério, bispo e confessor. Nascido em Tournai em 456, foi educado com São Melard, que lhe predisse a elevação à sé da cidade em que viera à luz. Tournai era, então, a residência dos reis francos. Sagrado por São Remi, Eleutério deu-se à evangelização do povo, obra custosa, cheia de obstáculos, a qual conseguiu vencer pela oração e a penitência, uma vez que encontrou grande resistência por parte, não só de pagãos, mas, e principalmente, de heréticos que negavam a encarnação do Verbo. Estêve em Roma por três vêzes. Na volta

da última, trouxe consigo relíquias de Santo Estêvão, o primeiro mártir, e de Santa Maria, a Egípcia. Faleceu, segundo alguns, em 531, a 20 de fevereiro, e, segundo outros, em 532, no dia 30 de junho.

Na Irlanda, São Bolcan ou Olcan, bispo e confessor. Batizado por São Patrício, tornou-se discípulo do grande apóstolo missionário. Bispo de Derkan, estabeleceu naquela cidade episcopal uma escola que, em pouco, se tornou famosa. Era homem simples, de grande bondade e imensamente caridoso. Faleceu em 500.

Na Inglaterra, o bem-aventurado Ulrico, ermitão. Filho de pobre família de Somerset, nasceu perto de Bristol. Elevado ao sacerdócio, exerceu o santo ministério em seu próprio país. Dado à vida solitária, jejuava e macerava-se. Perseguido pelo demônio, conseguiu vencê-lo. Operou milagres, falecendo em 1154.

Na Irlanda, São Colga, confessor, cognominado o Sábio. Tendo recebido excelente educação, ficou célebre pelo saber e pela santidade. Favorecido com diversas aparições do apóstolo Paulo, faleceu em 789.

Em Tongres-Maestrich, São Falcão, bispo e confessor, desaparecido em 512.

Em Assis, a bem-aventurada Amata, virgem, sobrinha de Santa Clara de Assis. Mundana, foi convertida pelas ardentes orações da tia. Faleceu em 1250, e tem o nome inscrito no martirologio franciscano. Tendo, um dia, ido visitar Santa Clara, não mais deixou as clarissas e serviu o Senhor com

ardor e perseverança. Houve duas transladações de seu corpo: uma em 1260, e outra em 1602.

No mesmo dia, na ilha de Chipre, os santos mártires Potâmio e Nemésio. — Em Catânia, na Sicília, São Leão, bispo, que fulgiu pelas virtudes e pelos milagres.

21.º DIA DE FEVEREIRO
SÃO DANIEL, SANTA VERDA

e

Outros mártires da Pérsia

Dois anos depois do martírio de São Sadoth, de que falamos no dia precedente, o sacerdote Daniel e a virgem Santa Verda, ou seja, Rosa, foram detidos por ordem do governador da província dos Razicheanos. Padeceram durante três meses as mais cruéis torturas. Entre outros suplicios, vararam-lhes os pés, os quais, depois, foram mantidos por cinco dias na água gelada. Nada lograva abalar-lhes a constância. Assim, condenou-os o governador à decapitação, o que se verificou em 21 de fevereiro de 344 (1).

No mesmo ano, o rei Sapor, encontrando em Selêucia, mandou prender, na vizinhança, cento e vinte cristãos, entre os quais se achavam nove virgens consagradas ao Senhor; quanto aos restantes eram sacerdotes, diáconos e clérigos de diferentes ordens. Foram todos conduzidos a tenebrosas e infectas masmorras, onde ficaram até o fim do inverno, isto é,

(1) Acta MM. orient., p. 103.

durante seis meses. Uma rica e virtuosa mulher da cidade de Arbela, chamada Jazdundocta, ou seja, *Nascida de Deus*, incumbiu-se, sòzinha, do cuidado de os alimentar, não querendo partilhar a boa obra com ninguém. Os santos presos foram freqüentemente submetidos a cruéis torturas, mas sempre confessaram com heroísmo a Jesus Cristo. "Jamais, diziam, adoraremos o sol, que não passa de simples criatura; só almejamos o momento em que, terminando esta vida, se iniciará a nossa ventura".

Jazdundocta, tendo sabido o dia em que seriam executados, rumou, na véspera, para a prisão, lavou-lhes os pés e a cada um deu uma túnica branca. Em seguida, mandou lhes fôsse preparado um grande festim, e ela própria os serviu à mesa. Ao mesmo tempo, exortava-os à constância com as promessas feitas pelo Evangelho aos verdadeiros discípulos de Cristo. Tal procedimento surpreendeu bastante os confessores, e foi inútilmente que indagaram do motivo. No dia seguinte, Jazdundocta foi visitá-los, mas foi para lhes dizer que aquêles dia não passaria sem que recebessem a coroa do martírio. Rogou-lhes solitassem ao pé de Deus o perdão aos pecados dela, para que pudesse ter a felicidade de se lhes reunir no reino celestial.

Pouco tempo depois, enviou o soberano ordens para que, sem demora, fôsem executados os confessores. Fizeram-nos, pois, sair da prisão. Jazdundocta aguardava-os à porta; atirou-se-lhes aos pés e beijou-lhes respeitosamente as mãos. Os guardas apressaram-se em os conduzir ao lugar do suplício. Lá, o oficial que presidia perguntou se dentre êles havia alguém desejoso de salvar a vida adorando o sol

Responderam os mártires, unânimemente, que a morte não lhes metia medo, e que a preferiam a uma criminosa apostasia. O oficial, desesperando de os conquistar, após tão firme resposta, condenou-os à decapitação, que se verificou imediatamente. Ao cair da noite, Jazduocta mandou sepultar os pobres corpos, aos grupos de cinco a uma grande distância da cidade. Tomara tôdas as precauções para não ser descoberta pelos magos. Os mártires, mortos em 21 de abril de 344, eram da Adiabene, cuja capital era Arbela. A província, que compreendia a maior parte da antiga Assíria, não era quase habitada senão por cristãos (1).

* * *

(1) Acta MM. orient., p. 103.

SÃO GONDELBERTO

Bispo de Sens, e solitários nos Vosges

No sétimo século, comparava-se a solidão dos Vosges à antiga Tebaida. Três santos bispos das Gálias se retiraram quase ao mesmo tempo para aquêles páramos desertos e construíram, cada um, a sua cela. São Gondelberto ou Gomberto, de Sens, abandonando tudo, foi ocultar-se aos olhos do mundo naquele retiro. Tendo lá obtido um pedaço de terra do rei Childerico II, que então reinava na Austrásia, ergueu uma cela em honra de São Pedro e chamou-lhe Senones, do nome da sua igreja de Sens. Honram-no em 21 de fevereiro. Santo Hidulfo, por sua vez, é honrado em 11 de julho.

* * *

SÃO PEDRO DE MAIÚMA (*)

M á r t i r

Pedro era de Gaza, na Palestina, cidade que também era conhecida como Maiúma, daí o Maiumeno que acompanha o nome do Santo.

Em Damasco, era êle coletor de impostos, distinguido do califa Walid II, que, sabendo-o cristão, o tolerava, crente de que Pedro não professaria a fé públicamente. Enganava-se, porém, porque tal coisa, um dia, sucedeu.

Pedro estava doente, acamado, e os amigos foram visitá-lo. Ao final da visita, quando estavam para se retirar, disse-lhes Pedro:

— Meus bons amigos, eu rogo a Deus para que vos recompense por tão caridosa atenção que por mim tivestes. Embora não professeis o que eu professo, tenho-vos a todos como amigos. Digo-vos, porém: quem quer que não creia no Pai, e no Filho, e no Espírito Santo, na Trindade consubstancial, tem a alma toldada, cega, e padecerá eternos suplícios. Maomé, vosso profeta, quem é êle?

Todos os amigos, entreparados, o ouviam, embasbacados. Delirava, porventura, o coletor de impostos do califa?

— Quem é êle, o vosso profeta? replicou Pedro, compenetradamente. Dir-vos-ei, meus bons amigos. É o precursor do Anticristo. Renunciai ao êrro, queridos, renunciai ao êrro em que estais!

Certos de que Pedro delirava, deixaram-no, excusando-o.

Curado, o Santo voltou ao seu trabalho. E, querendo dar testemunho da fé que abraçava, gritou, um dia, em meio a numerosas pessoas:

— Abaixo Maomé! Anátema! Abaixo o profeta e seu fabuloso ensinamento!

Imediatamente, agarraram-no e levaram-no à presença de Walid, que ordenou lhe cortassem a cabeça no mesmo dia. Era a 21 de fevereiro de 743.

* * *

BEM-AVENTURADO PEPINO DE LANDEN (*)

C o n f e s s o r

Pepino, chamado de Landen, e também de o Velho, para ser distinguido de Pepino de Heristal, seu neto, era filho de Cariomano e nasceu nem 580.

Casado com Iduberqa, filha de uma das mais importantes famílias da Aquitânia, teve, da espôsa, um filho, Grimoaldo, e duas filhas, Gertrudes, depois abadessa de Nivelles, e Beggha.

Sob Dagoberto I, filho de Clotário II, Pepino transferiu-se, com aquêlo príncipe, para a Austrásia. Ali, ao pé do bispo de Metz, aconselhava-se quanto ao reino e quanto à salvação própria. E de tal sorte penetrou o coração do príncipe que nêle conseguiu colocar o temor de Deus e o amor à justiça.

Quando, porém, morto Clotário, Dagoberto entrou na posse dos Estados que lhe cabiam, a justiça, a doçura, a liberalidade e outras qualidades aperfeiçoadas por Pepino desapareceram e deram lugar à incontinência, à avareza e demais paixões maléficas. E uma série de contratempos surgiu: Santo Amado foi banido porque fêz ver ao rei certas inconveniências; o próprio bispo, não podendo suportar a situação, demitiu-se, internando-se num êrmo da Lorena,

lá acabando seus dias; e Pepino, depois de muito ter chorado por tamanha descida do rei que trabalhara com tanto carinho e tanto amor, resolveu expor-se ao que quer que fôsse: preferia a desgraça do que ficar sem nada fazer. E a Dagoberto repreendeu severamente, taxando-o de ingrato para com Deus.

Dagoberto caiu em si; arrependeu-se. E, para dar provas de que amava o conselheiro, confiou-lhe o filho Sigeberto, que foi batizado por Santo Amando, então de volta do exílio.

Em 633, entregou a Austrásia nas mãos do menino, desejoso de que Pepino a governasse, na minoridade do filho.

Morto Dagoberto, o conselheiro continuou ao lado do novel príncipe, que, ternamente, o olhava como amigo, mestre e pai. E o resultado daquela confiança foi que se tornou um dos governadores mais felizes e mais santos. Tanto amava o amigo, que, à sua morte, desolado, dizia, inconsolável:

— Esta foi a mais terrível prova que Deus poderia enviar-me sôbre a terra.

Pepino, em tudo, foi modêlo. Cortesão perfeito, era protetor das leis, defensor da verdade, cultuador da justiça, fervoroso amigo dos servidores de Deus, terror dos dúbios e dos perversos, sustentáculo dos fracos. Foi um pai da pátria, alma do Estado, amigo da religião, condutor seguro e correto de reis.

Pepino de Landen, o bem-aventurado, foi quem erigiu o convento sôbre o túmulo de Santa Hermelinda. Morto em 646, enterraram-no em Landen, sendo, mais tarde, transferido para Nivelli, junto da filha Gertrudes, abadessa.

* * *

SÃO GERMANO
e
SÃO RANDOALDO (*)

Mártires

Germano era filho de um senador de Trêves, cidade em que nasceu, quando do reinado de Clotário II. Confiado, desde a mais tenra idade, ao bispo Modoaldo, o menino recebeu excelente educação. Piedoso, todo voltado para Deus, Germano, aos dezessete anos, determinou deixar o século. E, com o consentimento do bispo de Trêves, o bom Modoaldo, distribuiu todos os bens que possuía à pobreza.

Do bispo de Metz, então retirado da Austrásia, em virtude dos desmandos de Dagoberto I, Germano recebeu a tonsura.

Professando no mosteiro fundado por Rosnarico, o Santo praticou tôdas as humilhações que um perfeito religioso pode praticar. Desejoso de se aperfeiçoar, com o irmão, Numeriano, que a êle se juntara, demandou Luxeuil, e passou a viver sob a conduta do abade Walberto, que então governava a famosa abadia.

Quando o bom duque Gondo, um dos maiores senhores da Alsácia, fundou um novo mosteiro na diocese de Bale, em Grandval, Walberto enviou Germano para governá-lo.

Foi o Santo um piedoso e sábio abade.

Um dia, ali apareceu um jovem humilde e doce. Chamava-se Randoaldo — e seria, anos depois, companheiro de São Germano no martírio.

Com a morte de Gondo, foi-se a paz que por tudo pairava. Bonifácio, o duque que o sucedeu, era o despotismo personificado.

Um dia, aquêlê senhor, com uma tropa de comandados, pôs-se a sufocar pequenos atos de rebeldia com grandes castigos desnecessários e cruéis.

Germano, deixando a abadia, com Randoaldo, foi ao encontro do novo governante, e, destemidamente, exproboou-lhe a conduta que vinha de ter. Foi, então, o excesso: exasperado, Bonifácio ordenou a pilhagem, o massacre, o incêndio. E Germano e Randoaldo, quando saíam da igreja de São Maurício, onde tinham estado a rogar a Deus que contivesse a fúria do duque, foram mortos a golpes de lança. Era a 21 de fevereiro de 666, e muitos milagres vinham atestar a santidade dos dois santos mártires.

* * *

No mesmo dia, em Citópolis, na Palestina, São Severiano, bispo e mártir, que se opôs arduamente aos eutiquianos e foi levado à morte pela espada, em 452.

No Oriente, São Jorge de Amastris, bispo e confessor, nascido em Croma, perto do Mar Negro. Meditando particularmente sôbre a castidade de José, a paciência de Jó e a fé de Abraão, tornou-se modelo dos religiosos do mosteiro de Bonissa. Escolhido para bispo pelos fiéis, o Santo trabalhou com grande afinco, zelosamente, para a santificação do povo.

Morto em 806, foi chorado por tôda a diocese e venerado como Santo. Os bárbaros russos pretenderam arruinar-lhe o túmulo e foram imobilizados no lugar, sendo necessárias muitas súplicas ao Santo para que recuperassem o uso dos membros, então sem quaisquer movimentos.

Na Síria, os santos Maurício, Fotino, Teodoro e outros, mártires em 298. Maximiano, o imperador, quando na Síria, tomando conhecimento da denúncia que se fazia de Maurício e setenta companheiros, cristãos todos, ordenou que os trancafiassem na prisão. Flagelados, passaram pelo cavalete, foram rasgados pelas unhas de ferro e queimados. Para mais atormentar Maurício, Maximiano ordenou que, às suas vistas, decapitassem-lhe o filho, Fotino. Tudo em vão. Impossibilitado de vergar aquêles servos de Deus, ordenou que os levassem a todos a um lugar povoado de vespas e outros insetos, e que, nus, untados de mel, a êles ficassem expostos. Todos morreram a bendizer a Deus, depois de dez dias e dez noites atrocíssimas.

Em Terni, na Itália, Santo Antímio, bispo, fundador da Igreja de Terni. Faleceu em 176.

Em Roma, Santa Irene, virgem, originária da Espanha, irmã do papa São Damásio. Falecida em 379, teve o epitáfio escrito pelo irmão, que também lhe dedicou o livro *Da Virgindade*.

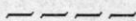
Em Jerusalém, São Zacarias, bispo e confessor. Sacerdote e guarda dos vasos sagrados da Igreja de Constantinopla, foi nomeado patriarca da Igreja de Jerusalém. Faleceu em 631.

Em Angers, o bem-aventurado Noel Pinot, mártir. Nascido em 1747, entrou no seminário de Angers,

sendo ordenado padre em 1771. Foi vigário de Bousse, depois de Corzê. Morto pela fé em 1794.

Em Bitínia, São Timóteo, anacoreta. Nascido na Itália, foi discípulo de São Teoclisto, o Siciliano (século IX).

Em Ravena, São Maximiano, bispo e confessor. — Em Metz, São Félix, bispo. — Em Brescia, São Satério, bispo.



No mesmo dia, na Sicília, sessenta e nove mártires, que, sob o imperador Diocleciano, suportaram várias espécies de torturas, e mereceram receber a recompensa devida à inquebrantável firmeza de sua fé. — Em Adrumeta, na África, os santos Vérulo, Secundino, Sirício, Félix, Sérvulo, Saturnino, Fortunato, e outros dezesseis, os quais, durante a perseguição dos vândalos, foram martirizados pela defesa da fé católica.

* * *

22.º DIA DE FEVEREIRO

SANTA MARGARIDA DE CORTONA

Margarida de Cortona foi, tal qual Madalena da Betânia, a princípio grande pecadora, depois ilustre penitente. Nasceu em Alviano, na Toscana; chama-se-lhe de Cortona, do nome do lugar em que foi sepultada. Desde a mocidade, a beleza a expôs a grandes desordens. Por nove anos permaneceu unida a um homem rico, o qual lhe ministrava com abundância o com que satisfazer ao pendor pelo luxo e pelos prazeres. Teve dêle um filho, que mais tarde entrou na ordem dos irmãos Menores. Entretanto, no meio de uma vida inteiramente culpada, era senhora de singular compaixão pelos pobres. Tinha acessos de devoção em que dizia, à vista de certos lugares: "Como seria bom orar aqui! Como é lindo êste lugar para uma vida penitente e solitária!" De regresso ao quarto, muitas vêzes deplorava a sua mísera condição. E quando os habitantes a saudavam, ela os censurava, afirmando que, conhecedores que eram da sua vida criminosa, não deviam sequer dirigir-lhe a palavra. Um dia em que as companheiras lhe censuravam o atavio, dizendo: "Que será de ti, vaidosa Margarida?" respondeu-lhes: virá o tempo em que me chamareis santa, quando eu o fôr verda-

deiramente, e ireis visitar-me com um bordão de peregrino.”

No ano de 1277, seu marido ou sedutor deixou um dia a casa, levando em sua companhia uma pequena cadela. Alguns dias depois, a cadela voltou sòzinha, ganindo, e, puxando Margarida pelas vestes, esforçava-se por arrastá-la para fora de casa. Margarida seguiu-a, assombrada, até um monte de lenha, onde o animal parou, olhando para a lenha e tocando-a, como para dizer à patroa que a tirasse. Margarida afastou alguns pedaços, e notou que o homem já estava morto e sôbre o corpo lhe fervilhavam vermes.

Sentiu-se de tal maneira impressionada com o espetáculo que, arrependendo-se da vida passada, foi, chorosa, atirar-se aos pés do pai, para lhe suplicar perdão. O pai, instigado por uma madrasta, expulsou-a de casa. Retirou-se a jovem desde então para Cortona, na companhia de algumas piedosas pessoas, e lá mudou inteiramente de vida. Em breve, aspirando a coisa mais perfeita, solicitou dos frades menores de Cortona lhe dessem o hábito de penitente da ordem terceira de São Francisco. Os frades hesitaram longamente. Margarida era ainda jovem, pois contava apenas vinte e cinco anos. Embora não mais usasse ouro, nem pérolas, e se cobrisse de vestes muito pobres, e, embora, em vez de se ornar, procurasse tornar-se feia, continuava a ser bela. Os bons religiosos temiam, pois, pela perseverança dela. Todavia, vendo que o seu fervor aumentava de dia para dia, aceitaram-lhe os rogos e lágrimas, e lhe concederam o hábito de penitente.

A partir de então, O Espírito supremo a transformou em outra criatura: o que, desde aquêl

momento, a dominou inteiramente foi o amor de Deus. Procurava, constantemente, o lugar mais solitário, para conversar apenas com Deus, na meditação, na prece, nas lágrimas, nos jejuns e vigílias; o seu único leito era o chão nu; a sua morada uma pequenina cela. A atenção se lhe concentrava nos pobres. Transformou uma casa em enfermaria para os doentes; o fruto do seu trabalho, as esmolas que lhe davam ou que ela própria pedia, tudo era para êles. A meditação habitual eram os mistérios de Jesus Cristo, particularmente a meditação da sua dolorosa paixão; Margarida estava prês a cruz com êle, mediante os seus próprios sofrimentos. O Salvador revelou-lhe muitos segredos. Na véspera de Santa Clara, após a comunhão, ouviu-o dizer: "Abençoadas sejam tôdas as dores que padeci por tua alma, bem como a Encarnação; abençoados todos os trabalhos que suporrei, e o amor que me uniu ao gênero humano. Hoje, tenho poucos bons filhos em comparação ao número dos maus; mas quando mesmo tivesse apenas um no mundo, continuaria a abençoar, por êle, as dores que padeci."

Eis o método comum por ela seguido na oração. "Após invocar a santíssima Trindade, que é um só Deus eterno e imenso, recomendo-o a Jesus, o Filho de Deus encarnado por nós, nosso Redentor, e a sua mãe a bem-aventurada virgem Maria, nossa advogada, e a tôdas as ordens de santos, começando pelos serafins; em seguida, volto a Jesus Cristo, concebido pela virgem Maria, mediante a ação do Espírito Santo, ao parto sem dor, ao júbilo dos anjos, à adoração dos magos, à fuga de meu Senhor menino, e às suas laboriosas jornadas. Depois, medito na misericordiosa conversação da Samaritana, na defesa da

mulher no templo, na compaixão que demonstra pela filha da Cananéia, pelos leprosos, cegos e pelo paralítico da piscina. Vejo os pés tão ternos daquela pureza soberana, sem calçado, correndo pelas aldeias, pelos burgos e pelas cidades, e caminhando sôbre as ondas do mar, sem se molharem. Contemplo, igualmente, a operação dos milagres, a compunção de Mateus e de Madalena, a maravilhosa ressurreição de Lázaro e de outros. E, erguendo-se sôbre tais degraus, celebro relativamente a cada um os louvores do Criado. Louvo-o semelhantemente nas ordens dos santos, nas festas dos quais me concede inúmeras e novas graças. E, continuando a oração, embora com lentidão e erros, abenço-os pelos benefícios com os quais êle me gratificou, sem nenhum mérito de minha parte. Em seguida, na medida em que se digna fazer-me capaz, prendo o meu espírito à fonte secreta da vida, Jesus; lá, minha alma, ficando alterada, contempla o beijo da traição, a indigna venda do incomparável tesouro, o suor de sangue, o discípulo que renega, a injúria das bofetadas, a ignomínia dos escarros, o ultraje das palavras, o pêso da cruz, os pregos enterrados, os olhos que são velados, a corrupção das testemunhas, a impiedade dos juízes, a perfídia dos judeus, o ladrão que reconhece o crime, o Senhor que perdoa, Jesus que recomenda sua mãe ao discípulo. Depois, contemplo ou medito, com amargas lágrimas, o sôrvo de fel, o sol que se obscurece, as pedras que se fendem, os monumentos que se abrem, a cabeça inclinada, e o espírito do meu Senhor recomendado a seu Pai. E assim consumida de tristeza ao pé da cruz, desejo morrer com a Virgem mãe, e ser varada espiritualmente pelo gládio da sua dor, suplicando-lhe, com lágrimas, que me faça par-

ticipante da inefável dor que sofreu, pois foi por mim, pecadora, foi para me resgatar que o Senhor morreu.”

Aquela freqüente meditação da paixão do Salvador, e dos seus outros mistérios, inspirava a Margarida uma imensa caridade em prol da salvação das almas, quer neste mundo, quer no outro. O exemplo de sua vida santa e penitente, unido à eficácia das suas preces e austeridades sem fim, converteu grande número de pessoas, provenientes, às vêzes, de países distantes, para lhe dar provas de reconhecimento, ou para se recomendar às suas preces. As próprias almas do purgatório, por permissão divina, entravam com ela na misteriosa correspondência para lhe solicitar os piedosos sufrágios. Estando elà, um dia, a orar por dois artesãos que lhe haviam aparecido, dizendo-lhe terem sido mortos por salteadores, sem que pudessem confessar-se, e sentirem, portanto, pesar pelos erros cometidos, respondeu-lhe o Salvador: “Dizei aos frades Menores que se lembrem das almas dos mortos; são em número tão grande, que mal pode o espírito do homem imaginá-lo, e, entretanto, poucos socorridas são pelos amigos.” Soube Margarida, por revelação, que sua mãe fôra libertada do purgatório depois de dez anos; que seu pai de lá saíra, igualmente, mas após padecer castigos muito mais severos. Um dia, orava ela pela criada morta, disse-lhe o anjo da guarda: “Ficará no purgatório durante um mês, mas lá padecerá leves punições, e isso pela cólera em que incindiou por excesso de zêlo; depois, será levada para o meio dos querubins.” O salvador disse-lhe um dia de Purificação da Santa Virgem: “Os três mortos pelos quais orastes esta manhã, segundo a opinião dos seus juizes, não estão absolutamente condenados, mas padecem tão extre-

mados tormentos que, se não fôsem visitados pelos bons anjos, se julgariam condenados, por estarem muito perto dos que são realmente condenados. Como entre os religiosos há celas distintas, o mesmo se dá para as penas do purgatório: uns são purificados em espêssas trevas, outros em rápidas torrentes, outros no gêlo, outros em fogos devoradores, etc.”.

Quanto a Margarida de Cortona, foi purificada já nesta vida pela penitência, pelos jejuns, austeridades, doenças, cruces, e sobretudo por uma ardente caridade de Deus e do próximo. Faleceu em 22 de fevereiro de 1297. O papa Leão X, comprovando a verdade dos milagres que se haviam realizado por intercessão dela, permitiu à cidade de Cortona lhe celebrasse a festa. Em 1623, Urbano VII estendeu tal permissão a tôda a ordem de São Francisco. Finalmente, Bento XII canonizou a bem-aventurada Margarida em 1723. O corpo se conservou sem o menor sinal de corrupção; encontra-se em Cortona, na igreja das religiosas de São Francisco, que deixou o nome de São Basílio, para tomar o de Santa Margarida.

* * *

A BEM-AVENTURADA JOANA MARIA BONOMI

Virgem

A bem-aventurada Joana Maria Bonomi nasceu em Aciago, na diocese de Vicência, em 5 de agosto de 1606. O pai e a mãe encaminhavam-na para a piedade e a caridade. Sua mãe a tinha consagrado à santa Virgem, desde antes do nascimento. A santa perdeu tão piedosa mãe, quando mal contava seis anos de idade. Foi, então, confiada às Clarissas de Trento, que viviam em grande regularidade. No meio daquelas santas mulheres, a quem via desfrutar uma paz profunda na solidão, e impressionada com os exemplos de fervorosa piedade que tinha debaixo dos olhos, resolveu a jovem Maria unir-se, um dia, a elas, e consagrar-se sem reserva a Deus. Entretanto, o pai, que tinha para ela outros planos, chamou-a de volta quando terminou a educação, e tratou de casá-la convenientemente. No momento decisivo, porém, declarou-lhe a filha que a sua resolução era nunca ter outro espôso que não Jesus Cristo, e renunciar ao mundo para enterrar-se num mosteiro. Rogos, e mais rogos, ameaças, nada conseguiu demovê-la; e o pai, vendo-a inquebrantável, consentiu em tudo quanto ela pretendia, pedindo-lhe apenas que não

voltasse a Trento, e entrasse num convento mais próximo de Aciago, a fim de, ao menos, lhe deixar o consôlo de poder visitá-la freqüentemente. Maria, cedendo à súplica do pai, entrou para o seio das beneditinas de Bassano, na qualidade de pensionista, no dia 21 de junho de 1621.

Quis a jovem virgem, durante o tempo de noviçado, preparar-se para receber dignamente o hábito religioso. A prece, a meditação, duras penitências, freqüentes jejuns, eram os seus exercícios habituais. Considerava os anos que, maugrado seu, passara no mundo, anos perdidos para o céu, e se esforçava, por uma fervorosa piedade, em se tornar vítima pura e agradável ao Senhor. Redobrou as austeridades durante os três meses que precederam o recebimento do hábito. Finalmente, chegado o dia tão ansiosamente vivido, rumou, banhada em celestial ventura, para os pés dos altares, para entregar-se inteira ao espôso escolhido. Era tão grande a sua felicidade, que tombou em êxtase, e todos acreditaram que estivesse passando mal. Ao fazer a sua consagração, acrescentou o nome de Joana ao de Maria que recebera no batismo.

O Senhor, a quem fizera o sacrifício de tão grande número de preciosas vantagens aos olhos do mundo, a recompensou mediante graças especiais. Os delicados membros receberam a marca dos sagrados estigmas da paixão; e os augustos sinais pareciam, às vêzes, sangrar, outras feriam os olhos das demais religiosas pelo vivo esplendor que dêles emanava.

A vida de Joana não foi, por assim dizer, senão um encadeamento de virtudes; ocupava-se unicamente dos deveres de religiosa, e cumpria-os com

exemplar exatidão. O seu desapêgo ao mundo não tinha limites; não via outra coisa senão a vida futura e só cuidava de tornar-se digna dela. Tinha tamanho horror ao pecado, e era tão vivo o temor de ofender a Deus, que todos podiam vê-la tremer só com a idéia de lhe transgredir a santa lei, e ninguém duvidava que havia conservado durante tôda a vida a inocência batismal. Mas o exemplo das suas virtudes não pôde ficar estéril; e, em breve, chamada às funções de mestra das noviças, dedicou-se com admirável paciência a formar o coração e o espírito das jovens que aspiravam a tornar-se espôsas de Cristo. As companheiras, mais tarde, nomearam-na abadessa da comunidade, e foi sobretudo em tal cargo que mostrou em tôda a sua luz as virtudes e qualidades que a distinguiam.

Devia ser submetida a uma prova tão elevada perfeição. Permitiu Deus, portanto, que Joana fôsse chamada de visionária pelo confessor, e de louca pela maior parte das companheiras. Sofreu ela a humilhação com paciência que raiou pelo heroísmo. Mal, porém, se libertara daquela tribulação, outras, mais cruéis, a assaltaram. Atacou-a uma horrenda moléstia, a lepra, que a submeteu a dores, mais cruciantes ainda pelo fato de as companheiras, temendo o contágio, a abandonarem e só lhe prestarem os serviços mais indispensáveis. Em breve, outros sofrimentos se uniram ao primeiro. Joana viu-se atingida por várias enfermidades que, freqüentemente, a levavam à beira do túmulo; mas a paciência, a resignação, a mais pura calma reinavam constantemente naquele coração torturado. Sofreu com fé, por ter uma ótima idéia dos sofrimentos do Salvador, e das recompensas eternas, comparadas às quais, diz São Paulo, nada

são as tribulações desta vida. Assim, ouviam-na repetir, no meio dos mais agudos padecimentos, estas comoventes palavras do santo varão Jó: "O Senhor assim o quis; seja o seu santo nome abençoado!" Numa palavra, Joana parecia alheia a tudo quanto padecia no corpo; era como que arrebatada aos céus, e já desfrutava das inefáveis delícias reservadas aos eleitos. Quando pretendiam lastimá-la e enternecer-se pela sua triste sorte, respondia com tranqüilidade que não merecia absolutamente nenhuma lástima, que todos se enganavam ao julgá-la infeliz, pois as suas dores lhe franqueavam o caminho da eterna felicidade, e que ela se rejubilava por comprar o céu nas mesmas condições mediante as quais o conquistaram tantos santos.

A fama de santidade de que gozava lhe atraía freqüentemente visitas de pessoas ilustres pelo nascimento e pela piedade. Citam-se, entre outras, Henriqueta Adelaide, eleitora da Baviera, que foi de Pádua a Bassano para desfrutar da conversação de Joana. Possuía tão elevada idéia da virtude da nossa religiosa, que se lhe lançou aos pés e lhe suplicou a bênção. A humilde irmã de São Bento recusou-se longamente a consentir na súplica da princesa; só depois de reiterados rogos foi que cedeu, e a eleitora disse várias vêzes, posteriormente, que nunca vira tamanha simplicidade com tão profundo conhecimento dos caminhos evangélicos.

Quando iam consultá-la sôbre um assunto delicado, indicava um jejum aos que a interrogavam, depois consultava o Senhor, após ter ela própria jejuado, e só respondia ao cabo do prazo por ela determinado.

Havia tempo que Joana estava pronta para abandonar a terra; nunca amara a vida, e desde a infância todos os seus pensamentos se tinham voltado para o céu. Assim, viu chegar com suave contentamento o instante que iria reuni-la ao divino espôso. Atacada pela derradeira enfermidade que iria conduzi-la ao túmulo, pediu os sacramentos da Igreja, que recebeu num inexprimível arroubo de amor e reconhecimento. Foram tão visíveis o seu júbilo e ventura, que os presentes fizeram votos para, um dia, experimentarem os mesmos sentimentos na hora da morte. Após receber o santo viático, caiu em êxtase e nêle permaneceu dilatado tempo. Recobrou afinal a lucidez, passou ainda alguns instantes em fervorosas orações, e expirou docemente em 22 de fevereiro de 1670, com sessenta e cinco anos de idade.

A comunidade deu provas da mais profunda dor; mas o sentimento não tardou em se mudar numa viva confiança no prestígio de que ela devia gozar ao pé de Deus. Todos os que a tinham conhecido durante a vida se apressaram em invocá-la, e vários milagres se realizaram com a sua intercessão. Quando em 1736 o corpo lhe foi exumado, três pessoas ficaram imediatamente livres de várias doenças. Fizeram-se, mais tarde, severas pesquisas sôbre a vida e os prodígios ocorridos ao lado do seu túmulo; e foi em consequência de tais pesquisas que o papa Pio VI lhe concedeu as honras da beatificação, em 2 de junho de 1783.

* * *

BEM-AVENTURADA ISABEL DE FRANÇA

Virgem

Filha do rei Luís VIII e de Branca de Castela, Isabel nasceu em 1225. Com menos de dois anos, perdeu o pai, mas a rainha Branca deu-lhe educação completa, auxiliada, e grandemente, por uma governanta, a senhora de Buisemont, culta e virtuosa mulher, muito versada em ciências e artes.

Isabel mostrou, desde menina, singular aversão por tudo aquilo que pudesse, no mundo, apartá-la do amor de Deus.

Ora, o casamento da jovem princesa com Conrado, filho de Frederico II, era vantajoso para o fortalecimento e a paz do país. Branca e o filho, o piedoso Luís IX, procuraram, a todo o transe, convencê-la daquela necessidade, mas a jovem Isabel estava inabalável. Nada a levaria a deixar o Espôso sublime. Como trocar Jesus Cristo por um mortal?

Uma carta de Inocência IV, então na cátedra de São Pedro, veio pôr têrmo àquela situação. Felicitando-a pelo desejo que mostrava de consagrar-se a Deus, encorajou-a a perseverar.

Desde então, Isabel, no palácio mesmo, principiou uma vida em tudo semelhante a do claustro. E

os pobres e os doentes passaram a receber da casta princesa um cuidado todo especial.

Deus enviou à serva fiel provas e provas: doenças, longas e graves; a morte da rainha-mãe; o insucesso do irmão na Terra Santa. A morte de Branca, principalmente, encheu-a de dor. E, quando Luís IX, liberto, tornou ao país, Isabel, com seu consentimento, deixou o castelo real.

Com a ajuda de Luís, fundou, perto de Paris, em Longchamp, uma casa para jovens da ordem de São Francisco, depois Convento da Humildade de Nossa Senhora.

A humildade, as austeridades que praticava, a piedade levaram-na a ser escolhida para dirigir a fundação, ela que desejava, e só, viver muito apagamamente. Relutou e relutou. Em vão, porém, porque Deus assim o queria.

Abadessa, sempre doente, foi favorecida por diversos êxtases, chegando, pouco antes de falecer, a saber o dia e a hora exatos em que deixaria o mundo.

A bem-aventurada Isabel de França faleceu em 1270. Revestida com o hábito de Santa Clara, foi sepultada no convento mesmo que fundou, conforme seu desejo. A 3 de janeiro de 1521, foi beatificada por Leão X.

* * *

No mesmo dia, em Hierápolis, na Frígia, o bem-aventurado Pápias, bispo daquela cidade. Companheiro de São João, o Presbítero, e de São Policarpo, viveu no século II.

Em Vienne, França, São Pascásio, bispo. Notável pela erudição e a santidade, foi sucessor de

Simplicio. Homem de grande saber, faleceu, possivelmente, em 312.

Na Síria, São Baradat, ermitão e confessor, nos tempos de Teodósio, o Jovem, Marciano e Leão da Trácia. Vivendo numa espécie de jaula, construída no pico dum alto rochedo, ali se deixou ficar por muito tempo, todo curvado, tão acanhado era o seu retiro, exposto ao sol, à chuva, ao calor, ao frio e aos ventos. Instado pelo patriarca de Antioquia a deixar aquêlê suplicio, Baradat contentou-o. E, ao invés de ficar curvado, construiu outra gaiola, esta bem alta, onde, sempre de pé e com os braços erguidos para o céu, cobriu-se com um saco de pele, ao qual fêz três aberturas: duas para os olhos e uma para a bôca. Santamente, faleceu em 460.

Na Síria ainda, os santos Talácio e Sineu, ermitões e confessores.

Em Bitínia, Santo Atanásio, abade e confessor. Natural de Constantinopla, de rica e bem posta família, professou no mosteiro de Paulopetron, no gôlfo da Nicomédia. Abade da comunidade, faleceu em 826.

No Japão, Diogo Carvalho e companheiros mártires. Nascido em Coimbra, entrou muito jovem para a Companhia de Jesus. Estêve na Conchinchina, depois no Japão, onde, com vários convertidos, foi martirizado pela constância na fé, depois de ter fundado muitas igrejas (século XVII).

No mesmo dia, a cadeira de São Pedro, apóstolo, em Antioquia, onde os discípulos começaram a ser chamados cristãos.

Em Salamina, na ilha de Chipre, Santo Aristião, que, como assegura o mesmo Pápias, foi um

dos setenta e dois discípulos de Nosso Senhor. — Na Arábia, a lembrança de vários santos mártires, cruelmente mortos por ordem do imperador Maximiano. — Em Alexandria, Santo Abílio, segundo bispo daquela cidade, depois de São Marcos, e que cumpriu todos os deveres do sacerdócio com grande reputação de virtude.

★ ★ ★

23.º DIA DE FEVEREIRO

SÃO PEDRO DAMIÃO

Cardeal-bispo de Óstia e Doutor da Igreja

Nasceu Pedro Damião em Ravena, em 1007. Sendo o último de um grande número de filhos, queixou-se um dos mais velhos a sua mãe de lhe dar tantos co-herdeiros; e era tão sensível a pobre mãe que, torcendo as mãos, se pôs a gritar que era uma miserável indigna de viver. Deixou de nutrir o pobre filhinho, que em breve se tornou lívido de fome e de frio, e já quase não tinha voz, quando uma mulher, espécie de criada na casa, sobrevivendo, disse à mãe: "Será proceder como mãe cristã, senhora, fazer pior que os tigres e os leões, que não abandonam os filhotes? Talvez que esta criança não seja a menor da família." Disse, sentou-se ao pé do fogo e, após ungir e esfregar o filho com boa quantidade de gordura, o fez recobrar o calor e as côres. A mãe, recobrando a lucidez, tornou a se apoderar do filho e terminou de alimentá-lo.

Pedro Damião era ainda pequenino quando perdeu pai e mãe. Um dos irmãos, casado, incumbiu-se de educá-lo; mas tanto êle como sua esposa eram avarentos, duros, e tratavam o menino como se

fôsse um escravo. Só o olhavam de soslaio, davam-lhe a pior alimentação, deixavam-no descalço e mal vestido, cobriam-no de pancadas. Finalmente, quando Pedro cresceu mais um pouco, mandaram que guardasse os porcos. Naquele estado, achou, um dia, uma moeda de prata; e, julgando-se rico, ficou sem saber o que compraria que mais lhe causasse prazer. Finalmente, murmurou entre si: "Êsse prazer passará imediatamente; é melhor dar o dinheiro a um sacerdote, para que ofereça o santo sacrifício a meu pai." Se bem o disse, bem o fêz.

Outro de seus irmãos, chamado Damião, tirou-o da miséria, abrigou-o em sua casa e tratou-o com ternura e afeto paternos. Êsse Damião foi arcebispo de Ravena e em seguida monge, e ao que se crê foi dêle que Pedro tomou o apelido que o distingue. Pelos cuidados do irmão, Pedro estudou primeiramente em Faiença, depois em Parma, onde teve por mestre a Yves; e foi tão grande o seu progresso nas letras humanas, que não tardou em ser capaz de ensiná-las, atraindo-lhe a reputação, de todos os lados, grande número de discípulos. Vendo-se rico e honrado no vigor da mocidade, não sucumbiu absolutamente às tentações da vaidade e do prazer; pelo contrário fêz salutares reflexões: "Irei apegar-me a êsses bens que devem perecer? E se a êles devo renunciar por outros maiores, não será mais agradável a Deus fazê-lo eu desde agora?" Começou, pois, a usar um cilício de baixo de hábitos de fino estôfo, a dedicar-se aos jejuns, às vigílias e às preces. De noite, se experimentava excessivos impulsos de sensualidade, levantava-se e mergulhava no rio; depois, visitava as igrejas e recitava o saltério antes do ofício. Dava muitas

escolas, nutria freqüentemente os pobres e servia-os com as suas próprias mãos.

Resolveu, finalmente, abandonar de vez o mundo e abraçar a vida monástica, mas fora da sua terra, de medo de que de tal idéia tratassem de afastá-lo parentes e amigos. Estava pensando nisso, quando encontrou dois ermitães do deserto de Fonte-Avellana, dos quais ouvira falar; abrindo-se com êles, fortificaram-no ambos no plano, e, dando o jovem sinais de pretender retirar-se com êles, prometeram-lhe que o abade o acolheria. Pedro ofereceu-lhes um vaso de prata para que o levassem ao abade, mas os dois responderam que era demasiadamente grande e que os embaraçaria no caminho... Pedro admirou-se do desapêgo daqueles homens. Para submeter-se a uma prova, passou quarenta dias numa cela semelhante à dos ermitães; depois, tendo resolvido, fugiu aos seus e rumou para Fonte Avellana, onde, segundo o uso, o confiaram a um dos irmãos, incumbido de o instruir. Êste irmão, depois de o conduzir à cela, mandou que despisse a roupa, revestiu-o de um cilício e tornou a levá-lo à presença do abade, o qual imediatamente mandou o revestissem de uma cógula. Admirou-se Pedro de lhe darem sem perda de tempo o hábito, independentemente de qualquer prova; mas submeteu-se à vontade do superior, embora, naquele tempo, não estivesse separado da profissão o recebimento do hábito.

O deserto de Fonte Avellana, dedicado à Santa Cruz, encontrava-se na Úmbria, na diocese de Eugubio, e nêle passara algum tempo São Romualdo. Os ermitães que o habitavam viviam aos pares, em celas separadas, constantemente entretidos na salmodia,

na oração e na leitura. Viviam de pão e água em quatro dias da semana; nas têrças e quintas, comiam um pouco de legumes, por êles próprios cozidos nas celas. Nos dias de jejum, recebiam a ração de pão, e só tinham vinho para o santo sacrifício, ou para os doentes. Caminhavam sempre descalços, submetiam-se à disciplina, faziam genuflexões, batiam o peito, ficavam de braços estendidos, cada um segundo as suas fôrças e devoção. Depois do officio da noite, recitavam todo saltério antes do amanhecer. Pedro velava muito antes que fôsem tocadas as matinas, e não deixava de velar ainda, depois, como os outros, persuadido de que as devoções particulares devem ser praticadas sem prejuízo da observância geral.

Aquelas vigílias excessivas lhe causaram uma insônia da qual se curou a muito custo; depois, todavia, passou a comportar-se com mais sensatez e, concedendo considerável tempo ao estudo, tornou-se tão sábio nas Sagradas Escrituras como o fôra nos livros profanos. Começou, portanto, por ordem do superior, a dirigir exortações aos confrades; alastrando-se-lhe a reputação, o santo abade Guido de Pomposa, perto de Ferrara, rogou ao abade de Fonte Avellana que lho enviasse para ensinar durante algum tempo na sua comunidade, que se constituía de cem monges. Pedro Damião lá ficou dois anos, pregando com excelentes frutos; tendo-o chamado de volta o seu abade, não tardou a ser enviado para a mesma função ao mosteiro de São Vicente, perto de Pedro Pertusa, também bastante numeroso. Finalmente, o abade de Avellana o declarou seu sucessor, com o consentimento dos irmãos, porém contra a vontade de Pedro; depois da morte dêsse abade, não sòmente governou Pedro, e aumentou a comunidade,

como também fundou mais cinco semelhantes. Assim era Pedro Damiano, quando soube em 1045 da ascensão do papa Gregório VI, e deu mostras de grande júbilo nas suas cartas. Rejubilava-se pela restauração dos costumes e da disciplina eclesiásticos, e iria ajudar poderosamente os sucessores do pontífice no grande empreendimento, sobretudo São Leão IX e o seu arqui-diácono Hildebrando, o qual, mais tarde, se tornou Gregório VII.

Para tanto compôs vários escritos. Entre outros, escreveu a vida de São Rodolfo, bispo de Eugubio; a vida e as terríveis penitências de São Domingos o Escudado, que ainda vivia.

Conhecendo o papa Estêvão IX, antes cardeal Frederico da Lorena, o mérito de São Pedro Damiano, tirou-o da solidão e fê-lo bispo de Óstia e primeiro dos cardeais, como digníssimo do episcopado e necessaríssimo aos assuntos da Igreja. O papa, os bispos e todos os que amavam a Igreja assim acreditavam; mas Pedro não conseguia resolver-se a abandonar o retiro e resistia com tôdas as fôrças de que dispunha. Foi preciso ameaçá-lo de excomunhão, no caso de continuar a se obstinar, e o papa, pegando-lhe a mão, lhe deu o anel e o bordão pastoral para significar que desposava a igreja de Óstia. Contudo, Pedro queixou-se sempre da violência de que fôra vítima, fazendo tudo para desincumbir-se do bispado.

O novo cardeal-bispo de Óstia dirigiu aos demais cardeais-bispos uma bellissima carta, cuja substância damos a seguir: "As sentinelas colocadas em redor do campo ou nas tôrres da cidade, no meio de profunda noite, dirigem a palavra, de vez em quando, uma à outra, para se manterem acordadas

e alerta. Chamado, contra a minha vontade, para o meio das sentinelas colocadas diante do campo da Igreja, eu vos escrevo, veneráveis Pais, ou melhor eu vos entonteço mediante um estilo grosseiro e uma voz rouca, não para vos fazer abandonar o sono, pois que velais com coragem, mas para despertar a mim próprio, amodorrado que estou no torpor da preguiça. Muitas vezes melhor aprendemos quando ensinamos, e nos constrangimos pela própria bôca a executar o que inculcamos nos outros. Vêdes que o mundo se inclina para a sua ruína; quanto mais se aproxima do fim, tanto mais se cobre de crimes. A disciplina da Igreja está, quase por tôda parte, negligenciada; não se presta aos bispos o respeito que lhes é devido; pisam-se os cânones e todos tratam de satisfazer exclusivamente a cobiça. No meio dêsse naufrágio do universo, entre tantos turbilhões de perdição, resta aberto um único pôrto, a Igreja romana, a barca do pobre pescador, que arranca das ondas e da tormenta todos aquêles que sinceramente lá se refugiam, e os transporta para a margem da salvação e do repouso. Essa Igreja possui prerrogativas superiores às de tôdas as outras da terra, e foi fundada de maneira misteriosa. Assim, para só falar da igreja de Latrão, distinta pelo nome do Salvador, que é o chefe de todos os eleitos, é ela mãe e pico de tôdas as igrejas do universo. Essa igreja tem sete cardeais-bispos, os únicos aos quais, após o papa, é permitido celebrar os divinos mistérios sôbre êsse altar. Nisso se cumpre evidentemente o oráculo de Zacarias: eis a pedra que coloquei diante de Jesus, e sôbre essa pedra única haverá sete olhos (1). Essa

(1) Zac., III, 9.

pedra é, indubitavelmente, aquela da qual disse o verdadeiro Jesus: e sôbre esta pedra construirei a minha igreja. A pedra tem, portanto, sete olhos, porque a igreja está ornada dos sete dons do Espírito Santo, pelos quais, resplandecendo de maneira inextinguível, como o candelabro de ouro, dissipa as trevas da ignorância e ilumina as inteligências humanas para contemplarem o sol de justiça. Da qual disse o mesmo profeta: olhei, e eis que vi um candelabro todo de ouro, com uma taça por cima, e sete lâmpadas em volta da taça (1). O mistério foi explicado ao bem-aventurado João, quando se lhe disse no Apocalipse: eis o mistério das sete estrêlas que vistes na minha mão direita, bem como dos sete candelabros de ouro. As sete estrêlas são os anjos das sete igrejas, e os sete candelabros são essas mesmas sete igrejas.

“É, por conseguinte, por intermédio dêsses sete membros principais, bem como por braços misericordiosos, que a Igreja católica abraça todo o mundo, e aquece e protege no seio da sua maternal piedade todos quantos desejam ser salvos. Jesus, o soberano pontífice, ali associa tôda a sua Igreja na unidade do sacramento, para que se creia, com razão, que não há senão um pontífice e uma igreja. Está no Profeta: Eis um varão, o Oriente ou o Levante é o seu nome, pois êle se levantará e construirá o templo do Senhor; sim, construirá o templo do Senhor, trará o diadema de glória, sentar-se-á e dominará no seu trono, e será ao mesmo tempo, sacerdote ou pontífice no trono.

(1) Ibid., IV, 2.

“Eis porque, meus irmãos, visto que somos como os sete olhos sôbre a pedra única e que, pela nossa dignidade, trazemos a imagem das sete estrêlas e dos sete anjos, vemos, resplendemos, anunciamos aos povos as palavras de vida, não sômente pela voz, senão também pelos costumes. Já que é ao palácio de Latrão que de tôdas as partes do mundo se aflui, lá é que se deve achar o modelo perfeito de boa vida. Consideremos atentamente o que diz o Apóstolo: Aquêlê que deseja o bispado deseja uma boa obra, demonstrando assim que o pontífice não passa de homem de boa obra; pois não diz: “Aquêlê deseja uma boa dignidade, mas uma boa obra. Como se dissesse: “Quem aspira ao bispado sem fazer o bem, procura um nome inútil sem a realidade da coisa. O bispado não consiste, pois, de maneira nenhuma na pompa exterior, na magnificência das vestes, no ouro e nas peles preciosas, nos cavalos orgulhosos, no grandioso séquito de cavaleiros armados, mas na pureza da vida e no exercício de tôdas as virtudes.

“Acrescenta o apóstolo: é preciso que o bispo seja irrepreensível. Quer, assim, no bispo uma perfeição tal que o suponha quase acima da natureza, pois quem é que, estando na carne, há de viver com tal circunspecção que jamais faça coisa alguma repreensível? Ai, portanto, dos que, levando uma vida reprovável, mais criminosos ainda se tornam desejando lugar em que se deve viver sem censura! Tais são aquêles que, esquecidos da pátria, seguem os exércitos dos reis em países bárbaros e desconhecidos. O amor das dignidades perecíveis tem mais poder sôbre êles que a promessa das recompensas celestes, e, para obterem finalmente o poder de mandar, se submetem a uma duríssima sujeição. Custar-

lhes-ia menos, se uma vez dessem dinheiro para comprar tais dignidades, pois, como há três espécies de presentes, há três espécies de simonias: a da mão, dando dinheiro, a dos serviços, a da língua pelas lisonjas. Ora, os que assim seguem os príncipes nas viagens cometem as três." São Pedro Damião termina a carta exortando os irmãos, os cardeais-bispos, a se mostrarem, em tudo, modelos dos bispos, dos sacerdotes e dos fiéis que não cessavam de afluir a Roma e ao palácio de Latrão (1).

O que mandava que os outros fizessem, fazia-o antes Pedro. Houve, no seu tempo, dois antipapas, eleitos por poderosos leigos. Pedro Damião escreveu em termos tão enérgicos contra um e outro, que o primeiro se submeteu ao legítimo pontífice, e o segundo se viu abandonado dos que o tinham escolhido. O zelo e a coragem do nosso santo não eram menores na conservação ou no restabelecimento da disciplina, quer entre o clero, quer entre o povo. Trabalhou com êxito, mas não sem sacrifício, tanto na sua legação de Milão, como na da França e na da Alemanha. Nas duas primeiras, tratava-se de reformar os abusos, principalmente entre o clero. Na terceira, tratava-se do rei da Germânia Henrique IV, jovem libertino, que pretendia desfazer-se da legítima esposa. São Pedro Damião, diante da assembleia dos estados, falou tão vigorosamente contra tal escândalo, que o rei se viu obrigado a conservar a mulher.

O santo cardeal-bispo de Óstia aspirava sempre a voltar à solidão. Um santo amigo, o cardeal Hildebrando, que mais tarde foi o papa Gregório VII,

(1) L. II, epist. I.

a tal se opunha, julgando-o mais útil e necessário no govêrno da Igreja. Daí amigáveis queixas de Pedro. A derradeira ação da sua vida será uma legação.

Incorrera a cidade de Ravena na excomunhão por ter aderido ao cisma do último antipapa com o seu arcebispo. Tendo êsse arcebispo morrido no primeiro dia de janeiro de 1070, enviou o papa Alexandre II, algum tempo depois, Pedro Damião a Ravena, com o poder de retirar a excomunhão que ainda pesava sôbre o povo, certo de que ninguém estava mais indicado do que Pedro para aquela função, tanto pela autoridade de que desfrutava por si mesmo, como por ser filho daquela igreja. Embora acabrunhado pela velhice, aceitou o santo, de boa vontade, a incumbência. Os habitantes de Ravena o acolheram com extremo júbilo, agradecendo a Deus e ao papa haver-lhes enviado tal varão. Tendo todos aceitado humildemente a penitência que o êrro cometido exigia, deu-lhes o santo compatriota a absolvição.

Regressando a Roma, instalou-se o santo ancião, no primeiro dia de viagem, em Faiença, no mosteiro de Nossa Senhora, fora da porta. Lá o acometeu a febre, que foi crescendo cada vez mais. Pela meia-noite do oitavo dia, mandou o santo que os monges acompanhantes recitassem, em volta do leito, as nocturnas e as matinas ou louvores do Trono de São Pedro. Pouco depois de haverem os monges terminado, o santo entregou o espírito, em 22 de fevereiro de 1072. Convinha que tão zeloso defensor do Trono de São Pedro desse o derradeiro suspiro no dia da sua festa. Foi sepultado, com grande concurso de povo, na igreja do mesmo mosteiro. Honrado, desde então, como santo da igreja de Faiença, estendeu-

se-lhe o culto, nos nossos dias, à Igreja universal, como doutor (1).

Os escritos de São Pedro Damiano, recolhidos em quatro volumes encadernados num, merecem a atenção dos leitores pela variedade de assuntos tratados, pela quantidade de notas importantes sobre o dogma, a moral, a disciplina eclesiástica e monástica, e sobre a história da Igreja, e pela maneira repleta de nobreza, facilidade e prazer com que acompanha tudo quanto escreve. Possui-lhe o estilo o mérito da precisão e da clareza, e, embora semeado de figuras, não é absolutamente embaraçado. Vê-se nas suas cartas um espírito fino, delicado, nascido para os negócios. Fala aos grandes com liberdade, mas sempre com polidez e circunspeção. Vivo nas suas invectivas contra as desordens, lida com os culpados para mais facilmente os desviar do vício, mas o pudor mal suporta as pinturas por êle feitas de tais desordens. Parece demasiadamente crédulo a respeito de grande número de visões e de histórias citadas nas suas obras; contudo, há várias, tão bem comprovadas, que seria insensatez duvidar. Há estilo e arte nas suas poesias, elegância nas palavras, e em todos os escritos se observa um espírito cultivado e instruído das ciências divinas e humanas (2).

O cardeal Mai encontrou de São Pedro Damiano uma excelente exposição do cânon da missa. Lê-se: "Quando, pois, o sacerdote proferir as palavras de Cristo: *êste é o meu corpo, êste o meu sangue*, pão e vinho se convertem em carne e sangue, pela pró-

(1) Acta SS., 22 fev.

(2) Ceillier, t. XX.

pria virtude do Verbo pela qual o Verbo foi feito carne e habitou entre nós; pela qual êle disse, e tôdas as coisas foram feitas, e pela qual mudou uma mulher em estátua; pela qual mudou uma vara em serpente; pela qual mudou fontes em sangue; pela qual mudou água em vinho. Pois se a palavra de Elias pôde fazer descer o fogo do céu, a palavra de Cristo não poderá mudar o pão em carne? Quem ousará pensar tal coisa daquele a quem nada é impossível, por quem foram feitas tôdas as coisas, e sem o qual nada foi feito? Certamente, criar o que não existe é mais do que mudar o que existe; criar do nada o que não existe é muito mais do que mudar uma coisa que existe em outra. Se alguém diz: estou completamente certo do que êle pode, mas não estou certo do que quer, preste atenção a Cristo, abençoando o pão e dizendo: *êste é o meu corpo*. É a própria verdade que o diz; logo, é absolutamente verdadeiro. Diz ainda: Se não comerdes a carne do Filho do homem e não beberdes do seu sangue, não tereis em vós a vida. E, para maior expressão da verdade, acrescenta: a minha carne é verdadeiramente um alimento, e o meu sangue uma bebida. Eu, pois, que desejo ter a vida eterna, como verdadeiramente a carne de Cristo, e verdadeiramente lhe bebo o sangue, a carne que êle tomou da Virgem e o sangue que derramou sôbre a cruz. E assim como a viúva de Serepta comia todos os dias, sem que a farinha do vaso diminuísse, e não diminuísse tampouco o azeite do galheteiro, assim também a Igreja tôda toma todos os dias e jamais consome o corpo e o sangue de nosso Senhor Jesus Cristo.

“Não podemos sair do Egito, senão celebrando a Páscoa. Portanto, para sermos protegidos contra

o anjo exterminador, comamos o cordeiro. Mas quantas vezes? Agostinho manda todos os dias; não o louvo nem o censuro. Lemos de Zaqueu e do centurião: um recebe a Jesus em sua casa, com júbilo; o outro diz: Senhor, não sou digno de que entreis no meu lar. Um não se preferiu ao outro. Faça cada um o que achar mais piedoso fazer. Exorto, todavia, à comunhão de todos os domingos, se, no entanto, não estiver a alma em estado de pecar (1).

* * *

(1) Mai, Script. veter., t. VI, P. 211-225.

SANTA MARTA, DE ASTORGA (*)

Virgem e Mártir

Quando da perseguição de Décio, Paterno foi nomeado para governar Astorga, cidade das Astúrias.

Logo que chegou, ficou ao par de que uma jovem se recusara, nos sacrifícios públicos, a ofertar aos deuses. Era Marta, jovem formosíssima, que a Deus consagrara a virgindade.

Paterno, imediatamente, todo no fervor do novo cargo, ordenou lhe trouxessem a jovem que se recusara cumprir o edito imperial.

Quando Marta compareceu diante do novo governador, Paterno sentiu-se terrivelmente perturbado por tão peregrina beleza. E, usando de toda a candura, procurou levá-la a sacrificar.

Marta não se dobrou, e Paterno, a contragosto, recorreu à violência. Estendida no cavalete, serena e determinada, ela sofreu com heroísmo sem par.

Aproximando-se-lhe, disse-lhe o governador:

— Sacrifica, e hei de te salvar! Terás a meu filho por espôso e tudo aquilo que se possa desejar na terra! Sacrifica! Por que estragar beleza tão rara, futuro tão brilhante? Adora os deuses!

Marta respondeu-lhe com o silêncio. De olhos fechados, rezava e suplicava ao Senhor lhe desse forças para vencer e merecer o sublime Espôso imortal, o divino Jesus Senhor Nosso.

Deus ouviu-a. Ela a tudo suportou. E Paterno, encolerizadíssimo, ordenou a decapitassem, e depois a atirassem na cloaca das circunvizinhanças. Assim foi.

Retirada da imundícia por valente e piedosa mulher cristã, do povo, Marta foi condignamente sepultada.

Morta em 252, Santa Marta é a principal padroeira da cidade de Astorga.

* * *

SÃO DOSITEU (*)

Monge e Confessor

Dositeu foi educado por um oficial do exército imperial. Vivia no luxo, sem nada fazer senão divertir-se. Absolutamente alheio ao que dizia respeito à religião, um dia ouviu referências a Jerusalém como cidade santa.

— Cidade santa? perguntou-se, curioso. Cidade santa por quê?

Desde aquêles dias tal pergunta não lhe saía do pensamento. Sabendo que um dos amigos do oficial ia a Jerusalém, conseguiu do pai adotivo a permissão para acompanhá-lo.

Dositeu visitou Jerusalém e os Lugares santos. E em Gethsemani, deu-se o prodígio.

Dositeu apreciava e considerava um quadro que tinha diante dos olhos. Representava o inferno. Qualquer coisa de indefinível lhe entrava na alma — um mêdo esquisito, que jamais sentira, e que o punha arrepiado e meio trêmulo.

Quando percebeu, viu que ao lado, também a contemplar o quadro, estava uma linda senhora. Louco por saber o que representava a cena, dirigiu-se a ela. Perguntou-lhe:

— Senhora, por favor, quem são êsses pobres que se contorcem nas chamas? Criminosos?

A linda mulher olhou-o docemente, sorriu-lhe e respondeu:

— São os danados, e estão no inferno.

— Danados? repetiu o jovem. Por que, senhora? Que é o inferno? Por que sofrem?

— Sofrem, e para sempre, o tormento do fogo, porque foram, durante tôda a vida, dados às paixões, pouco se importando com a alma. Viveram no pecado e nêle se acabaram. O inferno é um lugar de eterno suplicio.

Dositeu ficou interessadíssimo. E, sem cerimônias, quis saber mais coisas, já que a mulher parecia estar bem informada sôbre o assunto e disposta a falar. Perguntou-lhe, de olhos a brilhar:

— E que se poderá fazer, para evitar êste mal — morrer no pecado, abraçado às paixões e, pois, merecer o inferno?

A linda senhora respondeu docemente:

— Jejuar, deixar de comer carne, não cessar de orar.

— Escaparei aos tormentos eternos?

— Sem dúvida.

Dositeu, novamente, pôs-se a considerar o quadro. E quando se voltou para a solícita mulher, para nova pergunta, havia ela desaparecido.

Era a Virgem Santíssima? Muitas autoridades, pelas características de que se revestiu aquêlê encontro, assim o querem.

Desde aquêles dias, religiosamente, Dositeu começou a observar os três preceitos recebidos da linda senhora que tão misteriosamente surgira e desaparecera.

Conduzido ao abade Seridon, êste o encaminhou a um dos discípulos, Doroteu, que se encarregava da enfermaria. Ali ficou o noviço.

Dositeu foi dócil, humilde e obediente. Fiel aos três preceitos, fêz progressos no caminho da santidade com grande celeridade. Zeloso, abnegado, caridoso para com os enfermos, Dositeu, cinco anos depois, caía gravemente doente. Tinha os pulmões afetados e escarrava sangue abundantemente.

Depois de um mal longo e terrível, a que o novo homem suportou com paciência inalterável, faleceu em paz, docemente, no mosteiro de Gaza, no ano de 530.

* * *

SÃO LÁZARO (*)

Monge e Confessor

Lázaro era da Armênia, a qual deixou muito jovem, fixando-se em Constantinopla. Ali, fêz-se monge e dedicou-se à pintura. Era na época em que se movia guerra às santas imagens, e, pois, aquela arte era sumamente honrosa para quem a praticava.

Grande era a fama de Lázaro, quando, em 829, o imperador Teófilo, sucessor de Miguel, o Gago, subiu ao trono.

Decretando a pena de morte para todos os pintores cristãos que se recusassem a inutilizar as obras que haviam trabalhado, espalhou o novo governante o terror por todo o império. Lázaro, prêsso, foi intimado a pisotear o que pintara, primeiramente com bons modos, depois, como se negasse, por meio da violência. E, condenado a ter as mãos consumidas pelo fogo, suportou o suplício com impassibilidade e imensa paciência: com barras de ferro em brasa, que lhe corroeram as carnes, até os ossos, Lázaro, dir-se-ia, não viveria muito. E a imperatriz, Teodora, virtuosa e santa mulher, aproveitando-se daquilo, conseguiu dar ao Santo a liberdade. Poderia êle, naquele estado, manejar os pincéis?

Encaminhando-o à igreja de São João Batista, ali estêve Lázaro escondido por algum tempo. Pensadas as mãos, curou-se milagrosamente. Compôs, então, em reconhecimento, um quadro do Precursor, com o qual ganhou mais fama ainda e operou milagres.

Morto Teófilo, em 842, Teodora e o filho, o imperador Miguel III, restabeleceram, com alegria, o culto das imagens. E Lázaro, bastante presenteado pelo novo governante, foi representá-lo junto ao papa Bento III, então recentemente elevado a chefe supremo da cristandade.

Consta que São Lázaro fêz uma segunda viagem a Roma, em 867, morrendo em caminho.

Com São Lucas e Santa Catarina de Bolonha, é o Santo um dos padroeiros dos pintores.

* * *

No mesmo dia 23 de fevereiro, Vigília de São Matias, apóstolo, que, nos anos bissextos, passa para o dia seguinte.

Em Roma, São Policarpo, sacerdote, que, com o bem-aventurado São Sebastião, converteu inúmeros infiéis à fé católica, falecendo em 300.

Em Sírmio, o bem-aventurado Sereno, monge e mártir. Por ordem do imperador Maximiano, foi decapitado, em 307. Grego de nascimento, deixou o século para, unicamente, servir a Deus. Foi jardineiro. É invocado para que se obtenha bom tempo — talvez por causa do nome.

Na diocese de Meaux, Santa Earcongata, virgem, também conhecida como Artongathe. Filha do rei de Kent, Ercomberto, e de Sexburga, a Santa herdou dos pais a piedade que lhes era característica, bem como outras grandes virtudes. Professou na França, em Faremoutier, onde Santa Etelburga era abadessa. Meiga, generosa, humilde e abnegada, faleceu em 660, no dia da Vigília de São Matias, conforme fôra avisada pelo céu.

Na Inglaterra, São Boisil, monge e confessor, prior da abadia de Melros, quando do abade Eata. Segundo o venerável Beda, Boisil foi homem de imensa virtude e possuidor do dom da profecia. As mais freqüentes instruções que dava aos religiosos eram: Não cessar jamais de render graças a Deus pelo dom que haviam recebido da vocação religiosa; velar todos os dias por si mesmos e combater tenazmente todo o sentimento de amor-próprio; suplicar para que se conseguisse grande pureza de coração, uma vez que isto seria o mais curto caminho para chegar à perfeição. Faleceu com imensa alegria em 664.

Em Maença, São Willigis, bispo e confessor. Filho de um pobre construtor de carroças, recebeu, no entanto, esmerada educação, chegando ao canonicato da catedral de Hildesheim. Primeiro capelão do imperador Othon II, alçou-se à Sé de Maiença. Feito também chanceler-mor do império, Bento VII enviava-lhe, pouco depois, o pálio, instituindo-o primaz da Germânia. Morto Othon II, presidiu à coroação de Othon III (983) e à de Henrique II (1002). Faleceu em 1011.

Em Ancona, São Priamiano ou Primiano, mártir, nos tempos de Diocleciano.

Na Síria, os santos Zebinas, Policrônio, Moisés e Damião, confessores.

Na Inglaterra, Santa Milburga, virgem e abadesa, filha do rei de Mércia, Merovaldo, e da rainha Ermemburga. Irmã de Mildrede e Mildgith, santas também, foi a fundadora do convento de Wenlock. Conta-se dela que, penalizada com a amargura de uma viúva muito pobre, que vinha de perder o único filho, ressuscitou-o. Morta em 622, muitos milagres se realizaram à beira da sua sepultura, em Wenlock.

Em Trêves, São Celso, bispo e confessor, desaparecido provavelmente no ano de 150.

Em Anjou, São Veturino ou Veterino, confessor. Discípulo de São Martinho de Tours, aplicou-se à pregação do Evangelho, fazendo com que desaparecesse a idolatria de uma parte do Anjou (século V).

Na diocese de Blois, São Meraut, abade, ou Meraldo (século IX).

Em Benevento, São Milon, bispo e confessor, originário de Auvergne e estudado em Paris. Desaparecido santamente em 1070.

Em Astorga, o bem-aventurado Ordônio, bispo e confessor, filho de nobre família de Lião. Da ordem dos beneditinos, foi pregador célebre. Prudente, zeloso e humilde, feito bispo de Astorga, obteve para a cidade de Lião relíquias de Santo Isidoro. Faleceu em 1065.

Em Cappenberg, o bem-aventurado Othon, confessor, irmão de Godofredo de Cappenberg (13 de janeiro). Da ordem dos premonstratenses, ali foi

prior por dezesseis anos. Ardoroso propagador do culto da Virgem Santíssima e de São João, o Apóstolo, faleceu em 1172.

Em Sírmio, a festa de setenta e dois santos mártires que, tendo sofrido corajosamente a morte, entraram no reino eterno.

Em Brescia, São Félix, bispo. — Em Sevilha, São Florêncio, confessor. — Em Todi, Santa Romana, virgem, que, tendo sido batizada pelo papa São Silvestre, levou uma vida celestial nas grutas e cavernas, e se tornou célebre pelos milagres.

24.º DIA DE FEVEREIRO

NA JUDÉIA

O Apóstolo São Matias

Jesus Cristo, subindo ao céu, ordenara aos apóstolos se não afastassem de Jerusalém, e que lá aguardassem a promessa do Pai, a virtude do Espírito Santo que devia descer sobre eles. Foi naqueles dias de espera que Pedro mostrou pela primeira vez a autoridade de que estava revestido. Havia o Salvador escolhido doze apóstolos segundo as doze tribos de Israel; o número sagrado deixara de estar completo depois do suicídio de Judas. Tratava-se de lhe dar um sucessor. “Pedro, diz o mais célebre doutor do Oriente, São Crisóstomo, Pedro, sem dúvida nenhuma, poderia ter feito, sozinho, a escolha, uma vez que o Senhor, mediante as palavras *Confirma teus irmãos*, aos demais colocara sob a mão de Pedro. Todavia, por condescendência, Pedro remeteu o julgamento à multidão, para lhe tornar mais venerável aquêle que ela iria escolher, e para não provocar ciúmes (1)”. Reuniu, portanto, uma assembléia, à qual acorreram cerca de cento e vinte homens, lembrou o funesto destino de Judas, bem como o campo

(1) Crisost. Homil. III, in Act. apost.

do sangue comprado com o preço da traição, e decidiu ser necessário que outro lhe assumisse a missão de bispo; depois, estabeleceu que era preciso escolhê-lo entre os que sempre tinham estado com Jesus Cristo, para que pudesse dar testemunho da ressurreição do mestre. A assembléia apresentou dois, José Barsabas, cognominado o Justo, e Matias. Parecendo ambos igualmente dignos, resolveu-se, após fervorosa oração, recorrer á sorte que recaiu em Matias; a partir daquele momento, foi o discípulo incluído no número dos apóstolos, participando de tôdas as prerrogativas dêles (1).

Recebeu Matias ao Espírito Santo no dia de Pentecostes, com o dom das línguas, pregou o Evangelho sobretudo na Judéia, mas também na Etiópia e nas margens do Ponto Euxino ou do Mar Negro, e selou a pregação com o martírio.

* * *

(1) Godescard, 25 de fevereiro.

SANTO ETELBERTO

Primeiro rei cristão dos ingleses

Inglêses e saxões, povos da Alemanha, tinham chegado à Grã-Bretanha por volta de 420, chamados pelos bretões para que a estes defendessem contra os escoceses e os pictas. Tornando-se senhores dos próprios bretões e da maior parte da ilha, lá estabeleceram de sete a oito reinos, que formavam uma espécie de confederação nacional, um de cujos reis era o chefe ou suserano. O chefe, o terceiro depois do estabelecimento, foi Etelberto, ou antes Edilberto, aliás Alberto, rei de Cant, que desposara Berta, filha de Cariberto, rei de Paris. Cristã e católica, a princesa franca só desposara Etelberto com a condição de conservar o livre exercício da sua religião, e para tanto, levaram em sua companhia um bispo chamado Leudardo. Os bretões eram cristãos e tinham bispos católicos, mas tanto uns como os outros tinham concebido tão violento ódio contra os ingleses, que se recusavam a convertê-los. Vejamos de que maneira interveio a Providência.

Um dia, estava um monge atravessando o mercado de Roma. Vê expostos à venda escravos de grande formosura. Indaga de que país são oriundos: respondem-lhe que são ingleses e da Grã-Bretanha. "Os ingleses são cristãos ou se acham ainda imersos

nas trevas do paganismo? — São ainda pagãos. — Que desgraça, retruca o monge, estarem ainda tão formosas criaturas sob o domínio do demônio, e não ser acompanhado tal exterior da graça de Deus!" Vai imediatamente à procura do papa Bento I, roga-lhe que envie pregadores do Evangelho à Grã-Bretanha e êle mesmo se oferece para partir.

Como são admiráveis os caminhos de Deus! À piedade de um monge romano por alguns escravos ingleses é que deve a Inglaterra a conversão ao cristianismo e, por conseguinte, as luzes da civilização de que tanto se gloria.

Mas, apenas o monge partiu, circunda o povo romano o pontífice, e grita-lhe a uma voz: "São Pedro, que fizestes? Destruístes Roma, ofendestes São Pedro deixando que Gregório partisse". O pontífice, assombrado com aquela grita, manda emissários em busca do sacerdote para que o tragam de volta à cidade. Porém o que Gregório não pode, na qualidade de monge, executar, na qualidade de papa.

Assim em 596, o papa São Gregório, o Grande, envia uma colônia de missionários apostólicos à Bretanha, quarenta monges, tendo à testa Santo Agostinho, preboste do seu mosteiro de Santo André de Roma. Partiram de Roma no comêço do ano. Mal, porém, tinham chegado à Provença, resolveram não ir além, desanimados pelo que tinham ouvido dizer da dificuldade da viagem e do estado da nação inglêsa incrédula e bárbara, cuja língua sequer compreendiam. Resolveram, então, unânimemente, regressar a Roma, e para lá expediram Agostinho, a fim de rogar ao papa os não obrigasse a tão perigosa viagem, penosíssima e de resultado incerto. O santo

pontífice, por sua vez, o despediu, com uma pequena missiva que dizia: "Gregório, servo dos servos de Deus, aos servos de nosso Senhor Jesus Cristo". Ordena-lhes que executem com zelo e confiança em Deus a incumbência, sem permitirem os abata a fadiga nem os detenha a palavra de gente mal intencionada, assegurando que muito desejaria participar pessoalmente daquela obra.

O missionário Santo Agostinho, atravessando tôda a Gália, chegou à Grã-Bretanha, nas costas da província de Cant, e desceu à terra na ilha de Tanet, com os companheiros. Fêz saber ao rei Etelberto que partira de Roma para lhe levar uma boa nova, isto é, a promessa certa de uma jóia eterna e de um reino sem fim com o Deus vivente e verdadeiro. O soberano, que já ouvira a rainha falar da religião cristã, ordenou ficassem os romanos na ilha em que estavam até que êle decidisse o que fazer por êles. Mandou, ao mesmo tempo, lhes fôsse proporcionado tudo quanto haviam mister. Algum tempo depois, foi ter à ilha de Tanet e mandou chamar Agostinho e os companheiros; no entanto, quis recebê-los ao ar livre, pois um velho áugure lhe predissera que, se os escutasse numa casa, êles iriam surpreendê-lo com mágicas. Os monges, apoiando-se na virtude, não dos demônios, mas de Deus, chegaram em procissão, trazendo como estandarte uma cruz de prata e a imagem do Salvador, pintada num quadro, e entoando litanias a Deus em prol da salvação dêles e do povo pelo qual lá haviam aportado.

Mandou o soberano que se sentassem, e êles começaram a lhe anunciar o Evangelho. Respondeu Etelberto: "As vossas palavras e promessas são

belíssimas, mas por serem novas e incertas, não me é dado aquiescer e deixar o que tenho observado há tão longo tempo, com a nação dos ingleses. Todavia, como viestes de longe, e como se me afigura perceber que desejais participar-nos aquilo que julgais o mais verdadeiro e melhor, em vez de vos opor obstáculos, vos recebemos bem, e vos damos o que é necessário à vossa subsistência; não vos impediremos de atrair para a vossa religião todos quantos puderdes persuadir. Cedeu-lhes, então, um abrigo na ilha de Doroverne, a capital, mais tarde chamada, por tal motivo, Cantuária ou Canterbury, isto é, capital do reino de Cant.

Perto da cidade, no oriente, havia uma igreja construída em honra de São Martinho, na época em que os romanos ainda habitavam a Grã-Bretanha. Lá fazia as suas orações a rainha, e lá se reuniam os missionários, no princípio, para cantarem os salmos, orar, celebrar a missa, pregar e batizar; vários ingleses abraçaram a fé, impressionados com a vida simples e inocente dos missionários e com a doçura da sua doutrina. O próprio rei, encantado com a pureza de vida dos monges e a beleza das suas promessas, confirmada por vários milagres, acreditou e foi batizado; depois disso, o número dos que iam ouvir os ensinamentos começou a crescer de dia para dia, e tornaram-se freqüentes as conversões. O santo rei Etelberto sentia-se contentíssimo; mas a ninguém forçava a imitá-lo. Contentava-se com dar provas de mais amizade aos que se tornavam cristãos, por se associarem, com êle, ao reino celeste; soubera dos missionários romanos que o serviço de Jesus Cristo deve ser voluntário. Cedeu-lhes, na sua capital, um

lugar conveniente para o estabelecimento de uma sede episcopal, com bens suficientes. Nas festas de natal de 597, batizou Santo Agostinho mais de dez mil inglêses.

No ano de 601, escreveu o papa São Gregório ao rei Etelberto e à rainha Berta, espôsa dêste. Na carta à rainha, começa por agradecer-lhe a proteção oferecida a Agostinho. Compara-a a Santa Helena, mãe de Constantino "de quem Deus se valeu, diz, para instigar os romanos à fé cristã, assim como acreditamos que se valerá do zêlo da vossa glória para fazer que a nação inglêsa sinta os efeitos da divina misericórdia". Acrescenta que, piedosa e culta como era, deveria, muito antes, ter lidado para converter o marido e que, para reparar tal negligência, devia empregar muito mais ardor em confirmá-lo no zêlo da religião e em converter-lhe os súditos. "As vossas boas obras, diz, são conhecidas, não sòmente em Roma, onde se reza fervorosamente pela vossa conservação, senão também em diversos lugares, até em Constantinopla, onde a fama as levou aos ouvidos do imperador".

Quanto ao rei Etelberto, a quem chama mais corretamente Edilberto, exorta-o a conservar fielmente a graça recebida, a estender a fé aos súditos, a abater o culto dos ídolos, a lhes destruir os templos, e a restabelecer os bons costumes mediante exortações, carícias, ameaças, mas principalmente mediante o seu exemplo; e lhe propõe o de Constantino. Exorta-o a seguir em tudo os ensinamentos do bispo Agostinho, e a se unir estreitamente a êle; finalmente, envia-lhe presentes da parte de São Pedro, que diz serem pequenos, embora fôsem magníficos. A carta,

datada de 22 de junho de 601, termina assim: "Que a graça do alto conserve são e salva vossa Excelência, senhor filho".

Durante os vinte anos que o rei Etelberto viveu, depois do batismo, praticou fielmente os conselhos do pontífice romano, apóstolo da Inglaterra. Foi doce, humilde e caridoso. Ao mesmo tempo, mostrou-se digno do trono, fêz sábias leis, admiradas e observadas durante vários séculos. Não foi estranho ao zelo dos apóstolos; construiu várias igrejas, notadamente a de São Paulo de Londres; applicava-se à conversão dos príncipes vizinhos e conduziu dois dêles ao cristianismo. Por fim, morreu em 24 de fevereiro de 616, dia em que a Igreja lhe honra a memória. A palavra de Deus, pregada à nação inglêsa pelos apóstolos da Igreja romana, caiu em boa terra e centuplicou-se. A Inglaterra merecerá ser chamada ilha dos santos. Nunca, em nenhuma nação, se verão tantos santos monarcas. Nem os próprios mártires lhe faltarão. Como a Igreja universal, terá a Inglaterra católica de sofrer durante três séculos uma perseguição atroz movida por uma Inglaterra herética e apóstata; durante três séculos, confessará a fé da Igreja romana, mediante a perda dos bens, no exílio, nas prisões, nas torturas, nos cadafalsos, pelo sangue de uma infinidade de mártires, homens, mulheres, crianças, sacerdotes e leigos, ricos e pobres; e após três séculos de perseguição e de morte, sairá do túmulo viva e gloriosa, como ressuscitou Cristo no terceiro dia.

* * *

BEM-AVENTURADO ROBERTO DE ARBRISSEL (*)

Confessor

Nasceu o bem-aventurado Roberto, filho de pais bastante pobres, em Arbrissel, cidade que hoje traz o nome de Arbresec, pertencente à diocese de Rennes. Com grande dificuldade, estudou e se preparou para abraçar a carreira eclesiástica, aperfeiçoando-se em Paris, chegando a doutor em teologia. Debaxo da orientação e dos cuidados do bispo Silvestre, administrou-lhe a diocese, passando, com a morte daquele, para Angers, onde ensinou teologia por uns tempos.

Desejoso que vivia de se fazer solitário, embrenhou-se, um dia, pela floresta de Craon, onde, em breve, tal a sua santidade e as austeridades de vida, atraiu inúmeras pessoas. Povoaram-se, então, de anacoretas, os bosques. E o papa Urbano II, então na França, a pregar a cruzada contra os turcos, foi ouvi-lo. Impressionado com um dos sermões daquele servo de Deus, entusiasmado concedeu a Roberto os poderes que tinham os missionários apostólicos.

Logo surgiu o mosteiro de Fontevrault, perto de Cannes, onde morrera São Martinho. Ora, homens e mulheres, ávidos de professarem sob a direção do bem-aventurado, obrigaram-no a erigir dois mosteiros,

um para aquêles e outro para estas. E as novas fundações floresceram da noite para o dia.

Roberto, terminada aquela tarefa, continuou a pregar. E, inflamado, converteu a rainha Bertrade, que, levada por paixões nada lisonjeiras, deixara o marido para unir-se ao rei Filipe da França. Em Fontevrault, expiou aquela mulher os pecados todos, piedosamente.

Os últimos anos de Roberto de Arbrissel foram gastos em viagens. Em 1110, assistiu êle ao concílio de Nantes. E, em 1116, quando se preparava para deixar a abadia de Bourgdieu, cujos religiosos lhe desejaram a visita, adoeceu. Transportado às pressas para Orsan, ali recebeu o santo viático e a extrema-unção, falecendo a lutar com os demônios, que o assaltaram à última hora. Vencendo-os tão-só com o sinal da cruz, triunfou sôbre o mal, e foi enterrado, consoante seu desejo, em Fontevrault, para onde o transportaram contritamente, sob milagres.

* * *

No mesmo dia, em Cesaréia da Capadócia, São Sérgio, mártir, sob os imperadores Diocleciano e Maximiano, quando Saprício governava a Armênia e a Capadócia. São Sérgio, recusando-se enèrgicamente a sacrificar aos deuses, foi decapitado em 304.

Em Mântua, o bem-aventurado Marco de Marconi, confessor. Nascido em 1480, filho de pobre família, levou, desde a infância, vida solitária, todo voltado para Deus. Como visitava seguidamente os ermitães que se dedicavam ao Senhor, impressionado, e ao mesmo tempo entusiasmado com aquela vida, entrou para o convento de São Mateus, onde profes-

sou. Operando milagres, favorecido com o dom da profecia, faleceu em 1510. A chegar-se a êle e conseguir beijar-lhe a fimbria do hábito era coisa que fazia feliz os fiéis, embora o servo de Deus os repreendesse meiga e frouxamente, apiedado, porque se julgava indigno e pecador.

Na Inglaterra, São Letardo, bispo, ou Leotardo, falecido entre os anos de 596 e 598. Querem alguns que sua morte tenha ocorrido a 7 de maio de 600. Lançou no coração do rei Edilberto ou Etelberto, a semente da conversão, auxiliado pela rainha Berta, espôsa do futuro rei santo e filha de Cariberto, rei dos francos. Letardo, que foi, segundo dizem vários autores, bispo de Senlis, morreu quando na Inglaterra e à chegada do monge Agostinho. Neste caso, faleceu em 597.

Em Roma, Santa Demetriade, virgem, nascida dos Anicii. Filha de Roma, que deixou, à morte do pai, dirigiu-se para Cartago, escapando da perseguição goda de 413. Pelas exortações de Santo Agostinho, consagrou a Deus a virgindade. O bispo de Cartago, Aurélio, deu-lhe o véu. Recebeu, por isto, carta de congratulações de São Jerônimo, bem como de Pelágio, a dêste para convertê-la aos seus erros. Retornando a Roma, anos depois, construiu a basílica de Santo Estêvão, que não mais existe. Faleceu em 455.

Na diocese de Sens, São Betão, bispo e confessor, falecido em 911. Primeiramente monge em Santa Colamba de Sens, foi, depois, bispo de Auxerre. Em 1618, encontraram-lhe o corpo revestido de rude cilício.

Em Ruão, paixão de São Pretextato, bispo e mártir, em 586. Sucessor de Flávio, na sé daquela cidade francesa, em 557 assistiu ao terceiro concílio de Paris, onde se condenavam os casamentos ilegítimos e outros inconvenientes. Morto por instigações de Fredegunda, quando, num domingo, se preparava para a celebração do officio. Alguém se aproximou dêle e o apunhalou. Sentindo-se à morte, Pretextato ergueu as mãos para o altar e dedicou a Deus o sacrificio da vida que vinham de lhe tirar, agradecendo a bondade do Senhor, que o levava quando o ia servir. Defensor tenaz da justiça e do direito.

Em Roma, Santa Primitiva, mártir. — Na África, os Santos Montano, Lúcio, Julião, Vitórico, Flaviano e seus companheiros, todos discípulos de São Cipriano; foram martirizados sob o imperador Valeriano. — Em Trêves, São Modesto, bispo e confessor.

25.º DIA DE FEVEREIRO

SANTA VALBURGA

Virgem e Abadessa

Santa Valburga, com seus pais e companheiras, é um exemplo do grande número de santos produzido pela nação inglêsa no oitavo século, uma centena de anos depois de haver sido convertida ao cristianismo pelos apóstolos da Igreja romana. O pai de Santa Valburga é São Ricardo, rei de Wessex, que faleceu em Luca, na Itália, por volta do ano de 722, indo em peregrinação a Roma. Santa Valburga tinha dois irmãos, Santo Willibaldo e Santo Wunebaldo ou Winebaldo, alistados em Roma para as missões da Germânia por São Bonifácio, parente dêles, e apóstolo da Alemanha. Willibaldo ou Witbaldo tornou-se bispo de Aichstaet, e Winebaldo fundador e abade do duplo mosteiro de Heiden-Heim, na mesma diocese. Santa Valburga foi educada, desde a mocidade, no mosteiro de Winburn, e lá tomou o hábito de religiosa. O mosteiro, no condado de Dorset, tinha por abadessa Teta, irmã de um rei da Inglaterra. São Bonifácio rogou-lhe que mandasse a êle algumas das suas religiosas para fundarem e dirigirem mosteiros na Alemanha; ela mandou-lhe um grupo, composto

de santas. Tratava-se de Santa Tecla, posta à testa do mosteiro de Kitzing, na Francônia; Santa Lioba, que se tornou abadessa de Bischoffsheim ou Cidade Episcopal, na diocese de Maiença; Santa Gunthilda e suas duas santas filhas, que espalharam o espírito religioso na Turíngia. Santa Valburga fazia parte da piedosa colônia, e viveu dois anos no mosteiro que seus irmãos, Santo Willibaldo e Santo Wunebaldo, tinham fundado em Heiden-Heim. Governou-o durante vinte e cinco anos com grande piedade e sabedoria. As religiosas chegadas da Inglaterra não eram apenas santas; eram também sábias. Temos, em latim, encantadoras cartas de Santa Lioba e São Bonifácio, seu parente. E acredita-se que a viagem de Santo Willibaldo à terra santa e a vida de santo Wunebaldo bem poderiam ter sido escritas por sua irmã, Santa Valburga. Viu-os ela partir para Deus, e ela própria faleceu em 25 de fevereiro de 779. A sua memória foi honrada por inúmeros milagres.

* * *

O BEM-AVENTURADO CONSTANTE

O bem-aventurado Constante de Fabiano, nascido em Fabiano, na marca de Ancona, entrou, muito jovem ainda, para a ordem de São Domingos. Teve a ventura de receber por mestres, na ciência da vida interior, o bem-aventurado Conradino de Brescia e Santo Antonino, que se lhe afeiçoaram e prestaram todos os cuidados. Guiado por êles, elevou-se a tal grau de perfeição, que constituía a admiração dos irmãos, antes até de haver proferido os solenes votos de religião. Quando, após o noviciado, se consagrou irrevogavelmente ao Senhor, caminhou com tal fervor sôbre as pegadas do santo fundador da sua ordem, que parecia haver-lhe herdado o espírito. Os jejuns prescritos pela regra não se lhe afiguravam bastante severos; acrescentava, assim, austeridades de tôda espécie. Deitava-se habitualmente sôbre uma esteira e usava um duro cilício. O estudo, a teologia e a leitura dos livros santos constituíam, depois da prece, tôdas as suas delícias; quase todos os dias, à saída das matinas, ficava sôzinho, no côro, para orar e meditar sôbre as verdades eternas. Durante o serviço divino, viam-no dar ardentes suspiros; de face encostada ao chão, com os olhos banhados de lágrimas, orava por si próprio e por tôda a Igreja; depois, chegadas as horas de recreio, quando todos os con-

frades estavam passeando ou se entregavam a uma honesta distração, Constante, sòzinho e em profundo recolhimento, recitava o ofício dos mortos, acrescentando-lhe muitas vèzes o saltério. Tôdas as vèzes em que recitava o saltério para obter uma graça, via satisfeitos os seus desejos.

Naquela épcca várias personagens ilustres na Igreja foram rogar a Constante que invocasse o céu e recitasse o saltério pela causa dos gregos contra os turcos. O santo respondeu que já diversas vèzes havia feito o que lhe rogavam, mas sem êxito, pois Deus pretendia castigar o povo cismático, por se ter separado da Igreja romana. Profetizou vários eventos muito antes que se verificassem, e anunciou no seu mosteiro a morte do amigo, Santo Antonino, no momento em que ocorria em Florença. Êsse último fato, entre outros, pareceu tão impressionante, que vários papas cuidaram de o citar nas bulas concernentes à canonização de Santo Antonino.

A ciência adquirida pelo bem-aventurado Constante, unida à elevada idéia que se tinha da sua santidade, atraía uma multidão de gente às pregações. Êle não procurava senão comecver e repor os pecadores no caminho da virtude, sem se preocupar com as graças do estilo nem com os encantos da elocução; mas os seus êxitos, com isso, só eram maiores, e mais impressionantes e numerosas as conversões. Teve a felicidade de reconciliar homens e famílias inteiras divididos por inveterados ódios. Foi em consequência das suas exortações que os habitantes de Ascoli consentiram em restabelecer na cidade um mosteiro da sua ordem, onde êle fêz, em seguida, reinar a disciplina e a regra em tôda a sua severidade.

Constante morreu e adormeceu no Senhor, em 25 de fevereiro de 1481. O túmulo celebrizou-se imediatamente por várias curas milagrosas obtidas pelos habitantes de Ascoli, e todos se apressaram em honrá-lo mediante um culto público. Os de Fabiano, seus compatriotas, escolheram-no por patrono, e conseguiram fazer-se depositários de sua cabeça. O culto foi autorizado pelo papa Pio VII, em 1821 (1).

* * *

(1) Godescard, 25 de fevereiro.

O BEM-AVENTURADO SEBASTIÃO DE APPARICIO

Da Ordem dos Frades Menores

O bem-aventurado Sebastião de Apparicio, da ordem dos irmãos Menores, nasceu em Gudina, no reino da Galícia, na Espanha, em 1502, filho de João de Apparicio, lavrador, e de Teresa, sua espôsa. Passou os primeiros anos em penosa fadiga, mas santificou-a mediante uma enorme piedade. Rumou, depois, para Salamanca, onde viveu durante algum tempo quase no mesmo estado, contente com a sorte, perfeitamente fiel aos que o empregavam, cumpridor exato de todos os deveres, e enviando sempre as economias aos pobres pais. Embarcou, um dia, para a Nova Espanha, e lá chegou em 1532. Ficou algum tempo no pôrto em que havia desembarcado, transferindo-se, depois, para o México. Lá, valeu-se dos seus conhecimentos de agricultura, e adquiriu consideráveis bens. Mais tarde, aventurou-se no comércio e teve êxito; mas, temendo as tentações que, em geral, se seguem à aquisição e posse dos bens da terra, abandonou os empreendimentos comerciais e retomou os trabalhos da lavoura. Casou-se duas vêzes, e nos dois casamentos, com o consentimento da espôsa, observou a continência. Era suave para todos, cari-

doso para os pobres, ardente nos deveres de religião, pontual nas práticas da piedade. “A Providência, diz o decreto da sua beatificação, não o enviou à América para lá cultivar ciências nem tampouco literatura, a êle absolutamente estranhas, mas para instigar os novos cristãos, mediante o exemplo, à prática de uma profunda humildade e da perfeição. Com a avançada idade de setenta anos, renunciou às abundantes riquezas de que dispunha, distribuiu-as pelos fiéis e, assim despojado de qualquer bem terreno, entrou num convento de franciscanos de estrita observância. Lá, esquecendo o que deixara no mundo, fêz profissão como irmão leigo. A partir de então, persistiu na invariável prática de maravilhosa penitência, de simplicidade de coração, de prece, de fé, de obras de misericórdia espiritual e física, até a idade de noventa e oito anos. Colheu, então, o fruto da cooperação com a graça e do fiel e laborioso cumprimento dos deveres religiosos. Embora entrado na vinha na última hora do dia, recebeu o prêmio inteiro que o pai de família prometeu aos que entram nas primeiras horas”.

O bem-aventurado Sebastião de Apparicio faleceu em 25 de fevereiro de 1600, e foi beatificado por Pio VI, em 12 de setembro de 1786. O breve da beatificação fala dos dons sobrenaturais a êle concedidos, e de vários milagres realizados durante a sua vida ou conseguidos por sua intercessão (1).

* * *

(1) Godescard, 25 de fevereiro.

SANTOS VITORINO, VÍTOR, NICÉ-
FORO, CLAUDIANO, DIÓSCORO,
SERAPIÃO E PÁPIAS (*)

Mártires

Eis sete cristãos em frente do prefeito Sabino, sob o imperador Numeriano. Era em 284, em Diópolis, no Egito.

Sabino:

— Vêde, por que não tendes contemplação convosco mesmos, e não sacrificais aos deuses? Por que morrer? Não percebeis que me sentirei, no fundo do coração, constrangidíssimo de ter de vos ameaçar com tormentos cruéis?

Um dos sete cristãos por todos:

— Todos nós temos rogado instantemente ao nosso Deus bondoso, misericordioso, em tôda a nossa humildade, que se dignasse conceder-nos um fim todo cristão. Destarte, desejamos, em tuas mãos, perseverar na fé.

Sabino, a um guarda ao lado:

— Tomai-os e levai-os à sala contígua. Que cada qual se entreviste comigo separadamente.

Levados para outro compartimento, o primeiro a ser ouvido a sós foi Vitorino.

Sabino, perscrutando-o demoradamente, ordenou, afinal, ao juiz, que o interrogasse.

O juiz:

— Que fazes?

Vitorino, prontamente, com serenidade:

— Sou cristão, e maior honra não existe acima dessa condição.

O juiz:

— Não sabes que deves obedecer aos divinos decretos?

Vitorino:

— Isto que chamas decretos divinos, digo-te, não o são jamais. Nunca hão de ser. Não passam de ordens emanadas de homens mortais, como eu e tu somos.

O juiz, impaciente, entrelaçando os dedos com certo nervosismo insopitável:

— Sacrifica aos deuses, se não quiseses morrer!

Vitorino, altivamente:

— É justamente porque quero viver que não sacrificarei. Sacrificando, morrerei.

O juiz, perturbado, exasperado:

— Se não sacrificares, homem, infligir-te-ei os piores tormentos!

Vitorino, sempre sereno e muito senhor de si:

— Tu não sabes que os tormentos que me serão infligidos, se eu aceder aos teus desejos, serão mil vezes piores dos que os teus, porque eternos? Assim, morrerei. Prefiro, então, os teus, que vem do diabo, teu pai, mas serão passageiros.

Sabino berrou, intervindo:

— Basta! Atormentai-o! Há de renegar o Deus que serve teimosamente!

Depois de atroz suplicio, com o corpo todo em chaga, coberto de sangue, tornou ao juiz.

O juiz:

— Sacrifica agora, todo uma posta de carne ensangüentada que estás!

Viterino, erguendo os olhos para o céu:

— Senhor, digna-te conceder-me a perseverança. Os tormentos por que passo, oferto-os a Ti! São o meu sacrificio!

Sabino, chegando à conclusão de que era inútil prosseguir:

— Decapitai o teimoso!

Vitorino:

— Graças te sejam dadas, meu Deus. Recebe minha alma.

Vitorino, decapitado na presença mesma do prefeito, voou para Deus. Conquistara herôicamente a coroa do martírio.

* * *

Eis o segundo dos sete cristãos frente a frente com Sabino — Vítor.

O prefeito:

— Que és tu? Cristão?

Vítor:

— É conforme o dizes.

O juiz:

— Vê de teu companheiro o que resta? Que isto te apavore e te leve a sacrificar. Sacrifica, e serás poupado; evitarás ficar no estado em que teu amigo jaz.

Vítor:

— O que me apavora são os tormentos da outra vida. Não posso sacrificar. Prefiro sofrer as atrocidades cá debaixo.

Sabino ordenou lhe cortassem ambas as mãos, e, em seguida, o flagelassem.

Vítor a Deus, olhando para o alto:

— Senhor Jesus, tem piedade de mim! Êstes tormentos por que passo, que são em comparação com as delícias que tens preparadas para os que perseveram e te amam acima de tudo?

Estava, então, Vítor estirado sôbre um instrumento de tortura. Sabino ordenou que o desligassem, berrando aos carrascos:

— Decapitai-o também!

* * *

Nicéforo apareceu escoltado por dois homens. Quando deu com os olhos nos corpos ensangüentados, flagelados, dos amigos, correu rãpidamente para a máquina de tortura, a bradar:

— Miserável juiz! Vamos, pronuncia logo tua sentença contra mim. Tortura-me quanto quiseres. Quero-as, porém, as torturas, mais terríveis do que as que êstes fiéis servidores de Deus infligiste! Vamos, aqui estou, pronto e ansioso por servir meu Senhor Jesus Cristo, Deus verdadeiro, Filho de Deus verdadeiro e eterno!

O juiz, irritadíssimo:

— Aos carvões ardentes com êle!

Nicéforo, a cristalização do destemor, a fé no seu mais alto grau:

— Não tens coisa mais terrível? Algo mais cruel? Sòmente isto a perversidade humana pode conceber?

Sabino, apoplético, ordenou que, passado o valente servo de Deus pelas brasas, fòsse cortado, vagarosamente, aos pedaços. Era o terceiro dos sete ardorosos amantes do Cristo que recebia a almejada coroa do martírio.

* * *

Cansado, Sabino fêz com que os quatro restantes entrassem juntos. Surgiram, então, escoltados, Claudiano, Dióscoro, Serapião e Pápias.

Disse-lhes Sabino:

— Suponho que sois, os quatro, espertos rapazes prudentes. Quero crer que não desejais seguir o caminho dêstes três insensatos. Sacrificai aos deuses, e estareis livres num instante.

Os quatro amigos olharam-se por um momento. E, como que movidos por uma mesma vontade, disseram:

— Não podemos sacrificar aos demônios. Nossas ofertas são sòmente dirigidas, e unicamente, ao Deus vivo.

Sabino, impacientadíssimo:

— Não vos apavora o que sucedeu a êstes três loucos?

Responderam:

— Como poderia apavorar-nos o que Deus nos envia? Antes, sabe tu, alegra-nos. Quanto a ti, infeliz tirano, compadecemos-nos de ti, que não escaparás das mãos de Deus. Vês aquêles corpos estendidos, sem a vida que tiraste com tuas mãos? Pois, vivem-lhes as almas, que são imortais, na glória, nos céus, ao lado de Deus eterno.

Sabino ordenou que lhes applicassem quinze bastonadas, depois do que, esforçando-se por ser solene, sentenciou:

— Dióscoro e Claudiano: sereis queimados vivos! Serapião e Pápias: morrereis pelo gládio!

Os quatro, juntos, renderam graças a Deus, dizendo:

— Ó Senhor, nós te glorificamos e bendizemos, porque nos julgaste dignos de confessar o teu nome e de tomar parte nos sofrimentos de todos os teus santos. Recomendamos-te as nossas almas. Recebe-as no número de teus confessores.

Disseram e morreram.

* * *

SÃO TARÁSIO (*)

Bispo e Confessor

Tarásio, filho de uma família patrícia, veio ao mundo em Constantinopla, sob a imperatriz Irene e o filho desta, Constantino. Tarásio foi, descendente que era de magistrados, secretário de Estado.

Ora, o patriarca Paulo IV, de Constantinopla, vinha de tombar nos erros iconoclastas, mostrando-se favorável aos inimigos do culto das santas imagens. Adoecendo gravemente, cheio de remorsos, sentindo-se castigado por Deus, determinou retirar-se do cargo que exercia e esconder-se num mosteiro. E assim fez. Demandou o convento de Florus, tomou o hábito dos religiosos que ali professavam e principiou a penitenciar-se.

Surpreendidos com aquela decisão, a imperatriz e o filho, um dia, foram visitá-lo, com a intenção de dissuadi-lo do abandono do cargo. Tudo, porém, foi em vão. Paulo estava consciente de que, até o fim da vida, devia fazer penitência.

— Que Deus me perdoe! gemeu êle. Antes nunca tivesse sido bispo! Por ter caído no êrro iconoclasta, sinto-me cheio de medo, pensando no anátema das sês apostólicas de Roma, de Alexandria, de Antioquia e de Jerusalém. Não, quero estar aqui,

e, escondido, viver pedindo perdão a Deus Nosso Senhor. É o que determinei e hei de fazer.

— E nós? perguntou a imperatriz Irene. Que devemos fazer?

Respondeu o penitente:

— Quanto a vós, a quem está confiado o cuidado do povo cristão, a vós cabeis o dever de dar à Igreja de Constantinopla um outro pastor, um pastor verdadeiro, digno, que possa enxugar vossas lágrimas, governar com firmeza e suportar as arremetidas do inimigo insidioso.

A imperatriz considerou o bispo por uns momentos; depois, perguntou:

— Onde acharemos êsse pastor, digno e forte?

— Vós o tendes à mão, senhora.

— Como? Quem?

— Vosso secretário.

— Tarásio?

— Sim. Tem tôdas as qualidades necessárias para se desincumbir do cargo com sucesso. Garanto-vos, senhora. Haveis de ver.

Embora relutasse, Tarásio, dizendo-se incapaz e simples laico, instado, acabou cedendo. E no dia de Natal, era em 784, foi sagrado.

Tarásio, no exercício do novo cargo foi zelossíssimo. Cuidou, principalmente, da santificação da Igreja. E levou a vida a fazer caridade, jejuando, lendo os Livros sagrados, orando fervorosamente e com grande assiduidade. Convicto de que estava no lugar de Jesus Cristo, tomou o divino Pastor por modelo. E os pobres jamais se viram, sob aquêlê caridoso bispo, relegados ao abandono. Os hospitais

foram providos de tudo aquilo que se lhes fazia necessário. E Tarásio, visitando os doentes, consolava-os, animava e tranqüilizava. Hospedarias, para acolher os estrangeiros, surgiram aqui e ali. No Bósforo, à margem esquerda, erigiu êle um mosteiro, e lá, de vez em vez, para os sossegos da oração e para a prática do silêncio, retirava-se contritamente, humildemente.

Eis que o filho de Irene, um dia, quis repudiar a espôsa legítima, Maria da Armênia, para casar-se com uma das criadas, muito bela jovem, chamada Teodota. Tarásio, chamado para sancionar tal infração, recusou-se enêrgicamente.

— Como! exclamou êle. Não vêes que o que desejas é manifestamente contrário à lei de Deus?

Constantino Porfirogeneta insistiu. Tarásio, irreductível, limitou-se a olhá-lo firmemente e calado, com o olhar e o silêncio negando-se a contentá-lo.

Valeu-lhe aquela resistência uma série de maus tratamentos e muitos transtornos, que, suportados com paciência e verdadeiro espírito cristão, levaram-no a ser visto como um impertérito defensor do direito. Por que não fulminava êle o príncipe com o anátema? perguntavam todos. Era a generosidade, a grande bondade que o guiava e sempre o guiou. Ademais, recorrendo ao extremo, poderia o príncipe fazer-se inimigo da religião, o que, absolutamente, não convinha para a Igreja que governava prudentemente.

Tarásio, em meio de tôdas as dificuldades, tranqüilo e confiante, acolhia-as resignadamente, como provas que Deus lhe enviava. Humilde, mergulhava-se no silêncio da oração, e unindo-se a Deus, pedia-lhe fervorosamente a necessária fôrça para que a



Funerais de São Cesário feitos por seu irmão São Gregório de Nazianzo. Segundo uma miniatura de um mosteiro grego do IX século.

tudo pudesse suportar e a tudo, afinal, pudesse levar a bom termo.

Com a morte de Constantino, cessaram os escândalos, serenaram-se os ânimos, esqueceu-se o adultério. Irene, por uns tempos no poder, trazia a calma por muitos almejada. E com o advento de Nicéforo, que subiu ao trono, tudo, felizmente, vinha assentar-se.

Tarásio, depois de longa e dolorosa doença, faleceu em 806, após ter governado a Igreja de Constantinopla por vinte e um anos e dois meses. Todos o choraram, principalmente o imperador Nicéforo, que o amava sobremodo e o tinha como pai, como guia no govêrno do império e no caminho da salvação.

Morto o Santo, Deus operou vários milagres ao pé do seu túmulo, atestando, destarte, a santidade daquele fiel servo generoso e irrepreensível.

* * *

No mesmo dia, em Naziâncio, São Cesário, filho de Gregório de Naziâncio, o Antigo, e de Nona. Irmão de Gorgônia e de Gregório, o Teólogo, estudou, primeiramente com a mãe, depois em Alexandria, adquirindo grandes conhecimentos, principalmente de medicina. Catecúmeno, recebeu o batismo, depois do tremor de terra havido em Nicéia, que o fêz refletir sobre a insegurança desta vida. Faleceu em 369.

Em Maubeuge, Santa Adeltrudes, abadessa e virgem, filha de Vicente Maldegário, conde de Hainaut e de Vaudru. Confiada à tia, Aldegonda, então abadessa de Maubeuge, ali passou a professar, des-

prezando o mundo. Abadessa à morte da tia, governou a comunidade durante doze anos. Honrada com a visita da Santa Mãe de Deus, Maria Santissima, faleceu em 696.

Em Agrigento, São Gerlando, bispo e confessor, natural de Besançon. Levado à Sicília pelos príncipes Roberto e Rogério, normandos, que haviam reconquistado uma parte da ilha, então em poder dos árabes, para ali implantar o catolicismo, São Gerlando, depois de muito trabalho, chegou sucessivamente a capelão da catedral de Catana, a ser o principal chantre da Catedral de Mileto e, finalmente, a bispo de Agrigento. Reparador dos estragos causados pelos sarracenos, faleceu em 1101.

Na Fenícia, os Santos Ananias, Pedro e sete soldados, mártires, sob o imperador Diocleciano. Ananias era sacerdote na Fenícia. Diante do governador, recusou-se, com veemência, a sacrificar aos deuses. Passando por diversos tormentos, surpreendendo o carcereiro, Pedro, converteu-o, bem como a sete soldados. Todos os convertidos, batizados por Ananias, com êste foram atirados ao mar (298).

Na Toscana, a bem-aventurada Júlia, virgem, nascida em Certaldo, filha de muito nobre família. Por humildade, trabalhou para os Tinolfi de Florença. Passando, em seguida, a viver reclusa, por trinta anos serviu a Deus numa celazinha que ilustrou pela paciência, oração, jejuns e penitências outras, falecendo em 1367.

Em Luca, Santo Avertano, e o bem-aventurado Romeu, confessores. Avertano era originário de Limoges. Desejoso de fazer uma peregrinação aos santos Lugares, levou consigo um companheiro — Romeu,

italiano. Ambos professando nos carmelos, chegaram a Luca, onde foram obrigados a parar: Avertano, muito doente, falecia pouco depois. Quanto a Romeu, oito dias mais tarde, também gravemente enfermo, vendo a alma do amigo, que o chamava, a êle se reuniu no céu (1380).

Entre os gregos, São Reguino, bispo e mártir. Originário da Grécia, foi bispo de Escopelo (1). Martirizado sob o imperador Constâncio, morreu decapitado em 355.

Na diocese de La Rochelle, São Concórdio, bispo, desaparecido em 510.

Na Suíça, o bem-aventurado Adelhelm, abade e confessor. Monge de São Brás, na Floresta Negra, foi enviado com alguns irmãos para fundar a abadia de Engelberg, a pedido de um barão, o barão Conrado de Seldenburen. Prior, depois abade daquele mosteiro, faleceu em 1131.

Na África, os Santos Donato, Justo, Herena e seus companheiros, mártires. — Em Roma, festa do santo papa Félix III, bisavô de São Gregório, o Grande, o qual narra dêle que, aparecendo à neta, Santa Tarsila, a chamou ao reino dos céus.

* * *

(1) Hoje Drama, Macedônia.

... e assim, a vida de São João Evangelista, que se tornou
o mais querido dos santos, e a vida de São João Baptista,
que se tornou o mais amado dos santos, e a vida de São
João Maria, que se tornou o mais querido dos santos.

... e assim, a vida de São João Evangelista, que se tornou
o mais querido dos santos, e a vida de São João Baptista,
que se tornou o mais amado dos santos, e a vida de São
João Maria, que se tornou o mais querido dos santos.

... e assim, a vida de São João Evangelista, que se tornou
o mais querido dos santos, e a vida de São João Baptista,
que se tornou o mais amado dos santos, e a vida de São
João Maria, que se tornou o mais querido dos santos.

... e assim, a vida de São João Evangelista, que se tornou
o mais querido dos santos, e a vida de São João Baptista,
que se tornou o mais amado dos santos, e a vida de São
João Maria, que se tornou o mais querido dos santos.

... e assim, a vida de São João Evangelista, que se tornou
o mais querido dos santos, e a vida de São João Baptista,
que se tornou o mais amado dos santos, e a vida de São
João Maria, que se tornou o mais querido dos santos.

ÍNDICE

FEVEREIRO

5.º dia de fevereiro

Santa Agueda, virgem e mártir	9
Santo Avito, Bispo de Vienne na França	11
Os mártires do Japão	17
Jacó, o Patriarca	37

6.º dia de fevereiro

Santo Vedast ou Vaast, Bispo de Arras	55
Santo Amando, Bispo de Maestricht	60
Santa Dorotéia, virgem e mártir, e Santo Teófilo, mártir	66

7.º dia de fevereiro

São Romualdo, abade, fundador da Ordem dos Camáldulos	73
O Bem-aventurado Antônio de Stroconio, franciscano	91
São Teodoro de Heracléia, mártir	93
São Partênio, Bispo e confessor	95

8.º dia de fevereiro

São João de Mata, fundador da Ordem dos Trinitários para a redenção dos cativos	101
Santo Estêvão, Fundador da Ordem de Grandmont	109
São Paulo, de Verdun, Bispo e Confessor	111
Bem-aventurado Pedro Ígneo, Cardeal-bispo e Confessor	114

9.º dia de fevereiro

Santa Apolónia, Virgem, e várias outras mártires de Alexandria	119
Santo Ansberto, Bispo de Ruão	121
O Bem-aventurado Bernardo de Scammaca, Dominicano	123
São Nicéforo, mártir	126
Bem-aventurado Mariano Scot, Abade e confessor	129

10.º dia de fevereiro

Santa Escolástica, Virgem	134
Os sete primeiros fundadores da Ordem dos Servitas	137
A Bem-aventurada Clara de Rimini, viúva	140
Santa Soteris, Virgem e mártir	145
São Zeno, monge e confessor	146
Santa Austriberta, Virgem	148
São Guilherme de Malevalle, ermitão e confessor	152
Bem-aventurado Hugo de Fosses, Confessor	156

11.º dia de fevereiro

Santos Saturnino, Dativo, etc.	160
São Cedmon, Confessor	162
A aparição da Santa Virgem Maria em Lourdes	164

12.º dia de fevereiro

São Bento de Aniane, Abade	196
Santo António Cauleas, Patriarca	205

13.º dia de fevereiro

Santa Catarina de Ricci, Religiosa da Ordem de São Domingos	207
São Gregório II, Papa	210
Santo Agabo, Profeta	230
São Polieuto, mártir	232
São Martiniano, ermitão	236
São Fulcrano, Bispo e confessor	238

14.º dia de fevereiro

O Bem-aventurado João Batista da Conceição, da Ordem dos Trinitários	242
O Bem-aventurado Nicolau Pullia	248
Santo Auxêncio, Abade e confessor	250

15.º dia de fevereiro

Santo Sigfrido, Apóstolo da Suécia	255
O Bem-aventurado Jordão de Saxe, Segundo Superior Geral dos Dominicanos	257
São Severo, Confessor	261
Santa Geórgia, Virgem	263

16.º dia de fevereiro

São Gregório X, Papa	267
O Bem-aventurado Bernardo de Corleone, Franciscano	280
Santo Onésimo, Discípulo de São Paulo	283
Santa Juliana, da Nicomédia, virgem e mártir	287
Bem-aventurada Filipa Mareria, virgem	290

17.º dia de fevereiro

Mártires de Roma e Óstia, sob o Imperador Cláudio II	294
São Fintano, abade e confessor	300

18.º dia de fevereiro

A Bem-aventurada Oringa, ou Cristã de Santa Cruz, virgem	307
São Simeão, Bispo e mártir	313
Santo Angilberto, Abade e Confessor	314
Santos Máximo, Cláudio, Prepedigna, Alexandre e Cúcias, mártires	317
Santas Constância, Atila e Artêmia, virgens	318
Santos Leão e Pargório, mártires	320

19.º dia de fevereiro

O Bem-aventurado Conrado, da Ordem Terceira de S. Francisco	324
A Bem-aventurada Isabel Picenardi, da Ordem Terceira das Servitas	326
Santo Auxíbio, Bispo e Confessor	329
São Gabínio, mártir	330
Santo Odran, mártir	331

20.º dia de fevereiro

“Em Tiro, na Fenícia, lembrança de vários mártires...”	335
São Sadote e vários outros mártires da Pérsia	337
Santo Euquério de Orléans, Bispo e Confessor	339

21.º dia de fevereiro

São Daniel, Santa Verda e outros mártires da Pérsia	344
São Gondelberto, Bispo de Sens, e solitários nos Vosges	347
São Pedro de Maiúma, mártir	348
Bem-aventurado Pepino de Landen, confessor	350
São Germano e São Randoaldo, mártires	352

22.º dia de fevereiro

Santa Margarida de Cortona	356
A Bem-aventurada Joana Maria Bonomi, virgem	362
Bem-aventurada Isabel de França, virgem	367

23.º dia de fevereiro

São Pedro Damiano, Cardeal-bispo de Óstia e Doutor da Igreja	371
Santa Marta, de Astorga, virgem e mártir	384
São Dositeu, monge e confessor	386
São Lázaro, monge e confessor	389

24.º dia de fevereiro

NA JUDEIA: O Apóstolo São Matias	394
Santo Etelberto, primeiro rei cristão dos ingleses	396
Bem-aventurado Roberto de Arbrissel, confessor	402

25.º dia de fevereiro

Santa Valburga, virgem e abadesa	406
O Bem-aventurado Constante	408
O Bem-aventurado Sebastião de Apparicio, da Ordem dos Frades Menores	411
Santos Vitorino, Vítor, Nicéforo, Claudiano, Dióscoro, Serapião e Pápias, mártires	413
São Tarásio, Bispo e confessor	419

Composto e impresso nas
oficinas gráficas da
EDITORA DAS AMERICAS
São Paulo ————— 1959
